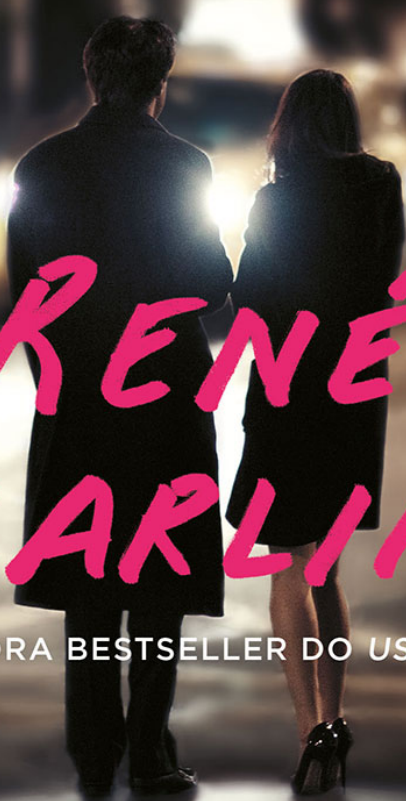


FENÓMENO TIKTOK

ATÉ NOS ENCONTRARMOS

UMA HISTÓRIA DE ~~AMOR~~ ~~ÓDIO~~ AMOR



RENÉE
CARLINO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

 MARCADOR

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FENÓMENO TIKTOK

ATÉ NOS ENCONTRARMOS

UMA HISTÓRIA DE ~~AMOR~~ ~~ÓDIO~~ AMOR



RENÉE CARLINO

AUTORA BESTSELLER DO USA TODAY

 MARCADOR

ATÉ NOS
ENCONTRARMOS

ATÉ NOS ENCONTRARMOS

UMA HISTÓRIA DE ~~AMOR ÓDIO~~ AMOR

RENÉE
CARLINO

TRADUÇÃO DE
MÔNIA FILIPE

 MARCADOR

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editor

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 2015 por Renée Carlino

Edição portuguesa publicada com o acordo de Atria Books, uma divisão de Simon & Schuster, Inc.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título: *Até Nos Encontrarmos*

Título original: *Before We Were Strangers*

Autora: Renée Carlino

Tradução: Mónia Filipe

Revisão: Margarida Azevedo/Editorial Presença

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Design da capa: Rodrigo Corral Design

Fotografia da capa: © Alex Robertson

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

1.ª edição em papel, Lisboa, maio, 2024

Para o Sam e o Tony, que tenho a bênção e a sorte de conhecer.

«A vida não anda para trás e não se demora com os dias passados.»

khalil gibran

PRIMEIRO MOVIMENTO:
RECENTEMENTE

1. Ainda pensas em mim?

MATT

A vida passava por mim a alta velocidade enquanto eu, recostado na cadeira com os pés ao alto, rejeitava as mudanças, ignorava o mundo, descartava tudo o que ameaçasse revestir-se de significado ou relevância. Discordava categoricamente de tudo o que fazia parte da atualidade. Desprezava o uso de *emojis*, a palavra *meta* e pessoas nas filas a falar ao telemóvel. Já para não falar da gentrificação. Havia vinte e um Starbucks num raio de três quarteirões do edifício onde trabalhava. Os estúdios de gravação, os laboratórios de fotografia e as lojas de discos desapareciam aos poucos, e alguns dos seus espaços desocupados já se tinham transformado em lojas de *cupcakes* ou cabeleireiros daqueles que apenas oferecem serviço de *brushing*. A MTV havia deixado de passar vídeos de música e passara a ser proibido fumar nos bares. Já nem reconhecia Nova Iorque.

Era nestas coisas em que cismava sentado no meu cubículo minúsculo nos escritórios da *National Geographic*. Deixara de me identificar com o lado *nacional* e *geográfico* do nome desde que, anos antes, aceitara uma função administrativa. Afastei-me do trabalho no terreno, onde me habituara a ver de tudo, e enfiei-me num buraco, onde não havia nada para ver. Estava no coração da minha cidade adorada, de volta aos seus braços, contudo, era como se estivéssemos desencontrados. Eu continuava agarrado ao passado e não sabia porquê.

O Scott deu-me uma palmada nas costas.

— Que tal vai isso, companheiro? Vamos almoçar a Brooklyn?

— Tão longe, porquê? — Sentado à secretária, mexericava na bateria do telefone.

— Quero mostrar-te uma pizaria, a Ciccio's. Já ouviste falar?

— Também se comem boas pizzas na Quinta Avenida.

— Não, tens mesmo de experimentar *este* sítio, Matt. É fenomenal.

— O que é fenomenal, a pizza ou as empregadas?

Desde que me divorciara anos antes, o Scott, meu chefe, amigo e eterno solteirão, nutria grandes esperanças de que eu me tornasse o seu braço-direito no engate. Era impossível dissuadi-lo do que quer que fosse, especialmente se envolvesse mulheres e comida.

— Apanhaste-me. Tens de ver aquela miúda. Alegamos que é uma reunião de trabalho e pago com o cartão da empresa. — O Scott era o tipo de pessoa cujo tema de conversa preferido eram as mulheres ou, de preferência, pornografia. Estava gravemente desligado da realidade.

— Deve haver alguma forma de qualificar isso como assédio sexual.

Ele apoiou-se na divisória do cubículo. Embora tivesse um rosto atraente e sempre sorridente, era fácil esquecê-lo se passássemos uma semana sem o ver.

— Vamos de metro.

— Olá, malta. — A minha ex-mulher passou por nós, bebericando um café.

Ignorei-a.

— Olá, Liz — disse o Scott, ficando a examinar-lhe o traseiro enquanto se afastava. Depois, virou-se para mim. — É estranho trabalhar com ela e o Brad?

— Trabalho com ela e o Brad desde sempre.

— Sim, mas na altura ela era tua mulher e, agora, é casada com o Brad.

— Sinceramente, já não quero saber. — Levantei-me e agarrei no casaco.

— Isso é bom sinal. Acredito em ti. Assim, sei que estás pronto para carne fresca.

Eu costumava ignorar este tipo de comentários do Scott.

— Antes, tenho de passar na Verizon para comprar uma bateria nova — disse eu, acenando com o telefone.

— O que é *isso*?

— Um telefone. Já deves ter visto um antes.

— Primeiro, já ninguém diz telefone. Segundo, isso não é um telefone, é um artefacto arqueológico. Devíamos enviá-lo à Smithsonian e arranjar-te um *iPhone*.

À saída, passámos pela Kitty, a rapariga do carrinho de café.

— Olá, meus senhores.

Eu sorri.

— Kitty.

Ela corou.

O Scott não disse nada até entrarmos no elevador.

— Devas investir nela. Está apanhadinha por ti.

— É uma criança.

— É uma aluna de pós-graduação. Fui eu que a contratei.

— Não faz o meu género. O nome dela é *Kitty*.

— Pronto, agora só estás a ser maldoso. — Ele parecia ter tomado as dores da *Kitty*.

— Eu estou bem assim. Porque é que toda a gente meteu na cabeça que tem de me arranjar um par? Estou *ótimo*.

— O relógio não para.

— Os homens não têm relógio.

— Tens trinta e seis anos.

— Ainda sou novo.

— Não, se compararmos com a *Kitty*.

As portas do elevador abriram-se e entrámos no átrio. Uma impressão gigantesca de uma das minhas fotografias ocupava a parede de uma ponta à outra.

— Vês aquilo, Matt? É o género de coisas que deixa as mulheres molhadas.

— É a imagem de uma criança iraquiana a empunhar uma arma automática.

— O Pulitzer que ganhaste por causa da fotografia, espertinho, não a imagem em si. — Ele cruzou os braços. — Foi um bom ano para ti.

— Pois foi. Profissionalmente, pelo menos.

— Já te disse que devias tirar partido disso. Aquela foto valeu-te uma boa dose de fama. Até a mim já me foi útil.

— E como foi que isso aconteceu, pode saber-se?

— Poderei ter tomado o teu nome emprestado uma ou outra noite.

Ri-me.

— Isso é vergonhoso, meu.

— A *Kitty* está interessada em ti. Devias dar àquela giraça o que ela quer. Sabes que circulam uns rumores sobre ela.

— Mais uma razão para me manter ao largo.

— Não, rumores dos bons. Diz-se que é meio selvagem. Uma pequena fera.

— E como pode isso ser bom?

Sáímos para a rua e dirigimo-nos para a estação de metro na West 57th para apanhar a linha F. O centro da cidade está sempre congestionado àquela hora, mas com o inverno a aproximar-se do fim, o sol baixo que incidia entre os edifícios atraía ainda mais pessoas para a rua. Avancei aos ziguezagues por entre a multidão, com o Scott no meu encalço.

Mesmo antes de chegarmos à entrada, ele disse muito alto atrás de mim:

— Ela deve gostar de sexo anal.

Parei e virei-me para o encarar ao cimo das escadas.

— Scott, não estou a gostar do rumo da conversa. Vamos ficar por aqui, pode ser?

— Sou o teu chefe.

— Por isso mesmo. — Precipitei-me escadas abaixo em direção aos

torniquetes.

Ao fundo, uma mulher idosa tocava violino. Usava roupas encardidas e tinha cabelo grisalho, bastante emaranhado. As cordas do arco estavam penduradas, lembravam caudas de raposa flutuantes, e tocava Brahms na perfeição. Quando lhe atirei cinco dólares para dentro do estojo, ela sorriu. O Scott abanou a cabeça e puxou-me dali para fora.

— Ando a tentar manter-te feliz e produtivo, Matt.

Passei o cartão do metro na máquina.

— Dá-me um aumento. É uma bela forma de me maneres feliz e produtivo.

A estação estava à pinha. Havia um metro quase a chegar, mas ficámos presos atrás de um grupo de pessoas que se acotovelavam como quem tem coisas muito importantes para fazer. O Scott deixou-se ficar para trás, a observar fixamente uma mulher que estava de costas voltadas para nós, parada à beira da plataforma, balançando o corpo em cima da grossa linha amarela, apoiada ora nos calcanhares, ora nas pontas dos pés. Houve algo nela que me chamou a atenção.

O Scott deu-me um toque com o cotovelo, arqueou as sobrancelhas, e articulou com os lábios as palavras «belo rabo». Apeteceu-me dar-lhe um soco no pescoço.

Quanto mais olhava para a mulher, mais atraído me sentia. Tinha uma grossa trança de cabelo louro ao longo das costas. As mãos estavam enfiadas nos bolsos do sobretudo preto, e ocorreu-me que ela se baloiçava alegremente ao ritmo do violino que ressoava nas paredes da estação, tal qual uma criança.

Quando o metro finalmente chegou, ela deixou que toda a gente lhe passasse à frente, entrando no último instante. O Scott e eu ficámos parados na linha amarela, na esperança de que o metro seguinte não viesse tão cheio. No preciso momento em que as portas se fecharam, ela virou-se. Os nossos olhares encontraram-se.

Pestanejei. *Que grandessíssima merda.*

— Grace?

Ela levou a mão ao vidro e, movendo os lábios, proferiu «Matt?», mas já o metro se afastava.

Sem pensar, desatei a correr. Corri que nem um desvairado até ao fim da plataforma, onde estendi a mão, como se assim conseguisse fazer parar o metro, sem nunca desviar os meus olhos dos dela. E quando cheguei ao fim do caminho, fiquei a ver o metro mergulhar na escuridão, até a perder de vista.

Quando o Scott me alcançou, olhou para mim com uma expressão cautelosa.

— Ora bem, o que raio foi aquilo? Parece que viste um fantasma.

— Um fantasma, não. A Grace.

— Quem é a Grace?

Sentia-me atordoado, fitando o vazio que a engolira.

— Uma conhecida.

- O quê, alguma que deixaste escapar?
- Algo do género.
- Também tive uma dessas. A Janie Bowers, a primeira rapariga que me fez um broche. Até ter aí uns trinta anos, bati muitas a pensar nela.
- Ignorei-o. Só conseguia pensar na Grace.
- O Scott prosseguiu com o monólogo.
- Era chefe de claue. Costumava andar com a equipa de lacrosse do secundário. Não sabia porque é que toda a gente a chamava *A Terapeuta*. Sempre pensei que começássemos a andar depois daquele broche.
- Não, não é nada disso — contrapus. — A Grace e eu namorámos na faculdade, antes de conhecer a Elizabeth.
- Ah, então é *isso*. Olha, era bem jeitosa. Se calhar, devias retomar o contacto.
- Vai na volta, devia — aquiesci, embora achasse impossível que ela continuasse solteira.

DEIXEI QUE O BRODY, o vendedor de dezassete anos da Verizon, me convencesse a comprar o modelo mais recente de *iPhone*. Na verdade, adquirir o modelo mais recente custava oito dólares a menos por mês. Já nada neste mundo me fazia qualquer sentido. Assinei o contrato com a cabeça noutro lugar, uma vez que, desde que saíra da estação de metro, a imagem da Grace, no interior da carruagem, a desaparecer na escuridão, não parava de passar à minha frente, numa sequência constante.

Enquanto comíamos a piza, o Scott ensinou-me a jogar *Angry Birds*, o que se afigurou um grande passo rumo à superação da minha aversão à tecnologia. A miúda que o Scott queria que eu conhecesse não estava de serviço, pelo que voltámos para o escritório logo a seguir ao almoço.

Já no meu cubículo, procurei o nome da Grace no Google, digitando todas as variantes possíveis e imaginárias: primeiro, segundo e último nome; primeiro e último nome; segundo e último nome; em vão. Como era possível? Que tipo de vida era a dela para que fosse impossível encontrar-lhe rasto na Internet?

Fiquei a matutar no que tinha acontecido entre nós. Pensei na sua imagem no metro e em como continuava bonita, tal como a recordava, mas diferente. Ninguém, jamais, descreveria a Grace como gira. Apesar da estatura pequena, era demasiado deslumbrante para ser considerada apenas gira, com aqueles grandes olhos verdes e a espessa melena de cabelo louro. Desde a última vez que a vira, os seus olhos pareceram-me mais fundos e as feições um pouco mais carregadas. Bastara-me um único olhar de relance para saber que ela já não era o espírito livre e efervescente que conhecera anos antes. Fiquei louco só de imaginar como seria a sua vida atualmente.

Ouviram-se aplausos vindos da copa ao fundo do corredor. Fui até lá a tempo de assistir à parte final do anúncio de gravidez da minha ex-mulher aos nossos colegas de trabalho. Pouco depois do divórcio, comecei a aperceber-me de que toda a gente à minha volta seguia em frente com a sua vida. Porém, eu permanecia parado, especado na plataforma, a ver o metro passar, um a seguir ao outro, indeciso sobre qual é que devia apanhar. A Elizabeth já estava na estação seguinte, a construir uma família, enquanto eu me esgueirava de volta para o meu cubículo desprezível, a torcer para que ninguém reparasse em mim. A notícia da gravidez deixou-me indiferente. Estava entorpecido... Mas, de qualquer modo, lá lhe enviei um *e-mail*, movido por uma certa obrigação que ainda subsistia por força do nosso casamento malogrado.

Elizabeth,
Parabéns. Fico feliz por ti. Sei o quanto querias ter filhos.
Atentamente, Matt.

Dois minutos depois, recebi uma notificação na caixa de *e-mail*.

«Atentamente»? A sério? Nem sequer podes dizer «Beijinhos» à pessoa com quem passaste uma década da tua vida?

Não respondi. Estava com pressa. Tinha de voltar para o metro.

2. Cinco dias depois de te ver

MATT

Passei a apanhar o malfadado metro da linha F todos os dias, à hora do almoço, demorando a viagem uma hora do centro a Brooklyn e depois de volta ao centro, na esperança de voltar a encontrar a Grace, mas tal nunca aconteceu.

No trabalho, as coisas corriam-me mal. O pedido de transferência para o terreno, que submeti três meses antes, foi negado. Agora, era forçado a assistir às deambulações da Elizabeth e do Brad, no seu estado de graça, enquanto as pessoas os parabenizavam pelo bebé e pela promoção do Brad, que foi divulgada logo a seguir ao anúncio da gravidez.

Enquanto isso, eu continuava irredutível no que tocava a tomar qualquer ação que desse um rumo à minha vida. Encontrava-me numa poça de merda estagnada. Voluntariei-me para voltar a acompanhar a equipa de filmagens da *National Geographic*, desta vez feita algures na América do Sul. Nova Iorque já não era a mesma cidade. Tinha perdido a magia. A selva da Amazónia, com todas as suas maravilhas e doenças exóticas, afigurava-se mais sedutora do que ficar ali sob a alçada da minha ex-mulher e do seu presunçoso marido. Mas o meu pedido não foi nem aprovado nem negado. Ficou cativo na secretária do Scott, no meio de uma pilha de outros tantos.

Refletindo sobre o estado atual da minha vida, contemplei uma parede vazia na copa. De pé, ao lado do dispensador de água, com um copo de papel meio vazio na mão, fiz as contas aos anos irrelevantes que passei com a Elizabeth, questionando o porquê das minhas escolhas. Como tinham as coisas dado para o torto daquela maneira?

— Que fazes, meu? — A voz do Scott vinha da entrada.

Virei-me para ele e sorri.

— Estou só a pensar.

— Pareces mais bem-disposto.

— Para ser sincero, estava a pensar como é que, aos trinta e seis anos, acabei divorciado e encurralado num cubículo infernal.

O Scott dirigiu-se à máquina de café, encheu uma chávena e encostou-se à bancada.

— Porque estavas viciado no trabalho? — sugeriu.

— Não foi por isso que a Elizabeth me traiu. Ela atirou-se aos braços escanzelados do Brad, e ele trabalha mais do que eu. Caramba, até ela trabalha mais do que eu.

— De que te serve remoer o passado? Olha para ti. És alto, tens cabelo e, ao que parece — disse, apontando para a região do meu abdómen —, até tens abdominais definidos?

— Estás-te a atirar a mim?

— Dava tudo para ter uma cabeleira como a tua.

O Scott ficara calvo aos vinte e dois anos e, desde então, passara a rapar a cabeça.

— Como é que as mulheres chamam a essa coisa? — Ele apontou para a parte de trás da minha cabeça.

— Um carrapito?

— Não, há um nome mais *sexy* para isso. As miúdas adoram.

— Um carrapito masculino, é como lhe chamam.

Ele analisou-me.

— Caramba, Matt, és um homem livre. Por que raio não andas a explorar a savana à caça de presas novas? Já não aguento ver-te assim aos caídos. Pensava que já tinhas esquecido a Elizabeth...

Fechei a porta da copa.

— E esqueci. Já a ultrapassei há muito tempo. Até me custa lembrar de como era estar apaixonado por ela. Fiquei preso na fantasia de gostar dela, de viajarmos juntos e de tirar fotos. Mas faltava sempre alguma coisa. Talvez, eu trabalhava mesmo demasiado. Quero dizer, só falávamos sobre isso, era a única coisa que tínhamos em comum. Agora, vê bem no que me tornei.

— E a rapariga do metro?

— O que tem?

— Não sei. Julgava que ias tentar entrar em contacto com ela?

— Sim, talvez. Não é assim tão fácil.

— Só tens de dar a cara. Mostrares-te nas redes sociais.

Será que vou encontrar a Grace nas redes sociais? Não me conseguia decidir, dividido entre querer fazer tudo o que pudesse para a encontrar e sentir que era

completamente inútil. Ela devia ter alguém. Devia estar casada com alguém melhor do que eu. Eu queria distanciar-me de tudo o que me lembrasse de que ainda não alcançara nada.

— Se estás assim tão preocupado comigo, porque não aprovaste o meu pedido de viagem?

Ele fez uma expressão séria. Reparei na profundidade da ruga que lhe separava as sobrancelhas e ocorreu-me que éramos da mesma idade... e que ele estava a envelhecer a olhos vistos.

— Não me refiro às savanas a sério, meu. Fugir não te vai resolver os problemas.

— Agora és meu psicanalista?

— Não, sou teu amigo. Lembras-te de quando pediste para te darmos um trabalho de secretária?

Comecei a andar em direção à porta.

— Só te peço que consideres o pedido. Por favor, Scott.

Mesmo antes de eu sair da copa, ele disse:

— Andas atrás do que não deves. Não é isso que te vai fazer feliz.

Ele tinha razão, e eu era pessoa para o admitir para mim mesmo, mas não em voz alta. Pensei que, se ganhasse outro prémio e granjeasse reconhecimento pelo meu trabalho, talvez isso preenchesse o buraco negro que me consumia. Mas, bem lá no fundo, sabia que a solução não era essa.

Depois do expediente, sentei-me no banco da paragem de autocarro à saída do edifício da *National Geographic*. Observei as hordas de pessoas que regressavam a casa, caminhando apressadas pelos passeios apinhados de Manhattan. Perguntei a mim próprio se seria possível avaliar o nível de solidão de uma pessoa com base na pressa com que se deslocava. Ninguém que tivesse gente em casa, à sua espera, ficaria sentado numa paragem de autocarro, depois de dez horas de trabalho, a contemplar a azáfama.

Na minha bolsa a tiracolo, trazia sempre uma velha Pentax dos tempos de faculdade, mas havia anos que não a usava. Tirei-a do estojo e comecei a disparar aleatoriamente, fotografando as enchentes de pessoas que entravam e saíam da estação de metro, as que esperavam pelo autocarro, as que chamavam os táxis. Nutria a esperança de voltar a vê-la através da lente, tal como a vira anos antes. O seu espírito vibrante, a forma como emprestava cor a uma fotografia a preto-e-branco só com o seu magnetismo. Ao longo dos anos, pensava na Grace com frequência. Coisas simples, como um aroma, panquecas doces à noite ou o som de um violoncelo na Grand Central ou no Washington Square Park num dia quente, tinham a capacidade de me transportar de volta para aquele ano na universidade. O ano que passei apaixonado por ela.

Entretanto, era-me difícil ver beleza em Nova Iorque. Em abono da verdade, a

cidade livrara-se de grande parte do refugo e do entulho, pelo menos em East Village. Estava agora mais limpa e mais verde, mas a energia palpável dos tempos de estudante também tinha desaparecido. Pelo menos, para mim.

O tempo passa, a vida continua, os sítios e as pessoas mudam. E, ainda assim, depois de ter visto a Grace no metro, não conseguia tirá-la da cabeça. Quinze anos é muito tempo para ficar agarrado a uns quantos momentos, dos tempos de faculdade, que me fizeram o coração bater mais depressa.

3. Cinco semanas depois de te ver

MATT

— Matt, estou a falar contigo.

Olhei para cima e vi a Elizabeth a espreitar por cima da divisória do cubículo.

— Hã?

— Perguntei se queres ir almoçar connosco e dar uma vista de olhos aos novos *slides*?

— Connosco, quem?

— O Scott, o Brad e eu.

— Não.

— Matt... — advertiu ela. — A tua presença é necessária.

— Estou ocupado, Elizabeth. — Eu estava entretido com o jogo de Sudoku impresso no saco de papel pardo do café onde fora buscar as minhas sandes de peru. — E estou a comer. Não vês?

— Come-se na copa. Dá para cheirar essas cebolas ao fundo do corredor.

— Isso é porque estás grávida — balbuciei, mordiscando a sandes.

Ela bufou e deu meia-volta, murmurando qualquer coisa entre dentes.

Um minuto depois, o Scott apareceu no meu cubículo.

— Temos mesmo de rever os tais *slides*, companheiro.

— Já não se pode comer em paz? Já agora, analisaste o meu pedido?

Ele sorriu.

— Já localizaste a rapariga do metro?

— Fui e vim de metro para Brooklyn todos os dias, durante um mês, e nada. Tentar, tentei.

Era verdade, eu tentara encontrar a Grace. Depois do expediente, calcorreava

todos os sítios que costumávamos frequentar em East Village e até cheguei a esperar em frente à residência da NYU onde vivíamos. Em vão.

— Hum. — Ele coçou o queixo. — Com toda a tecnologia que há por aí, vais acabar por encontrá-la. Ela pode ter escrito um anúncio nas Ligações Perdidas, foste ver?

Pousei a sanduíche.

— O que é um anúncio nas Ligações Perdidas?

Ele entrou dentro do cubículo.

— Levanta-te, deixa-me sentar.

Desocupeí a minha cadeira. O Scott sentou-se e abriu a página do Craigslist no meu computador, navegando até à secção das Ligações Perdidas.

— É como quando vês uma pessoa na rua e sentes uma química, mas não sabes como a abordar. Publicas um anúncio com a descrição da situação e pode ser que a pessoa leia.

— Não seria mais fácil pedir-lhe logo o número de telefone?

— É uma cena *new wave*, de malta sensível. Por exemplo, se sentiste atração, mas não tiveste coragem para meter conversa, podes publicar aqui. Se o sentimento for recíproco, talvez a pessoa veja e te responda. Não há risco nenhum. Descreves o que aconteceu e o que levavas vestido nesse dia, para que a outra pessoa te reconheça.

Eu olhava de esguelha para o ecrã, pensando que não passava de uma ideia estúpida.

— Pois, mas eu conhecia a Grace. Tê-la-ia cumprimentado se tivéssemos tido mais tempo antes de o metro partir.

Ele girou na cadeira, encarando-me.

— Olha, no metro é que não a vais encontrar de novo. As probabilidades são mínimas. Quem sabe ela não terá escrito um anúncio destes?

— Vou investigar. Mas tenho a certeza de que, se ela quisesse, não teria dificuldades em me encontrar. Não mudei de nome e ainda trabalho no mesmo sítio.

— Nunca se sabe. Não perdes nada.

Passei a tarde a ler anúncios como, *Vi-te no parque, vestias um casaco azul-esmalte. Não conseguimos tirar os olhos um do outro. Se gostaste de mim, liga-me.* Ou ainda, *Onde te meteste naquela noite no SaGalls, estavas a falar sobre um martíni de cereja e, de repente, desapareceste. Pensei que gostavas de mim. O que te deu?* E o popular, *Apetece-me fazer-te uma série de malandrices. Pensei que estavas na mesma onda, já que te roçaste na minha perna a noite toda no ClubForty. Dá-me um toque.*

Não havia Grace nenhuma ali, e eu tinha a certeza de que seria impossível encontrar alguém com menos de trinta anos na secção das Ligações Perdidas. Foi então que li uma mensagem chamada «Um Poema para a Margaret».

Antes, havia um eu e um tu
Fomos amantes
Fomos amigos
Antes de a vida mudar
Antes de nos tornarmos meros conhecidos
Ainda pensas em mim?
— Joe

Não conseguia imaginar um Joe e uma Margaret com vinte anos que falassem sobre o passado naqueles termos. De uma forma sinistra, aquilo transmitia exatamente o que sentia pela Grace, e questionei-me, por breves instantes, se não teria sido ela a escrever aquele anúncio. Liguei para o número e atendeu-me um homem.

— Estou, é o Joe? — perguntei.

— Não, já é a terceira vez que me ligam hoje a perguntar isso. O Joe deve ser um tipo muito popular, mas não mora aqui.

— Obrigado.

Desliguei. De repente, a sala ficou às escuras, à exceção das lâmpadas fluorescentes por cima de mim e do candeeiro do meu cubículo. Do corredor, o Scott gritou:

— Deixo-te essa acesa, Matt! Força nisso.

Ele sabia perfeitamente o que eu estava a fazer. Talvez a Grace desse com a minha mensagem, talvez não. Assim como assim, tinha de a escrever; mais que não fosse, por descargo de consciência.

Para o meu amor de olhos verdes:

Conhecemo-nos há quinze anos quando me mudei para a residência dos finalistas da NYU e ocupei o quarto ao lado do teu.

Disseste-me que foi amizade à primeira vista. Gosto de pensar que foi mais do que isso.

Dependíamos da excitação de nos conhecermos através da música (andavas obcecada com o Jeff Buckley), da fotografia (não me cansava de te tirar fotos), de passear no Washington Square Park e de todas as coisas insólitas que fizemos para ganhar dinheiro. Nunca aprendi tanto sobre mim mesmo como nesse ano.

No entanto, tudo se desmoronou, não sei bem como. Perdemos o contacto no verão depois da entrega de diplomas da licenciatura, quando fui à América do

Sul trabalhar para a National Geographic. Quando regressei, já não estavas. Uma parte de mim ainda se pergunta se te terei pressionado demasiado depois do casamento...

Só te voltei a ver o mês passado. Foi numa quarta-feira. Apoiada nos calcanhares, balançavas em cima daquela grossa faixa amarela que percorre a plataforma da estação, à espera do metro da linha F. Só percebi que eras tu quando já era tarde de mais, quando já tinhas desaparecido. De novo. Disseste o meu nome; li-o nos teus lábios. Ainda tentei que o metro parasse, só para te dizer olá.

Rever-te trouxe de volta todas as memórias e sensações dos tempos de juventude e, agora, há quase um mês que não paro de imaginar como será a tua vida. Talvez tenha perdido o juízo, mas gostarias de ir beber um copo comigo e pôr em dia a última década e meia?

M

(212)-555-3004

SEGUNDO MOVIMENTO:
QUINZE ANOS ANTES

4. Quando te conheci

MATT

Conhecemo-nos a um sábado, na residência dos finalistas. Ela lia uma revista na sala de estar, enquanto eu carregava com dificuldade a escrivaninha de madeira que tinha havia dezanove anos. Além de uma caixa com o meu equipamento fotográfico e um saco de pano cheio de roupa, aquela era a minha única posse, que a minha mãe me enviara da Califórnia.

Quando ela olhou na minha direção, paralisei, meio constrangido, torcendo para que não reparasse na minha inépcia a equilibrar a escrivaninha.

Não tive sorte.

Em vez disso, fitou-me de frente, inclinou a cabeça e semicerrou os olhos. Olhava para mim como se estivesse a tentar lembrar-se do meu nome. Eu tinha a certeza de que nunca nos havíamos cruzado. Jamais esqueceria um rosto como aquele.

Continuei ali parado, pregado ao chão, contemplando-a. Tinha olhos grandes, de um verde incandescente, que irradiavam uma energia magnetizante. Os seus lábios moviam-se e eu, olhando diretamente para ela, não conseguia ouvir uma palavra que dizia; apenas pensava em como era deslumbrante. As sobrancelhas que lhe emolduravam os olhos grandes e amendoados eram mais escuras do que o cabelo louro platinado, e pensei no travo adocicado que a sua pele me deixaria na ponta da língua.

Oh meu Deus, estou mesmo a pensar a que sabe a pele desta rapariga?

— Estás a ouvir?

— Hã? — pestanejei.

— Perguntei se precisas de uma mãozinha? — Ela sorriu, com uma expressão

de pena, apontando de seguida para a escrivaninha que eu conseguira equilibrar no joelho.

— Sim, claro. Obrigado.

Sem hesitar, ela atirou a revista para o lado, agarrou numa das pontas da escrivaninha e começou a andar para trás enquanto eu tentava acompanhá-la a custo.

— Sou a Grace, já agora.

— Prazer — disse eu, sem fôlego. O nome assentava-lhe bem.

— E tu, tens nome?

— É só mais um — respondi, apontando com a cabeça.

— Chamas-te *É Só Mais Um*? Que nome infeliz, mas era giro saber que circunstâncias terão levado os teus pais a escolhê-lo. — Ela sorriu.

Deixei escapar um risinho nervoso. Ela não só era de uma beleza estonteante, como também tinha piada.

— Quis dizer que nos falta só mais um quarto, o meu é já ali.

— Eu sei, tonto. Mas ainda estou à espera que me digas o teu nome.

— Matt.

— Então, Matty-Só-Mais-Um — disse ela, depois de parar diante do meu quarto —, em que curso estás?

— Fotografia.

— Ah, nesse caso, será da Tisch que te conheço?

— Não. É o meu primeiro ano aqui.

Aquilo pareceu confundi-la. Eu recordava-a alguém. Só esperava que fosse uma pessoa de quem gostava. Depois de pousarmos a escrivaninha, passei rente a ela para destrancar a porta. Com a cabeça baixa, disse, sem tirar os olhos dos meus *Vans*:

— Pedi transferência da Universidade da Califórnia.

— A sério? Nunca fui à Califórnia. Não acredito que trocaste a USC por esta espelunca geriátrica.

— Não era a minha onda.

Voltei-me e encostei-me à porta antes de a abrir. Os nossos olhos procuraram-se um pouco mais do que deviam, pelo que tratámos ambos de desviar o olhar.

— Tive de sair da Califórnia durante uns tempos. — Apesar do meu nervoso miudinho, não queria que ela se fosse embora. — Entras e fazes-me companhia enquanto desfaço as malas?

— Pode ser.

Depois de ter posto uma pilha de livros a fazer de batente da porta, ajudou-me a transportar a escrivaninha para um canto. Saltou para o tampo, sentando-se de pernas cruzadas, como se fosse meditar ou levitar. Percorri, pela segunda vez naquele dia, o quarto com o olhar. Estava completamente equipado com o

mobiliário padrão de uma residência: uma cama metálica de solteiro, extralonga, uma secretária que podia usar para o meu equipamento fotográfico, uma aparelhagem antiga no chão, que o último residente deixara para trás, e uma estante vazia. A caixa grande que eu trouxera continha alguns dos meus discos, livros e fotos favoritos. Uma pasta de couro guardava os meus melhores trabalhos da USC. A Grace pegou nela de imediato e começou a folheá-la. Havia duas janelas compridas e estreitas, por onde passava a luz do sol, iluminando na perfeição o rosto da Grace. Era como se a luz emanasse dele.

— Uau, esta está fantástica. É a tua namorada? — Ela segurava a fotografia de uma rapariga lindíssima, de olhos diabólicos e o corpo curvilíneo descoberto.

— Não, não era a minha namorada. Era só uma amiga.

Era verdade, embora também fosse verdade que ela, instantes antes de eu ter tirado a foto, articulava com os lábios a pergunta «Queres comer-me?», enquanto o meu amigo, e o seu namorado, nos observavam em silêncio. Como eu disse, a USC não era a minha onda.

— Oh — disse ela, calmamente. — Bem, é uma ótima foto.

— Obrigado. A luz aqui é fantástica. E se eu te fotografasse?

Vi-lhe os movimentos do pescoço ao engolir em seco. Arregalou os olhos, e apercebi-me de que devia julgar que a queria fotografar nua.

— Er... vestida, obviamente.

A expressão aligeirou-se-lhe.

— Claro, com todo o gosto. — Ela continuou a olhar fixamente para a fotografia. — Mas, se o resultado for este, talvez pudesse posar para ti como esta rapariga. — Desviou os seus olhos verdes para mim. — Quem sabe um dia, quando nos conhecermos melhor. Em nome da arte, não é? — E soltou um risinho.

Fiz um esforço para não a imaginar nua.

— Em nome da arte, pois.

E ela era uma belíssima obra de arte. Vestia uma camisa branca de corte masculino, com as mangas enroladas até aos cotovelos e os dois botões de cima abertos. As unhas dos pés com verniz cor-de-rosa chamaram-me a atenção antes de o meu olhar subir para o pedaço de pele que espreitava por um buraco nas calças de ganga, na zona do joelho. Observei-a a enrançar o longo cabelo louro por cima do ombro. Ela reparou que eu não lhe conseguia tirar os olhos de cima, mas em vez de dizer algo desagradável, limitou-se a sorrir.

— Então e porque é que chamaste a isto de espelunca geriátrica? — perguntei, voltando-me para desembalar a caixa grande. Precisava de me distrair para não olhar para ela.

— Porque isto é uma grandíssima seca. A sério, cheguei faz uma semana e já sinto a alma a definhar.

O seu dramatismo fez-me rir.

— É assim tão mau?

— Não toco violoncelo desde que me mudei para cá; tenho medo de que se queixem. Ah, já agora, tens de me avisar caso toque demasiado alto. Bate na parede ou assim.

— Não percebi.

— Estou no quarto mesmo ao lado. Como as salas de ensaio ficam demasiado longe, o mais provável é que acabe por praticar muitas vezes no meu quarto. Estudo música.

— Isso é muito fixe. Adorava ouvir-te tocar. — Não podia crer que ela estava no quarto ao lado do meu.

— Quando quiseres. Bem, não há muita gente que escolha ficar na residência no último ano do curso. Qual é a tua desculpa?

— Não tenho dinheiro para outro tipo de alojamento. — Reparei que ela usava um crachá com caracteres gregos. — E tu? Porque não foste para a residência feminina?

Ela apontou para o crachá por cima do peito.

— Referes-te a isto? É falso. Bem, não é falso, é roubado. Vivo aqui porque sou demasiado pobre para viver noutro sítio. Os meus pais não conseguem contribuir para as propinas e eu, como tenho de ensaiar bastante, não consigo manter um emprego. Sirvo-me disto para ter refeições à pala no refeitório da 14th Street. — De punho erguido, deu um soco no ar. — «Pi Beta Phi, macarrão com queijo para sempre!»

Ela era adorável.

— Não acredito que este sítio possa ser aborrecido contigo cá.

— Obrigada.

Olhei para cima e reparei que ruborizara.

— Não tenho muito espírito estudantil, mas os meus amigos músicos hão de animar as hostes, assim que as aulas começarem e toda a gente tiver voltado. No verão, partilhei um apartamento medonho com uma data de malta e habituei-me a ter sempre companhia. Já por aqui, as coisas andam muito paradas. Pelo que pude perceber até agora, a maior parte dos residentes gosta de estar sozinha.

— Porque é que não foste a casa no verão?

— Não há espaço. Os meus pais vivem numa casa pequena e tenho três irmãs mais novas e um irmão. Ainda vivem todos juntos. — Ela saltou da escrivaninha e dirigiu-se ao outro lado do quarto, para inspecionar a pilha de coisas que eu desembalara. Erguendo no ar o álbum *Grace*, de Jeff Buckley, exclamou: — Não posso crer! Foi praticamente por causa dele que vim para a NYU.

— Ele é um génio. Já o viste ao vivo? — perguntei.

— Não, mas adoraria. Acho que ele agora vive em Memphis. Vim do Arizona

para Nova Iorque e passei os primeiros três meses na cidade à procura dele em East Village. Sou uma verdadeira *groupie*. Disseram-me que já se foi embora de Nova Iorque há uma data de tempo. Ainda oiço a *Grace* todos os dias. É como a minha bíblia musical. Gosto de fingir que ele deu o nome ao álbum por minha causa. — Soltou um risinho. — Sabes uma coisa? És um pouco parecido com ele.

— A sério?

— Sim, o teu cabelo tem melhor aspeto, mas ambos têm olhos escuros e profundos. E a barba por fazer até vos dá um ar jeitoso.

Passei os dedos pelo queixo, sentindo uma pontada de insegurança.

— Tenho de me barbear.

— Não, gosto assim. Fica-te bem. Também és assim para o magro, como ele, mas deves ser mais alto. Quanto medes?

— Um metro e oitenta e cinco.

Ela assentiu.

— Pois, acho que ele é muito mais baixo.

Sentei-me na cama e recostei-me, com as mãos atrás da cabeça, observando-a divertido. Pegou na minha coletânea de poesia *beat*.

— Uau. Devemos ser almas gémeas. Diz-me, por favor, que vou encontrar o Vonnegut aqui?

— Vais, sem dúvida, encontrar o Vonnegut aí. Passa-me esse CD, vou pô-lo a tocar — disse eu, apontando para *Ten*, dos Pearl Jam.

— Tenho de ensaiar não tarda, mas podes pôr a *Release*? É a minha preferida do álbum.

— Claro, desde que me deixes fotografar-te.

— Está bem. — Ela encolheu os ombros. — O que queres que faça?

— Age com naturalidade.

Pus o CD na aparelhagem, fui buscar a máquina e comecei a disparar. Ela movimentava-se pelo quarto, ao som da música, rodopiando e cantando.

A dada altura, estacou e fitou a lente com ar sério.

— Estou pirosa?

— Não — disse eu, sem parar de premir o obturador. — Estás linda.

Ela ofereceu-me um sorriso tímido, e, como uma criança, baixou o corpo franzino, acorcorando-se no chão duro de madeira. Apanhou um botão que estava no chão. Eu não parava de tirar fotos.

— Alguém perdeu um botão — disse, cantarolando.

Olhou diretamente para a objetiva, semicerrando os olhos verdes cintilantes. Pressionei o obturador.

Ela levantou-se, estendeu a mão e deu-me o botão.

— Aqui tens. — Fazendo uma pausa, ergueu o olhar para o teto. — Meu Deus, adoro esta música. Sinto-me inspirada. Obrigada, Matt. Tenho de ir. Foi

um prazer conhecer-te. Talvez nos possamos encontrar de novo?

— Claro. Vemo-nos por aí.

— Será difícil não nos vermos. O meu quarto é mesmo aqui ao lado, lembraste?

Ela escapuliu-se porta fora e, instantes depois, no momento em que o Eddie Vedder cantava a estrofe final, ouvi os fortes acordes de um violoncelo através das finas paredes do quarto. Ela tocava *Release*. Movi a cama para a outra ponta, encostando-a à parede que eu e a Grace partilhávamos.

Adormeci ao som da sua música, que ensaiou noite dentro.

PASSEI A PRIMEIRA MANHÃ na residência, sustentado por uma barra de granola bafienta, a reorganizar as minhas três peças de mobiliário, até me dar por satisfeito com a divisão exígua que seria o meu lar durante o ano seguinte. A dada altura, descobri um *post-it* preso no fundo de uma gaveta vazia da secretária que trouxera de casa. Na letra da minha mãe, lia-se: *Não te esqueças de telefonar à tua mãe*. Ela não deixaria que eu me esquecesse, característica que apreciava nela.

Encontrei um telefone público no primeiro andar. Uma rapariga de calças de fato de treino e óculos de sol escuros estava sentada no canto, com o telefone colado à orelha.

— Não posso viver sem ti, Bobbie — choramingava ela, limpando as lágrimas do rosto. Fungou e depois apontou para uma caixa de lenços. — Tu aí! Passas-me isso?

Passei-lhe a caixa que estava na mesa de apoio ao pé de um sofá puído com um leve odor a *Doritos*.

— Demoras?

— Estás a falar a sério? — Ela baixou os óculos para a ponta do nariz e examinou-me por cima das lentes.

— Tenho de ligar à minha mãe. — *Que patético. Sou mais patético do que esta miúda.*

— Bobbie, tenho de ir, está aqui um tipo que quer ligar à mamã. Volto daqui a quinze minutos, está bem? Sim, é só um tipo qualquer. — Ela olhou para mim de alto a baixo. — Tem uma *T-shirt* dos Radiohead. Pois, tem patilhas... é magrinho.

Ergui as mãos como que a dizer, *Qual é o teu problema?*

— Está bem, Bobbie, adoro-te, amorzinho. Não, desliga tu... não, tu primeiro.

— Anda lá com isso — murmurei.

Ela levantou-se e desligou o telefone.

— É todo teu.

— Obrigado.

Revirou os olhos e, enquanto se afastava, eu gritei-lhe:

— Adoro-te, amorzinho.

Tirei o cartão telefónico da carteira e disquei o número da minha mãe.

— Estou?

— Olá, mãe.

— Matthias, como estás, querido?

— Bem. Já estou instalado.

— Ligaste ao teu pai?

Estremeci. Pedira transferência para a NYU para pôr a distância de um país inteiro entre mim e a desilusão do meu pai. Mesmo depois dos prémios de fotografia que venci na faculdade, ele ainda não via futuro na minha profissão.

— Não, foste a primeira pessoa a quem liguei.

— Sorte a minha — disse ela, com sinceridade na voz. — Como é a residência? Já foste ver o laboratório fotográfico?

A minha mãe era a única pessoa que me apoiava. Adorava posar para as minhas fotos. Quando era novo, deu-me a máquina antiga do meu avô, uma *Ciro-Flex*, que deu origem à minha obsessão. Aos dez anos, eu já fotografava tudo e mais alguma coisa.

— A residência é boa e o laboratório, ótimo.

— Já fizeste amigos?

— Uma rapariga. A Grace.

— Ahhh...

— Não é nada disso, mãe. Somos só amigos. Conheci-a ontem e estivemos à conversa.

A rapariga que ficara de ligar ao seu amorzinho estava de volta. Sentou-se e deitou-se teatralmente no braço do sofá, fixando o olhar em mim, de cabeça para baixo. O seu rosto esquisito, virado ao contrário, deixou-me desconfortável.

— Ela gosta de arte, como tu?

— Sim, de música. Gostei dela. É simpática.

— Que maravilha. — Ouvi pratos a tilintar do outro lado da linha. Pensei, distraído, que a minha mãe não teria de lavar a louça se continuasse casada com o meu pai. O meu pai era um advogado bem-sucedido no mundo do entretenimento, ao passo que ela dava aulas de arte numa escola privada, em troca de um salário miserável. Tinha catorze anos quando se divorciaram. O meu pai voltou a casar logo a seguir, mas a minha mãe ficou sozinha. Mais tarde, escolhi viver com o meu pai e a mulher. Em casa deles, eu e o meu irmão mais velho tínhamos mais espaço, embora me sentisse mais à vontade no minúsculo bangalô da minha mãe, em Pasadena.

— Bem, são boas notícias. O Alexander contou-te que pediu a Monica em casamento?

— A sério? Quando?

— Uns dias antes de partires. Pensava que já sabias.

Não falava com o meu irmão, muito menos sobre a Monica, que já fora minha namorada. Ele seguira as pegadas do pai e estava prestes a concluir o curso de Direito na Califórnia. Na sua maneira de ver o mundo, eu era um falhado.

— Que bom para ele — disse eu.

— Sim, foram feitos um para o outro. — Seguiu-se um momento de silêncio.

— Hás de encontrar alguém, Matt.

Eu ri-me.

— Quem disse que ando à procura, mãe?

— Só peço que te mantenhas longe dos bares.

— Fui a mais bares antes dos vinte e um anos do que vou agora. — A rapariga do amorzinho revirou-me os olhos. — Tenho de ir, mãe.

— Está bem, querido. Telefona-me em breve. Quero saber mais coisas sobre a Grace.

— Certo. Amo-te, mamã. — Pisquei o olho à rapariga, que se pusera de pé a olhar para mim.

— Também te amo? — riu ela.

¹ Conhecido clube feminino de estudantes universitárias, cujo lema é *Friends & Leaders For Life* (Amigas e líderes para sempre). (NT)

5. Brilhavas como uma luz

MATT

Para matar o tempo, pus-me a reorganizar o meu portefólio. Sabia que teria de sair e fazer amigos, mas por enquanto havia uma pessoa em particular com quem me queria cruzar, fosse a entrar ou a sair do quarto. Sou capaz de ter sido um pouco óbvio ao deixar a porta entreaberta, mas marimbei-me para o assunto, sobretudo quando, por fim, ouvi a voz da Grace no corredor.

— Truz, truz. — Levantei-me para pôr uma *T-shirt*, mas ela empurrou a porta com o indicador antes que me conseguisse vestir. — Oh, desculpa — disse ela.

— Não faz mal. — Abri a porta e sorri. — Olá, vizinha.

Encostada à ombreira da porta, os seus olhos desceram do meu rosto até ao peito, passando pelo ponto onde as calças de ganga descaídas mostravam um pouco dos *boxers* e terminando nas minhas botas pretas.

— Gosto das tuas... botas. — Voltou a olhar para o meu rosto, os seus lábios ligeiramente entreabertos.

— Obrigado. Queres entrar?

Ela abanou a cabeça.

— Não, na verdade, vim perguntar-te se queres sair para almoçar. À pala — disse ela depressa e, antes que eu tivesse tempo para responder, acrescentou —, e até nos pagam para almoçar.

— Que sítio é esse com almoços grátis? — Franzi o sobrolho.

Ela riu-se.

— Vais ter de confiar em mim. Anda lá, veste uma *T-shirt*. Vamos.

Passei a mão pelo cabelo, que estava espetado em todas as direções. Os olhos dela voltaram a pousar no meu peito e braços. Tive dificuldade em desviar o olhar

do seu rosto em forma de coração, mas olhei para baixo e vi-lhe as mãos irrequietas ao lado do corpo. Ela usava um vestido preto às flores, *collants* e botins pretos. Balouçou nos calcanhares umas quantas vezes. Fez-me lembrar um colibri, uma daquelas pessoas que não consegue estar quieta, sempre a mexer alguma parte do corpo.

— Espera um segundo — disse eu. — Preciso de um cinto.

Vasculhei a tralha espalhada no chão, mas não encontrei nenhum. As calças de ganga já praticamente me escorregavam pernas abaixo.

A Grace atirou-se para cima da cama, observando-me.

— Não tens cinto?

— Não o encontro.

Ela levantou-se de um salto e dirigiu-se a uma pilha de sapatos ao pé do roupeiro. Puxou os atacadores de um par de *Converse* e fez o mesmo a uns *Vans*, cujas pontas depois atou.

— Isto serve.

Peguei no cinto feito de atacadores e enfiei-o pelas presilhas.

— Obrigado.

— De nada.

Quando vesti a minha *T-shirt* preta dos Ramones, ela sorriu de forma aprovadora.

— Gosto. Pronto?

— Vamos nessa, G.

Descemos os três lanços de escadas a correr e a Grace abriu as portas de vidro do edifício com um empurrão. Caminhando à minha frente, esticou os braços e olhou para o céu.

— Que dia maravilhoso! — Voltou-se, procurando-me a mão. — Anda, é por aqui!

— Devo ficar preocupado? É muito longe?

— Uns seis quarteirões. Mas não te preocupes, vais gostar. O teu coração vai gostar, a tua carteira vai gostar e a tua barriguinha vai gostar.

Não conhecia ninguém com mais de doze anos que ainda usasse a palavra «barriguinha». Íamos caminhando, ombro com ombro, sentindo o calor que emanava do asfalto.

— Ontem à noite, ouvi-te tocar — disse-lhe.

Ela olhou para mim de relance, nervosa.

— Fiz muito barulho?

— Nem por isso.

— A minha amiga Tati apareceu e ensaiámos juntas. Ela toca violino. Espero que não tenhas ficado acordado por causa de nós.

— Gostei bastante, Grace — disse eu, com ar sério. — Como aprendeste a

tocar?

— Sozinha. Quando fiz nove anos, a minha mãe comprou-me um violoncelo numa venda de garagem. Não tínhamos muito dinheiro, como já deves ter percebido. Um violoncelo não tem trastes, portanto, requer muita prática de ouvido. Ouvia muitos discos e tentava reproduzir os sons. Depois, deram-me uma guitarra, e aos doze, recebi um piano. Na escola secundária, o meu professor de música escreveu-me uma carta de recomendação fenomenal. Foi graças a ele que entrei aqui. Mas o ano passado foi muito duro, não tinha a certeza se iria ficar.

— Porquê?

— Além da orquestra escolar, nunca tive uma aprendizagem formal, e este sítio é competitivo à brava. Praticamente, estou a suar as estopinhas para ser um simples instrumentista de estúdio.

— Que tipo de música gostas de tocar?

— De tudo. Gosto muito de *rock & roll*, mas também gosto das coisas clássicas. Adoro o violoncelo, por mais pesado que seja. Adoro a sua textura, tanto áspera como suave. Quando toco as cordas sem arco, faz-me lembrar quando atiramos pedras à tona de água e fico a imaginar pequenos seixos lisos a bater no manto de água parada.

Parei. Ela deu mais uns passos antes de se virar para trás.

— Que se passa?

— Foi uma descrição muito bonita, Grace. Nunca pensei na música dessa forma.

Ela suspirou.

— Gostava que ter paixão fosse suficiente.

— Na arte, não há certo nem errado, já dizia a minha mãe.

Ela acenou levemente com a cabeça, apontando depois para a rua.

— Anda, vamos atravessar.

Sentia-me completamente perdido em Nova Iorque e ainda não me havia orientado ou percebido como usar o metro, pelo que estar com a Grace atenuava a sensação avassaladora de ser novo na grande cidade.

— E então, tens namorado?

Continuando a olhar em frente, ela respondeu sem vacilar.

— Não, eu não namoro.

— Só sexo casual, é isso? — Sorri.

Ela corou.

— Uma senhora preza a sua privacidade. E tu?

— Tive uma namorada há uns anos, depois do secundário, mas desde então nada de sério. Ela agora está noiva do meu irmão, portanto, o meu histórico amoroso é invejável.

— Estás a gozar?

— Não.

— E isso não é esquisito? Quero dizer, o que aconteceu?

— Ela deixou-me na semana em que anunciei que ia seguir fotografia. Tal como o meu pai. — Proferi a última parte num sussurro.

— A vossa relação era boa?

— O pai da Monica e o meu são sócios no mesmo escritório de advogados. O nosso namoro foi meio arranjado. Gostei dela ao início, mas não nos imaginava juntos no futuro. Ela queria que eu seguisse advocacia, mas não era a minha cena. Tínhamos interesses diferentes. Foi melhor assim. Duas semanas depois de acabarmos, ela começou a andar com o meu irmão. Nunca falei com ele sobre isso. Podia ter-lhe dito umas quantas verdades, mas não queria descer ao mesmo nível. Ele que fique com ela.

— Ficaste muito triste?

— Nem por isso. Acho que isso diz tudo. O que mais me custa é não me conseguir rir desta trapalhada quando os vejo. Foi outro dos motivos que me levou a sair de Los Angeles. O meu irmão acabou de se licenciar em Direito e gosta de mo esfregar na cara. Preciso de morder a língua para não lhe atirar à cara que vai passar o resto da vida sabendo que comi a mulher dele.

— Oh. — A Grace pareceu chocada durante uns instantes, e as suas bochechas coraram. Não tinha a certeza se teria ficado ofendida.

Caminhámos em silêncio, enquanto me repreendia pela minha brusquidão, até que a Grace apontou para um sinal.

— Chegámos.

— Viemos almoçar ao Centro de Plasma de Nova Iorque?

— Isso mesmo. Eu explico-te como funciona. Como é a primeira vez que cá vens, só podes doar plasma. Aconselho-te a comer o máximo de *pretzels* e barras de granola à pala e a beber todo o sumo que conseguires. Depois, podes fazer-me companhia enquanto me sacam as plaquetas.

— Espera lá... o quê?

— Sim, as plaquetas levam uma hora, por aí, o que nos dá bastante tempo para enfardar. No fim, pagam-te vinte cinco dólares e a mim, cinquenta.

Estava ainda a processar o que acabara de ouvir, quando ela desatou a rir, contagiando-me.

— Deves achar que sou louca.

— Não, acho uma ótima ideia. És um génio.

Ela deu-me uma cotovelada brincalhona.

— Vamos dar-nos bem.

Assim que entrámos no banco de sangue, todos os rececionistas reconheceram a Grace e sorriram ou acenaram na nossa direção, enquanto esperávamos na fila.

— Vens cá muitas vezes?

— Que deixa tão antiga, Matt. Acho que precisas de material de engate novo.

— Tenho uma panca por miúdas com plaquetas robustas.

— Está bem melhor. Agora, sim, tens a minha atenção. Estás com sorte, porque adoro homens chamados Matthew.

— Na verdade, chamo-me Matthias.

— A sério? — Ela inclinou a cabeça. — Nunca tinha ouvido esse nome. Tem origem bíblica?

— Sim. Significa «divino».

— Deixa-te de coisas.

— Não, estou a falar a sério. Significa «acrescento divino».

Ela precisou de um segundo para entender a piada. Esforcei-me para não me desmanchar. Depois, abriu a boca num ó perfeito.

— Seu... — Abanou a cabeça, agarrando-me na mão e puxando-me para o balcão.

— O quê? Seu quê?

— Desavergonhado! — Virou-se para a rececionista. — Olá, Jane. Este é o meu amigo Matthias. É dono de excelente sangue e gostaria de vender-vos algum.

— Veio ao sítio certo. — A rececionista agarrou em alguns formulários por baixo do balcão. — Relembra-me o teu apelido, Grace? — perguntou, folheando um arquivo.

— Starr.

— Isso, como me pude esquecer? E, hoje, é só plasma, Matthias?

— Sim. E é Matthias William Shore, caso precise do nome completo.

A Grace olhou para mim de lado.

— Bem, Matthias William Shore, eu sou a Graceland Marie Starr. Muito prazer em conhecê-lo. — Estendeu a mão para me dar um passou-bem e eu beijei-lhe as costas da mão.

— O prazer é todo meu. Com que então, Graceland?

Ela corou.

— Os meus pais eram fãs do Elvis.

— Um belo nome para uma beldade.

A mulher atrás do balcão pôs abruptamente termo à nossa troca de cortesias.

— Só sangue, Grace, ou plaquetas também?

— Hoje, vou vender as minhas enormes e luxuriantes plaquetas. — Aproximou-se de mim e murmurou-me ao ouvido. — Isto excita-te?

Ri-me. Ela podia ser descarada, mas isso não dissimulava o seu lado doce e tímido. Havia algo nela que me fazia querer conhecê-la melhor de todas as formas possíveis.

Depois de preencher os formulários e nos terem colhido sangue para análise, levaram-nos para uma sala grande onde estavam dez pessoas a tirar

sangue. Um de cada lado, deitámo-nos em camas reclináveis. A Grace observou-me com um sorriso enquanto me inseriam um tubo no braço. Ela encontrava-se ligada a uma máquina que lhe tirava sangue de um lado, removia as plaquetas, devolvendo depois o plasma ao outro braço. Mordisquei uns *pretzels* e esperei, enquanto o sangue caía gota a gota para o saco de plástico. Ela ergueu o sumo no ar e disse:

— Saúde.

Começava a sentir-me tonto, quase inebriado. Um vazio negro começou a preencher a minha visão periférica.

— O melhor encontro de sempre — disse, atordoado, erguendo o sumo na sua direção.

Ela esboçou um sorriso, mas notava-se-lhe compaixão no olhar.

— Quem falou num encontro?

Encolhi os ombros de forma letárgica.

— Vamos combinar uma coisa. Se chegares ao fim sem desmaiar, deixo que me leves a sair num encontro a sério — disse ela, antes de tudo ficar negro.

Ao que parece, os sais de cheiro resultam. Assim que abri os olhos, vi uma enfermeira parecida com a Julia Roberts no filme *Pizza, Amor e Fantasia* debruçada sobre mim. Tinha as sobrancelhas grossas muito juntas e a farta cabeleira saltitava para cima e para baixo quando falava.

— Estás bem, querido?

Assenti.

— Acho que sim. Porque está de cabeça para baixo?

Ela sorriu.

— A cama vira-se ao contrário para, se a pessoa desmaiar, lhe elevarmos os pés acima do nível do coração.

Eu estava completamente abananado.

— Obrigado, querida. Salvou-me.

— De nada, querido. — Ela riu-se.

Olhei para a Grace, do outro lado da sala, que parecia distraída.

— Estás bem? — perguntou calmamente. Eu acenei com a cabeça.

Depois de me remover a agulha e me abastecer com um lanche açucarado, a enfermeira ajudou-me a levantar.

— Podes ficar aqui o tempo que precisares — assegurou.

— Estou bem. Vou só sentar-me ali ao pé da minha amiga.

Arrastei-me até à Grace, que começava a parecer pálida e cansada. Sentando-me na cadeira ao lado da sua cama, reparei na pele de galinha que lhe revestia os braços e pernas. O vestido subiu-lhe coxas acima quando ela se afundou contra o apoio de cabeça.

Reparando no meu olhar, puxou discretamente o vestido para baixo.

— Ei — disse eu, olhando por cima dela e estudando a máquina de tubos e engrenagens. Parecia uma engenhoca do Willy Wonka.

— Ei para ti também — respondeu, com a voz sumida.

— Estás bem?

— Sim, apenas cansada e com frio. — Fechou os olhos. Levantei-me e esfreguei-lhe as pernas com as minhas mãos.

Entreabrindo os olhos, exibiu um sorriso impercetível e murmurou:

— Obrigada, Matt.

Quando a enfermeira passou, apressei-me a chamar-lhe a atenção.

— Desculpe, enfermeira. Ela está gelada e parece meio atordoada.

— É normal. Vou buscar-lhe um cobertor — disse a enfermeira, apontando para uma cadeira ali ao lado.

Precipitei-me para a cadeira e agarrei no cobertor antes que a enfermeira tivesse sequer tempo de se voltar. Tapei a Grace até ao pescoço e depois aconcheguei-a nos lados até ela ficar dentro de um autêntico casulo.

— Perfeito — disse eu. — Um burrito de Grace.

Ela riu-se em silêncio, fechando os olhos.

Voltei a sentar-me na cadeira e fiquei a velar a minha nova amiga. Ela usava pouca ou nenhuma maquilhagem. As suas pestanas eram longas, a pele, imaculada e cheirava a lilases e pó de talco. No curto período desde que nos conhecêramos, já tinha percebido que, por mais astuta que aparentasse ser, havia nela uma fragilidade comovente, uma inocência infantil que lhe detetei no olhar e nos gestos tímidos.

Olhando à minha volta, reparei na presença de umas pessoas que pareciam ser sem-abrigo e, ao canto, um homem com mau aspeto, obviamente bastante embriagado, que se queixava por já não haver bolachas *Oreo* no cesto da merenda.

Recostei a cabeça e deixei-me dormir, caindo num sono leve, embalado pelo som da máquina por cima de mim que removia as plaquetas da Grace e lhe bombeava o sangue de volta para o corpo. Perguntei a mim mesmo quantas vezes não teria ela já feito aquilo para ganhar cinquenta dólares.

Algum tempo depois, embora não saiba dizer quanto, senti uma mão que me tocava gentilmente no ombro.

— Anda, Matty, vamos embora. — Abri os olhos e vi a Grace, com as faces rosadas e um sorriso de orelha a orelha. Entregou-me vinte e cinco dólares.

— Fixe, não é? — Parecia ter recuperado o estado normal e, totalmente recomposta, tinha posto a pequena bolsa a tiracolo.

— Precisas de ajuda? — Estendeu-me a mão.

— Não. — Saltei da cadeira. — Estou fresco como uma alface.

— Uma alface que acabou de ganhar vinte e cinco dólares.

Uma madeixa de cabelo soltou-se-lhe do rabo de cavalo. Estendi a mão para a

prender atrás da orelha, mas ela retraiu-se.

— Eu só ia...

— Ah, desculpa. — Inclinando-se para a frente, deixou que lhe prendesse o cabelo.

— Cheiras bem — disse eu. A meros centímetros do meu rosto, ela olhava para mim, fixando-se agora nos meus lábios. Humedeci-os com a língua e depois aproximei-me um pouco mais.

Ela desviou o olhar.

— Estás pronto?

Não me senti rejeitado. Em vez disso, a sua atitude reservada espicaçou-me ainda mais o interesse, deixando-me curioso.

— Parece que vêm cá muitos drogados — comentei, assim que saímos para a rua. — Achas que dão utilidade àquele sangue?

— Não sei. Nunca me detive a pensar nisso.

O sol brilhava lá no alto, os pássaros chilreavam e a Grace estava imóvel, de cabeça baixa, seguindo com o olhar uma fileira de formigas que se dirigiam a um balde do lixo.

— Que queres fazer agora? — perguntei.

Ela olhou para cima.

— Queres fumar erva e dar uma volta no Washington Square?

Ri-me.

— Estava a ver que nunca mais perguntavas.

— Vamos a isso, seu carochão. — Puxou-me pela mão e lá fomos. Um quarteirão à frente, ela tentou soltar a mão da minha, mas eu não deixei.

— Tens mãos pequeníssimas — disse eu.

Na esquina, quando parámos na passadeira, ela soltou a mão e ergueu-a no ar.

— Sim, são ossudas e feias.

— Gosto delas. — Quando o sinal para peões abriu, voltei a agarrar-lhe na mão e disse, — Anda lá, seu esqueleto. Toca a andar.

— Engraçadinho.

Deixou que fôssemos o resto do caminho de mãos dadas.

Passámos na residência para eu ir buscar a minha câmara. A Grace foi buscar uma manta e o charro mais fino que eu já vira. Ao sair, Daria, a monitora da nossa residência, interpelou-nos na receção.

— Aonde vão?

— Ao parque — respondeu a Grace. — Que estás a fazer aqui?

Daria enfiou na boca o último bocado de filete de peixe.

— Vai chegar muita gente hoje. Vão estar sempre a fazer-me perguntas, mais vale ficar aqui sentadinha. Já agora, queria falar contigo, Grace. Os teus ensaios de violoncelo ao serão fazem muito barulho. Nos primeiros dias, isto estava às moscas

e não houve problema, mas agora...

— A mim não me incomoda e moro no quarto ao lado — interrompi.

A Grace virou-se para mim e abanou a cabeça.

— Deixa estar. Está tudo bem. Vou tocar mais baixo, Daria.

Voltámos costas e saímos do edifício.

— Aquela Daria não parece um homem? Tipo o David Bowie ou assim?

A Grace fez uma careta.

— Sim, mas o David Bowie também parece uma mulher.

— É verdade. Se calhar, devias aprender a tocar umas músicas do Bowie para a Daria ficar contente.

— Sim, se calhar, devia.

No parque, ela estendeu a manta perto de um grande plátano e instalou-se com as costas apoiadas no tronco. Eu deitei-me de barriga para baixo, virado para ela. Observei como acendeu o charro, inalou e mo estendeu.

— Achas que há problema por estarmos aqui a fumar às claras?

— Não, estou sempre aqui batida.

— Sozinha?

— Muita gente do departamento de música costuma vir cá ter. — Ela deu uma longa passa e depois, olhando para cima, assustou-se e tossiu uma baforada de fumo. — Merda.

— Que foi? — Virei-me e vi um homem de trinta e poucos anos a caminhar na nossa direção. Trazia umas calças caqui e tinha uma fronte com entradas bem pronunciadas.

— Quem é? — perguntei, enquanto apagava o charro.

— É o Dan... quero dizer, o professor Pornsake. É um dos meus professores de música.

— Trata-lo por Dan?

— Foi ele que pediu. Não me parece que goste lá muito do apelido que lhe calhou.

— É compreensível.

Nervosa, sacudiu relva do colo e endireitou-se. Virei-me de lado, apoiei a cabeça na mão e olhei para o seu rosto. Ficara pedrada com a quantidade diminuta que fumáramos. Estreitou os olhos avermelhados, e sorriu de forma assustadora.

Desatei a rir.

— Oh, meu Deus, estás tão pedrada.

Ela fez uma tentativa de ficar séria.

— Não comeces! — disse ela, em jeito de repreensão. Incapazes de nos conter, tivemos um acesso de riso histérico, mas silencioso.

— Grace! — chamou o Dan, enquanto tentávamos manter a compostura. — Que bom ver-te aqui.

Ele tinha um bigode farfalhado que se movia teatralmente quando falava. Fiquei fixado nele e nem me dei conta que a Grace tinha feito as apresentações.

— Matthias? — Acotovelou-me.

— Oh, perdão, é um prazer conhecê-lo, professor. — Ergui-me e apertei-lhe a mão.

Ele devolveu-me um sorriso estranho.

— Então, de onde é que se conhecem?

— Ele vive no quarto ao lado do meu, na residência — explicou a Grace.

— Oh. — A expressão dele denotou uma certa desilusão.

— Bem, vou deixar-vos voltar ao que quer que estivessem a fazer. — Ele olhou diretamente para a Grace. — Porta-te bem.

A Grace parecia longe dali, perdida nos pensamentos, observando-o a afastar-se.

— Ele tem um fraquinho por ti, ou não? — Mudei de posição na manta.

— Não sei, mas aqui não posso pisar o risco. Já estou na corda bamba.

Puxei um fio que lhe saía da bainha do vestido.

— Obrigada — disse ela, aturdida.

— De nada.

Pestanejei algumas vezes e bocejei. Ela bateu no colo.

— Queres deitar a cabeça?

Virei-me de costas e deitei a cabeça nas suas coxas. Ela encostou-se novamente ao tronco e descontraíu, antes de começar distraidamente a afagar-me o cabelo.

— Ficámos amigos depressa — disse ela, de forma indolente.

— Pois foi, gosto de ti. És meio esquisita.

— Juro que ia dizer o mesmo de ti.

— Tiveste algum desgosto amoroso? É por isso que não namoras? Diz-me, por favor, que não estás caidinha pelo Pornsake?

Ela soltou uma gargalhada, procurando o charro.

— Porquê? Tens ciúmes?

— Ciúmes, eu? Não, a vida é tua. Quero dizer, se queres beijar aquele tipo e arriscar engolires restos de comida perdidos naquele bigode absurdo, força nisso.

— Ah, ah, ah! Não se passa nada com o Pornsake... Que nojo! E também não tive nenhum desgosto amoroso. Tenho de me concentrar na escola e ter boas notas, só isso.

Eu sabia que havia algo mais além da necessidade de manter o foco, mas não insisti. Apesar de mal nos conhecermos, ela já tinha passado um dia inteiro comigo e uma parte do dia anterior *sem* pensar na sua música, portanto, tinha de haver outro motivo. Até poderia ter pensado que ela não estava interessada em mim e que não queria dar sinais contraditórios, mas bem vi os olhares que me lançava e para onde os lançava.

Peguei na câmara, virei-a ao contrário e, com a lente a apontar para nós, cliquei três vezes.

6. Precisava de te conhecer

MATT

Uns dias depois, fui analisar os negativos à sala escura. Como não consegui descortinar a expressão da Grace numa das fotografias, ampliei-a para fazer uma impressão. Assim que a imagem começou a surgir, percebi de imediato que, em vez de olhar para a lente, os olhos da Grace estavam postos em mim, numa expressão de adoração. Isso colou-me um sorriso no rosto enquanto estive no laboratório. Peguei na foto revelada, depois de seca, e postei-me nos degraus exteriores da residência à espera de Grace. Enquanto esperava, tirei um cigarro de trás da orelha e acendi-o.

A Grace apareceu pouco depois, transportando o seu enorme estojo do violoncelo.

— Queres que o leve por ti? — perguntei, pondo-me de pé.

— Não, senta-te. Tens outro desses? — Apontou para o cigarro, sentando-se no degrau ao meu lado. Era final da tarde, mas ainda fazia calor. Eu tinha uma *T-shirt*, calças de ganga e estava descalço. Ela trazia uma blusa branca com decote em V e umas *Levi's* esfiapadas. A pele das pernas parecia macia e bronzeada. Ela levou dois dedos aos lábios, lembrando-me de que queria um cigarro.

— Só tenho este, mas partilhamos.

Passei-lho e depois peguei na fotografia que tinha revelado nesse dia.

— A nossa primeira foto juntos. — Na parte de baixo, tinha usado um lápis dermatográfico no papel em branco. Escrevera «BFFs», de modo que, depois da foto revelada, a inscrição surgisse em branco.

Ela riu-se.

— Melhores amigos para sempre? Já?

— Assim espero.

Sorri de orelha a orelha.

— Adoro. Vou guardá-la com carinho. Obrigada, Matt.

— Ensaiaste muito, hoje? — perguntei.

— Sim, estou estafada e faminta.

— A Daria pode aquecer-te um dos seus filetes, se quiseres.

A Grace torceu o nariz.

— Porque estará sempre a comer aquilo? É nojento.

— Talvez por ser barato.

— Por falar nisso... às quartas, costumo ir jantar a um sítio onde oferecem panquecas a quem for de pijama. Estás numa de tomar o pequeno-almoço ao jantar?

Dei uma gargalhada.

— Parece-me bem.

Ela levantou-se e pisou o cigarro.

— Fixe, vamos lá pôr os pijaminhas.

Vesti as calças do meu pijama de flanela, mas mantive a *T-shirt* branca. Calcei umas pantufas gigantescas que me faziam parecer o Pé Grande e fui até ao quarto da Grace. Empurrei a porta entreaberta e sustive a respiração. De costas voltadas para mim, ela estava de cuecas e sutiã. Engoli em seco e tentei obrigar-me a dar meia-volta e pirar-me antes que ela me visse, mas não consegui despegar os olhos da curva perfeita do seu rabo. As cuecas eram de algodão, brancas às florinhas, com um pequeno folho no cóis. O tecido enrodilhara numa nádega. Tive uma vontade irresistível de me ajoelhar e mordê-la ali mesmo. Senti o coração a acelerar e o pénis a latejar enquanto eu sustinha a respiração. *Porra!*

Sem reparar em mim, ela ergueu uma camisa de noite cor-de-rosa acima da cabeça e vestiu-a. Quando se virou, revelou um padrão de bolas brancas e um logótipo da *Hello Kitty* na parte da frente. Não consegui conter um sorriso rasgado.

Quando me viu, ficou imóvel.

— Há quanto tempo estás aí?

— Acabei de chegar — menti.

Os seus olhos desceram para as minhas calças. Sem lhe seguir o olhar, tentei ajeitar-me, o mais discretamente possível, de modo a ocultar o que se passava lá em baixo.

— Ah! — Ela baixou ainda mais o olhar para as minhas pantufas. — São o máximo.

Ri-me, aliviado por não ter sido apanhado.

— Este tal sítio é longe?

— Temos de apanhar o metro, é em Brooklyn. — Sentando-se no chão, ela

atou os atacadores dos *Converse* azuis.

Quando se dirigiu para a porta, pousei-lhe a mão no fundo das costas, com naturalidade. Ela parou e virou-se para mim, o seu rosto a míseros centímetros do meu.

— Queres levar a câmara? É um sítio digno de ser fotografado.

— Boa ideia.

Fui ao meu quarto, apanhei a câmara e depois fui ter ao rés do chão, onde a encontrei à conversa com um rapaz e uma rapariga, ambos de pijama.

— Matthias, esta é a Tatiana. Ela acompanha-me nas cordas. E este é o Brandon, o namorado dela.

Não esperava companhia, mas fiquei empolgado por conhecer os seus amigos. Estendi a mão e cumprimentei a Tatiana em primeiro lugar. Ela vestia um pijama vermelho de corpo inteiro e usava um boné de beisebol. Apesar de bonita, ao pé da Grace, parecia ter uma beleza vulgar. O Brandon vestia umas calças de fato de treino cinzentas com o logótipo da universidade. Era de estatura baixa, usava o cabelo escuro cortado à escovinha e óculos de aros finos. Rimos das fatiotas uns dos outros e saímos.

O restaurante era um *diner* típico que fazia lembrar a década de 1950, com cabinas vermelhas luzidias e pequenas estações de *jukebox* em cada mesa. A Grace correu para a cabina e começou a folhear o repertório de músicas.

— Adoro estas coisas.

A Tatiana e o Brandon sentaram-se à nossa frente, do outro lado da mesa, praticamente ao colo um do outro. A Tatiana tirou um cantil da bolsa.

— *Bailey's* e rum para os batidos de baunilha. É de chorar por mais.

Eu e a Grace soltámos sons de agrado.

— Há quanto tempo estão juntos? — perguntei.

— Três semanas — respondeu o Brandon, antes de se inclinar para beijar a Tatiana. Reparei que a Grace os observava com interesse acrescido.

Instintivamente, pousei a mão na coxa descoberta da Grace, na zona em que a camisa de noite havia subido. Ela não me rejeitou, mas também não reagiu. Quando movi a mão mais para cima, fez um gesto a pedir-me que a deixasse sair da cabina. Levantou-se e foi a dançar até à casa de banho, cantarolando a música que estava a dar no momento, *Please, Please, Please*, de James Brown.

— E então, Brandon, o que estudas?

— Música, mas mais na vertente da gravação e do lado comercial. E tu?

— Fotografia.

Ela apontou para a câmara em cima da mesa.

— Devia ter percebido.

— Tu e a Grace andam inseparáveis — comentou a Tatiana.

— Ela é literalmente a única pessoa que conheço aqui. Acabei de chegar a

Nova Iorque.

— Não foi o que quis dizer — retorquiu ela, com humor.

— Bem, quem é que não gosta da sua companhia?

— É verdade.

Quando a Grace regressou, empanturrámo-nos com panquecas e batidos de baunilha reforçados com *Bailey's*, enquanto a Grace ia cantando todas as músicas dos anos de 1950 que conhecia. Enquanto isso, eu estudava-lhe os movimentos e trejeitos.

— Cheiras a comida antes de a pores na boca — comentei com uma gargalhada.

— O quê? Não cheiro nada. — Ela franziu a testa, unindo as sobrancelhas.

A Tatiana também se riu.

— Pois cheira, embora seja um milésimo de segundo.

— Não é verdade — protestou a Grace.

— É adorável, confia em mim. — Pisquei-lhe o olho.

— É embaraçoso. Tenho esse hábito desde pequena.

Afaguei-lhe a parte de trás do cabelo.

— Eu disse que é adorável.

De faces rosadas, olhou para mim e sorriu.

Ao sairmos do *diner*, a Tatiana e o Brandon despediram-se e seguiram na direção oposta, para o cinema.

— Os teus amigos são simpáticos — disse eu.

— Pois são. Esta noite, não tiraram as mãos um do outro, não foi? Ainda bem para eles, acho.

— Espera, tenho uma ideia antes de entrarmos no metro. Trouxe um rolo a cores — disse eu, apontando para a câmara pendurada ao pescoço. — Quero fazer uma experiência.

Peguei-lhe na mão e puxei-a para as escadas de cimento que conduziam à passagem aérea do metro. Na estrada lá em baixo, o trânsito passava a toda a velocidade. Levei a Grace para um dos lados da passagem e prendi a faixa da câmara ao corrimão oposto. As luzes dos carros cintilavam atrás dela, recortando-lhe a silhueta. A bainha da camisa de dormir cor-de-rosa esvoaçava delicadamente.

— Vou ativar o temporizador e juntar-me a ti a correr. Só tens de olhar para a câmara sem te mexeres. A velocidade do obturador é muito lenta, por isso, a exposição vai ser prolongada. Tenta ficar o mais quieta que conseguires.

— Qual é o plano? — perguntou ela, observando-me a regular as definições.

— As luzes do trânsito, como estão em movimento, vão ficar desfocadas atrás de nós, mas se ficarmos quietinhos, saímos nítidos, assim como os edifícios ao fundo. Deve ficar mesmo fixe. O temporizador dura dez segundos; ouve-se um tiquetaque cada vez mais rápido até o obturador se abrir, e é nesse momento em

que convém estarmos mesmo imóveis.

— Estou pronta. — Ela tinha as pernas ligeiramente afastadas, como se estivesse prestes a dar um passo de dança. Pressionei o botão e juntei-me a ela. Sem olhar, agarrei-lhe na mão e fixei a lente da câmara. À medida que o temporizador ia acelerando, sentia os seus olhos postos em mim. Olhei para ela no último segundo. O obturador abriu-se e eu disse, sem mover os lábios: «Quieta.» Ela riu-se, mas continuou a olhar para mim com os olhos bem abertos e lacrimejantes, por causa do vento. Três segundos não parece muito tempo, mas quando se olha diretamente para os olhos de outra pessoa, é tempo que baste para fazer uma promessa silenciosa.

Quando o obturador se fechou, ela expirou profusamente e começou a rir.

— Parecia que nunca mais acabava.

— Ai foi? — perguntei, ainda sem tirar os olhos dela. Podia ter ficado assim a noite toda.

No caminho do metro até à residência, partilhámos metade de um charro.

— Tiveste muitos namorados no secundário?

— Não. Não houve tempo para isso. Tive de começar a trabalhar assim que fiz dezasseis anos para poder comprar um carro para levar os meus irmãos à escola.

— Onde trabalhaste?

— Na Häagen-Dazs, no centro comercial.

— Nham.

— Bem, no início foi mau, porque engordei, tipo, uns quatro quilos e acabei por enjoar o gelado de passas com rum. Deixei de conseguir tolerar o sabor. Trabalhei lá durante três anos até acabar o secundário. Ainda tenho um bom bíceps no braço direito, de tantos gelados que servi. Estou assimétrica. — Ela levantou o braço e fez músculo. Eu apertei-lhe o bracinho minúsculo entre os dedos antes de ela se soltar.

— Idiota.

— Bracinhos de esparguete.

— Estou em forma. Mostra-me lá os teus.

Fiz músculo. A sua pequena e delicada mão não conseguia sequer envolver-me o braço.

— Deveras impressionante. O que fazes para ter esse músculo?

— Tenho uma daquelas barras de elevações. É tudo o que faço, na verdade. E em Los Angeles fazia bastante *surf*.

— Tens saudades?

— Do *surf*, sobretudo.

Ela fez uma pausa.

— Merda, que horas são?

Olhei para o relógio.

— Nove e um quarto. Porquê?

— Queria estar de volta pelas nove e meia.

— O que acontece às nove e meia?

— Este vestido maravilhoso transforma-se num monte de farrapos.

Ela fez uma pirueta. Curvei-me e agarrei-a, lançando-a sobre o ombro.

— Oh, meu Deus, põe-me no chão!

— Não, minha princesa. Levá-la-ei de volta às nove e meia.

Irrompi pela porta da residência e corri escadas acima, com a Grace pendurada no ombro a esmurrar-me o rabo. Ouvi alguém dizer atrás de mim: «Meu, essa miúda está podre de bêbada.»

Pousei-a diante da porta do seu quarto, olhei para o relógio e ergui as mãos ao alto.

— Nove e vinte e nove, majestade.

Batemos com as palmas da mão uma na outra.

— Conseguiu! Parabéns, camarada.

Atrás da Grace, vislumbrei uma rapariga meio despida, com uma minissaia de ganga e saltos altos. A Grace virou-se para ver para onde eu estava a olhar. Quando se voltou de novo para mim, sorri-lhe com ar inocente.

— Gostas? Faz o teu género?

Encostei-me à porta e cruzei os braços ao peito.

— Nem por isso.

— Jogavas futebol em Los Angeles?

— Não.

— Com quantas raparigas estiveste? — A sua expressão ficou séria.

— É uma pergunta com rasteira?

— Só estou curiosa, porque és giro e...

— Tu és linda. Significa que estiveste com muita gente?

Ela bufou.

— Tudo bem, não respondas.

— Estive com algumas miúdas, Grace. Não foram muitas.

— Alguma vez estiveste com uma virgem?

Atirei a cabeça para trás e apercebi-me de que os lábios lhe tremiam e que arregalara os olhos.

— Não. Com uma virgem, nunca — respondi. Baixei a cabeça para que os nossos olhares se cruzassem, mas ela desviou o olhar, fixando-se nos sapatos.

Estive quase a perguntar-lhe se era virgem, mas já sabia a resposta e não queria envergonhá-la.

— Bem, tenho de ensaiar — disse ela.

— Espera um momento.

Corri ao meu quarto e remexi nas minhas coisas até encontrar *Surfer Rosa* &

Come on Pilgrim, dos Pixies.

— É um álbum excelente, um dos meus preferidos. A sétima faixa é a melhor. Ela leu o título.

— *Where Is My Mind?*

— Essa mesmo.

— Fixe. Obrigada, Matt. Olha, amanhã, depois das aulas... — hesitou —, tinha pensado ir estudar para o terraço.

— Hum-hum.

— Bom... queres juntar-te a mim? Podemos ouvir música.

— Sim, vamos a isso.

— Está bem, despacho-me às três. Preparo umas sanduíches?

— Parece-me ótimo.

Fiz um gesto a pedir um abraço. Enquanto ela me envolvia a cintura com os braços, eu beijei-lhe o topo da cabeça e senti o cheiro a lilases no cabelo.

Ela soltou-se e olhou para mim de lado.

— Acabaste de me dar um beijo na cabeça?

— Foi só um beijo amigável. Assim como este. — Curvei-me e beijei-lhe a face. Ela ficou quieta, de olhos muito abertos. — Boa noite, Grace.

— Boa noite, Matty — murmurou, enquanto eu regressava ao meu quarto.

A GRACE E EU encontrámo-nos praticamente todos os dias que se seguiram e rapidamente criámos uma rotina. Vendíamos sangue, íamos jantar de pijama e arranjávamos outras formas de poupar dinheiro. Estudávamos juntos e ela ensaiava enquanto a fotografava. O seu comprido cabelo louro caía-lhe para a cara quando tocava de forma arrebatada, sacudindo a cabeça para trás e para a frente acompanhando o movimento do arco. Esta cena rapidamente se tornou numa das minhas preferidas.

Durante todo o outono e início do inverno, a Grace e eu passámos muito tempo juntos, sobretudo na companhia dos seus amigos músicos. Apesar de a Grace e eu não formarmos um casal, agíamos como se fôssemos, pelo que o Brandon e a Tati nos consideravam um casal amigo. A Grace e a Tati arranjavam maneira de entrarmos sem pagar nos museus e chegaram a arrastar-me para uma sinfonia com entrada gratuita. A Tati e o Brandon ficaram entusiasmadíssimos por irem ouvir música clássica durante duas horas consecutivas, e eu convenci-me de que me iriam expulsar por estar de calças de ganga, mas fiquei surpreendido por ter gostado tanto e por o ambiente ter sido tão agradável.

Contudo, por mais que a Grace gostasse de música, empenhava-se em procurar coisas que também me interessassem. Enfiava, por baixo da porta do meu quarto, recortes de jornal sobre exposições de fotografia. Fazíamos tudo o que podíamos para sair daquela terrível residência e do odor penetrante dos panados de peixe que emanava do quarto da Daria.

Conhecem aqueles livros de viagens económicas, como *Havai para pelintras* ou *Nova Iorque sem gastar mais de cinco dólares por dia*? Juro por Deus que sobrevivemos apenas com dois dólares por dia. Envolveu muitos pacotes de massa instantânea e saltos por cima dos torniquetes nas estações de metro, mas virámos a cidade do avesso.

Nova Iorque tem uma energia que se enraíza em nós. Até mesmo alguém de fora, como eu, fica a conhecer os diferentes bairros como se fossem organismos vivos, que respiram. Não conheço outro lugar assim. A cidade torna-se uma personagem na nossa vida, um amor que cresce dentro de nós. O elemento misteriosamente humano acerca desta cidade pode arrebatá-nos o coração e despedaçá-lo ao mesmo tempo. Quando escutamos os seus sons, quando inspiramos o seu aroma, partilharmo-lo com todas as outras pessoas que caminham ao nosso lado na rua, no metro, ou que contemplam as vistas num edifício alto do outro lado do Central Park. Sabemos de imediato que estamos vivos e que a vida é bela, valiosa e fugaz. Julgo que seja por isso que as pessoas em Nova Iorque se sentem tão interligadas; a cidade capta este amor e admiração coletivos. A Grace e eu apaixonávamo-nos por ela, juntos.

Quase todas as tardes, ao longo dos meses que se seguiram, encontrava a Grace a estudar na sala de estar, à minha espera. A nossa amizade já alcançara um grau de conforto tal, que comportamentos como roçar-lhe o corpo de passagem, rodopiá-la, pegar-lhe na mão e levá-la às cavalitas se haviam normalizado. Por vezes, havia momentos mais calmos em que parecia que ela me queria beijar — e sabe Deus como eu queria que isso acontecesse, mas ela acabava sempre por quebrar o silêncio ou desviar o olhar. Eu não me importava, só queria estar perto dela. Dei por mim a perder o interesse noutras raparigas, e nem sequer olhava para elas.

— Caramba, já é tarde... — observou ela, numa das muitas noites que passámos juntos, sem que fizéssemos nada de especial.

— São duas da manhã — disse eu, olhando de relance para o relógio.

— Devia ir andando para o meu quarto.

A Grace estava deitada atravessada na minha cama, de barriga para baixo, com a cabeça dependurada sobre a borda. Tinha umas calças de fato de treino e uma *T-shirt* dos Sex Pistols, com o cabelo enrolado num carrapito desengonçado. Apesar de estarmos ambos exaustos, eu sabia que ela não tinha grande vontade de se ir embora.

— Espera, vamos jogar ao «Eu Nunca».

— Está bem. Começas tu — balbuciou ela.

— Eu nunca roubei.

Ela fez um ar triste por breves instantes e depois baixou um dedo.

— O que é que roubaste? — perguntei.

— Bem, umas quantas coisas. Tenho vergonha de te contar qual foi a pior de todas. — Ela rolou sobre ela própria e enterrou o rosto no edredão.

— Conta lá. Não te vou julgar.

— Roubei quarenta dólares à minha vizinha — balbuciou, falando para o edredão.

— Para quê? Diz-me lá. Faz parte do jogo.

— Já não gosto deste jogo.

Virei-a de modo que ficasse com a cara voltada para mim.

— Para quê?

Ela fitou-me nos olhos.

— Roubei-o para comprar o meu livro de finalista, pronto. Fui uma perfeita idiota e tenciono devolver-lhe o dinheiro.

Compadecei-me dela. Não me passava pela cabeça não poder pedir quarenta dólares aos meus pais. Ela tinha roubado dinheiro para comprar precisamente um livro de curso — algo que a maior parte das crianças toma como garantido. Que coisa tão triste.

— Joguemos a outra coisa — sugeri. — Que tal ao «Pinar, Casar, Matar»?

Aquilo animou-a.

— Está bem. As tuas são... deixa-me pensar, hum... a Courtney Love, a Pamela Anderson e a Jennifer Aniston.

— Que horror! Matar, matar, matar.

— A sério, seu psicopata, tens de responder. — Ela bateu-me na cabeça com a palma da mão.

— Tudo bem, matar a Courtney — essa é certa —, pinar com a Pamela e casar com a Jennifer. Pronto! Agora tu. O Bill Clinton, o Spike Lee e eu.

— Ah! Essa é fácil. Pinar com o Bill, casar com o Spike e matar-te a ti.

— És execrável.

— Ora, tu adoras-me. — Ela levantou-se, preparando-se para sair.

— Grace?

— Sim.

— Não é nada.

Queria perguntar-lhe o que havia entre nós; queria saber se poderíamos ser mais do que amigos. Virei costas e olhei pela janela.

Ela atirou-se para cima da cama e pôs-me um braço por cima dos ombros.

— Acho que casava contigo.

— A sério? Esperava que fosse algo do género: matar o Bill, casar com o Spike...

— Ah! — Ela inclinou-se e deu-me um beijo na face. — És um bom rapaz.

Queria um prémio pela incrível capacidade de autodomínio que demonstrara até esta parte. Crispei os lábios.

— Só isso?

— Andas à pesca?

— Não ando à pesca de nada, Grace. Às vezes, sinto que isto — acenei com a mão no espaço entre nós — não é natural.

— Isto o quê? Sermos amigos?

Ri-me.

— Sim, algo do género.

Esforcei-me por evitar a questão do sexo, embora desse com a Grace a observar-me sempre que trocava de camisola ou punha um cinto. Era difícil não pensar que ela sentia por mim o mesmo desejo que eu sentia por ela. E comecei a desenvolver secretamente um sentimento de posse em relação a ela. Podia ver como os homens a admiravam, sem que ela sequer se apercebesse, e aterrorizava-me a ideia de que se pudesse entregar a um banana insensível qualquer.

Ela levantou-se e dirigiu-se à saída, mas antes de a abrir, virou-se e encostou-se à porta, olhando para os pés.

— Não me pressiones. — Ergueu os olhos, fitando-me. — Está bem?

Não estava irritada; a sua expressão era sincera, quase como se implorasse.

— Não te pressionei.

— Eu sei. — Ela sorriu. — É por isso que gosto tanto de ti.

— Fizeram-te alguma coisa? É por isso que...

— Não, nada disso. A minha mãe teve-me aos dezoito. Não sei, acho que, de certa forma, lhe arruinei a vida.

— É horrível que ela te tenha feito sentir assim. — Levantei-me e aproximei-me dela.

— Ela não me fez sentir assim. Só não queria seguir o mesmo caminho. Sempre me pareceu que o meu pai ficou ressentido com ela. Não sei, Matt, acho que me foco muito nos estudos para me manter na linha. É por isso que não saio com ninguém. Mas gosto do que nós temos. Não há pressão.

— Percebo.

Independentemente do que ela dissesse, eu sabia que ela também sentia uma tensão crescente entre nós. Eu passava metade do tempo a tentar esconder uma ereção intensa, ao passo que ela evitava olhar fixamente para os meus braços. A quem queríamos enganar?

— Obrigada por entenderes.

— De nada. — Inclinei-me e beijei-a na cara. — És uma boa rapariga. — Senti-a estremecer e sussurrei — Se calhar, demasiado boa.

Ela empurrou-me e revirou os olhos.

— Boa noite, Matt.

Fiquei a vê-la a bambolear-se pelo corredor e gritei:

— Estás a sorrir! Sei que estás, Grace.

Sem se virar, ela fez o gesto de paz e amor.

7. Eras a minha musa

MATT

No dia seguinte, no laboratório, o professor Nelson analisou as minhas provas com um enorme sorriso.

— Matt, tens um dom natural. A tua composição é perfeita e original, não se assemelha a nada que tenha visto nos teus colegas. Adoro a granulação e como puxaste o filme. A que velocidade e regulação disparaste?

— Foi a quatrocentos e puxei o filme para 3200.

— Ótimo. Imagino os nervos no momento da revelação, não?

— É verdade.

— Esta ficou fantástica. És tu?

Sentado no chão, havia usado o temporizador para fotografar a Grace de pé, diante de mim. A única coisa que se via no enquadramento eram as suas pernas, logo abaixo da bainha do vestido de malha. Eu envolvia-lhe as pernas com os braços. Não dá para ver na foto, mas estava a beijar-lhe o joelho.

— Já pensaste em usar mais cor, fazer mais paisagens, enveredar por um estilo documentarista?

— Sim, por acaso, no outro dia tirei um rolo inteiro a cores, mas ainda não o revelei. É que gosto mesmo de a usar como motivo. — Apontei para a Grace.

— Ela é deslumbrante.

— Pois é.

— Sabes, Matt, odiaria ver-te desperdiçar as tuas competências e talento.

— Estou a considerar seguir fotografia publicitária.

Ele assentiu, mas não pareceu convencido.

— As tuas fotos revelam uma qualidade narrativa que não vejo com

frequência. Podemos falar sobre composição, enquadramento, contraste ou até mesmo impressão, mas acho que esta é a verdadeira marca de um artista, quando se é capaz de fazer uma afirmação sobre a humanidade numa única imagem bidimensional.

Fiquei um pouco embaraçado com o elogio, mas foi um alívio ouvir finalmente aquilo que eu já sabia: eu era bom naquilo.

— Nunca vou parar de fotografar. Só não sei como é que isso se traduz numa carreira.

— Tenho um amigo que trabalha na *National Geographic*. Todos os anos, ele apadrinha um estudante para o acompanhar numa digressão ao estrangeiro. Tens de te candidatar, mas julgo que tens boas hipóteses. A técnica já tu tens.

Fui apanhado de surpresa pela sugestão, mas ainda mais pela forma como, naquele momento, os meus objetivos se tornaram de repente claros como a água. Pensava que a *National Geographic* era um sonho irrealizável. Um daqueles sonhos de criança, como ser jogador profissional de beisebol ou o Presidente dos Estados Unidos. Para mim, viajar pelo mundo e tirar fotos representava o apogeu do sucesso, e mal podia acreditar que essa possibilidade, mesmo que fosse um simples estágio, me acabava de cair no colo.

— Estou interessado, sem dúvida.

Não sabia o que ia fazer quando me licenciasse, mas agora as coisas começavam a ganhar perspetiva.

Nesse dia, fiz uma impressão extra da foto e, durante o intervalo, enfiei-a debaixo da porta da Grace. No caminho de regresso às aulas, vi-a atravessar a rua a um quarteirão. Gritei o seu nome, mas ela não me ouviu. Quando me aproximei, vi-a entrar apressadamente numa clínica médica. Esperei com impaciência que os semáforos abrissem e atravessei a estrada a correr assim que o trânsito parou. Lá dentro, vasculhei cada piso até a encontrar no quinto andar, junto a uma mesa com café e donuts. Vestida com uma bata hospitalar, misturava natas para um pequeno copo descartável. Quando me aproximei, ela assustou-se.

— Que fazes aqui?

— Que fazes *tu* aqui?

— Por norma, o historial médico de uma pessoa é um assunto privado. — Ela agarrou num pequeno bolinho de massa frita. — Vai um bolinho?

— Não mudes de assunto. Estás doente, Grace? — Eu próprio fiquei doente com a ideia.

— Não, não estou doente. Inscrevi-me num estudo médico. Também queres participar?

— Vais deixar que te usem como cobaia em troca de donuts e café de graça?

— Pagam-me oitenta dólares por dia. É uma boa maquia.

— Perdeste o juízo, Grace? Que tipo de estudo é?

— Só tenho de tomar um medicamento e depois fazer o desmame e ver se surgem sintomas de abstinência.

— O quê? Nem pensar. — Abanei a cabeça, incrédulo. Agarrei-lhe nos ombros e virei-a na direção da cortina.

— Veste-te. Não vais fazer isto.

Olhei para baixo, para o ponto em que a bata hospitalar abria atrás. Ela ficava mesmo gira com aquelas cuecas às florinhas. Fechei a bata, sobrepondo as abas de ambos os lados, e ateí os laços.

Ela virou-se e encarou-me com os olhos verdes lacrimejantes.

— Tem de ser, Matt. Tenho de recuperar o meu violoncelo.

— Recuperar? Que estás a dizer?

— Penhorei-o para poder pagar o resto das propinas.

— E o empréstimo estudantil? E os subsídios?

— Tive de dar uma parte à minha mãe, porque a minha irmã mais nova precisou de tratar de um dente e não tinham dinheiro. — As lágrimas escorriam-lhe. Quando ergui a mão para as limpar, ela encolheu-se.

— Grace, não vou permitir que faças isso. Havemos de arranjar forma, prometo.

Parecia-me inconcebível que a Grace, uma estudante de música, tivesse de vender o violoncelo. Era-me difícil compreender o seu nível de desespero.

— Não compreendes.

— Então, explica-me.

Ela cruzou os braços.

— Tenho ajudado os meus pais. A situação deles é bem pior do que te disse, por isso, tenho-lhes enviado quase todo o dinheiro que recebi do empréstimo estudantil. Já me resta pouco este semestre, mas a minha mãe ligou-me e contou-me que iam ser despejados. Tinham dinheiro para pagar a renda, mas a minha irmã mais nova partiu um dente e, como já não podem pedir crédito, têm de pagar o tratamento em dinheiro. Não consigo imaginar a minha irmã a ir para a escola com o dente da frente partido.

Eu estava em choque, mas isso não significava que a Grace precisasse de participar em estudos médicos potencialmente perigosos.

— O problema não é teu.

— É a minha família. Li sobre este estudo e consigo reunir o dinheiro antes da próxima semana. Os pagamentos são feitos diariamente. Hei de reaver o violoncelo e tudo ficará bem. Mas tenho de fazer isto, Matt. Não é nada por aí além.

— É, sim, Grace. Não sabes as consequências desta medicação.

— Continuas sem perceber.

— Estou a tentar. Tenho algum dinheiro. Recuperarei o teu violoncelo.

Ela abanou a cabeça.

— Nem penses. Precisas dele para comprar rolos e papel fotográfico.

— Tenho que chegue. Não te preocupes. — A Grace odiava deixar-me ajudar. Queria ser independente. — Vai trocar de roupa. Tudo se há de compor.

Ela virou costas e arrastou-se para trás da cortina. Quando saiu, sorria de modo inseguro.

— Deves achar que sou louca.

— Gosto das tuas neuroses. — Pus-lhe um braço por cima do ombro. — Só não vou deixar que te usem como um rato de laboratório.

Ao passar pela mesa das bebidas, sacou uma mão-cheia de pacotinhos de natas do boião e enfiou-os na bolsa. Roubava pacotinhos de natas em todo o lado, os quais depois misturava com água para juntar aos cereais. Sorri-lhe e abanei a cabeça. Num tom de voz pateta, disse-me:

— Preciso de reabastecer a despensa.

Sáímos a rir, com os ânimos melhorados. No entanto, incomodava-me pensar que a Grace enviava dinheiro à família para depois o pai o esbanjar em cerveja.

Fomos ao banco e levantei os últimos trezentos dólares que me restavam. Não lhe contei que, na verdade, fiquei com oito cêntimos de saldo negativo na conta. Ela levou-me à loja de penhores onde deixara o violoncelo, e fomos recebidos por um homem de meia-idade que estava atrás do balcão.

— Olá, Grace — cumprimentou ele.

Lancei à Grace um olhar de desaprovação.

— Ele conhece-te? — sussurrei.

Ela franziu o sobrolho.

— Mais ou menos.

— Vieste buscar o teu violoncelo?

— Sim.

Entreguei os trezentos dólares ao homem. Ele foi às traseiras e regressou instantes depois com o enorme estojo do instrumento. A Grace tratou da papelada e saímos. Cá fora, virei-me para ela.

— Espera aqui, já volto.

Entrei novamente na loja e pedi ao homem uma tira de papel.

— Este é o meu número. Peço-lhe que não deixe a Grace penhorar o violoncelo de novo. Ela é uma instrumentista extraordinária e precisa dele para estudar. Ligue-me e virei cá tratar do assunto.

Nessa noite, depois de a Grace se ir deitar, esgueirei-me à cabina na sala de estar e liguei ao meu pai, a pagar no destino.

— Filho?

— Olá, pai.

— Viva. Tens feito um brilharete na NYU? — Ouvia-se o sarcasmo em cada

sílaba. Ele nunca foi muito bom a disfarçar o desprezo.

— Liguei-te, porque uma amiga precisa de ajuda e pensei se não me poderias adiantar algum dinheiro para eu lhe emprestar. — O meu orgulho tinha ido pelo cano. Fechei os olhos e esperei pela resposta.

— Isto é por causa de uma rapariga? Namorada?

— Não, pai. Não é nada disso.

— Meteste alguma rapariga em sarilhos? É o que me estás a dizer?

Respirei fundo.

— É a minha melhor amiga aqui e não tem qualquer ajuda financeira. Não é como eu e o Alex. É praticamente ela que paga o curso. É música e precisa de um novo violoncelo, mas não tem dinheiro.

Tive de mentir um pouco; não queria entrar em detalhes.

— Sabes que tenho o casamento do teu irmão para pagar.

— Não são os pais da Monica que pagam o casamento?

— Bem, queríamos proporcionar-lhes uma boa festa de noivado, além de que temos o jantar de ensaio, com bar aberto e...

— Tudo bem, pai. Não há problema.

Seguiu-se um momento de silêncio.

— Bem, pelo menos, comesas a valorizar o que fizemos por ti. De quanto precisas, filho?

— Uns trezentos dólares.

— Faço a transferência amanhã. Estou disposto a ajudar-te, Matthias. Não é lá porque escolheste o futuro mais difícil possível...

Ri-me. Ele não conseguia conter-se.

— Quando arranjar emprego, pago-te de volta. Obrigada, pai. — Desliguei.

Por mais doloroso que fosse telefonar-lhe, estava-me marimbando; só conseguia pensar no esforço da Grace, em todos os sacrifícios que fazia apenas para tocar a sua música. Ela acreditava naquilo, tinha fé de que valeria a pena, e o que é da fé se se esgotar? A Grace ensinara-me isto: a ter fé em mim e na minha arte.

Eu já tinha sentimentos pela Grace ainda antes de lhes conseguir dar um nome. Poderei ter dito a palavra certa um milhão de vezes, mas agora que sentia o que dizia, soava de modo diferente. Quando pensava no que existia entre nós, não importava que fosse só amizade. Eu amava-a.

8. Mudaste-me

GRACE

Apesar de já dominar a arte de correr com um gigantesco estojo de violoncelo às costas, voltei a atrasar-me para a aula na manhã seguinte. Felizmente, o professor Pornsake gostava de mim, e as suas aulas eram canja, mas não por, como a Tatiana sugeriu, eu ser a queridinha do professor. Eu só tinha de tocar violoncelo, que era a única coisa que fazia bem. Na maior parte dos dias, fechava os olhos, esquecia tudo o resto e refugiava-me na música. Mas aquela sexta-feira foi diferente.

— Estás novamente atrasada, Graceland.

— Grace — corrigi-o, tirando o violoncelo e o arco do estojo.

Do arco, pendiam vários fios partidos, e tentei puxá-los, enquanto o Dan cirandava à minha volta nas suas calças caqui, o cinto demasiado subido e o polo laranja dois tamanhos abaixo. Lancei-lhe um olhar contrariado, mostrando-lhe que aquela atenção desnecessária me estava a irritar.

— Sim? — perguntei.

Ele tirou-me o arco da mão e inspecionou-o.

— Isto é *nylon*.

— Eu sei.

— És a violoncelista principal, Grace. Arranja um arco de qualidade. Porque é que usas esta porcaria? — Uma parte do bigode espetou-se-lhe por cima do lábio superior e mexia-se a cada sílaba.

— Sou a favor do bem-estar animal. Não uso arcos feitos com crinas de cavalo. Na cadeira à minha frente, a Tatiana sacudia o corpo de riso.

O Pornsake sorriu de forma afetada.

— Vamos lá. A sério?

Bufei.

— Esta semana, compro um arco novo. — Embora estivesse falida, ele tinha razão: os arcos de *nylon* não prestavam.

— Boa decisão. Muito bem, malta, vamos começar com *Cânone em Ré Maior*, de Pachelbel.

A Tatiana suspirou de forma audível. Estávamos tão fartos de tocar aquela música. Era como se o professor nos estivesse a preparar para integrarmos um daqueles quartetos de cordas que tocam em casamentos. *Cânone em Ré Maior*, de Pachelbel, *Suite Em Fá Maior (Música Aquática)*, de Händel, e *Marcha Nupcial*, de Mendelssohn, estavam de tal modo entranhadas na nossa mente e nos nossos músculos que comecei literalmente a acreditar que interferiam com a minha capacidade de tocar outras composições.

O Pornsake dirigiu-se para a parte da frente da sala e começou a contagem decrescente a partir do três. Dei um pontapé na cadeira da Tati e murmurei: «Ao estilo irlandês.» Começámos a tocar da forma tradicional e então fomos aumentando o ritmo aos poucos, despistando toda a gente. Muitos pararam de tocar e ficaram simplesmente especados a olhar para nós, à medida que eu e a Tati transformávamos a peça clássica numa dança popular irlandesa. Os colegas com sentido de humor pousaram os instrumentos e começaram a bater palmas ao som da batida, e alguns tentaram inclusivamente acompanhar-nos com os seus instrumentos. No fim, tivemos direito a uma breve ronda de aplausos, contudo, o professor Pornsake permaneceu imóvel como uma estátua, de braços cruzados.

— Muito giro. As duas talvez possam vir a ser artistas de rua. Sabe Deus como Nova Iorque precisa de mais gente a tocar na rua.

Eu fiquei calada, porque já andava a abusar, mas a Tatiana respondeu pelas duas.

— Professor Porn... Sake...² — Levei a mão à boca para conter o riso, enquanto a Tati prosseguiu, sem se desmanchar. — Às vezes, é preciso variar um pouco.

Ele abanou a cabeça durante uns cinco segundos seguidos, como aqueles bonecos que não param de balançar a cabeça.

— Tudo bem. Seja como for, hoje não estou pelos ajustes. Estão dispensados. Vão para o parque ensaiar e espairecer. Amanhã, retomamos onde ficámos.

Baixei-me para abrir o estojo, festejando interiormente, até voltar a sentir a presença do Pornsake.

— Exceto tu, Grace. Tu ficas.

Fiquei paralisada na cadeira, com os olhos pespegados aos seus sapatos de vela beges. Senti o estômago às voltas, questionando-me se ele se iria atirar a mim assim que os restantes saíssem.

Cruzando as pernas e os braços, reclinei-me na fria cadeira de metal e esperei que os outros estudantes arrumassem as coisas. A Tati virou-se e olhou-me de

modo inexpressivo. Apanhando o cabelo castanho frisado num rabo-de-cavalo, murmurou-me:

— Porque é que ele quer que fiques?

Encolhi os ombros.

— Não faço ideia.

— Ei, tu e o Matt querem sair hoje à noite? O Brandon está com vontade de apanhar uma piela.

— Porque é que assumas sempre que estarei com o Matt? Nós não andamos.

Ela revirou os olhos.

— Eu sei, eu sei, tu não namoras. Assumo que estarás com o Matt, porque andam sempre juntos.

— Na verdade, preciso de estudar. Esta noite, fico em casa. Mas o Matt é livre de fazer o que quiser.

Aparentemente, toda a gente pensava que eu e Matt éramos um casal. Começava a sentir a pressão de me candidatar à pós-graduação, que me parecia o passo lógico seguinte, mas, no que respeitava ao Matt, era como se não tivesse controlo sobre mim própria. Queria passar cada segundo do dia com ele, mas as minhas notas começavam a ressentir-se e os meus disparates poderiam custar-me a posição de violoncelista principal.

— Porque é que vocês os dois não vão logo para a cama e despacham o assunto de uma vez?

Nesse preciso momento, o Pornsake aproximou-se.

— Bem, Tatiana, é uma bênção e, francamente, um milagre que essa tua vulgaridade ainda não se tenha imiscuído no teu ofício.

O Pornsake e a conversa do ofício. A Tatiana era uma música fenomenal, mas assim que pousava o violino, perdia toda e qualquer classe. Tinha ar de durona dos subúrbios.

— Obrigada, stor, vou aceitar isso como um elogio. Adeusinho, Grace. — Ela pegou no seu estojo e, ao sair, virou-se para trás e gritou: — Vai ter comigo esta noite, depois do pinanço com o Matthias.

O Pornsake fixou-me, sem expressão.

— Queres vir dar uma volta?

Pareceu-me uma boa opção, ir para um lugar público.

— Claro. — Levantei-me e segui-o para o exterior. Ele caminhava mais depressa do que o normal, o que me deixou rapidamente sem fôlego, tentando acompanhá-lo com o estojo às costas.

— Aonde vamos?

— Já verás. É já ali em baixo.

Percorremos quatro quarteirões até chegarmos à esquina de um pequeno edifício com fachada de tijoleira. Diante de nós, estava uma loja de música. Não

havia placas a anunciar, mas dava para ver os instrumentos através da porta de vidro.

— Esta é a loja do Orvin, o melhor fabricante de arcos do planeta.

Cerrei os maxilares e inspirei fundo.

— Professor...

— Trata-me por Dan, por favor.

— Dan... não posso pagar um arco novo. Ia mandar trocar as cordas ao meu.

Ele assentiu de modo compreensivo.

— Grace, não costumo fazer este tipo de coisas pelos meus estudantes, mas quero fazê-lo por ti.

— O que quer dizer com isso?

— Vou comprar-te um arco, porque és muito talentosa. Adoro a forma como tocas e tens aí um ótimo instrumento. — Ele olhou de relance para o meu estojo.

— E o teu arco tem de ser igualmente bom.

Enquanto ele esperava pela resposta, observei como os seus olhos se enrugavam nos lados quando sorria e, pela primeira vez, detetei charme nas suas feições bem-humoradas.

— Está bem — respondi.

— Anda, tens de conhecer este homem. — Ele abriu a porta e fez um gesto para me deixar passar. Atrás do balcão, estava um homem pequeno, que teria pelo menos setenta anos, e com uns fios de cabelo grisalho que brotavam de forma desordenada de ambos os lados da cabeça.

— Daniel, meu rapaz — disse ele, com um sotaque alemão cerrado. — Quem trazes aí?

— Orvin, esta é a minha estudante mais talentosa, a Grace. — *Uau, a sério? Não fazia ideia.*

Pousei o violoncelo, inclinei-me sobre o balcão e dei-lhe um passou-bem. Ele envolveu a minha mão com a sua durante uns segundos, inspecionando-a.

— Pequena e delicada para uma violoncelista, mas parece-me forte.

— Sim. A Grace precisa de um arco novo, e gostaria que ela tivesse o melhor.

— Com certeza, tenho uma coisa que se adequa na perfeição.

O homem dirigiu-se à sala dos fundos e voltou com o mais belo arco que eu já vira. Entregou-mo, e a madeira macia na base era como manteiga nos meus dedos.

— Uau, é tão macio.

— É de pau-brasil e prata de lei, feito com as melhores crinas de cavalo — disse o Dan.

O Orvin assentiu. Instantes depois, o Dan sacou do livro de cheques do bolso de trás, olhou para o Orvin e arqueou as sobrancelhas.

— Mil e cem — disse o Orvin.

— O quê? — perguntei, elevando o tom de voz, mas não obtive resposta.

— Volto já — disse o Orvin, entrando na sala dos fundos e regressando pouco depois com o arco embrulhado.

O Dan passou-lhe um cheque, pegou no arco e olhou para mim.

— Pronta?

Olhei para ele, com incredulidade estampada no rosto.

— Está a gozar comigo, certo? Acabou de me comprar um arco de mil e cem dólares?

— Considera-o um investimento. Vamos.

Lá fora, ele fez uma tentativa de me dar o embrulho com o arco.

— Não posso aceitar, Dan, a sério. Jamais poderei pagar-lho de volta. Mal tenho dinheiro para comer.

— Então, deixa-me levar-te a jantar — disse ele, sem hesitar.

Fitei-o, pestanejando várias vezes, enquanto ele aguardava uma resposta.

— Eu...

— Não é um encontro amoroso, Grace.

— Mas parece. — Eu hesitava aceitar; ainda não tinha a certeza do que o Dan queria de mim.

— É só uma refeição. Podemos falar sobre a orquestra que vou formar no verão. Queria que fizesses parte.

— Está bem. Hum...

— Anda lá. Por favor?

O meu professor de música da universidade estava a implorar-me para me levar a jantar. Procurei outros indícios de ter sido transportada para um universo paralelo.

— A que horas?

— Vou buscar-te à residência às sete. Gostas de comida tailandesa?

— É claro.

— Há um restaurante bastante bom a dois quarteirões da tua residência.

— Sei qual é. Encontramo-nos lá.

O restaurante era mesmo em frente à loja de fotografia onde o Matt começara recentemente a trabalhar. Torci para que não nos encontrássemos.

Quando voltei à residência, fazia um frio de rachar. Atravessei o átrio a correr até ao meu quarto e ensaiei algumas horas com o meu novo arco. Era incrível como melhorava a qualidade do som. Amplificava a música ainda mais, enchendo o quarto com notas límpidas.

Por volta das seis, já estava faminta e, para ser honesta, ansiava pelo jantar com o Pornsake, embora soubesse que iria ser confrangedor. O meu plano era comer à pala e manter a conversa superficial. Escolhi uns corsários de lã roxos e uma camisola comprida cinzenta, com botas. Apanhei o cabelo num coque e depois enrolei um grosso cachecol preto à volta do pescoço. Passei um pouco de rímel e

gloss, para ficar com um ar apresentável, e depois fumei meio charro, apesar de o meu instinto me dizer que não o fizesse. Afinal, ir jantar com o meu professor de música justificava uma pequena alteração química da mente. Desci as escadas a correr até à sala de estar, onde preparei um chocolate quente.

A Carey Carmichael e o Jason Wheeler, dois estudantes que viviam no meu andar, estavam sentados no sofá de couro, aos cochichos.

— Olá, Grace, onde está o Matt? — quis saber a Carey.

Remexi na pilha de revistas em cima da cómoda atrás do sofá.

— Imagino que esteja a revelar negativos na sala escura do laboratório.

Reparei no olhar inquiridor que a Carey lançou ao Jason.

O Jason virou-se, e ficou de frente para mim.

— Então, vocês andam ou quê?

Isto de novo, não.

— Somos amigos — disse, de forma cautelosa. — Porquê?

— Oh, por nada — disse a Carey, a rir. — Pensávamos que vocês estivessem oficialmente juntos.

— E se estivéssemos? — *E porque é que isto interessa às pessoas?*

— Mas não estão — disse a Carey. Fulminei-a com o olhar. Nunca reparara que ela parecia a versão feminina do Danny Bonaduce.

— E se estivéssemos? — repeti, numa tentativa de transmitir indiferença.

— Toda a gente sabe que, às sextas-feiras, no laboratório fotográfico do *campus*, há uma festa de arromba. Todos bebem às escondidas e comem-se uns aos outros nas salas escuras. É uma gigantesca orgia de celuloide.

Fiquei de queixo caído. O Matt ia para as salas escuras todas as sextas-feiras e voltava sempre um pouco embriagado e pedrado.

— Não é bem uma orgia — corrigiu a Carey, ao ver a minha expressão. — A malta só dá umas curtes. Sabes como são estes estudantes de fotografia. Correm boatos de que fazem sexo nas salas escuras.

Aquilo era novidade para mim. O Matt nunca fizera comentários nesse sentido. Tão-pouco sabia porque é que isso me importava. A vida era dele, e eu não estava numa posição de lhe dizer como a viver.

— Carey — disse o Jason, lançando-lhe um olhar contundente —, com certeza que o Matt não vai lá só para revelar negativos.

Senti como se me tivessem dado um soco no estômago.

— Vai-te lixar, Jason.

— Qual é o problema, Grace? És alguma santinha?

— Não há problema nenhum. — Olhei para o relógio. Eram quase sete. — Tenho de ir.

9. Porque é que não falámos um com o outro?

GRACE

Fora da residência, o ar atingiu-me como uma rajada de vento do Ártico. Chegava o inverno. Corri para o semáforo, premi o botão da passadeira, olhei para o outro lado da estrada e fiquei petrificada. Do outro lado, estava o Matt, a olhar para mim. Trazia uma *T-shirt* preta por cima de uma camisola térmica cinzenta de manga comprida, calças de ganga e botas. O tempo pedia casaco e, observando-o do outro lado da estrada, com as mãos agarradas às alças da mochila, podia jurar que tremia.

O meu coração falhou uma batida; engoli em seco. Ele sorriu e não pude evitar retribuir o sorriso, embora lhe quisesse fazer mil perguntas que não podia. A vida era dele e nós éramos só amigos. Quando o sinal abriu, caminhámos na direção um do outro e encontrámo-nos a meio da passadeira.

— Onde vais? — perguntou.

— Jantar.

Os seus olhos fugiram para o meu corpo, antes de reencontrarem os meus.

Havia três meses que nos conhecíamos, e raramente usara algo mais elegante do que calças de fato de treino e batom para o cíeiro. A sua expressão transparecia desejo.

— Deixa-me acompanhar-te.

Começou a bater os dentes, o que atraiu a minha atenção para os seus lábios carnudos e a barba por fazer. Apeteceu-me esfregar a minha cara na dele.

Os semáforos estavam prestes a mudar, e tínhamos de sair do meio da estrada.

— Estás a tremer de frio, Matt. Vai para casa, eu fico bem.

Atravessámos a estrada depressa, ombro com ombro.

— Aonde vais jantar?

— Ao tailandês da esquina.

Ele tinha as mãos enfiadas nos bolsos e os braços cingidos ao corpo.

— Posso levar-te lá.

— Não preciso que me leves a um sítio que fica a dois quarteirões, Matt. Eu fico bem.

Uma careta subtil assombrou-lhe o rosto e depois deu um passo na minha direção, estendeu a mão e acariciou-me a face, os nossos corpos a centímetros de distância. Soltou um suspiro débil e frustrado.

— Com quem vais jantar?... Grace?

Espreitei por cima do ombro do Matt e vi o Dan parado com uma expressão insondável no rosto. O Matt virou-se e depois voltou-se de novo para mim, de sobrancelhas arqueadas.

— Com o Pornsake? — Não gostei do tom de gozo na sua voz.

Empurrei-o.

— Vai-te lixar, Matt. De certeza que arranjas com quem te entreteres. Não há nenhuma grande orgia na sala escura a que precisas de ir?

— O quê?

— O teu hálito cheira a rum.

— E depois? Bebi um *shot* com um colega. Vim a casa ver se querias fazer alguma coisa.

— Não posso. Tenho planos. Adeus, Matt. — Virei costas e não olhei para trás.

O Dan acenou sem convicção e exibiu um sorriso amigável ao Matt. Não queria olhar para a cara do Matt, por isso puxei o meu professor pelo braço e caminhei em direção ao restaurante.

Lá dentro, o Dan puxou uma cadeira para me sentar. Foi amável e cavalheiresco, oferecendo-se para escolher o vinho. Passámos a primeira hora do jantar a fazer conversa fiada sobre a orquestra que tencionava formar antes de o verão começar. Tinha planos para deixar a NYU e seguir o sonho de criar uma orquestra itinerante.

La deixando cair a máscara de professor, e o seu entusiasmo por música dava-me a sensação de estar à conversa com um colega, não com um professor. Rimos bastante e a conversa fluiu facilmente. Havia algo nele, a sua maturidade e experiência, que o tornava atraente aos meus olhos pela primeira vez.

— Andas com o Matt? — perguntou.

Vi-me obrigada a tomar uma decisão naquele momento. Não era meu hábito mentir, mas não queria dar falsas esperanças ao Dan, pois intuía a razão daquela pergunta.

— Bem, é complicado.

Ele olhou para as suas mãos irrequietas.

— Esta manhã, ouvi a Tatiana dizer uma coisa...

— Eu gosto do Matt — desembuchei. Isto não era mentira.

— Faz todo o sentido.

— O que quer dizer? — Não tinha a certeza se ele achava que eu e o Matt ficaríamos bem juntos ou se se tratava de uma afirmação geral sobre namorar na universidade.

— Raparigas como tu escolhem sempre rapazes como o Matt. — Aquilo chateou-me. Não gostei que ele assumisse que sabia alguma coisa sobre o Matt, embora, naquele momento, a minha opinião sobre o Matt não fosse muito melhor.

— Parece que voltámos à escola primária, Dan. — De repente, fiquei na defensiva. — Certas meninas estão guardadas para um determinado tipo de meninos? — Semicerrei os olhos e inclinei-me para a frente. — Espere, foi por isso que me comprou um arco e me trouxe a jantar. Achava que me iria enfiar consigo na cama?

Ele ergueu a mão para me interromper.

— Espera aí. Antes que te deixes levar pela imaginação, a resposta é não. Não quero dormir contigo. — Ele olhou para o teto e inclinou a cabeça. — Bom, na verdade...

— Esqueça. — Preparei-me para me levantar.

— Deixa-te disso, Grace. O que estou a tentar dizer é que universitários como o Matt só têm uma coisa em mente, percebes? Já fui como ele; sei como as coisas são. Comprei-te o arco, porque quero que o tenhas. Convidei-te para jantar, porque gosto de conversar contigo. As coisas não são sempre a preto-e-branco, como as pintamos quando somos jovens. Tenho quase dez anos a mais do que tu, mas se já aprendi alguma coisa foi que há muitas zonas cinzentas. Ir jantar com um homem não tem de ser uma questão de sexo.

Engoli em seco, mas continuei muda. Ele estendeu a mão e agarrou na minha mão do outro lado da mesa.

— Está bem?

— Está bem.

O resto da refeição foi passado em silêncio.

Depois do jantar, ele acompanhou-me até à residência sem tentar qualquer tipo de aproximação física. Agradei-lhe pelo arco e pelo jantar e despedi-me. Quando abri a porta do átrio, ouvi de imediato os Operation Ivy a tocar bem alto na aparelhagem da sala de estar, o que me pôs logo em estado de alerta. Ouvi várias vozes a rir e a conversar e, ao virar a esquina, avistei o Matt no sofá abraçado a uma rapariga que era a cara chapada da Rachel de *Friends*. Ao ver-me, o Matt ergueu um copo pequenino com um líquido castanho e gritou «*Body shots!*!»³ Enfiou um quarto de limão na boca da rapariga, salpicou-lhe sal sobre o decote e

depois — não estou a gozar — *sorriu-me* antes de lhe lamber a parte de cima dos seios. Bebeu o *shot* de um trago e depois pespegou-lhe um beijo.

Só tomei consciência da existência de outras pessoas na sala quando me obriguei a desviar a atenção daquela cena, que me estava a deixar nauseada. Todos se divertiam à brava.

O Matt, que, entretanto, conseguira libertar a boca, observava-me.

— Queres um? — Levantou uma garrafa de tequila.

Mostrei-lhe o dedo do meio e comecei a andar em direção às escadas, mas ele alcançou-me num ápice.

— Como foi o teu encontro com o Pornsake?

Nem sequer me voltei.

— Não foi um encontro. Foi só jantar.

— Certo, Grace. Como quiseres.

Quando cheguei ao patamar superior, rodopiei no ar sem conter a raiva.

— E se te dissesse que fiz sexo com ele?

— Diria que é mentira.

Dava para ver que ele tinha bebido bastante e já não tinha travão.

— Fiz-lhe um broche na casa de banho do tailandês, em jeito de agradecimento por me ter comprado o arco para o violoncelo.

Ele franziu os lábios, procurando os meus olhos.

— Ai, sim? Então, porque não vens curtir com os meus amigos? Miúdas adeptas de broches fazem sempre falta.

— Muito bem, vamos lá. — Passei por ele e desci os degraus. Desconcertado, o Matt ficou colado às escadas durante uns instantes, mas depois veio atrás de mim.

Na sala, agarrei na garrafa de tequila, emborquei uns goles e, em seguida, fui ter com um rapaz alto, de cabelo comprido louro.

— Sou a Grace. — Estendi a mão.

— Olá, Grace — disse ele, apertando a minha mão com delicadeza. — És a Grace do Matt?

Bufei.

— Não sou a Grace de ninguém. — Entreguei-lhe a garrafa e olhei em volta, vendo o Matt no sofá, desta vez sozinho, observando-me.

Ao fim de uma hora a beber e a fumar ganzas, comecei a perder a noção. A Rachel de *Friends* voltara e o meu amigo louro aproveitava a conversa para se aproximar cada vez mais de mim. Ainda assim, o Matt não tirava os olhos de mim.

— Queres ir para o meu quarto? — perguntou o meu amigo louro.

— Pode ser.

Ele puxou-me para as escadas. Chegados ao primeiro andar, empurrou-me

contra a parede e tentou beijar-me. Virei a cabeça.

— Não.

Ele riu-se.

— O que achas que vamos fazer no meu quarto?

— Conversar? — disse eu, corando que nem um tomate.

Ele atirou a cabeça para trás.

— Então, estás só numa de provocar?

— Já chega. — O Matt pôs uma mão na nuca do rapaz louro de forma amigável, mas assertiva.

— Ela está podre de bêbada, meu. Queres mesmo ir para a cama com uma tipa neste estado? Está toda estragada, pá.

Fiz cara feia.

— Tens razão. — O rapaz louro revirou os olhos na minha direção e depois correu escadas abaixo, regressando à sala de estar.

Deixei-me cair nos braços do Matt por pura exaustão. Só queria que as coisas entre nós voltassem ao normal. Queria que o Matt me contasse tudo e voltasse a ser o meu melhor amigo, mas receava de que algo tivesse mudado entre nós no decurso de um só dia. Ele apertou-me contra si e sussurrou-me junto à orelha:

— Qual é a tua, minha querida?

Comecei a chorar. Admito que a parte do choro foi foleira, mas, de um ponto de vista emocional, sentia-me um autêntico farrapo devido ao álcool, à ganza e ao meu comportamento idiota.

— Tens nojo de mim?

— O que estás para aí a dizer?

— Disseste àquele gajo «Queres mesmo ir para a cama com uma tipa neste estado?» O que raio quiseste dizer com *aquilo*?

— Grace, tu mal consegues manter os olhos abertos. Está a cair de pedrada e bêbada. Conheço aquele tipo e sei que, provavelmente, lhe seria igual ao litro se lhe desmaiasse para cima; iria aproveitar-se de ti à mesma.

Enterrei o rosto nas mãos e redobrei o choro. A pequena quantidade de rímel que pusera escorria-me agora profusamente pela face.

— Anda. Vamos esquecer esta trapalhada. — Puxou-me escadas acima.

Já no meu quarto, atirei as chaves para a secretária e fui aos tropeções até à casa de banho. Ouvi o Matt a pôr um CD de U2 na aparelhagem.

Quando estávamos só os dois, era como se estivesse tudo bem e pudéssemos ser nós próprios. Não havia necessidade de discutir. Mas lá fora, no mundo real...

Saí da casa de banho e encontrei-o a mexer no termóstato.

— Está um forno. Que raio se passa com o aquecimento?

— Pedi ontem à Daria que chamasse a assistência. — A caldeira no corredor estava avariada, podia desligar-se durante três dias seguidos, e depois começar a

trabalhar de repente sem haver forma de a parar. Viver em edifícios antigos na cidade de Nova Iorque tinha destas coisas.

Fiz menção de despir os corsários.

— Vira-te — ordenei, mas ele continuou a observar-me. — Vira-te, vou trocar de roupa.

Por fim, lá se virou, contrariado. Enfiei um vestido veranil às flores que estava no topo de uma pilha de roupa em cima da cama e depois sentei-me no chão a ver o Matt descalçar-se, atirando os sapatos ao ar com um pontapé. Sem tirar as meias, deslizou pelo chão de madeira e tentou abrir a janela.

— O quarto vai refrescar num instante.

Ele virou-se e viu que eu não tinha mais nada a tapar-me além do minúsculo vestido de alcinhas. Então, despiu a sua *T-shirt*. Vê-lo em tronco nu deixava-me sempre sem fôlego. Os seus ombros eram largos, mas a cintura, estreita, e usava as calças de ganga descaídas, deixando por vezes os *boxers* à mostra. Nessa noite, não parecia ter *boxers*, e usava o cinto de atacadores que eu improvisara.

— Para onde estás a olhar? — Caminhou até mim, com um sorriso pateta.

— Não te armes. Estava a olhar para o teu cinto à maneira.

— Claro que estavas. — Ele pegou na garrafa de tequila em cima da estante, deu um gole e passou-ma, mas eu recusei. Não conseguia beber nem mais uma gota. — O meu outro cinto estragou-se. A minha mãe vai fazer-me um novo quando for a casa nas férias.

— Ela faz cintos?

— Sim, é muito habilidosa.

— Como é que os faz?

— Usa umas ferramentas metálicas pequenas para desenhar padrões no couro. — Ele apontou para a alça de couro da câmara que, na noite anterior, deixara na minha mesa de cabeceira. Nem olhei para lá, ocupada a contemplar os seus abdominais definidos... o que não lhe passou despercebido. Quando voltei a olhar para o seu rosto, ele fitava-me sem pestanejar.

Saí, a custo, daquele estado de torpor e debrucei-me sobre a câmara. Havia um padrão complexo de círculos e triângulos perfurado na alça de couro.

— É muito fixe.

Ele aproximou-se e estendeu-me a mão.

— Vem dançar comigo.

— O quê? Não.

— Levanta-te e dança comigo, sua pata-choca.

— Não sou lá grande dançarina e estou bastante tocada.

— Parecias ótima quando seduzias aquele cujo nome não me lembro.

— Sinto que me comportei como uma idiota. Não quero falar sobre isso. Aliás, tu é que estavas a beber *shots* do corpo da Jennifer Aniston.

— Ela era igualzinha à Jennifer Aniston, não era? — Revirei os olhos. — Levanta-te lá. Eu conduzo. Só tens de me seguir.

Dei-lhe a mão e levantei-me. Soltei um riso nervoso, mas ele não hesitou; pôs-me uma mão no fundo das costas e, com a outra, puxou-me contra o seu peito nu.

— Põe-me a mão no ombro, Gracie.

Ouvir-se a música *With or Without You*, dos U2. O Matt balançou-se ao ritmo da batida e depois afastou-me e rodopiou-me. Quando me puxou de novo para si, os nossos corpos ficaram ainda mais juntos. Ele baixou a cabeça e beijou-me o ombro nu. O meu coração disparou. Sentia o toque da sua pele quente. Interrompemos a dança e demos ambos um passo para trás, aumentando ligeiramente a distância entre nós. Passei o indicador pelos recortes dos seus oblíquos e admirei os músculos esculpidos do abdómen inferior. O profundo desenho em V dos abdominais parecia apontar para baixo, transportando o meu olhar numa breve incursão para sul. Pelos movimentos do seu peito, pude perceber que também ele respirava mais depressa.

— O que estás a fazer? — perguntou, em voz baixa.

— Desculpa... — Fiz uma tentativa de retirar a mão, mas ele voltou a pô-la na zona do estômago.

— Não precisas de parar.

Pus-lhe as mãos na cintura e deslizei-as sobre as partes duras do peito e o tufo macio de pelos ao centro, antes de as pousar à volta do pescoço. Começámos a menear os corpos, como quem dança uma balada. Ele fechou os olhos, mas continuou a sorrir.

— Hum. Agora é a minha vez.

— Não me levas a sério, pois não, Matt?

Ele abriu os olhos de imediato. Puxou-me vigorosamente contra si, de modo que lhe pude sentir a ereção.

— Isto é suficientemente sério para ti? — perguntou, rispidamente.

Afastei-o e cambaleei para o lado. Ele sentou-se na cama e desligou o leitor de CD com o pé. Inclinando-se, apoiou os cotovelos nos joelhos e deixou pender a cabeça.

— Desculpa.

— Eu também peço desculpa. — Arrastei-me pelo chão, sentindo vergonha pela primeira vez em muito tempo. Deixei-me cair ao seu lado e pus-lhe um braço por cima dos ombros. Deitámo-nos de costas na cama, enviesados, a olhar para o teto. Pousei-lhe a cabeça no braço, como fizera tantas vezes antes.

— Não é justo fazer-te isto. Peço mil perdões, Matt.

— Não há problema — disse ele, mas não me convenceu.

Já havia pensado vezes sem conta sobre como poderia dizer o que lhe queria dizer, mas saiu tudo ao contrário.

— Queres que me dispa para que tu... quero dizer, queres fotografar o meu, fotografar-me... tu sabes, como aquela rapariga nua...

Ele soltou um riso abafado.

— Achas que isso me vai ajudar na situação em que me encontro, Grace? — Soergueu a cabeça e olhou para a zona entre as pernas.

Senti o rosto a ficar quente e vermelho como um tomate.

— Não, quero dizer... — Engoli em seco, e as lágrimas começaram a embaiar-me a visão. Não reconheci a minha voz; parecia tão débil. — Sou virgem, Matt.

Não havia muitas virgens da minha idade na NYU, e eu começava a pensar se não teria deixado passar a oportunidade. É o que acontece; conforme os anos passam, fica cada vez mais difícil criar laços íntimos com alguém. Eu evitara-o, porque me embrenhara totalmente nos estudos e na música. No segundo ano, eu era literalmente a única pessoa do meu círculo de amigos que ainda era virgem. Sentia-me uma anedota. E tinha medo que os rapazes pensassem que eu era esquisita ou inexperiente.

O Matt fez um ar contrito e arregalou os olhos. Afagou-me a bochecha com a palma da mão.

— Eu sei, Grace. Soube desde o primeiro dia em que nos conhecemos. Não és obrigada a fazer nada. Lamento se dei os sinais errados.

— Sabias?

Ele assentiu com a cabeça. Devia ser óbvio. Teria eu «VIRGEM» tatuado na testa?

— Só achei que pudesses querer tirar-me uma foto como à outra rapariga?

Naquele momento, o Matt percebeu que aquilo era mais importante para mim do que para ele.

— Adoraria fotografar-te, Grace. Será sempre um prazer fotografar-te.

Ele levantou-se da cama e inspirou fundo, para se recompor, antes de ir buscar a câmara. Ao ver-me encolhida no meu vestido, disse-me:

— Vou tirar fotos, nada mais. Age como te sentires mais à vontade, está bem?

— Está bem. Podemos pôr música?

— Claro. — Ele mudou o CD e pôs *Lover, You Should've Come Over*, de Jeff Buckley. Eu deslizei para a borda da cama e despi o vestido pela cabeça, atirando-o para o lado; depois, puxei as cuecas até aos tornozelos e lancei-as ao ar com o pé, sem olhar uma única vez para o Matt. Segurando nos meus seios desnudados com as mãos, ouvi-o disparar umas quantas vezes comigo ali sentada, muito quieta, a olhar para o chão. Ele foi até ao candeeiro e cobriu-o com um material fino qualquer, para que o quarto ficasse a meia-luz. Virei-me e empurrei a colcha para o fundo da cama, deixando à mostra os lençóis brancos antes de me deitar na almofada. Por fim, olhei para ele, mas continuei a cobrir, o melhor que pude, o

corpo com as mãos.

Ele inclinava a cabeça para o lado, como que estudando a composição, ao mesmo tempo que segurava na câmara, pela objetiva, com a mão esquerda. Caminhando na minha direção, percebi que tentava descortinar a minha expressão. De pé, à borda da cama, passou a mão direita pelo meu joelho meio dobrado, antes de a deslizar até à barriga da perna.

— Tenta relaxar, está bem, querida? — Eu assenti, nervosamente.

— As minhas mamas são mesmo pequenas.

Ele abanou a cabeça e sorriu.

— Tira as mãos, Grace. És linda.

A confiança que o Matt emanava e a seriedade com que encarava a fotografia ajudaram-me a descontraír. Sempre que desviava a câmara da frente, eu via-lhe uma expressão beatífica no rosto. Lembrava-me de como eu própria me sentia quando tocava. Era como se alcançasse uma certa transcendência quando fotografava. De olhos fechados e com a respiração acelerada, pus as mãos atrás da cabeça, ficando então a ouvir os cliques do obturador e o Jeff Buckley a prometer-me que, o que quer que fosse, jamais teria um fim.

Mais tarde, deitada e embrulhada nos cobertores, observei o Matt a passar o quarto a pente fino.

— O que estás a fazer?

— À procura da minha *T-shirt*.

Pesquei-a de debaixo da cama.

— Encontrei-a. Mas agora é minha. — Enfiei-a pela cabeça. Adorava o cheiro a amaciador e sabonete masculino das suas roupas.

— A roubar a minha roupa?

— Ficas comigo?

Ele fitou-me durante um período desconfortavelmente longo.

— Matt?

— Tudo bem — disse ele, calmamente. Despiu as calças de ganga e juntou-se a mim em *boxers*. Quando puxei a velha colcha para trás, ele deslizou por entre os cobertores.

— Anda cá, Gracie — disse, puxando-me para ele.

Adormeci nos seus braços.

Será que algum dia serei capaz de parar de pensar na forma como me senti embrulhada nele daquela maneira? Os nossos corpos fundiram-se num só. Nunca mais voltaria a dormir sozinha com a mesma normalidade. Ele movimentava-se com confiança, como um homem. Deixar-me envolver pelo seu abraço era a coisa mais natural do mundo. Talvez tenha sido o resultado de todos os meses que passámos a conhecerno-nos, à espera deste momento. Ou talvez tenha sido porque ele já fizera isto antes.

3 Brincadeira sexualizada muito popular nos Estados Unidos que consiste em beber diretamente do corpo de uma pessoa. Numa variante, salpica-se a pessoa com sal e põe-se-lhe uma rodela de limão na boca. Quem bebe o *shot*, tem de lambar o sal do corpo da pessoa que estiver deitada, beber a tequila do seu copo e depois buscar a rodela de limão. (NT)

10. Foi neste momento que me conquistaste

GRACE

De manhã, o Matt já não estava. Não havia dúvida de que fora um teste ao seu autodomínio.

No sábado, na sala de ensaios, o Pornsake agiu como se nada fosse, mas a Tatiana lançou-me um olhar estranho.

— Parece que brilhas, Grace. Oh. Meu. Deus! — Ela inclinou-se sobre a cadeira para se aproximar de mim. — Pinaste com o Pornsake ontem depois da aula?

— Credo, não! E fala baixo. — Olhei em volta para os outros colegas, que nos observavam.

O Dan fez um anúncio, resgatando-nos da atenção constrangedora.

— Quem estiver interessado em ir para o estrangeiro comigo no ano que vem, como parte de uma orquestra que estou a formar, não se vá embora depois do ensaio. Faremos audições esta tarde.

Arrumei o violoncelo e segui a Tatiana em direção à porta. O Dan agarrou-me o braço.

— Grace, não vens à audição?

Olhei para a mão dele no meu cotovelo. Eram intimidades a mais para o meu gosto.

— Devia ter-lhe dito. Vou candidatar-me à pós-graduação. Submeti a candidatura esta manhã.

— Mas ainda ontem à noite falámos sobre a digressão...

— Dan... Professor, tenho planos de seguir os estudos pós-graduados desde que entrei para a faculdade. Não sei se posso simplesmente largar tudo durante

ano e meio.

— A pós-graduação não vai a lado nenhum, Grace. Arrependo-me de não ter feito mais coisas deste género quando tinha a tua idade. É por isso que vou agora tirar esta licença. — Ele parecia frustrado. — Isto não tem que ver com...

— Com o quê?

— Esquece.

Intuí algum ciúme e predispus-me a clarificar.

— Quanto mais cedo terminar os estudos, mais cedo começo a ganhar dinheiro.

— Não devia ser uma questão de dinheiro, Grace. Afinal, falamos de música. Nunca nenhum aluno meu demonstrou tanta paixão como tu.

Olhei de relance para a Tati, que estava à porta, a ouvir.

— Para mim, é uma questão de dinheiro, sim, porque não o tenho. — Fiz um riso amargurado. — Já para não falar na dívida astronómica dos empréstimos estudantis. — Soltei-me do seu braço.

— Estou a ver — anuiu, num tom mordaz.

Apressei-me a ir ter com a Tati. Uma vez no exterior, ela deu-me um encontrão com o ombro.

— Acho que acabaste de partir o coração do Pornsake.

— Ele é muito simpático, mas não compreende.

— Acho que nem eu compreendo realmente.

— O que queres dizer? Eu não tenho dinheiro nem apoio. Achas que viajar pela Europa é de graça?

— Não me parece que seja a única razão.

Eu sabia que ela estavas prestes a fazer algum comentário sobre o Matt.

— Nem te atrevas. Se te parece uma ideia assim tão boa, vai tu fazer a audição. Ela estacou abruptamente.

— Pois, acho que vou mesmo. — Deu meia-volta e virou-se na direção da sala.

— Até já, Grace.

A Tati era tão boa, que dispensava audições. Eu sabia que o Pornsake a admitiria, mas julgo que ela queria que eu a acompanhasse. Era frustrante que nem ela entendia a minha situação.

A caminho da residência, passei pela loja do Orvin. Encontrei-o sentado num banco do lado de fora.

— Olá, Orvin. — Ele olhou para mim de esguelha. — Sou a Grace, lembra-se? Vim cá com o Dan?

— Ah, sim. — Ele bateu no banco ao meu lado. — Senta-te, minha doce menina.

Já estava a ficar tarde e esfriara, e era um dia especialmente ventoso, com os táxis a passar como flechas uns a seguir aos outros.

— A propósito, o novo arco é fantástico.

Ele desfez-se num sorriso rasgado.

— Fico muito feliz por ouvir isso, Grace.

— Nem acredito na diferença que faz no som.

Ele continuou a olhar em frente, mas pousou a mão na minha.

— Não te esqueças, são só ferramentas. A música viaja através dos instrumentos, mas é de ti que vem, da tua alma.

Uau.

— Sim — disse num murmúrio, compreendendo-o plenamente.

— O Dan tem muita fé em ti.

— Pois tem. Mas as coisas clássicas cansam-me, o que não abona a meu favor.

— Ah! Ah! Ah! — Riu-se ele. — Percebo o que dizes. Os melhores músicos são aqueles que quebram as regras. Só tens de as conhecer bem antes de as poderes quebrar.

Ficámos ali sentados, em silêncio, durante muito tempo. Fechei os olhos e depois ele perguntou:

— Há sempre música à nossa volta, não há?

Eu podia ouvir os pneus dos carros a chiar, as buzinas a apitar, as crianças a rir e o retinir constante da canalização que provinha das tampas das sarjetas. E depois, de repente, todos estes sons abafados ficaram límpidos e fundiram-se entre si, formando a mais bela sinfonia — a partitura da minha vida.

Abrindo os olhos, vi que o Orvin me observava.

— Compreendes aonde quero chegar? Está dentro de ti.

Os meus olhos estavam húmidos do vento, mas sobretudo de emoção.

— Sim.

— Tens de aprender a voar antes de conseguires planar bem lá no alto.

Desfiz-me em agradecimentos ao Orvin. De dia para dia, aprendia a simplificar mais a vida. Talvez crescer fosse isso mesmo. Os adultos costumavam dizer que a vida se complica com a idade, mas, na verdade, acho que só temos desafios maiores para ultrapassar. Os nossos maiores medos vão desde dormir sem o nosso peluche preferido a descobrir que nos falta um propósito na vida. Será que o tempo, a maturidade e a superação de obstáculos proporcionaram ao Orvin o tipo de satisfação que transparecia nele? Ou será que simplesmente desistimos e nos rendemos ao ramerrame de sempre?

— Passa cá um dia destes — disse ele, erguendo-se do banco.

— Passarei, sem dúvida.

Como tinha um cartão telefónico na carteira que ganhara na lotaria mensal da residência, parei no primeiro telefone público que encontrei e liguei à minha mãe.

— Grace, como estás, querida? — Ela parecia ocupada. Ao fundo, ouvia-se o meu pai a ralar com os meus irmãos.

— Como estão todos por aí?

— O teu pai ficou novamente desempregado.

— Oh não, de novo, não — disse, embora não me surpreendesse minimamente.

Ela soltou um suspiro irritado.

— Sim, de novo.

— Eu queria muito ir a casa no Natal. Posso arranjar um trabalho temporário no centro comercial e dar uma ajuda.

— Oh, Grace, seria maravilhoso. Tens dinheiro para o bilhete de avião?

— Pensei que, em vez de me darem presentes no Natal, me poderiam comprar o bilhete de avião? — Senti uma fugaz chama de esperança a acender-se dentro de mim.

Porém, as palavras que ouvi a seguir extinguiram-na.

— Não podemos, querida. Lamento.

Havia quase um ano que não ia a casa. Tive pena pela minha mãe e não quis sobrecarregá-la, mas tinha saudades de casa e sentia falta dos meus irmãos, da sua tagarelice e da energia que vibrava lá em casa, mesmo nas alturas difíceis. A ideia de passar a época festiva sozinha na residência era aterrorizadora. Tal como quando passei sozinha as últimas semanas de verão, antes de o Matt chegar.

Seguiu-se um longo e desconfortável silêncio.

— Tudo bem, mamã. Olha, tenho de poupar os minutos no cartão.

— Certo. Adoramos-te, querida.

— Também vos adoro, mamã.

Passei a tarde sozinha no quarto, a beber uma zurrapa e a sentir pena da minha mãe, mas sobretudo de mim própria. Quando, à noite, o Matt chegou do trabalho, viu a porta entreaberta e entrou.

— Truz-truz.

— Entra. Faz-me um pouco de companhia. — Eu tocava violoncelo perto da janela, vestida com a sua *T-shirt* dos Ramones.

Ele entrou e pousou a mochila no chão.

— Está visto que nunca mais vou ter a minha *T-shirt* de volta.

Olhei para ele sorridente ao pé da porta. Algo se apossou de mim. Levantei-me e dirigi-me a ele, despi a *T-shirt* de forma ousada e fiquei em roupa interior. Entreguei-lhe a *T-shirt*.

— Aqui tens.

Ele pestanejou.

— Hum...

— Beija-me, Matt.

Ele fechou a porta com o pé.

— Estás bêbada?

— Beija-me.

Pus-lhe os braços à volta do pescoço. Ele pousou a mão no fundo das minhas costas, enquanto se inclinava e, por fim, beijou-me.

Ao início, o beijo foi demorado e delicado, mas depois acelerámos o ritmo, entrelaçando as línguas, passeando as mãos por todo o lado. A nossa pele queimava e tudo ganhou urgência. Beijámo-nos sem parar, até que comecei a arder de desejo de que ele me tocasse em todo o lado.

Atrapalhei-me com o seu cinto.

— Eu trato disso — disse ele, largando os sapatos.

Enquanto tirava o sutiã e as cuecas, ele despiu as calças de ganga. Pus a mão na parte da frente dos *boxers*.

— Vais fazê-lo? — perguntei.

— Fazer o quê? — perguntou ele, sem fôlego.

— Fazer sexo comigo?

Ele envolveu-me o pescoço com as mãos em concha e endireitou-me a cabeça para que os nossos olhos se encontrassem. Havia pura reverência no seu olhar.

— Queres que seja eu?

Fiz que sim com a cabeça.

Ele curvou-se e beijou-me de novo, movendo depois a boca para a minha orelha.

— Grace, neste momento, não há nada que queira mais na vida do que estar dentro de ti. — Só de imaginar tê-lo dentro de mim, senti uma corrente elétrica a percorrer-me as pernas e os braços. — Mas não vamos fazer isto depois de já teres bebido tanto. Confia em mim. Está bem?

— Mas sinto-me com coragem.

— Eu sei, mas quando acontecer, não queres estar entorpecida.

— Ai, não? — murmurei.

— Não, meu amor.

Eu sabia que ele tinha razão.

— Está bem.

Ele apertou-me contra o peito durante uns instantes antes de desfazer o abraço. Estendi o braço e toquei-lhe através dos *boxers*.

— Podemos fazer outras coisas.

Vi-lhe os movimentos dos músculos no pescoço quando engoliu em seco.

— Enfia-te na cama — ordenou, e assim o fiz.

Despiu os *boxers*. Era a primeira vez que o via assim, nu e vulnerável, e de tal maneira excitado que até me deu pena. Não era o primeiro pénis que via, mas, tendo em conta as circunstâncias, era sem dúvida caso para ficar em choque. Alarimei-me um pouco. Parecia-me inconcebível que, momentos antes, praticamente lhe implorara que introduzisse aquela coisa dentro de mim.

Ao ver a minha expressão aterrorizada, ele disse:

— Não te preocupes, vai saber-te bem quando estiveres pronta.

Ele deslizou para o meu lado, abraçando-me em conchinha. Assim bem juntinhos, os nossos corpos estavam quentes. Ele desviou o meu cabelo para um lado e beijou-me o ombro. Estremeci e depois relaxei nos seus braços e fechei os olhos.

Com uma mão na minha cintura e a outra a acariciar-me a parte lateral do meu seio, percorreu-me o pescoço aos beijos.

— Porque é que te zangaste comigo no outro dia? Já to queria ter perguntado antes — murmurou ele, ao que eu encolhi os ombros. — Diz-me.

— Porque a Carey e o Jason me disseram que toda a gente no departamento de Fotografia faz orgias na sala escura às sextas-feiras.

Ele soltou uma gargalhada que até lhe fez o peito estremecer.

— Isso é ridículo. Na sexta que vem, levo-te comigo para a sala escura. Está vazia, com exceção de uns quantos fanáticos, como eu.

— Porque haveriam de dizer aquilo?

— Sei lá. Talvez seja um mito da faculdade.

Relaxe um pouco mais, aninhando-me no seu corpo. A sua mão na minha cintura agarrou-me na anca, apertando-a.

— Tens de me dizer o que vai nessa tua cabecinha.

— Neste momento, nada. As tuas mãos puseram-me em coma cerebral. — Gracejei, mas o Matt não se riu.

— O que se passa entre ti e o Pornsake?

— O nome dele é Dan.

— O que se passa com o senhor Dan?

— Nada. É simpático e é meu professor. Comprou-me um arco e convidou-me para jantar. Fim da história. Ah, e está a formar uma orquestra itinerante pela Europa, para a qual me convidou.

Senti o Matt ficar tenso.

— Durante quanto tempo?

— Ano e meio... mas eu não vou. É demasiado tempo e não quero adiar a pós-graduação.

Ele beijou-me a orelha.

— Certo. — Senti-o voltar a relaxar.

A mão deslizou mais para baixo, fazendo-me arquejar quando me tocou na zona mais sensível do corpo. Começou com movimentos circulares lentos, precisos e delicados e depois foi aumentando a pressão. Senti ar nos mamilos e um formigueiro a percorrer-me a espinha. Agitei as pernas com nervoso miudinho.

— Já te tinham tocado assim?

— Não. — A palavra saiu-me num sopro.

Ele beijou-me a orelha.

— E tu, já alguma vez te tocaste assim?

Fiz que sim com a cabeça.

— Diz-me do que gostas.

— Disso que estás a fazer — gemi.

— Quero-te tanto, Gracie.

Com toda a tensão que havia crescido entre nós nos últimos meses, e depois de o Matt continuar a movimentar a mão daquela forma, senti-me perto do clímax. Sem nunca alterar o ritmo, ele sabia exatamente o que fazer. Estava tão excitada ao ponto de ser quase doloroso, mas sabia que o alívio estava próximo. Pus a minha mão por cima da sua, para que não parasse. Senti o estômago contrair-se e ondas frias de eletricidade a subir-me pelas pernas. Por breves instantes, pensei que o Matt presenciava tudo aquilo e senti que as boas sensações começavam a desvanecer.

— Relaxa, deixa-te ir — murmurou ele.

Assim fiz, voltando a um crescendo de sensações, desta vez mais depressa, até ao ponto de não retorno. O meu corpo pulsava, em movimentos rítmicos. Ele manteve a sua mão grande e quente contra mim, enquanto beijava e chupava o meu pescoço, até o meu corpo parar de se agitar.

Pressionei a cabeça com força no seu ombro.

— Santo Deus — foi tudo o que consegui dizer.

Ele afagou-me os braços, para cima e para baixo.

— És tão linda.

Já tinha sentido aquela sensação antes, mas apenas sozinha, e nunca esperei sentir-me suficientemente à vontade com alguém para me conseguir entregar daquela forma. O Matt sabia exatamente o que fazer.

Virei a cara para ele e beijámo-nos.

— Obrigada — disse-lhe, junto à orelha. Tentei dar-lhe um beijo mais demorado, mas ele parou e disse, beliscando-me a nádega:

— Hora de dormir, minha menina.

— Ai, que parvo!

— Dorme, Grace.

— Não queres que te faça coisas?

— Sim, em breve, antes de morrer, mas não hoje.

— Onde é que aprendeste? — perguntei, com voz rouca.

Ele estava deitado de costas e eu olhava para ele de lado, apoiada na curva do seu braço.

— Onde é que aprendi o quê?

— O que me fizeste. Ou todos os rapazes sabem?

Ele ficou calado. Consegui vê-lo pestanejar sem deixar de fitar o teto. Devia

estar a pensar na melhor resposta. Através da janela, chegava um brilho débil da rua. A luz do luar que espreitava pelo estore era suficiente para ver o sorriso indolente do Matt.

— Não sei se todos os rapazes sabem, mas se te contasse como é que aprendi, rir-te-ias.

— Oh, agora *tens mesmo* de me contar. — Mordi-lhe o braço. — És versado em pornografia ou quê?

— Não. Não se aprende nada com pornografia. Acho que só serve para agradar aos homens. — Muito maduro para a idade, este Matt.

— Hum, talvez *eu* devesse ver uns filmes desses.

— Não faz falta. A tua mera existência já é suficientemente excitante. Confia em mim.

Soltando-me do seu braço, rebolei para o outro lado, encarando-o de longe.

— Oh, por favor, Matt. Não sei nada e vou passar vergonhas na hora H.

Ele virou-se de lado e aninhou-me no seu corpo, fazendo conchinha. Falou com voz baixa.

— Não penses mais nisso, Grace, pode ser? Vamos deixar que aconteça naturalmente.

— Está bem — disse eu, a meio de um bocejo.

Ficámos deitados à meia-luz, naquele limbo entre a vigília e o sono.

— Foi a minha mãe que me ensinou.

— O quê? — Aquilo despertou-me. — O que é que a tua mãe te ensinou?

— Bem, ela é assim meio *hippie* e feminista. Não é que me tenha mostrado como se faz, mas passava o tempo a ensinar-nos, a mim e ao meu irmão, como tratar as mulheres de forma igualitária, e acho que isto foi parte da lição.

— E então...?

— Deu-me um livro sobre o orgasmo feminino e basicamente disse, «Não sejas imbecil».

Enrolei-me em mim mesma de tanto rir.

— Uau! Gosto mesmo da tua mãe, Matt.

— Vocês iriam dar-se bem.

— E leste o livro? — perguntei.

— Do princípio ao fim. Várias vezes.

— Não há dúvida que passaste com distinção no teste prático, embora tenha a certeza de que não há de ter sido a primeira vez que o fizeste.

— Acabou a conversa, Gracie. Fecha os olhos.

— Talvez venha a conhecer a tua mãe, um dia.

— Sim. — Ficou calado alguns minutos. — Espero que sim.

Na manhã seguinte, acordei sozinha. Na mesinha de cabeceira, tinha um pãozinho, um café e um bilhete.

G.

Ive de me despachar. Trouxe-te um pãozinho da Daria. Se te apetecer comê-lo, não o cheires antes, não vá feder a panados de peixe. ☹️ Aquela miúda tem sérios problemas... Estou de serviço esta noite, mas passa na PhotoHut para combinarmos umas coisas. Vou passar o Natal a casa, na Califórnia. Queres vir comigo? Podias conhecer a minha mãe e agradecer-lhe pelas minhas competências incríveis. Paz e amor, M.

A ideia de passar o Natal com ele estampou-me um sorriso enorme no rosto.

11. Fizemos promessas implícitas

GRACE

Passei a tarde com a Tati no Washington Square Park. O plano era ensaiar, mas acabámos a fumar um charro e eu contei-lhe os pormenores da véspera. Acho que a reação dela foi, «Não acredito que tiveste um orgasmo a sério. Isso equivale a saltar dez passos na relação e passar diretamente ao nível de quem já faz sexo há muitos anos». O meu rosto ruborizou uns dez tons de vermelho.

O tempo não tardou a mudar, esfriou e o céu ficou escuro, e quando deixei a Tati no parque, senti o primeiro pingo de chuva a cair-me na face. Raios. Ainda me faltavam seis quarteirões, não tinha guarda-chuva nem dinheiro para um táxi e, além disso, carregava um violoncelo enorme.

Até chegar à PhotoHut, o céu desabou e fiquei ensopada no espaço de minutos. Corri para a loja, fazendo soar o sino da porta, porém, o Matt não se encontrava ao balcão.

— Gracie, estou aqui! — gritou ele dos fundos.

— Como sabias que era eu? — gritei de volta.

Virei a esquina e encontrei-o sentado a uma secretária à luz de um pequeno candeeiro. Olhando para trás, sorriu.

— Sabia, só isso.

— Prova-o.

O Matt riu.

— Tu abres a porta toda para conseguires passar com o estojo do violoncelo, mesmo quando não o trazes. O sino da porta retine um segundo a mais quando és tu do que quando é um cliente normal. — Ele ergueu os olhos da secretária mal iluminada e foi então que me viu. — Credo, estás enregelada, Grace.

Precipitando-se na minha direção, tirou-me o violoncelo das mãos.

— Chove a cântaros — disse eu, tremendo a olhos vistos. Uma vez que tinha os dedos dormentes, não conseguia desabotoar o casaco. O Matt apressou-se a despertar-me os botões e a tirar-me o sobretudo dos ombros, deixando-o cair no chão. Envolvendo-me com o seu corpo alto, aqueci em poucos segundos.

— Estava no parque com a Tati quando começou a chover.

— Estás encharcada, devias tirar essas roupas.

Largou-me e começou a vasculhar o armário, enquanto me certificava de que o estojo do violoncelo não se molhara por dentro.

Ele aproximou-se com uma toalha na mão.

— Sabia que havia toalhas algures. Queres tirar a camisola e pô-la na máquina de secar?

— Há uma máquina de secar?

— Bem, é uma máquina de secar impressões. É como um rolo grande e quente, mas pelo menos não congela enquanto aqui estás.

— Também podia ir para casa e pronto.

Ele franziu o sobrolho.

— Não olhes assim para mim.

— Não achas que devíamos conversar?

— Sim, devíamos — disse eu, hesitando. Ia tirar a camisola quando reparei nos seus olhos fixados em mim.

— Vira-te — disse.

— Já te vi nua, Grace.

— E então? Dá meia-volta, seu pervertido.

Ele obedeceu, rindo.

— Que tontinha que tu és.

Atirei-lhe a camisola à cabeça e embrulhei-me rapidamente na toalha. O Matt foi para o canto e pôs-se a mexer nos botões da máquina de secar, enquanto eu rodopiava numa das cadeiras do escritório, cada vez mais depressa.

Quando o Matt terminou, foi buscar outra cadeira, deu impulso e juntou-se a mim, deslizando pelo chão de linóleo.

— Carrinhos de choque! — gritou, instantes antes de chocar comigo e ambos cairmos no chão.

— Esta é a tua definição de *conversar*? — perguntei, com ele em cima de mim, sorrindo com malícia.

Ele beijou-me a ponta do nariz e depois pôs-se de pé num salto, estendendo a mão para me ajudar a levantar. Segurei bem na toalha até me voltar a sentar. Não havia nada de desajeitado nos seus movimentos, era sempre tão autoconfiante, e eu achava isso incrivelmente *sexy*.

Veio na cadeira até mim para ficarmos virados um para o outro, e sorriu

novamente.

— Vens comigo à Califórnia no Natal ou tens planos de ir a casa visitar os teus pais?

— Não tenho dinheiro nem para uma coisa nem outra.

Baixei o olhar para as mãos no meu colo. Embora ele estivesse a par da minha situação, ainda me era difícil não sentir vergonha.

— Eu pago-te o bilhete de avião para ires a casa ver os teus pais. Adoraria que fosses comigo, mas não quero ser egoísta.

Eu queria estar com ele e, embora sentisse falta da minha família, achei que, naquelas três semanas, seria dele que sentiria mais saudades.

— Queres mesmo que vá conhecer os teus pais?

— Sim, Grace. Quero.

— Seria maravilhoso ir à Califórnia. Nunca lá estive.

— Então, está combinado. Ah, outra coisa — ele sorriu com ar convencido —, ontem à noite, pediste-me que fizesse sexo contigo, lembras-te?

Corei instantaneamente.

— Claro que me lembro. Não estava assim tão bêbada.

— Sendo assim... como ficam as coisas entre nós?

— O que é que achas? — Recompus-me depressa.

— Queres namorar? Ou só andas à procura de alguém com quem perder a virgindade?

Enfiei a toalha por baixo dos braços, reclinei-me na cadeira e lancei-lhe um olhar furioso.

— Bem, não há uma palavra para amigos que dormem juntos?

— Sim, chama-se a isso namorados.

A sua expressão era estranha, como se estivesse à espera de uma reação da minha parte.

— Mas não devíamos manter as coisas casuais?

— Bem, ambos temos muito que estudar, além disso, eu vou estar fora no verão e tu tens de te preparar para a pós-graduação.

Senti o mundo parar de girar.

— Vais estar fora? — *Como raio é que eu não sabia disto?*

— Vou. — Ele levantou-se e foi até ao balcão buscar um papel que me entregou. Era uma carta da *National Geographic* a informá-lo de que fora selecionado para um estágio.

Reli-a duas vezes e, quando olhei para ele, vi-o a sorrir de orelha a orelha com orgulho notório. Apesar de estar à beira de irromper em lágrimas egoístas, levantei-me e abracei-o.

— Estou tão feliz por ti! Parabéns, Matt, nem acredito. Isto é, acredito, porque tu és excecional, mas é uma oportunidade e tanto. Caramba... foste o único não

licenciado que escolheram.

— Eu sei, fiquei em choque. É uma oportunidade única na vida. Lamento não te ter contado mais cedo; tinha medo que desse azar.

Eu continuei a olhar para a carta.

— É mesmo fantástico! Estou muito orgulhosa de ti.

— Estarei fora no verão e, quando voltar, tu vais estar na pós-graduação. Espero já ter um emprego nessa altura, se tudo correr como previsto.

Não conseguia acreditar que o Matt se ia embora. Sentia um misto de emoções, embora soubesse que era a melhor opção para ele.

— Então, por enquanto... mantemos as coisas informais?

— Não quero andar com mais ninguém, nem quero que outros se metam contigo nos corredores, mas podemos pô-lo na categoria de informal, se quiseres — disse ele.

— Está bem.

— Está bem o quê, Grace?

— Eu também não quero andar com mais ninguém. — *Nunca mais.*

Nessa altura, um odor estranho invadiu a sala. Pus-me a farejar de nariz no ar e arregalei os olhos. Cheirava a lã queimada.

— A minha camisola!

— Merda! — O Matt saltou da cadeira e correu para a máquina de secar. Carregou num botão, tirou aquilo que restava da minha peça de roupa preferida. — Oh, parece-me que vais ter de continuar nua. — Ele tentava conter o riso.

— Não tem piada, Matt. Era a minha camisola favorita.

Ele atirou-a para cima da secretária e puxou-me para os seus braços.

— Não precisas disto para nada. — Desembrulhou a toalha que me envolvia e começou a beijar-me o ombro e o pescoço. Inclinei a cabeça, para lhe facilitar os movimentos, contudo, o sino da porta de entrada soou naquele preciso momento.

— Bolas! — Soltei-me do seu abraço e apanhei a toalha do chão, enquanto ele foi para a parte da frente da loja. Ouvi uma voz familiar; era o Dan. Encostei-me à parede a ouvir a conversa.

— Olá, Matthew.

— É Matt.

— Olá, Matt. A Tatiana disse-me que podia encontrar a Grace aqui.

— Sim, mas... ela está um pouco ocupada neste momento.

— É uma palavrinha rápida.

Não conseguia ver-lhe a expressão, mas se tivesse de adivinhar, apostaria que o Matt se estaria a divertir com a situação.

— Bem, ela está na sala dos fundos, seminua.

— Hum... O quê... — O Dan ficou sem palavras.

O Matt teve pena dele.

— Ela chegou cá encharcada, portanto, está sentada lá atrás enrolada numa toalha à espera que as roupas sequem.

Levantei uma sobranceira. *Já para não dizer que estávamos quase na marmelada.*

— Oh.

— Olá, Dan! — gritei.

— Olá, Grace. Temos de falar.

— Pode esperar até à aula na sexta?

— Acho que pode, sim. — Seguiu-se uma longa pausa. Questionei-me se o Matt estaria a olhá-lo com cara de poucos amigos. — Certo, fica combinado. Adeus.

Os dois despediram-se com cordialidade e ouvi os sinos da porta a retinir. Um instante depois, o Matt estava de volta e eu continuava em pé, dentro das minhas calças molhadas, enrolada numa toalha branca como se fosse um xaile.

— Tenho de fechar não tarda. — Ele bateu com as mãos uma na outra. — O que é que decidimos afinal?

— Que vamos deixar rolar as coisas. — Ele ia assentindo. — Eu e tu, sem mais ninguém... até te ires embora.

Naquele momento, todos os ruídos das máquinas cessaram, instalando-se o silêncio total.

— Mas continuamos amigos para sempre, certo? — Ele estudou-me o rosto com cautela, parecendo estar a memorizá-lo.

Era impossível desviar os olhos.

Embora «amigos para sempre» fosse uma expressão corriqueira, dita por ele parecia música ou poesia. Eu sabia que devia ter outro significado, talvez como *Preciso de ti na minha vida*. Tentei detetar-lhe um apontamento de humor na voz, mas não havia nada... só aquele pedido. Ficámos ali, assim, tão jovens e, ainda assim, tão seguros do que sentíamos um pelo outro. A sala fria e húmida iluminou-se de repente. Os olhos do Matt cintilavam, e eu senti-me tonta com a onda de calor que me percorreu o corpo. Ele abriu as mãos na minha direção, convidando-me a abraçá-lo, mas eu estava como que paralisada, reduzida ao emaranhado de emoções que a sua expressão me transmitia.

Não podemos recriar a primeira promessa de amor que fazemos ou a primeira vez que sentimos que outra pessoa nos ama. Não podemos reviver essa sensação de medo, admiração, autoconsciência, paixão e desejo, pois nunca acontece uma segunda vez. Podemos passar a vida a tentar reproduzir essa primeira experiência. Não significa que não possamos amar outras pessoas ou seguir em frente; significa apenas que aquele momento de total espontaneidade, aquela fração de segundo em que damos o passo, com o coração a bater descompassadamente e uma acumulação de dúvidas que nos tolda o pensamento — aquele preciso momento —, jamais se repetirá da mesma forma. Não voltará a ter a mesma intensidade que teve da

primeira vez. Pelo menos, é assim que recordo o que aconteceu comigo. É por isso que a minha mãe costuma dizer que guardamos o passado na memória. Tudo parece melhor quando assume a forma de recordação.

— Sim, para sempre — disse eu, por fim.

12. Tudo parecia estar bem

GRACE

Duas semanas depois, fazíamos as malas para ir passar as férias de Natal à Califórnia. Tínhamo-nos visto poucas vezes desde aquela noite na PhotoHut, dado que os exames finais exigiram toda a nossa atenção e o Matt teve de fazer horas extraordinárias para pagar o meu bilhete de avião para a Califórnia.

— Onde vamos ficar quando lá chegarmos?

— Em casa da minha mãe. Ela mora em Pasadena, numa casa pequena, mas julgo que há um quarto livre. É melhor do que no meu pai; ele até internos tem. É ridículo.

Ele estava sentado num grande pufe roxo que eu tinha num canto do quarto, a folhear uma *National Geographic*, descalço e de pernas abertas. Parecia confortável e relaxado com a sua *T-shirt* dos Sonic Youth e uma boina na cabeça.

— O que queres dizer com «internos»?

Ele acenou vagamente com a mão.

— Empregados e isso.

— Ah. — De repente, fiquei ansiosa. Mesmo que não ficássemos lá alojados, teríamos de lá ir conhecer o pai, o irmão e a madrastra, e questionei-me o que pensariam de mim. A Grace pobre e patética com as suas roupas desirmanadas da loja de artigos em segunda mão.

— Não te assustes, Grace, aquilo é só fachada. Sê tu mesma, és perfeita assim.

— Ele pousou a revista e olhou para mim. — Já agora, o que queria o Pornsake naquele dia em que foi à loja?

— Continua a tentar convencer-me a ir na digressão. A Tati também vai e ele serviu-se disso como argumento.

— Ah — disse ele, calmamente. O seu olhar ficou distante durante uns momentos. — Pelo modo como falou, parecia urgente.

— Ele é assim.

— Insistente. — O Matt olhou para baixo e continuou a folhear a revista, sem olhar para mim.

— É importante para ele.

— Quer saltar-te para cima.

— Tal como tu. — Agarrei na revista e atirei-a para o lado.

— Isso é verdade — disse, com um brilho nos olhos.

De pé, entre os seus joelhos, curvei-me e beijei-lhe o topo da cabeça. Ele passeou as mãos pela parte de trás das minhas pernas nuas.

— Usas vestidos curtos como este só para me deixares louco? — A sua voz soou rouca.

Desde aquela noite em que o Matt fizera prova das suas competências, não fomos além de uns beijos. Dormimos na mesma cama algumas noites, enroscados um no outro, exaustos depois de maratonas de estudo, mas não passara daí. Com franqueza, tinha um autocontrolo digno de um santo. Nós estávamos prontos, eu estava pronta, e o Matt sabia disso. Agora que a pressão dos exames finais aliviara, a única tensão que subsistia era a que nos fustigava os corpos e nos implorava, sempre que nos tocávamos, por alívio.

— Estou quase despachada. Vou tomar duche e depois passo no teu quarto. Tens vinho? — perguntei.

— Acho que tenho um pouco — murmurou ele com a boca colada à minha barriga, enquanto eu continuava a despentear-lhe o cabelo.

— Quero beber só um pouco para relaxar.

Ele apertou-me as pernas e olhou para mim. Percebi que compreendera.

— Vou comprar vinho.

Assenti.

— A que horas é o nosso voo amanhã?

— Às seis e um quarto.

— Caramba, que cedo. — Olhei para o relógio; já eram onze da noite.

O Matt levantou-se, segurou-me no rosto com as mãos e beijou-me docilmente.

— Vem ter comigo quando estiveres pronta. Dormimos no avião.

Engoli em seco e anuí.

Antes de chegar à porta, virou-se para mim.

— Grace? — Agarrando-se na moldura da porta, inclinou o corpo, de olhos postos no chão. Viam-se-lhe os músculos fletidos do braço enquanto se balançou para trás e para a frente um par de vezes.

— Sim?

— Esta noite, antes de ires ter comigo... tens de ter a certeza... está bem? — Ele olhou para cima e estreitou os olhos. — E traz esse vestido.

A sua *T-shirt* tinha subido, revelando-lhe os abdominais. Não resisti a fixar o olhar. Quando regresssei ao seu rosto, esperava encontrar um sorriso maroto, mas os seus lábios não se haviam movido. Estava sério.

— Está bem.

Quando ele saiu, rebusquei o roupeiro à procura de alguma coisa que pudesse usar quando fosse à casa do pai ricoço. Basicamente, pus na mala toda a roupa que tinha, depois tirei o vestido, pu-lo em cima da cama e entrei no duche. Enquanto esfregava cada canto do meu corpo, fui invadida por um milhão de inseguranças.

Fechei os olhos, inspirei fundo várias vezes, e deixei a água quente escorrer sobre o meu corpo. Instintivamente, comecei a descer a mão, enquanto revia na minha cabeça imagens do Matt a tocar-me. Toquei nos meus seios e imaginei como ele os sentiria. Seria eu sensual? Tentei imaginar como me deveria posicionar ou movimentar. Não fazia ideia.

Depois do duche, dei uma secadela rápida ao cabelo e pus um pouco de *gloss* nos lábios. Tinha um conjunto de roupa interior que combinava. Era uma renda preta barata, e as cuecas começavam a desfilar na cintura. Vesti-as e observei-me refletida no espelho de corpo inteiro. Segurando nos seios por cima do sutiã e passeando as mãos pelos quadris, comecei a acalmar-me. Queria saber como é que ele sentia o meu corpo. A minha pele era macia e quente, e ao tocar-me lá em baixo, percebi que estava húmida. Vesti o vestido vermelho às florinhas pretas.

Tinha tudo pronto para a viagem, a mala junto à porta. A única coisa que me faltava fazer essa noite era perder a virgindade. Nunca estivera tão nervosa, mas estava pronta.

Instantes depois, bati à porta do seu quarto e, quando o ouvi arrastar os pés do outro lado, senti o estômago a contrair-se. Ele dissera-me que tivesse a certeza, mas agora estava com dúvidas.

Ele escancarou a porta, de copo de vinho na mão, que estendeu na minha direção.

— Calculei que fosses precisar disto já.

Desatei a falar pelos cotovelos, no meu típico jeito apalermado.

— Sim, quer dizer, não sei o que raio estou a fazer ou o que devo esperar, ou do que é que tu gostas ou... o que devo fazer... como me devo apresentar ou sentir...

— Grace, acalma-te. Não precisamos de falar sobre isso. Bebe o vinho e vamos estar na boa. Relaxa, somos só nós.

— Boa ideia. — Dirigi-me aos seus CD, encontrei os Radiohead e pus *The Bends* a tocar.

— Ótima escolha, senhorita — disse ele do outro lado do quarto, enquanto

enfiava umas coisas na mala.

Estava em tronco nu, e as calças pretas sem cinto pendiam-lhe abaixo da linha dos *boxers*.

Deitei-me atravessada na cama, pousei o copo no chão e peguei na câmara.

— Sorri.

Ele virou-se e sorriu, enquanto eu o olhava pelo visor.

— És muito melhor do que eu do outro lado desta coisa. Toma.

Ele aproximou-se para pegar na câmara e eu passei-lha de bom grado. Deitei-me de costas e dobrei os joelhos, o que fez com que o meu vestido deslizesse pelas coxas. Ele começou a disparar.

— És tão bonita, Grace.

— Mas achas-me *sexy*?

— Sim, muito.

Sentei-me à beira da cama, enquanto ele pousava a câmara na mesa de cabeceira. Dei o último gole de vinho no preciso momento em que se ouviram os acordes iniciais de *Fake Plastic Trees*.

— Adoro esta.

Ele estendeu a mão para a bainha do meu vestido e eu, para o botão das suas calças.

— Levanta-te, querida.

— Não sei o que fazer, Matt.

— Vais saber.

Ele tirou-me o vestido pela cabeça e depois segurou-me no pescoço, beijando-me como se fosse o seu único propósito na vida. A temperatura à volta dos nossos corpos triplicou. A sua outra mão deslizou pelas minhas costas, até ao rabo, e enfiou-se dentro das cuecas. Senti-o duro contra mim.

Interrompendo o beijo, dei um passo atrás. O seu peito palpitava. Ali de pé, à sua espera, desejando-o, observei como me olhava.

Ele assentiu, com os olhos muito abertos.

— Estou a gostar.

Sentindo uma coragem e uma confiança inusitadas, aproximei-me, puxei-lhe as calças e os *boxers* para baixo e ajoelhei-me.

— Uau.

Espera, eu acabei de dizer «uau»? Senti-me tão ridícula. Era incapaz de agir com sensualidade; simplesmente não podia fingir que sabia o que estava a fazer, sobretudo agora que tinha aquilo à frente dos olhos. Toda a confiança e ousadia desapareceram num ápice. Ouvi o Matt a rir.

— Levanta-te, Grace.

— Porquê? — Resmunguei, enquanto ele me erguia pelos braços. Encarei-o e ele sorria de orelha a orelha.

— Tu és a coisa mais fofa do mundo, sabias?

Cruzei os braços e fiz beicinho.

— Estava a tentar ser *sexy*, caramba.

— E és. Deita-te e vamos com calma.

Nunca ninguém nos diz que momentos como este podem ser bastante constrangedores. Quando tentamos fazer o que vemos na televisão ou lemos nos livros, tudo parece estranho. Peguei na garrafa de vinho e dei um trago. O Matt deitou-se de costas na cama, completamente nu. A sua plácida autoconfiança era uma dádiva disfarçada; ele não era do tipo engatatão que tentava dar uma de sensual e descontraído. *Não precisava* de tentar sê-lo — simplesmente era. Tirei o sutiã e as cuecas sem grande cerimónia e deitei-me a seu lado, enquanto ele fixava o teto.

Pondo-se de lado, apoiado no cotovelo, aproximou-se e disse:

— Fecha os olhos.

Beijou-me, senti o calor espalhar-se e a urgência a ganhar forma. Quando me puxou o lábio inferior com os dentes, pensei que fosse enlouquecer. A sua mão deslizou por entre as minhas pernas e depois tocou-me lá em baixo. A minha respiração não se alterou, não arquejei nem o impedi. Queria mais, mais pressão, mais contacto. Pus a minha mão sobre a dele e pressionei. Tal como me dissera, eu sabia o que fazer. O constrangimento desaparecera.

Os seus lábios percorreram-me todo o corpo, parando nos seios, a língua brincando com um mamilo sem interromper os movimentos da mão. Podia ouvir-me a emitir ruídos, sons breves e tranquilos de prazer. Não como as mulheres fazem nos filmes, apenas os sons involuntários que acompanham o prazer. Ele agarrou-me com força no quadril e enfiou-me a língua ainda mais fundo na boca. Passou para o pescoço e orelha, e foi beijando e chupando até eu me começar a contorcer por baixo dele. Puro. Êxtase.

— Sente-me — sussurrou. Como poderia não o sentir? Estava tão preparada para ele. Envolvi-lhe o pénis com uma mão e, com a outra, puxei-o para mim.

— Ainda não — disse ele.

Sentou-se nos calcanhares e rasgou o invólucro de um preservativo.

— Eu tomo a pílula! — gritei, desajeitada. Surpreendido, ele atirou a cabeça para trás. Fiquei a olhar para ele, sem pestanejar. A luminosidade do quarto era suficiente para entrevermos o rosto um do outro. Há que admitir que um pouco de humor nem sempre é má ideia quando se está prestes a perder a virgindade.

Quando o Matt se riu, eu voltei a envolver-lhe o pénis com a mão, com ousadia renovada.

— Come-me de uma vez.

Ele sorria, mas notei-lhe uma certa reverência na expressão.

— És uma caixinha de surpresas, Grace.

Apoiado nos cotovelos, posicionou-se em cima de mim. Beijou-me ternamente, e sugou-me o lábio inferior. Tudo abrandou, de uma forma positiva. Deslocou a mão para o espaço entre as minhas pernas, e tocou-me de novo, agora com mais suavidade.

— Ahhhh — gemi.

Ele emitiu um som de satisfação e depois agarrou-me na parte posterior da coxa, puxando-a para cima. O meu corpo estava aberto para ele. Esperei. A antecipação amplificou tudo, o calor, a intensidade, o meu íntimo a latejar. Eu sabia que estava a fazer a coisa certa.

— Amo-te — disse-me junto à orelha, e então entrou dentro de mim. Senti uma pressão momentânea, mas não foi tão doloroso como esperava. Ele movimentava-se a um ritmo lento, até adquirir uma certa normalidade, como se fosse algo que sempre me tivesse faltado. Começámos a mover-nos mais depressa, com gemidos silenciosos, mas espontâneos e reais. Era estranho imaginar que ambos nos movíamos à procura do prazer individual, enquanto dávamos prazer ao outro, em igual medida. Como tudo na vida, o sexo é simultaneamente egoísta e altruísta. Quente e frio, *yin* e *yang*, preto-e-branco, e todas as tonalidades de permeio. O mundo fazia, por fim, sentido. Agora, eu fazia parte do segredo.

Os ecos da sua voz repetiam-se na minha cabeça, uma e outra vez, enquanto nos movíamos juntos. *Amo-te. Amo-te. Amo-te.*

Também te amo. Sempre. Para sempre.

13. Mudou alguma coisa?

GRACE

Eu e o Matt dormimos vinte minutos no total antes de o despertador tocar. Depois de o desligar, ele rolou para cima de mim, os corpos nus pressionados um contra o outro. As minhas mãos procuraram-lhe o cabelo, enquanto ele se afundou no meu corpo e me abocanhou o mamilo, roçando levemente com os dentes e a língua. O quarto estava na penumbra total, mas carregado de eletricidade.

— Estás dorida? — sussurrou.

— Não. — Eu queria senti-lo por todo o lado... de novo. Esperara alguma dor ou sangue, ou uma lembrança penosa de que, algumas horas antes, eu fora virgem. Mas não senti nada disso, éramos apenas dois jovens insaciáveis e ávidos um do outro.

Ele regressou ao meu pescoço, beijando-o e chupando-o até à orelha. Eu arfava, e a sua barba de dois dias fez-me umas cócegas deliciosas. Sentia-o duro e quente na minha coxa à medida que pressionava o corpo sobre o meu.

— Ahhh, Matt.

— Adoro esse som.

A sua voz junto à orelha provocou-me ondas de vibração que desceram pelas minhas pernas. Todo o meu corpo estremecia. Já nada nos parava naquele momento. A intensidade deixou-me sem fôlego. Os nossos corpos eram um borrão, agarrámos, apertámos, beijámos, chupámos, movemos para cima e para baixo, rolámos de um lado para o outro, cada movimento fluido em perfeita sintonia com a cama de solteiro do Matt. Ele puxou-me para cima, para que o montasse.

— Assim — disse ele, levantando-me os quadris e guiando o pénis para dentro

de mim. Arqueei as costas, pressionando as mãos contra o seu abdómen firme.

Os meus gemidos agudos misturaram-se com os sons de satisfação, silenciosos e profundos que lhe retumbavam do peito.

— Estás a sentir? Sentes isto, Matt? — Comecei a mexer-me mais depressa.

— Sim, meu amor — disse ele, com a voz rouca. Os olhos estavam vítreos de desejo e tinha os lábios ligeiramente afastados.

Aumentando a intensidade dos movimentos, recostei-me para trás, apoiando as mãos nas suas coxas, o que intensificou ainda mais a fricção. Ele pressionou o polegar contra as terminações nervosas que começavam mesmo acima do ponto por onde nos uníamos. Os seus movimentos pequenos e subtrís desligaram-me do resto do mundo. As paredes podiam ruir, o meu violoncelo podia pegar fogo, que eu permaneceria ali até ao clímax, movimentando-me em cima do Matt, com os nossos corpos unidos.

Quando o ritmo começou a acelerar, ele agarrou-me na cintura e ficou tenso. Senti a minha boca a abrir, mas não emitia som algum. Mal respirava, com medo que tudo se desvanecesse. Fechei os olhos e entreguei-me. Foi estranho; não que me tivesse esquecido da presença do Matt — como poderia? —, mas tive muito pouca consciência do que se passava ao meu redor. Foi como se me tivesse esquecido de que *eu própria* estava ali até o desejo se ter intensificado e ter sentido ondas vibrantes de calor e frio percorrerem-me o corpo. Lá em baixo, o ritmo pulsante começou, mais forte do que nunca. O Matt soltou um ruído abafado que lhe veio do âmagô.

A palavra «sim» escapou-se-me da garganta, de modo quase doloroso. Não foi uma declaração triunfante, como se vê nos filmes. Foi silenciosa e ao mesmo tempo eufórica.

Passou-me um último pensamento pela cabeça antes de colapsar em cima do Matt. *Tenho de deitar mão àquele livro que a mãe lhe deu.*

Pouco depois, ele sacudiu-se debaixo de mim, ainda esparramada sobre o seu corpo. Beijou-me no topo da cabeça e inspirou fundo.

— Temos de ir andando. — Resmunguei, com a cabeça apoiada na leve penugem do seu peito.

— Sim, é melhor, embora a ideia de passar o Natal em Nova Iorque, enfiado na cama contigo, não me pareça má de todo.

— Não ias sentir falta da tua família no Natal?

A sua expressão foi insondável.

— Não.

— Não?

— Da minha mãe, talvez. Mas certamente não sentiria falta dos jantares finórios com o meu irmão idiota.

— O que aconteceu para que se distanciassem tanto?

Ele revirou-me, deitando-me de costas, e levantou-se.

— Tive sorte, acho — disse, com um sorriso arrogante. — Vou tomar duche.

Contemplei o seu magnífico rabo, enquanto se afastava. Até mesmo na débil luz do raiar do dia, dava para ver a musculatura bem definida das suas costas.

A CAMINHO do aeroporto, adormeci no banco de trás do táxi, com a cabeça apoiada no ombro do Matt.

— Acorda, querida. Chegámos. — O Matt olhou para o relógio. — Bolas, temos de correr.

Ele tirou a sua mala e o meu pequeno trólei da bagageira. Transpusemos rapidamente a fila do *check-in* e, mal me dei conta, estávamos a embarcar no avião. Sentei-me no lugar do meio e o Matt, à janela. Antes da descolagem, já eu voltara a adormecer no seu ombro.

Mais ou menos a meio do voo, fui acordada por uma leve turbulência. O Matt estava a dormir, de auriculares nos ouvidos. Fui à casa de banho e, ao regressar, o Matt tinha pedido dois *Bloody Marys*. Olhou para mim, de olhos brilhantes, enquanto me instalava novamente.

— Gracie — disse, entregando-me um copo de plástico.

— Matthias — retorqui. Entre nós, o ar estava carregado de eletricidade.

— Pedi-te um duplo.

— Nunca bebi isto — disse eu, enquanto apertava o cinto. — Mas estou disposta a experimentar tudo, pelo menos, uma vez.

Dei um gole e fiquei imediatamente surpreendida por gostar tanto daquele sabor a tomate, salgado e picante.

— Nem se sente o álcool.

Ele riu-se.

— A ideia é essa.

Virei a cabeça para o olhar de frente. Ele tinha círculos escuros por baixo dos olhos e o cabelo castanho espetado em todas as direções. No entanto, continuava extremamente *sexy*. Deu um gole, olhou para mim e desfez-se num sorriso rasgado.

— É bom, não é? — disse, num tom de voz baixo e rouco o bastante para me provocar arrepios desde a espinha até à barriga das pernas.

— Hum, hum — disse eu, sem fôlego. Veio-me à memória o que o Matt e eu havíamos feito horas atrás e do que significara para nós... aquilo em que nos tornara.

Como se conseguisse ler-me os pensamentos, ficou sério de repente.

— Estás bem?

— Sim.

Eu estava bem — feliz até, fervilhando de expectativa —, mas ainda sentia alguma ansiedade. Porquê? A minha primeira vez fora perfeita, quase demasiado boa para ser verdade. Depois de ter ouvido tantas histórias de horror das raparigas da escola secundária sobre como as suas primeiras vezes tinham sido constrangedoras, dolorosas e confusas, como poderia eu não celebrar o que se tinha passado entre nós? Cada momento com ele tinha sido incrível. Não me tinha pressionado e tinha sido sempre paciente e respeitador. Foi gentil e controlado e, depois disso, continuou carinhoso e atencioso. Todos os pensamentos e memórias começaram a rodopiar na minha cabeça... a forma como as suas mãos me tocaram por baixo das mantas no quarto minúsculo da residência... a sua boca por todo o lado...

O Matt observava-me enquanto eu fitava o vazio, perdida nos pensamentos. Os seus olhos detiveram-se na minha boca aberta. Pestanejando, era como se soubesse no que eu estava a pensar.

— Adoro a tua boca.

Inclinei-me e procurei os seus lábios, em busca de conforto. Rendemo-nos à energia elétrica que nos envolvia, praticamente como se a alimentássemos, na tentativa de a satisfazer. Beijámo-nos devagar e carinhosamente, numa dança de línguas, até eu ouvir o som inconfundível de alguém a aclarar a garganta como quem quer chamar a atenção. Olhei para trás e vi uma mulher sentada à coxia a observar-nos atentamente. Dava ares de ser uma jovem mulher do sul do país, muito maquilhada e com uma farta cabeleira loura platinada.

Seria falta de educação da nossa parte estarmos ali com as línguas às voltas nos lugares exíguos de um avião? Provavelmente sim, mas estava-me nas tintas. Se o Matt me pedisse, eu estaria disposta a despojar-me de todas as roupas ali mesmo.

Sorri para a mulher. Com um olhar cúmplice como que a dizer «eu entendo», ela sorriu de volta e revirou os olhos com desdém.

O Matt parecia estafado. Procurou languidamente a minha mão e segurou-a antes de recostar a cabeça e fechar os olhos. Peguei na minha bebida que estava em cima da mesa rebatível e bebi-a em três grandes goles. Estava deliciosa e o álcool fez efeito quase de imediato. Encostei novamente a cabeça no ombro do Matt e adormeci.

— Esqueci-me de perguntar como vamos ter a casa da tua mãe?

O Matt tirou a minha mala roxa do tapete de levantamento de bagagem.

— Ela vem buscar-nos.

Quando saímos do aeroporto de Los Angeles, um monovolume cor de vinho encostou ao passeio.

— É ela.

O Matt deslizou a grande porta de correr e abriu os braços.

— Mamã!

Ela resplandecia de felicidade.

— Matthias, que saudades! Entrem lá os dois.

— Mãe, esta é a Grace — disse o Matt. Fiquei parada ao lado dele, nervosa, enquanto ele arrumava as malas na bagageira.

— Ouvi falar tanto de ti, Grace. É um prazer conhecer-te. Sou a Aletha. — Ela esticou a mão e deu-me um passou-bem. Era uma mulher pequena, com um sotaque grego subtil, feições algo exageradas, mas bonitas, e o mesmo nariz perfeito do Matt. O cabelo escuro apresentava madeixas grisalhas e enrolara um longo e leve *écharpe* à volta do pescoço, dando por vezes a impressão de que usava uma camisola de gola alta.

— O prazer é meu, Aletha.

O Matt instalou-se à frente e eu, atrás, pus o cinto no banco do meio. O terceiro banco, típico de monovolumes como aquele, fora substituído por materiais de arte, incluindo uma grande roda de oleiro de metal.

— Matthias, acabei de comprar a roda de oleiro que está lá atrás por uma pechincha. Preciso que a montes no Louvre; é demasiado pesada para mim.

— Claro, mãe.

Ela olhou de soslaio para ele e irrompeu num sorriso radiante.

— O que foi feito do *mamã*? O meu filho está demasiado crescido para me chamar mamã?

— Mamã — disse o Matt, numa voz aguda a imitar um bebé.

— Seu tonto. — Havia um grande à-vontade entre eles. Desejei que eu e a minha mãe tivéssemos uma relação assim.

— Grace, o Matthias disse-me que és música.

— Sim, estudo música.

— Violoncelo, não é?

— Sim, mas também toco outros instrumentos. Só que sou melhor no violoncelo.

— Bem, o pai do Matt tem um piano majestoso na casa dele. Tens de tocar qualquer coisa quando lá fores. É um desperdício ter um instrumento daquelas a servir de decoração.

— Concordo — interrompeu o Matt.

— Posso tocar, mas terei de pensar no que é que eles gostariam de ouvir — disse eu, embora não soubesse se a ideia me agradava. Do pouco que sabia sobre a família do Matt, pareciam ter uma opinião demasiado crítica em relação a toda a espécie de artistas.

Pouco depois, entrámos por um acesso longo e estreito que foi dar a uma casinha pequena, mas encantadora, do estilo *bungalow*, com ripas verdes de madeira e janelas de guilhotina cor de vinho.

O pátio na parte da frente da casa parecia um jardim inglês de plantas silvestres que me davam pela cintura, podadas o suficiente para dar a sensação de ser um encantador jardim silvestre. A temperatura estava fresca, mas não se comparava ao gelo de Nova Iorque.

— Que sítio tão cuidado — disse eu, pisando o caminho que levava à casa.

— Agora com os rapazes crescidos, tenho tempo de sobra para me dedicar ao jardim. — A Aletha destrancou a porta da frente, ladeada por dois candeeiros de parede em bronze. — Entra, Grace, vou mostrar-te o quarto. Matthias, querido, traz a roda.

Entrámos em casa, enquanto o Matt voltou a correr para o carro.

Não sabia o que esperar. Iria ela submeter-me a um exaustivo interrogatório ou anunciar as regras da casa? Sentia-me terrivelmente deslocada e nervosa. Seguei-a desajeitadamente até ao quarto de hóspedes, onde ela se apressou a abrir a janela para deixar entrar um pouco de ar fresco — tal como o Matt fazia sempre que entrava numa divisão. Eram muito parecidos na graciosidade de movimentos e na índole descomplicada. Fazia-me pensar que características teria o Matt herdado do pai, se é que teria.

A senhora aproximou-se de mim e agarrou-me nos braços. Senti um calafrio na barriga.

Ela sorriu de forma calorosa e disse:

— Não há razão para nervos. Queria um momento a sós contigo para te dizer que, ultimamente, o Matthias parece andar muito feliz, pelo que imagino que devas ter alguma responsabilidade no cartório.

— Ah, sim? — Tentei manter a compostura.

— Bem, seja como for, sê muito bem-vinda à minha casa.

Pousei a mala e reparei que ela já tinha posto o saco do Matt a um canto.

— Muito obrigada por me receber, Aletha. Sinto-me muito afortunada por o Matt me ter trazido cá nas férias. — Aponte para a cama de casal, coberta com uma colcha com motivos florais. — Vou dormir aqui?

— Sim, creio que os dois ficarão confortáveis aqui. O Matthias adora esta cama.

Engoli em seco. *Os dois*. Senti os olhos secos e pastosos, como se tivesse estado muito tempo sem os piscar. E talvez tivesse. A Aletha riu-se e depois puxou-me para me dar um abraço.

— Oh, Grace, minha doce Grace. Não nasci ontem.

Saí do quarto, deixando-me ali especada e atordoada. Exausta, deixei-me cair na cama.

MAIS TARDE, depois de uma longa sesta, o Matt e eu sentámo-nos à mesa de jantar

de carvalho enquanto a Aletha nos servia uma canja de galinha quentinha e aromatizada em tigelas fumegantes.

— Falaste com o Alexander? — perguntou ela ao Matt depois de trazer a sopa para a mesa.

— Não.

Ela ergueu os olhos da sopa e semicerrou-os por cima dos óculos quadrados equilibrados na ponta do nariz. Parecia irritada, mas não a conhecia o suficiente para o poder afirmar com certeza.

— Não falei, não. Da última vez que nos vimos, a conversa entre mim e o Alex não correu da melhor maneira.

Ela pousou o garfo, olhou para mim e depois para o Matt.

— Vocês são irmãos. Eram inseparáveis em miúdos. Que aconteceu a esta família? — perguntou, com a voz embargada.

O Matt pareceu ofendido, antes de suavizar a expressão.

— Vou falar com ele, mãe. — Estendeu a mão na direção dela. Ela agarrou-a e beijou-a, antes de a soltar. — É que não consigo evitar sentir que pessoas como o Alex só atrasam a evolução da nossa espécie. Ele usa polos e calções cor-de-rosa e refere-se a si mesmo como um Adónis. — O Matt sorriu.

Eu engasguei-me num pedaço de frango e não consegui conter um acesso de riso. Nem a própria Aletha se conseguiu conter. Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto, enquanto soltava gargalhadas ruidosas, ria tanto que mal conseguia respirar. Por fim, conseguiu dizer, com voz aguda:

— Vamos lá a ver, olha que ele também é meu filho.

O ambiente ficou mais leve.

— A culpa não é tua — disse o Matt, ainda a rir, enquanto nós as duas recuperávamos o fôlego.

— Ai, ai, Matthias. Foi a única coisa em que saíste ao teu pai.

— No quê? — O meu interesse foi subitamente espicaçado.

Ela sorriu calorosamente.

— Ele e o pai são muito bem-dispostos. Não conseguem falar a sério sobre nada durante mais de dois minutos sem se saírem com uma piada qualquer.

— Ele já não é assim — interrompeu o Matt.

Os ombros da Aletha sacudiram-se num riso mudo.

— Bem, costumava ser, pelo menos.

Terminámos a sopa envolvidos numa agradável conversa, e então o Matt levantou-se da mesa.

— Obrigada, mãe. Estava deliciosa. Grace, queres ir tomar duche enquanto ajudo a minha mãe com a louça?

— Pode ser. Mas eu também posso ajudar.

— Não é preciso, Grace. Nós tratamos disto. — A Aletha aproximou-se do

filho e deu-lhe uma palmadinha no ombro.

Antes de sair da sala de jantar, chamou-me a atenção um louceiro de madeira cheio de fotografias. O Matt seguiu o meu olhar. Havia várias fotos de infância do Matt e do Alex, bem como uma panóplia de projetos artísticos, quebra-luzes enfeitados com missangas, câmaras antigas, peças de cerâmica feitas à mão e várias fotografias a preto-e-branco que mostravam uma Aletha bem mais jovem, a rir alegremente.

— Fui eu que as tirei em miúdo — disse o Matt.

— Estão fantásticas. — Aproximei-me para as ver de perto e fui seguida pelo Matt. — A tua mãe foi a tua primeira musa.

Virei-me e olhei para aqueles olhos escuros semicerrados. Durante uns instantes, o mundo à minha volta congelou. Ele olhou para a minha boca, ligeiramente entreaberta. Fez-me uma festinha na face e o toque dos seus dedos calejados na minha pele foi como que divinal, fazendo-me estremecer.

— Tu és a minha primeira musa, Grace.

A música que o Orvin me ensinara a ouvir estava de volta. Os sons preencheram-me os ouvidos à medida que o Matt me beijava ternamente os lábios.

O LADO DA CAMA DO MATT estava frio e vazio quando acordei na manhã seguinte. Fui até à sala de jantar e encontrei a Aletha sentada à mesa sozinha, a beber café e a comer colheradas de papas de aveia de uma grande tigela.

— Bom dia, querida.

— Bom dia, Aletha. O Matt saiu?

— Sim, foi fazer uns recados, mas não te quis acordar. Queres papas de aveia?

— Basta um café, obrigada.

— Senta-te. — Quando se levantou, reparei que usava um avental pintalgado de tinta e sapatos próprios para jardinagem. Ela apercebeu-se de que eu analisava a sua indumentária.

— Estive no Louvre. É o meu estúdio de arte nas traseiras, mais vulgarmente conhecido como garagem. Dei-lhe este nome, porque, ora bolas, adoraria expor a minha arte no Louvre e isto é o mais perto que vou chegar disso. Posso mostrar-to depois do pequeno-almoço.

Ela foi até à cozinha e eu sentei-me. Distraí-me a contornar com o dedo um veio na mesa de madeira enquanto via a mãe do Matt à procura de uma chávena num armário alto. A Aletha parecia alguém com a alma em paz, como se já tivesse decifrado os mistérios da vida.

— Estou nervosa por ir conhecer o pai do Matt e a sua família — confessei, sem pensar se a ofenderia ao referir-me a eles como a *sua* família.

Ela deteve-se por um segundo, sem tirar os olhos do armário, equilibrada com elegância nos bicos dos pés. Foi tempo suficiente para eu perceber que o meu comentário a tinha perturbado.

— Vai correr tudo bem — disse ela, sem olhar para mim. Quando regressou à sala de jantar, entregou-me uma chávena artesanal de cerâmica cheia de café preto e aromatizado. Sorria. — O pai deles, o Charles, já foi muito parecido ao Matthias.

— Já não é?

Ela apontou para o centro da mesa, onde havia um jarrinho de metal com natas, em cima de uma bandeja de prata.

— Bebo café simples — respondi à pergunta implícita.

Ela sentou-se do outro lado da mesa. Recostou-se na cadeira, tirou os óculos pousados na ponta do nariz, e colocou-os ao lado da tigela vazia. Estivemos alguns segundos em silêncio antes de ela prosseguir.

— Por vezes, o dinheiro muda as pessoas. Quanto ao irmão do Matt, o Alexander, não te preocupes com ele. É na Monica que tens de ficar de olho, especialmente estando o Matthias por perto. Ela é que é a intriguista. O Alexander é só... bem, julgo que o Matt o descreveu bastante bem ontem à noite. É inofensivo, mas não propriamente benevolente. Acho que é o melhor resumo possível.

Arregalei os olhos, chocada com a sinceridade.

— Eu digo as coisas como elas são, Grace. A Monica sempre teve um fraquinho pelo Matt, só que a sua predileção por dinheiro falou mais alto. Creio que o Alexander está ciente disso, o que criou distância entre ele e o irmão. Eles foram sempre diferentes, mas eram chegados antes de ela aparecer.

Ansiosa por mudar de assunto e com o estômago às voltas, fui anuindo e bebericando o café.

— Gostaria de dar um presente ao Matt. — Fiz uma pausa e ela esperou. — Não tenho muito dinheiro. Tem algumas ideias do que ele poderá gostar?

Ela ergueu os olhos do café e sorriu.

— Sim, ainda bem que perguntaste. Acho que sei qual é o presente perfeito. Vamos até ao meu estúdio.

Segui a Aletha até à garagem, que parecia tão velha como a casa, mas não estava tão bem conservada por fora, com as ripas bege desgastadas e a precisar de uma pintura. Ela conduziu-me ao interior e apressou-se a fechar a porta, dando risadinhas como se fôssemos colegiais em conspiração. Por todo o lado, havia estantes com peças de cerâmica a secar, esculturas e um cavalete com a pintura meio acabada de uma paisagem. As paredes estavam forradas com amplas prateleiras que iam até ao teto, repletas de uma ponta à outra com pincéis dentro de latas, ferramentas de metal e jarras de vidro. A nova roda de oleiro estava no

canto. A única superfície intocada e reluzente era o tampo metálico largo e redondo da roda. A Aletha agarrou num avental pendurado atrás da porta e entregou-mo.

— E que tal se fizesses algo para o Matthias?

— Sim, mas o quê? Não sou muito boa nestas coisas. — Peguei numa lata de café cheia de minúsculas ferramentas prateadas. — Para que serve isto?

— Para fazer trabalhos em couro.

— Ah! O Matt precisa de um cinto. Ele anda a usar dois atacadores atados um ao outro.

— Perfeito — disse ela. Dirigiu-se a um armário alto com estrutura metálica e tirou de lá uma faixa lisa de couro com quatro orifícios redondos perfurados numa das pontas. — Só precisas de uma fivela, que podemos comprar em segunda mão.

Eu estava cada vez mais fascinada por ela. Da lata de café, tirei um pequeno martelo e algumas ferramentas e ergui-os no ar.

— Então, é só martelar no couro?

— Primeiro, é necessário humedecer ligeiramente o couro, de modo que fique maleável. Dessa forma, o desenho fica marcado e durará mais tempo, talvez para sempre.

Dirigiu-se a uma bacia rústica e regressou passados uns instantes com um pano molhado. Em seguida, embebeu o couro usando a pequena toalha e depois deu um passo atrás.

— Força nisso, querida.

— Que tipo de desenho faço?

— O que quiseres.

Analisei as ferramentas com pontas de vários formatos. Havia um círculo feito com três linhas emaranhadas. Peguei nele, juntamente com um pequeno círculo sólido, e pressionei o círculo maior no couro com facilidade, imprimindo uma marca permanente. Em seguida, peguei no círculo mais pequeno e martelei-o no centro do desenho que já tinha feito. Ela aproximou-se.

— Uau, isso parece um olho, não é?

— Acho que sim.

— Vamos dar-lhe um toque feminino. Posso?

Assenti e ela escolheu uma ferramenta com o formato de uma pequena lágrima na ponta e fez três perfurações acima do desenho do olho e outras três por baixo. Em seguida, martelou um segundo olho e repetiu o processo. Pegou numa ferramenta em forma de meia-lua e pressionou-a várias vezes seguidas, com movimentos rápidos, nas bordas superior e inferior, criando um debruado. Antes de me dar conta, já ela tinha trabalhado cinco centímetros do cinto, criando um desenho suficientemente abstrato para se parecer com cornucópias ou olhos femininos que espreitavam de motivos tribais.

— Estou impressionada — disse.

— Já tens o padrão. «Olhos postos no Matt», se tivéssemos de lhe dar um nome. — Ela riu-se.

— «Os *meus* olhos postos no Matt» — corrigi, fazendo-a rir ainda mais.

— Ele vai adorar. Só tens de repetir o padrão até chegares ao fim do cinto.

Ela alcançou um banco que estava atrás de mim, onde me sentei, deitando mãos à obra.

14. Tinhas dúvidas?

GRACE

Acabei o cinto horas depois, no preciso momento em que ouvi o ronco de uma moto a chegar. A Aletha tinha ido a casa fazer chá. Pendurei o cinto dentro do armário, fechei-o e dirigia-me à porta no momento em que o Matt a abriu. Empurrando-me para o interior, beijou-me com paixão. Envolvi-o com os braços e deixei que me levantasse as pernas e as pendurasse à volta dos quadris. Depois, fechou a porta e empurrou-me contra ela.

— Não me digas que não — disse ele, colado à minha orelha.

— Matt, a tua mãe.

— Tira isto. — Ele pousou-me no chão e retirou o avental. — Tira tudo, já agora. — Ele já estava com a mão na minha camisola, para a despir, mas detive-o.

— A minha mãe não se atreve a vir cá — disse ele, ofegante.

— O quê? Porquê?

Ele deixou as mãos cair para os lados.

— Porque sabe que estamos cá os dois. Ora então, onde íamos nós? — Ele olhou para o teto e bateu com o indicador no queixo, apontando-o depois para mim. — Ah, sim, íamos despir-te.

— Calma, ela deve esperar o mínimo de respeito.

— Ou espera que nos comportemos como os jovens apaixonados que somos — ripostou rapidamente.

Seguiu-se um silêncio, como se tivessem sugado o ar da divisão e tivéssemos sido deixados num vácuo desprovido de palavras, com os olhos cravados um no outro. A expressão do Matt manteve-se impassível.

Arqueei as sobrancelhas.

— O que foi? — Ele encolheu os ombros.

— Somos?

— Jovens? Sim, relativamente.

— Não, se estamos apaixonados...

— O que é que te parece, Grace? — E então a sua boca encontrou a minha, mas agora o beijo perdera todo o sentido de urgência. Beijámo-nos demoradamente, como se nos estivéssemos a tentar fundir um no outro, envoltos em ternura e romantismo.

Por fim, afastei-me.

— Tens uma mota? — perguntei, com ar sonhador.

Ele fez que sim com a cabeça, que enterrara no meu pescoço, beijando-me por baixo da orelha.

— Levas-me a dar uma volta?

— Ai, se levo.

— Sabes, nunca chegámos a falar a sério sobre a outra noite.

— E precisamos mesmo de conversar sobre isso? — De repente, o seu tom de voz ficou mais sério.

Uma súbita onda de paranoia fez-me recuar alguns passos, soltando-me do abraço do Matt. Ele evitava o assunto. Porquê? Questionei-me se haveria alguma coisa que não me queria dizer. *Não fui boa o suficiente? Claro que não, que ingenuidade a minha*, pensei. Ele era como um deus que emanava uma mistura inebriante de carinho e sexo. Eu venerava-o a maior parte do tempo. E, como se não bastasse, ele era amável, inteligente, forte e talentoso.

A sério, Universo? Isso já é muito bom. É bom de mais! Ninguém pode ser assim tão fantástico. Não é justo.

O Matthias era o tipo de rapaz com que as miúdas sonhavam casar. Era o tipo de rapaz cujo apelido as meninas escrevinhavam a seguir ao seu nome próprio no caderno da escola. *Graceland Shore. Graceland e Matthias Shore. O senhor e a senhora Shore*. Fotografias da família a rodopiar em fluxos indistintos, como estrelas a viajar à velocidade da luz. Ela, de pé, resplandecente e grávida do décimo segundo filho, com todos os pequenos Adónis e Afrodites agarrados às suas pernas, enquanto marido e mulher cruzam olhares. Grita para toda a gente ouvir, «Este homem é meu!», e faz-lhe sexo oral a toda a hora. Isso, ela ainda não experimentara, mas tencionava fazê-lo. Seja como for, o que importa é que faria tudo por ele.

E então, qual criatura mitológica, ele aniquilar-lhe-ia o coração com uma indiferença brutal.

E precisamos mesmo de conversar sobre isso?

Ui.

Ele semicerrou os olhos, numa expressão suplicante, inquisitiva. Ou estaria

apenas a brincar comigo? Senti espasmos de ansiedade no estômago.

— Pronto, Grace, o que raio se passa?

Não me contive.

— Fui um desastre na cama?

— O quê? Que ideia é essa? Estás a gozar comigo?

— Vais responder-me à pergunta ou não?

Ele endireitou-se.

— Preciso mesmo de chamar a atenção para o facto de, basicamente, te ter dito que estou apaixonado por ti? Achava que tinhas entendido. Por amor de Deus, Grace. Estou com uma tusa diabólica e desesperado por te atirar contra a parede e desflorar-te neste barracão nas traseiras da casa da minha mãe. Afinal, as ações falam ou não mais alto do que as palavras?

Olhámos um para o outro e, depois, ele baixou o tom de voz.

— A noite passada foi, na boa, a melhor noite de toda a minha vida, juro-te. Duvido que mais alguém a consiga superar. És linda e *sexy* como mais ninguém e o modo como te movimentaste foi tão perfeito que ainda não consegui parar de pensar nisso. — Ele baixou o olhar para as calças e riu-se. — O que tornou a minha passagem por aviões e pela casa da Aletha extremamente constrangedora.

A flecha acertou em cheio no meu coração. Eu era sua.

Agarrou-me na mão.

— Anda cá, sua tonta. Quero levar-te a almoçar a casa do meu pai e começa a ficar tarde.

— A sério? — Olhei para o relógio. Não estava preparada para conhecer o pai dele tão em cima da hora. — Bolas.

Irrompi pela casa da Aletha como um furacão, rodopiando em círculos desvairados.

— Não sei o que vestir — resmunguei.

O Matt veio atrás de mim e sentou-se na cama de hóspedes, observando-me, com as mãos atrás da cabeça e um sorriso satisfeito e presunçoso na cara.

— Qualquer coisa. Tudo te fica bem... sem nada também ficas bem.

— Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! — As roupas da minha mala começaram a voar pelo quarto. — Não tenho nada de jeito!

— Tens isto — disse o Matt, apanhando numa peça de roupa do chão. — Veste isto.

Era *o tal* vestido, aquele às florinhas pretas e decotado nas costas.

— Com *collants* e botas. Ficas linda.

Examinei o tecido todo amarrotado.

— Dá-mo cá — A voz vinha da porta. A Aletha estava com as mãos estendidas. Ao olhar para ela e ver aquele sorriso caloroso, quase desatei a chorar. Na minha casa, eu não só tinha de engomar as minhas roupas, como também as

do meu pai e dos meus irmãos. A minha mãe dizia que eu tinha de fazer a minha parte. Inclusivamente quando ia de férias, passava horas a ajudar nas tarefas da casa e a engomar. Detestava engomar. Só olhar para a tábua de passar me irritava. O pequeno gesto da Aletha lembrou-me o quanto eu ansiava por uma mãe cuidadora — uma que não deixasse que o alcoolismo do meu pai comandasse as nossas vidas. Uma que, sempre que eu telefonasse, parecesse animada e se interessasse pela minha vida. Uma que não tivesse de se desdobrar em muitas.

— Obrigada, Aletha.

— De nada, querida.

Acho que o disse com sinceridade, como se engomar-me o vestido a deixasse efetivamente feliz.

No espaço de vinte minutos, eu estava a tamborilar os dedos no banco do pendura da carrinha da Aletha, enquanto o Matt assobiava ao som dos Sex Pistols, batendo no volante ao ritmo da música, navegando pelo trânsito, totalmente alheio ao meu nervosismo.

— Ei! — gritei por cima da música.

Ele baixou o volume e olhou para mim.

— Não te passes, Grace. Não passam de um bando de idiotas pretensiosos. Só tens de tocar uma música; vais deixá-los de queixo caído. A Monica vai ficar com ciúmes. O Alexander vai ser um parvalhão. O meu pai e a mulher vão ser cordiais, mas arrogantes. Vão passar o tempo a falar sobre um *chef* famoso qualquer que cozinhou a refeição e depois o meu pai vai fazer questão de referir o preço do vinho.

— Sinto-me mal por aparecer de mãos a abanar.

— A minha mãe deu-me uma garrafa de *Prosecco*.

— O que é isso?

— É vinho espumante, como champanhe.

Suspirei de alívio.

— Perfeito.

Quando estacionámos diante daquilo que eu, modestamente, chamaria uma mansão, arregalei os olhos. A casa estava decorada com luzes natalícias brancas e havia uma colossal árvore de Natal no centro da entrada circular, coberta com grandes e extravagantes laços e enormes bolas de vidro ornamentais.

— A minha madrastra adora estas tretas, mas não é ela que decora. Limita-se a contratar quem o faça por ela.

Avistei a garrafa de espumante atrás do banco e peguei nela. Apreensivos, encaminhámo-nos para a porta e o Matt tocou à campainha. Pareceu-me estranho que ele não pudesse simplesmente entrar na casa onde crescera.

Veio abrir a porta uma mulher rechonchuda, aí na casa dos sessenta, trajando um avental como eu só vira no cinema. Parecia a Alice de *The Brady Bunch*, mas

carrancuda.

— Matthias — disse ela, com um sotaque cerrado, obviamente alemão.

Ele inclinou-se e deu-lhe um beijo na face.

— Naina, apresento-te a Grace.

— Muito prazer. — Ela deu-me um passou-bem firme, voltando ligeiramente a minha mão para baixo. Seguimo-la por um vestíbulo e um longo corredor.

— Quem é? — perguntei, articulando os lábios sem fazer som.

— A governanta — sussurrou, aproximando-se da minha orelha. — É má.

Arregalei os olhos. A Naina virou-se e parou.

— Eu ouvi, meu menino.

O Matt sorriu.

— A Naina está connosco desde os meus doze anos. Ela ajudava-me a fazer os trabalhos de casa, ensinou-me uma data de palavras em alemão e sempre me deixou comer doces às escondidas.

A Naina bateu com o pé no chão e pôs as mãos nos quadris avantajados.

— Matthias — ralhou, imediatamente antes de ficar de faces coradas e se desmanchar numa risota. — Anda cá, seu maroto.

A corpulenta mulher praticamente levantou o Matt no ar, apertando-o entre os braços.

— Tive saudades suas, Matthias. As coisas não são as mesmas sem o menino.

Desfizeram o abraço. O Matt apontou para si próprio com o polegar.

— Sou o favorito dela.

— Bom, já chega — retorquiu a Naina, dando meia-volta e retomando o percurso corredor fora. Apesar de ela não confirmar a observação, tomei consciência de que era verdade.

Faltavam dois dias para o Natal e eu estava prestes a conhecer o pai do Matt, o irmão, a madraستا e a vingativa ex-namorada/futura cunhada. Ainda bem que tinha as mãos ocupadas quando entrei na sala; funcionava como um escudo contra o que quer que nos aguardasse naquela majestosa sala de estar. Porém, o Matt arrancou-me a garrafa de *Prosecco* das mãos — lá se foi o meu escudo — e entrou à minha frente, de braços esticados, peito para fora, a garrafa baloiçando-lhe na mão direita.

— Feliz Natal, família. Cheguei!

Vi o pai e a madraستا do Matt de pé diante de uma janela que ia do chão ao teto e que dava para um enorme pátio com uma piscina cintilante. O pai estava de fato escuro e gravata. A madraستا vestia uma saia travada bege, uma blusa branca e um reluzente colar de pérolas. Era o polo oposto da Aletha, com o cabelo louro irrepreensivelmente cortado pelo queixo e uma pele cirurgicamente esticada.

O pai apresentava o aspeto distinto de quem passava muito tempo diante do espelho, porém, tinha um sorriso genuíno, tal como o Matt. Do sofá, ergueu-se

uma figura que não podia ser senão o Alexander. Envergava um fato de uma brancura irrepreensível e uma camisa cor-de-rosa, sem gravata. Os três botões de cima estavam desabotoados, revelando-lhe o peito bronzeado e depilado. O cabelo era mais claro do que o do Matt e parecia feito de plástico, tal as camadas de gel que tinha.

Aproximou-se do irmão em três passos.

— Chegou o Matt, atrasado como é seu apanágio — disse ele, num tom bem-disposto. Aceitando a garrafa que o Matt lhe entregou, examinou-a. — E olhem só, trouxe-nos o champanhe dos pobres. Que dizem? Talvez possamos usá-lo para temperar a carne.

Ele estaria a falar a sério? Meu Deus.

Senti a barriga a contorcer-se e um aperto no peito ao perceber que, quando a Aletha deu a garrafa ao Matthias, ele sabia a reação que suscitaria e, mesmo assim, não teve coragem de o dizer à mãe... ou a mim. Deve ter sido por essa razão que ma arrancou das mãos no último instante.

Ignorando o irmão, desviou-se e deu-me o braço.

— Esta é a Grace.

Acenei de modo algo desajeitado, ao que a madrastra se aproximou.

— Olá, querida. Sou a Regina.

Enquanto nos cumprimentávamos com um passou-bem, o pai do Matt abraçou-o, sem dizer nada, voltando-se depois para mim.

— Olá, Grace, é um prazer conhecer-te. Ouvi falar de ti e da tua música.

Engoli em seco, perguntando a mim mesma o que teria ele ouvido.

— Obrigado. É um prazer conhecê-lo.

— Por favor, trata-me por Charles.

Apeteceu-me dizer, *E que tal Charlie?*, e soltei um risinho nervoso.

— Com certeza, Charles.

O Alexander afastou-se, o que me permitiu ver uma mulher morena que entrava na sala pelo outro lado. Era bonita, mas não deslumbrante. O cabelo longo e liso enrolava nas pontas. Os olhos castanhos eram grandes e transmitiam uma ternura surpreendente. Sorri quando se aproximou, mas depois reparei no seu sorriso aberto e cínico, que transparecia uma ponta de malícia. Aproximou-se de nós de forma sedutora, movendo-se como um felino.

— Matthias. — O seu tom de voz era altivo.

— Olá, Monica. Esta é a Grace.

Recuperou o sorriso sinistro sem mostrar os dentes à medida que os seus olhos me examinaram lentamente, de cima a baixo. Estendi a mão para lhe dar um passou-bem, mas ela deixou-me pendurada até, por fim, me cumprimentar.

— Prazer em conhecer-te. Fazes o género dele.

— Ah...

A Monica olhou para o Matt.

— Ela fala?

— Meninos, vamos passar para a sala de jantar — interrompeu o Charles, para meu alívio.

Sentámo-nos os seis à volta de uma grande e luzidia mesa preta apetrechada com talheres de prata e flutes de champanhe de cristal. O Matt e eu sentámo-nos em frente ao Alexander e à Monica, ao passo que a Regina e o Charles ocuparam cada um o lugar da ponta. A Naina mexia-se de forma lesta e airosa pela sala, dispondo os pratos na mesa.

O Charles anunciou que a comida tinha sido preparada pelo *chef* Michael Mason. Inclinei-me e sussurrei ao Matt:

— Quem é esse?

— Ninguém quer saber — disse o Matt em voz alta, mas ninguém fez caso.

A Regina e a Monica conversavam sobre o modista responsável pelo vestido de noiva, ao passo que o Charles e o Alexander sussurravam sobre as negociações contratuais mais recentes da empresa. Basicamente, ignoraram-nos durante grande parte da refeição, o que me devia ter deixado feliz. Quando a sobremesa chegou, e a Monica e o Alexander já haviam bebido umas quantas flutes de champanhe, passaram a dedicar-nos atenção exclusiva.

— Com que então, tocas violoncelo? — perguntou o Alexander.

— Sim.

— Ah. — O tom da Monica era de reconhecimento. — És a violoncelista?

— Sim — repeti, pressentindo indícios de preocupação na expressão do Matt. Ele olhava fixamente para a Monica, como quem procura ler nas entrelinhas.

O riso melífluo e falso dela provocou-me um calafrio na espinha. Olhou para o Alexander, mas apontou para mim.

— Esta é a tal? — Os seus olhos viraram-se subitamente para o pai do Matt.

— Não foi aquela que o Charles desenrascou?

— Como? Er... desenrascou? Não sei a que se refere — balbuciei, a meia-voz. *Quem era esta miúda estúpida e submissa em que me havia tornado no meio desta gente?*

— Não é nada. Isto não é conversa para ter à mesa, Monica. — Disse o Matt, num tom irritado.

Afastei a cadeira da mesa.

— Onde é a casa de banho? — perguntei, sem me dirigir a ninguém em particular, mas na esperança de ser resgatada por alguma alma caridosa.

— Ao fundo do corredor, é a segunda porta à direita — respondeu a Regina.

Assim que me levantei, dei conta que cambaleava, zonga do champanhe. O Matt pôs-se de pé, mas eu não esperei por ele. Embora ouvisse os seus passos atrás de mim, precipitei-me para a casa de banho. Não consegui, contudo, fechar a porta, uma vez que ele enfiou a sua bota de biqueira de aço entre a abertura.

— Espera, deixa-me entrar.

— Não — rosnei.

— Grace, estou a falar a sério. Deixa-me entrar... por favor.

Eu tinha os olhos marejados, pelo que baixei a cabeça quando finalmente larguei a porta e o deixei entrar. Ele levantou-me o queixo. Os seus olhos chispavam, como álcool em chamas.

— Ouve-me bem. Pedi algum dinheiro emprestado ao meu pai para te ajudar a reaver o violoncelo. Abstive-me de entrar em pormenores, porque sabia que ele jamais compreenderia a tua situação. Nem sequer merecem saber. És uma pessoa boa, gentil e pura e não precisas que esta gente to diga. Eles que pensem o pior. Deixa que a Monica destile o seu veneno julgador. Deixa que o Alexander pense que precisámos do dinheiro para fazer um aborto pela quinta vez. Eles que vão todos para o inferno. Estou-me nas tintas, e tu também devias estar. Esta gente nunca fica satisfeita; por mais que tenham, querem sempre mais. Neste momento, querem despojar-nos da nossa dignidade, porque nós temos algo que eles não têm.

— Que é...? — funguei.

— Isto. — Curvou-se e beijou-me suave e lentamente.

Em seguida, foi ao outro lado da casa de banho, abriu o armário por baixo do lavatório e enfiou o braço até ao fundo.

— Cá está! A Naina nunca desilude.

Era uma garrafa de tequila, cuja tampa desapertou, dando um gole.

— Tenho de conduzir, mas tu podes beber à vontade. Anestesia-te do sofrimento que é estar com a minha família, confia em mim.

Depois de dar três valentes goladas, senti que o calor do álcool me subia à cabeça. Ficava logo muito vermelha sempre que bebia tequila.

— Estou pronta.

Ele afagou-me o cabelo, despenteando-o.

— Agora, sim, estás com ar de quem acabou de dar uma. Vamos lá deixá-los embaraçados.

Quando regressámos, encontrámos a família na sala de estar, junto a um reluzente piano de cauda. A Monica sobressaltou-se quando nos viu. O Alexander pareceu ficar invejoso e o Charles e a Regina não disfarçaram a curiosidade ao verem que me abanava para me refrescar.

— Estavam demorados — comentou o Alexander.

Passando atrás do Alexander, murmurei:

— Pois estávamos. O Matt não gosta de pressas.

Ao sentar-me no banco do piano, fiz um último gesto teatral para me abanar antes de pousar as mãos nas teclas.

— Posso tocar alguma coisa?

— Seria maravilhoso, Grace — respondeu o Charles.

A tequila explodia-me nas veias, soltando-me todos os músculos tensos do corpo. Comecei a tocar, primeiro devagar, deixando que a música crescesse. Então, a melodia foi-se intensificando, cada vez mais alto, num redemoinho de emoções como se fosse uma experiência espiritual. Apetecia-me gritar: «Digam amém!» Fechei os olhos e toquei, sem falhar uma única nota durante cinco minutos seguidos.

Quando terminei, o silêncio era sepulcral. Nervosa, esperei pelo som de palmas para poder abrir os olhos. A primeira pessoa para quem olhei foi o Charles, que estava radiante.

— Isso foi fantástico, Grace. Era Bach?

— Pink Floyd. *Comfortably Numb*. — Sorri.

— Seja como for, foi magnífico — elogiou a Regina.

— Obrigada. — Levantei-me e reparei que a Monica se tinha posto ao lado do Matt, contemplando-o. Ele, contudo, não se deu conta, tinha os olhos postos em mim e exibia um sorriso rasgado e cheio de orgulho.

Quando fui ter com ele, levou os dedos à altura do rosto, como se estivesse a disparar uma câmara imaginária e articulou com os lábios: «És mesmo linda.»

A Monica assistiu a esta cena, mas — e esta foi a melhor parte — isso não pareceu afetar o Matt minimamente, dando a impressão de que ela já nada significava para ele. Mal me aproximei, o Alexander bateu com força nas costas do Matt.

— Ela é mesmo talentosa, mano.

O Matt arregalou os olhos, claramente em choque pela lembrança de um antigo amor fraternal que tinham chegado a partilhar ou talvez por parecer que o Alexander me via como um prémio.

— Pois é — disse ele, sem nunca tirar os olhos de cima de mim. — Bem, temos de ir andando.

Dito isto, puxou-me pela mão em direção à porta e pôs-me o braço por cima do ombro.

— Pai e Regina, obrigado. O almoço estava ótimo. Temos de ir, a mãe precisa da carrinha.

Beijando-me a orelha, sussurrou: «Quero-te toda só para mim.»

Virámos as costas e saímos porta fora. O Matt desejou um sonoro «Feliz Natal!» e desaparecemos, deixando para trás uma sala cheia de gente boquiaberta.

— O que raio foi aquilo? — perguntei-lhe, assim que arrancámos.

— Foi a minha forma de lhes dizer que és minha.

Eu não conseguia parar de sorrir.

Voltámos a pôr os Sex Pistols. O Matt aumentou o volume e começou a imitar o Sid Vicious, cantarolando uma coisa qualquer sobre férias ao sol. Sorri, olhando pela janela do passageiro, para as luzes vermelhas indistintas do trânsito do outro

lado da autoestrada.

PASSÁMOS os três dias seguintes em casa da Aletha, a passear de mota pelas redondezas. Numa loja de artigos em segunda mão, encontrei uma fivela de cinto quadrada feita de peltre preto com o desenho de uma coruja cinzenta no centro. Antes de pagar, pedi ao Matt que esperasse lá fora.

Quando saí, ele estava no parque de estacionamento, montado na mota, mais *sexy* do que nunca. Cruzara os braços e exibia aquele seu sorriso convencido, semicerrando os olhos contra o sol. Uma rajada de vento atirou-me o cabelo para trás o que o fez erguer uma câmara invisível no ar e tirar-me uma fotografia imaginária.

— Gracie, espero que me tenhas comprado aquela fivela com a coruja.

Esmurrei-lhe o braço.

— Idiota, tinhas de estragar tudo?

— Dá cá uma beijoca.

— Deste cabo da minha surpresa — lastimei-me.

— BEIJA-ME.

Na manhã de Natal, sentámo-nos à volta da árvore da Aletha e trocámos os nossos presentes, que se compunham maioritariamente de peças feitas à mão. A Aletha fizera-nos quatro lindas canecas na sua nova roda de oleiro.

— Mande envernizá-las. Duas têm as tuas iniciais no fundo, e as outras duas, as da Grace — explicou ela, enquanto o Matt as desembalhava.

— Ah! Muito fixe, mãe. Obrigado.

Depois foi a vez de o Matt lhe entregar uma grande moldura embrulhada.

— É uma prenda dos dois.

Apertei-lhe a mão em jeito de agradecimento; ele sabia que eu não lhe comprara nada.

A Aletha desembalhou o presente e deteve-se a observá-lo. Como eu não vira o presente antes, levantei-me e fui pôr-me atrás dela. Quando finalmente vi a moldura, engoli em seco e senti os olhos encherem-se de lágrimas. Era uma colagem com fotografias nossas. Embora eu e o Matt estivéssemos em todas as fotos, não se viam as nossas caras, apenas uma parte do corpo, as pernas ou os braços, ora as mãos, ora o cabelo; na maior parte das vezes, estávamos juntinhos, abraçados ou preguiçosamente encostados um ao outro. Em algumas, o clarão de luz era tão forte que só se viam as nossas silhuetas. Era uma compilação impressionante, uma mostra belíssima do talento do Matt.

— Matthias — começou a Aletha, ainda sem fôlego. — Meu filho, estas fotos estão deslumbrantes. E Grace, tu és um motivo naturalmente belo. Vou guardá-lo para sempre.

Uma lágrima rolou-me cara abaixo e foi cair no ombro da Aletha, quando esta me abraçou. Surpreendida, olhou para mim. Envergonhada, abanei a cabeça e desviei o olhar.

— Não tinhas visto isto, Grace? — perguntou.

— Não — disse, com a voz embargada. — Está fantástico, Matt.

— Ainda bem que gostas, porque vais receber a mesma coisa. — Ele riu-se. — Está à tua espera no quarto. Deixei-o lá às escondidas antes de nos irmos embora.

Saltei-lhe para o colo e beijei-o sem delongas. Ele abraçou-me com força.

— Adoro. Obrigada.

Quando lhe dei o cinto, ele examinou-o e disse:

— São os olhos da Gracie — Eu assenti.

— Eu disse-te que ele ia perceber — acrescentou a Aletha.

QUANDO VOLTÁMOS para Nova Iorque, no início de janeiro, entrámos na rotina que já nos era familiar. Explorávamos a cidade, íamos às aulas, estudávamos juntos ou, pelo menos, tentávamos. Não conseguíamos tirar as mãos de cima um do outro. Nas noites em que o Matt trabalhava na PhotoHut, eu ficava a ensaiar com a Tati.

Cerca de um mês depois, o Matt pediu-me que fosse ter com ele à sala de convívio, dizendo-me apenas que me iria levar a um sítio especial.

— É a segunda parte do teu presente de Natal — disse-me, com um brilho nos olhos, enquanto me agarrava a mão e me conduzia para a rua.

Agasalhados até às orelhas, caminhámos até ao Arlene's Grocery, um pequeno bar onde bandas locais costumavam tocar.

— Não olhes para os cartazes — insistiu.

Avançámos pela multidão, em direção ao palco. O Matt ia à frente, empurrando para abrir caminho, mas eu não via mais nada além das costas das pessoas. Quando consegui, por fim, olhar para cima, dei de caras com o Jeff Buckley a afinar a guitarra.

Isto era inacreditável!

Vimos o concerto inteiro na primeira fila, meneando o corpo ao som da música, a menos de um metro do meu músico preferido de todos os tempos. A dada altura, pareceu-me que o Jeff me sorrisse, contudo, não tardou a desviar o olhar e entregar-se a divagações sobre o adesivo de nicotina que usava. Olhei para o Matt e articulei: «OH. MEU. DEUS.» Eu estava na presença de uma figura grandiosa.

Depois do concerto, o Jeff desapareceu, mas nem me dei ao trabalho de ir à sua procura. Um ano antes, talvez tivesse ficado à espera, feita *groupie*, só para lhe poder tocar ou expressar-lhe a minha admiração, contudo, naquela noite, a única

coisa que queria era regressar à residência com o Matt. Estava inspirada. Queria tocar.

Na caminhada de regresso, comentei, distraída:

— Que pena ele não ter tocado a *Hallelujah*.

— Deve estar cansado de a tocar — respondeu o Matt, balançando as nossas mãos para trás e para a frente.

— Tens razão. Obrigada, já agora. Foi maravilhoso.

— Faço tudo por ti.

— Não te armes em lamechas comigo, Matthias.

Ele riu-se.

— Agora quem é que não consegue levar as coisas a sério, quem é?

15. Gracie...

MATT

Depois das férias, a Grace e eu passámos juntos todo o tempo que conseguimos, nus, na maior parte do tempo. Dava a sensação de tentarmos condensar um relacionamento inteiro em poucos meses antes de eu partir para a América do Sul. Devemos ter dito mil vezes um ao outro que a nossa relação era casual, mas não era isso que sentíamos. A Grace evitava falar sobre os seus planos para o verão, enquanto eu estivesse fora. Lembrava-me constantemente de que éramos novos, o que, por vezes, parecia uma forma de minimizar a relação. Acho que era uma tentativa de proteger o coração. Talvez eu também estivesse a fazer a mesma coisa.

Saíamos bastante com a Tati e o Brandon e, todas as sextas, íamos a concertos em bares decadentes em Lower East Side e Brooklyn. Aos domingos, sentávamo-nos por aí a jogar jogos de tabuleiro ou ficávamos a estudar na residência. Mas à medida que o inverno acabava e se sentiam os primeiros sinais da primavera, ficámos todos atarefados com os preparativos da entrega de diplomas da licenciatura e o início da próxima fase das nossas vidas. Se os nossos quartos não fossem contíguos, não sei se teríamos arranjado tempo para nos vermos.

Por fim, no primeiro dia quente de abril, a Grace, determinada a reunir o bando, deu-nos ordens rigorosas para que nos encontrássemos à porta do Old Hat, às dez da manhã. O Old Hat era um bar escuro e imundo que costumávamos frequentar quando os melhores bares fechavam, pelo que era um sítio invulgar para começar o dia.

Esfreguei as mãos e bati palmas uma vez.

— Muito bem, minha menina, o que vem a ser isto?

— Uísque — disse, de modo inexpressivo.

O Brandon soltou um riso abafado.

— São dez da manhã, Grace — disse a Tati, de mão na anca, sem achar piada nenhuma.

A Grace agarrou-me na mão e puxou-me em direção à porta.

— Não é fixe, malta? Temos o dia todo. Vamos lá, somos novos. Temos de aproveitar.

O empregado do Old Hat cumprimentou-nos e a Grace ergueu quatro dedos.

— Quatro uísques, por favor.

— Oh, céus — resmungou a Tati.

— O que é isto, Gracie? A sério. — Eu não percebia nada.

Sentámo-nos ao balcão.

— Temos andando bastante ocupados e o Matt está de partida. Só quero passar algum tempo convosco, apanhar uma piela, divertir-me e não pensar nos estudos. Tenho o dia inteiro planeado.

A Tati ergueu o copo de *shot* no ar.

— Pronto, convenceste-me. Estou nessa.

— À nossa — disse o Brandon.

Depois de bebermos o uísque, a Grace virou-se para nós.

— ‘Bora lá.

— Qual é a próxima paragem? — perguntei.

Os seus olhos brilharam.

— A sala escura. — Entregou-me um rolo de filme. — Temos de revelar isto.

— Digam-me que não são nus vossos — disse o Brandon.

— Não, desses já eles devem ter de sobra — acrescentou a Tati.

— Não são nus — disse a Grace. — É uma pista.

— O que fazemos enquanto vocês revelam isso? — perguntou a Tati.

— Vêm connosco — explicou a Grace. — O Matt pode mostrar-vos como imprimir uma foto.

Eu sorri.

— Sim, vai ser divertido.

Fomos a pé até ao laboratório no *campus*, sentindo o ar quente de primavera pelo caminho. Havia uma série de pequenas salas onde os estudantes podiam revelar negativos e uma sala maior, imersa em luz vermelha, repleta de ampliadores e bandejas de revelação que os estudantes usavam para fazer as suas impressões. Preparei alguns negativos em ampliadores a partir de um rolo de filme que tinha deixado na sala, para que a Tati e o Brandon pudessem fazer impressões. Eram fotos minhas e da Grace a fazer caretas para a câmara; era um projeto que eu abandonara, com o qual o Brandon e a Tati se podiam entreter enquanto nós revelávamos o rolo.

No corredor, puxei a Grace para uma das salas mais pequenas e fechei a porta.

— Obrigado por planeares o dia de hoje. Está a ser o máximo.

Beijei-a contra a porta e levantei-lhe a perna à volta da minha cintura, deslizando a mão pela coxa e empurrando o vestido para cima.

— Tenho ideia de me teres dito que não se faz este tipo de coisas aqui.

— O que os outros fazem não me interessa.

Ela gemeu, mas desfez o abraço.

— Temos um rolo para revelar, Romeu.

— Desmancha-prazeres — resmunguei. — Alinho, mas tens de me compensar depois.

— Serei toda tua, mas, primeiro, os negativos.

— Tenho de desligar a luz vermelha, para que fique tudo totalmente às escuras durante uns doze minutos.

Ela franziu o nariz.

— Que cheiro é este?

— É o revelador.

Dentro da sala quente e húmida, com cinco metros quadrados, o cheiro a químicos era avassalador. De um lado, havia um lavatório de aço inoxidável e uma bancada, juntamente com uma cuba alta e estreita onde os negativos eram mergulhados na solução de revelação. Em cima da bancada, havia um grande temporizador com ponteiros que brilhavam no escuro. Do outro lado, um banco de madeira.

Inclinei-me e liguei o rádio que estava por baixo do lavatório. A música soou de uma coluna no teto — a estação de rádio da universidade passava um *jazz* suave.

— Não dá para mudar, mas é alguma coisa. — Olhei para a Grace sentada no banco. — Estás pronta? Vou desligar agora a luz vermelha.

— Estou pronta.

Premi o interruptor. Como os laboratórios de fotografia são muito escuros e quentes, causam sonolência instantânea. Ouvi a Grace bocejar ruidosamente do outro lado da sala, mas aguicei os sentidos. Completamente às escuras, abri o rolo e prendi-o a um grampo. Tateando caminho até ao lavatório, consegui deixá-lo cair habilmente na tina sem fazer ruído.

— Tudo bem por aí?

— Sim — respondeu ela, sonolenta.

— Dá-me só mais um minuto.

Defini o temporizador e, em seguida, vislumbrei uma imagem da Grace montada em mim.

— Despe-te.

Ela riu-se.

— Estás a falar a sério?

— Dá para fazer muita coisa em doze minutos — respondi, enquanto tateava o caminho na sua direção.

Assim que lhe senti o braço, começámos aos beijos. Dispensava os outros sentidos; o tato era tudo do que eu precisava. Enchi-a de beijos desde a orelha à base do pescoço e depois puxei-lhe o vestido pela cabeça. Ela desapertou-me o cinto e puxou-me as calças para baixo. Virei-a de costas para mim. Por trás, beijei-lhe o ombro e deslizei-lhe a mão pelas costas, até chegar ao rabo e, então, enfiei os dedos dentro dela. Enquanto isto, ela não fez um único som.

— Estás bem? — perguntei.

— Não pares — disse, ofegante.

Nisto, introduzi-me dentro dela. Com o intensificar das respirações, tentámos abafar os gemidos o mais que pudemos. Eu saía e entrava dentro dela, primeiro lentamente, depois com mais força e urgência. Ela empurrava o corpo contra o meu, em sintonia com os meus movimentos. Não se ouvia mais nada para além de pequenos gemidos e da respiração acelerada. Quando a senti contrair-se, perdi o controlo e senti uma onda fria a percorrer-me de alto a baixo, como se todos os meus nervos se estivessem a desfazer. Puxei-a para mim e enterrei o rosto no seu pescoço. Num só movimento, saí dela, deixei-me cair no banco e puxei-a para o meu colo.

Trocávamos beijos lânguidos e arrastados quando *buzzzzzzz* — o temporizador disparou. Levantei-me e acendi a luz vermelha. A Grace pôs-se ao meu lado, atordoada. Envolvi-a com os braços e dei-lhe um beijo no topo da cabeça.

— Foi incrível. Estás bem?

As suas sinapses também deviam ter entrado em curto-circuito, porque se limitou a acenar com a cabeça. Fui até ao lavatório, tirei da tina cerca de um metro e vinte de negativos e emergi-os num recipiente cheio de água que servia de banho de paragem. Vestimo-nos depressa e saímos da sala munidos das revelações.

Depois de secos, analisei os negativos e percebi que a maior parte era um borrão preto. No fim de tudo, havia três fotos nítidas, cada uma mostrando uma palavra numa tira de papel. *Piano. Cervejas. Amendoins.*

Olhei para a Grace.

— O Three Peas? — perguntei, referindo-me a uma pequena espelunca que havia perto da residência, onde havia um piano e, às sextas, o microfone estava à disposição do público. Eu bem insistira com a Grace para tocar e cantar para mim, mas ela nunca cedera.

— Isso mesmo. Vamos chamar a Tati e o Brandon. Isto está a ser tão divertido! — guinchou ela, arrastando-me corredor fora para junto dos nossos amigos.

Lá fora, a Tati desencantou uma garrafinha de uísque de dentro da bolsa.

— Não brincas em serviço — disse eu.

— Pensei que a Grace nos ia arrastar para uma série de museus. Tinha de estar preparada. Vai um gole?

Dei um trago, mas a Grace arrancou-mo das mãos.

— Quem precisa disto sou eu. Venham daí.

Quando chegámos ao Three Peas já íamos um pouco alegres. À exceção de uma empregada que não reconheci, o bar estava às moscas. A Grace inclinou-se sobre o balcão.

— Estou a fazer uma brincadeira com o meu namorado e os meus amigos e queria saber se podia tocar uma música rápida ali em cima? — Apontou para o palco.

— Oh, caramba, é hoje — exclamou a Tati.

A empregada olhou para cima e sorriu.

— É todo teu, não está lá ninguém. Bebem alguma coisa?

— Quatro cervejas.

A empregada serviu-nos, e observávamos a Grace emborcar a sua em três grandes tragos.

— Ai, ai — disse eu.

Quando se dirigiu ao piano, ouvi a sineta da porta tilintar. Virei-me e vi alguns homens de fato, que deviam estar na hora de almoço, entrar e instalar-se ao balcão. Contei sete. De um momento para o outro, o público da Grace aumentara de forma exponencial.

Ela aproximou o banco do piano, fazendo ressoar um som estridente ao arrastar as pernas do banco pelas tábuas do soalho do palco.

— Desculpem — murmurou ela ao microfone cujo volume estava demasiado alto, chamando a atenção dos homens de fato e da empregada de balcão. A Grace parecia nervosíssima. Sorri-lhe e a sua expressão suavizou-se um pouco. Inclinou-se para trás e regulou um botão no sistema de som.

— Está melhor assim?

Assenti com a cabeça e a Tati gritou:

— Dá-lhe com alma, miúda!

— Bem, esta canção é da minha autoria e é também a vossa próxima pista, portanto, prestem atenção. — O seu riso nervoso ecoou pelo bar silencioso.

— A Grace compõe? — perguntou o Brandon, mas a Tati e eu ordenámos que se calasse.

A Grace começou a tocar uma longa introdução ritmada que parecia saída de uma típica sessão de *jazz* e depois começou a acelerar o ritmo à medida que a melodia surgia. Era fascinante a facilidade com que tocava qualquer instrumento, contudo, foi a sua voz que deixou toda a gente sem fôlego. Nunca nenhum de nós a ouvira cantar, mas também nisto revelava ser uma caixinha de surpresas.

*Foge para o sítio onde brinca a realeza,
Onde os amigos se juntam e nós nos escondemos.
A céu aberto, contudo, invisíveis,
Com quanta imprudência vivemos,
Momentos valiosos que temos.
Juntemo-nos às crianças que dançam,
Aos generais que vigiam,
Caminhemos rumo ao verão que aguarda...*

Quando a música chegou ao fim, levantámo-nos todos e aplaudimos.

— Bravo! — gritou a Tati.

Os homens de negócios também bateram palmas, aos berros de entusiasmo.

— Meu, foi muito bom. Nem sequer sabia que ela tocava piano — elogiou o Brandon.

— Ela é incrível — concordei eu, calmamente, observando-a a descer do palco.

A Tati deu-me um toque no braço com o cotovelo e piscou o olho.

A empregada chamou a Grace.

— És mil vezes melhor do que a maior parte das pessoas que vem cantar às sextas.

Eu tomei-a nos braços, com um sorriso rasgado. Ela olhou para mim, sorrindo também, vermelha como um tomate. Dei-lhe um beijo no nariz.

— Washington Square Park?

Ela riu-se.

— Foi assim tão óbvio?

— Um pouco. Não és lá muito boa a dar pistas, mas é divertido à mesma. Bebemos uns *shots* antes de irmos?

A empregada serviu-nos uma rodada de *shots* de uísque e depois comprámos cachorros-quentes num estabelecimento de rua a caminho do parque. Estávamos bem bebidos e ainda só era uma da tarde. Temi que no fim do dia, se não comêssemos nada além dos cachorros-quentes, tivesse de carregar a Grace ao colo até à residência.

— Estou a divertir-me muito, ainda bem que organizaste isto — disse-lhe.

A verdade era que eu e a Grace nos conseguíamos divertir até a dobrar roupa lavada, e o Brandon e a Tati alinhavam sempre nos nossos planos. Criámos uma dinâmica bastante descomplicada.

Ao chegarmos a Washington Square Park, sentámo-nos sob a árvore do costume. O Brandon acendeu um charro e fumámos à vez. Deitei a cabeça no colo da Grace.

— Não consigo pensar numa melhor forma de ocupar uma quarta-feira. — Bocejei.

— Sabiam que a Graceland costumava fazer este tipo de coisas para os irmãos? — perguntou a Tati.

— A sério? — Olhei para ela e sorri.

— Sim, era uma forma de passar o tempo. — respondeu a Grace, distraída. — Mas, neste caso, é um pouco diferente.

Ela fez uma pausa e respirou fundo.

— Queria reunir-vos para vos dizer que entrei na pós-graduação. Posso ficar na NYU! — Atirou os braços ao ar em jeito de celebração.

— Oh, meu Deus! — Levantei-me e peguei nela ao colo, rodopiando-a. — Estou tão feliz por ti!

Reparei, assim como a Grace, que a Tati não se manifestou e que o Brandon estava aos papéis. Quando a pus no chão, ela virou-se para eles.

— Não ficam felizes por mim?

A Tati encolheu os ombros.

— Talvez. Sim, Grace, fico feliz por ti. — Levantando-se, pegou na bolsa. — Olha, o Brandon tem de fazer um trabalho e eu fiquei de me encontrar com o Pornsake por causa daquela cena no verão.

Algo mudou na expressão da Grace.

— Então, é oficial, vais mesmo?

— Bem, tu entraste na pós-graduação. Porque é que isso te incomoda? — indagou a Tati, com ironia.

— Não incomoda. Nem sequer tocamos o mesmo instrumento. Não quero saber.

— Não é o que parece. Embora não saiba bem porquê. Afinal, tu é que lhe deste a tampa.

— Eu não dei a tampa a ninguém.

— Ele comprou-te um arco de mil e cem dólares, Grace.

— E?

Virei-me para a Tati com cara de poucos amigos.

— Ela vai tirar uma pós-graduação. É por isso que não vai à Europa com o Pornsake.

— Não, ela não vai por causa de ti, Matt. Vai ficar à espera que regreses a Nova Iorque.

— Tatiana! — censurou o Brandon.

— O que foi? Só disse a verdade.

— Eu vou tirar a pós-graduação, porque quero ter uma formação avançada. Tu podes passear à vontade pela Europa com o Pornsake durante o próximo ano e meio. Quero lá saber.

A Grace virou costas e saiu disparada na direção das mesas de xadrez.

Virei-me para a Tati, furioso com ela por ter estragado o grande anúncio da

Grace e a nossa tarde.

— Eu não a pressionei para ficar, se é o que achas.

— Vocês não aguentariam um ano longe um do outro, apesar de esta orquestra itinerante ser uma oportunidade única e uma experiência fantástica para ela.

Olhei para o Brandon e depois de novo para a Tati.

— E tu achas que vocês os dois aguentariam uma relação à distância durante tanto tempo?

— Nós temos uma relação estável, Matt. Eu e o Brandon conseguimos passar cinco minutos longe um do outro sem enlouquecer, ao contrário de vocês.

— Se a vossa relação é assim tão estável, porque é que não se casam?

— Oh, cresce e aparece, Matt. Tens cinco anos, ou quê?

— Eu casaria com a Grace sem pensar duas vezes. É para veres o quão estável somos.

Olhei para trás e vi a Grace no meio do parque, a jogar xadrez com um homenzinho baixo e de cabelo grisalho.

A Tati fez um sorriso dengoso e estendeu a mão.

— Temos aposta.

— Que conversa é essa, Tati? — perguntou o Brandon, que ficara sóbrio de repente.

— Está calado, Brandon. — Virando-se para mim, desafiou-me. — Achas que não somos capazes?

Eu ri-me.

— Não sei, Tati, o Brandon não parece lá muito animado com a ideia.

Ela virou-se para o Brandon, que estava especado atrás dela, de olhos esbugalhados.

— Casavas comigo, não casavas? Quero dizer, com as coisas que já fizemos...

— Ela arqueou as sobrancelhas com ar entendedor.

— Sim... acho que sim.

Virou-se de novo para mim e disse:

— Como vês, Matt, falas muito, fazer é que está quieto.

Estendi a mão.

— Aposto que nos casamos antes de vocês.

— Aposta aceite. — O seu olhar era fulminante.

— Afinal, o que é que estamos a apostar?

— Quem perder paga uma noite de copos aos recém-casados — sugeriu ela.

Selámos a aposta com um passou-bem.

— Conta comigo — disse eu, embora não precisasse de contrapartida para me casar com a Grace.

16. Deveria ter-te dito

MATT

Deixei o Brandon e a Tati junto à árvore e fui ter com a Grace, imbuído de uma nova missão. Sentado num banco ao pé da fonte, fumei um cigarro enquanto esperava que o jogo de xadrez terminasse. Ia soprando anéis de fumo para o ar e pensando em formas de a persuadir a casar comigo.

Tenho de a embebedar mais.

A Grace veio ter comigo a sorrir. Fiquei aliviado por ver que a tensão se desvanecera.

— Quem era aquele? — perguntei.

— O Orvin. O homem que fez o meu arco.

— Ah. O tal que o Pornsake te comprou? — Franzi o nariz.

— Paras com isso?

— E o que é que o velho te deu?

— O número de um tipo que toca numa banda naquele bar na Allen Street. Andam à procura de um violoncelista e podia ganhar uns trocos. A Tati e o Brandon já se foram embora?

— Já, sim.

A Grace pareceu ficar desiludida, como se acalentasse a esperança de que o arrufo com a Tati se resolvesse por artes mágicas.

— Está bem, vamos embora.

— Espera aí, já me viste saltar à corda dupla? — O meu cérebro alcoolizado achou que assim a convenceria a casar-se comigo. Era um plano genial.

— O quê? Tu nem sequer saltas à corda.

— Ai isso é que salto. Vês aquelas miúdas ali? Conheci-as há dois dias. Fui eu

que as ensinei.

— Não acredito.

— Não faz mal. Vou provar-to.

Fomos ter com as raparigas. A que estava a saltar naquele momento saiu do jogo assim que me viu. De mão na anca, disse:

— Olha, olha, o Matty da corda dupla.

Olhei para a Grace.

— Vês?

Os olhos quase lhe saltavam das órbitas. Comecei a ensaiar uns alongamentos, levando as mãos aos pés e inclinando o corpo ora para um lado, ora para outro. A Grace contorcia-se de tanto rir.

— Vais mesmo...? — começou ela.

— Vou, pois. Ora, vê.

Pus-me a postos. As miúdas começaram a dar à corda e eu posicionei-me em jogo, executando uma roda na perfeição antes de começar a saltar. Foi uma jogada arriscada. Antes desta ocasião, só a usei uma vez, mas sabia que agora precisava de me valer de todos os trunfos. Fiz tudo o que as miúdas me ordenaram a cantar:

— *Matty, Matty, vais rodopiar. Matty, Matty, no chão vais tocar. Matty, Matty, a sola vais mostrar.*

Saltei ao pé-coxinho.

— *Matty, Matty, já te estás a exhibir. Matty Matty, as escadas vais subir.*

Saltei mais alto à medida que as cordas giravam mais depressa. Por esta altura, a Grace ria que nem uma perdida.

— *Matty, Matty, é hora de rezar. Matty, Matty, a luz tens de apagar. Matty, Matty, nos teus sonhos vais saltar.*

As fedelhas pararam de cantar e começaram a girar as cordas muito depressa, cada vez mais depressa, até que, por fim, levaram a melhor e eu tropecei. A Grace ria tanto, que julguei que lhe faltava o ar; estava vermelha como um tomate.

Fui aplaudido pelas miúdas e por uma pequena multidão que, entretanto, se reunira para assistir. De peito inchado, soprei as unhas e esfreguei-as na *T-shirt*.

— Nada mal ou quê?

— És um poço de surpresas — disse a Grace, recuperando o fôlego.

— E assim continuarei... para sempre.

— Onde aprendeste a fazer aquilo?

— Fui monitor de um campo de férias, no verão passado.

— Ah! Ah! Matthias, o monitor modelo.

— Por acaso, acabaram por despedir-me.

— Porquê?

— Não queres saber — disse eu.

— Quero, pois, principalmente porque te despediram de um trabalho com

crianças. É um enorme sinal de alerta.

— A culpa foi da Clara Rumberger, outra monitora. A mãe dela, a Jane, era a diretora.

— E o que aconteceu, afinal? Foste apanhado na marmelada com a Clara?

— Não propriamente. Quem tinha um fraquinho por mim era a Jane.

— A mãe? — A sua expressão ficou hirta.

Assenti, sentindo-me cada vez mais envergonhado.

— O que fizeste, Matt?

— A Clara apanhou-me com a mãe, hum... bem, numa situação delicada na cozinha do campo de férias, após a hora de recolher.

— Oh, céus. És um tarado. — Deu-me um soco no braço. — Não acredito que andaste metido com uma quarentona. Mas, afinal, porque é que te despediram?

— Ao que parece, a Clara ameaçou contar ao pai, o marido da Jane, caso eu não fosse despedido.

— Ela era casada?

Levei as mãos ao ar num gesto defensivo.

— A mim, disse-me que se iam divorciar.

— Bem... a Tati ia adorar ouvir essa.

— Por falar nela, o que é que se passou há pouco?

Enquanto conversávamos, fomos voltando para o nosso sítio ao pé da árvore.

— Nem sei. Ela está zangada comigo, porque acha que estou a abdicar de alguma coisa por ti.

Agarrei-lhe na mão e virei-a para mim. Ela olhou-me nos olhos, antes de se apressar a desviar o olhar.

— Olha para mim, Grace. Estás a abdicar de alguma coisa por mim?

— Não — disse, sem hesitar.

— Não quero, nunca, que te sintas obrigada a isso. Tu própria disseste que somos novos e que devíamos fazer o que quisermos da vida.

— Como, por exemplo? — disse, num murmúrio.

— Não sei, mas eu vou fazer aquele estágio e tu devias juntar-te ao Pornsake, se achas que é algo que deves fazer. A pós-graduação pode ficar para depois.

— O Dan quer viajar durante um ano e meio, Matt. Já tem a digressão planeada. Tem andado a economizar e a preparar-se para isto há muito tempo.

— Certo...

— O que significa que ficaríamos sem nos vermos durante um ano e meio.

Fiquei enjoado só de pensar nisso.

— Mas se achas que seria uma boa oportunidade a seguir à licenciatura, vai em frente.

Ela pestanejou algumas vezes e depois abanou a cabeça, olhando para baixo.

— É isso? É o que pensas? «Vai em frente, Grace, vai para fora durante mais de um ano e boa sorte»?

Senti o coração disparar como se me fosse saltar do peito.

— A tua caça ao tesouro já chegou ao fim?

— Estás a fugir ao assunto?

— Vamos beber uns copos e conversar sobre isto — propus.

— Claro, Matt, porque bêbados é quando tomamos as melhores decisões.

— Anda lá — pedi. — Tenho uma ideia.

Encontrámos um *pub* onde passámos o resto da tarde. Mas, em vez de conversarmos, afogámos em bebida as questões em aberto sobre o nosso futuro... sobre nós. A Grace escolheu dez músicas na *jukebox* e fez questão de as ouvir na íntegra. Na última, já estávamos completamente enfrascados.

— Estás com os copos? — balbuciei.

— E tu, não, Matthias? — Ela arrastou a última sílaba.

— Vou levar-te... a um sítio, 'tá bem, Gracie? — Arrastei-a aos tropeções pela rua em direção ao metro. Ríamos que nem uns perdidos, tentando manter o equilíbrio sem tocar nos varões das carruagens do metro, sob os olhares acusadores dos outros passageiros. Saímos na Baixa e caminhámos alguns quarteirões.

— Olha — disse eu, apontando para a Câmara Municipal —, *devíamossss* casar agora *messsso*, Grace! Ficava tudo resolvido, *tudinboooo*. — Agarrei-a pelos ombros e olhei-a bem nos olhos, que brilhavam de felicidade, ou talvez fosse só o efeito do álcool. — Queres?

— Que boa ideia, Matt!

Não sei como conseguimos preencher a papelada necessária e reunir os cinquenta dólares exigidos. A juíza de paz, uma mulher baixa, ruiva e irritadiça, disse-nos:

— Precisam de uma testemunha. O meu turno acaba daqui a quarenta minutos, é melhor despacharem-se.

— Espere — disse eu —, não me demoro.

Minutos depois, voltei com um sem-abrigo que se apresentou como Gary Busey e me pediu dez dólares em troca.

A cerimónia durou cerca de um minuto. Acho que disse «sim», tal como a Grace, e depois demos um beijo lambuzado.

Atrás de nós, o Gary Busey aclarou a garganta.

— Vá lá, arranjem um quarto.

Demos-lhe um abraço e depois corremos para a casa de banho para lavar das mãos o cheiro penetrante a salsichão que emanava do Gary. Quando me despachei, a Grace estava à espera, no corredor. Estendi-lhe a mão.

— Senhora Shore, dá-me a honra desta dança?

— Sim, prezado marido, a honra é minha.

Dançamos como tontos durante uns minutos e depois saímos, cambaleantes, para a rua, perdidos de riso. Quando saímos do metro, de volta a East Village, pus a Grace às cavalitas e percorremos assim os oito quarteirões até à residência, onde, depois de um banquete de *nachos* na sala de convívio, apagámos por completo.

A DARIA ABANOU-ME o ombro.

— Matt? O que fazem aqui?

Olhei para ela, estremunhado. Sentia a cabeça a latejar e o pequeno candeeiro na mesa ao fundo da sala parecia um potente holofote, emitindo uma luz que me perfurava o crânio.

— Merda — disse, levando uma mão à cabeça e a outra, ao estômago. Estava com uma ressaca descomunal.

Virei-me para a Grace, que dormia profundamente no sofá puído.

— Grace. — Abanei-a, ao que ela gemeu de dor, ganindo como um animal ferido.

A Daria ajudou-nos a levantar e fomos para os nossos quartos.

Passei a manhã ajoelhado no altar de loiça de um deus vingativo antes de voltar a adormecer.

Mais tarde, passei no quarto da Grace e encontrei uma fresta da porta aberta.

— Estás bem? — perguntei.

— Sim, entra — disse ela. Encontrei-a deitada no chão, com a cara encostada à alcatifa infestada. A sua palidez era de um tom esverdeado.

Balançando-me à entrada, senti um vômito, pelo que procurei apoio na secretária.

— Tens a certeza de que estás bem?

— Au — disse ela, com voz de *E.T.* Esticou o indicador, que apontou para mim, e disse: — *Eliot, telefona casa.*

Ri-me, sem forças, pus a mão na testa e inclinei-me para a frente.

— Raios, não me faças rir, a minha cabeça vai explodir.

Atravessei o quarto e sentei-me na borda da cama, com a cabeça no meio dos joelhos.

— Estragámo-nos todos, ontem.

— Porra, até nos casámos, Matt. — Ela esbugalhou os olhos raiados de vermelho para dar mais ênfase.

— Eu sei. — Embora, uma parte de mim não tivesse a certeza absoluta até agora.

Olhei em redor e dei com o meu reflexo no espelho. Tinha o cabelo espetado em todas as direções e uma mancha misteriosa na *T-shirt* branca.

— Que grande trapalhada — disse ela.

— O quê?

— O que vamos fazer? Aquilo foi mesmo oficial?

Apontei-lhe para o dedo, no qual lhe havia posto um anel feito do papel de prata de uma pastilha elástica, e ergui no ar o meu próprio anel, de confeção semelhante.

— Quero dizer...

— Bem, tenho uma vaga ideia de teres emitido uns sons alienígenas quando me puseste o anel no dedo.

Sorri-lhe, com ar de culpa, e assenti.

— Oh, meu Deus, não acredito que casaste comigo por causa de uma aposta, Matt! Qual é o teu problema?

— Espera lá... Como é que sabes?

— Hoje de manhã, a Tati passou por cá e rebolou de tanto rir, enquanto eu vomitava as entranhas. Ela contou-me que fez *bluff* e ficou incrédula por teres ido em frente com a aposta. E eu totalmente na ignorância, muito obrigadinha.

— Aquela cabra — murmurei. — Seja como for, está a dever-nos uma noite de copos.

— És um imbecil.

— Calma, tu também estavas lá, ao meu lado, com o Gary Busey como testemunha, e disseste «sim». Não te forcei a nada.

Ela sentou-se e ergueu a cabeça.

— Eu estava bêbada que nem um cacho, Matt.

— Grace, vamos ter calma. Deita-te.

— Não, nem pensar. Temos de perceber como é que anulamos a coisa. Tipo, ainda hoje.

— Podemos anular amanhã. Vamos tomar um duche e dormir mais um pouco, está bem?

Ela ficou sentada, a esfregar a testa durante uns segundos.

— Ou então, ocorreu-me uma ideia... talvez não tenhamos de anular nada?

Ela levantou a cabeça, em choque.

— O quê? Perdeste o juízo de vez?

O seu tom de voz atingiu-me como uma faca no coração. Ela nem sequer punha essa hipótese. Não era exatamente a melhor forma de casar, mas agia como se a ideia de estar casada comigo fosse repugnante.

— Queres-me todo só para ti e agora ages assim, Grace? Como se estar casada comigo fosse a pior coisa do mundo? Porque é que não vais para a Europa com o Pornsake de uma vez? Que diferença faz? Somos jovens, devemos fazer o que nos der na gana, não é o que costumás dizer?

— Sabes que mais? Tenho o direito de fazer o que me der na gana, sim. A Tati tem razão; se calhar, estou a desperdiçar uma excelente oportunidade só para ficar

aqui à tua espera. Talvez me junte mesmo ao Pornsake.

À medida que as palavras lhe saíam da boca, a tensão crescia entre nós. Tive esperança de que ela caísse em si e me pedisse desculpa, que retirasse tudo o que dissera. Mas ela virou costas, sem sequer olhar para mim.

— Deixa-me sozinha. Não quero falar contigo.

Levantei-me da cama, furioso.

— Não te preocupes. Não vais ter de falar comigo nunca mais.

Saí intempestivamente do quarto e bati com a porta. Não sei o que aconteceu, mas, no espaço de um minuto, senti como se a porcaria da minha vida tivesse acabado.

Esperei um dia, esperançoso de que ela me viesse pedir desculpas.

Nada.

Esperei outro dia, resistindo ao impulso de ir eu pedir-lhe desculpas.

Ao terceiro dia, enfiei o requerimento para anulação do casamento por baixo da porta da Grace, mais que não fosse para a obrigar a falar comigo. Ouvi-a a chorar pela noite dentro e depois a tocar a *Suite* de Bach no seu violoncelo durante três horas seguidas. Adormeci com o ouvido colado à parede.

Ainda nada. Não voltámos a trocar uma única palavra.

Os dias transformaram-se em semanas em que não nos falávamos. Nem sequer a via. Sentia-me um farrapo. Sempre que ouvia a sua porta abrir-se ou fechar-se, tinha de convocar todas as forças em mim para não sair para o corredor, agarrá-la pelo braço e dizer-lhe: *Mas que porra estamos a fazer um ao outro?*

17. Devíamos ficar juntos

GRACE

Não falávamos havia semanas e, enquanto isso, eu estava brutalmente consciente da passagem do tempo. Faltavam seis dias para o Matt viajar para a América do Sul.

Desde a discussão, eu perdera muito peso, o que me fazia sentir fraca e doente. Era-me impossível concentrar fosse no que fosse, ou sequer pensar em ter vida social.

A Tati fartou-se de pedir desculpa pela sua quota-parte de responsabilidade nos acontecimentos daquela tarde, que ditaram o fim da minha relação com o Matt.

— Há males que vêm por bem. Não querias ser outra Jacki Reed, pois não?

A Jacki Reed andou na escola comigo, e eu costumava contar a sua história em jeito de exemplo. Adorava gabar-se no refeitório sobre o namorado que frequentava uma universidade no Nevada. Durante muito tempo, nenhuma das miúdas mais velhas do liceu acreditava na existência do tipo. A Jacki dava a entender que o seu relacionamento era muito evoluído por ser à distância — como se ele a amasse mais por isso. Ela até se referia ao seu namoro como RD, ou relação à distância, mas eu dizia-lhe que não se podem inventar acrónimos para tudo e mais alguma coisa, senão, as pessoas não percebem o que dizemos. Quando acabámos a secundária, apesar de ter sido admitida em Yale, inscreveu-se num Politécnico de segunda categoria no Nevada, só para estar perto dele. Dois meses depois, ele terminou o namoro. Agora, ela voltara a morar em casa dos pais e trabalhava numa cadeia de comida rápida. Toda a gente concordou que ela foi uma idiota chapada.

Provavelmente, a pobre coitada só estava apaixonada.

A culpa não era da Tati nem da história da Jacki Reed. O meu namoro com o Matt acabou, porque nos sentimos pressionados. O facto de ele me ter entregado os papéis para anular o casamento provou-me que, afinal, ele não estava assim tão comprometido como insinuava. Deve ter chegado à mesma conclusão que eu: estava na hora de seguirmos caminhos separados.

O dia da graduação estava à porta, o que me obrigou a fechar-me no quarto para preencher requerimentos de bolsas, pois não queria que se soubesse. Certa vez, o Matt interpelou-me no átrio, mas ignorei-o. Arrependi-me, mais tarde, ao ver que me tinha deixado uma sanduíche à porta do quarto. Chorei até engolir o último pedaço.

Em cima da secretária, havia uma pilha de correspondência que ignorara durante uma semana, uma vez que conhecia o conteúdo de uma carta em particular. Fora remetida num envelope normal, pela minha mãe. Um envelope branco normal nunca é sinal de boas notícias. Peguei nele e analisei-o. O endereço do remetente estava esborratado, como se tivesse sido salpicado com água. Mais tarde, quando li a carta, tomei consciência de que talvez fossem lágrimas.

Certa manhã, ganhei coragem.

Querida Graceland,

Lamento não poder dizer-te isto pessoalmente, mas não temos dinheiro suficiente no banco para te pagarmos um bilhete de avião para vires a casa nas férias de verão. O teu irmão precisou de uma nova mochila para a escola e as tuas irmãs, de roupa nova para a escola. Está tudo a desabar à minha volta. Como te hei de dizer isto? O problema do teu pai com a bebida tem piorado bastante para estes lados. Vamos divorciar-nos e ele vai viver com o teu tio. Eu e os teus irmãos ficamos com a avó até as coisas melhorarem.

Sei que o teu pai te ama, e temos muito orgulho em ti. Não queremos que isto seja um peso para ti. Só que, neste preciso momento, não te podemos ajudar, e não me parece que dê para irmos assistir à entrega de diplomas da licenciatura. Espero que compreendas. Foste sempre muito independente e, de qualquer forma, nem nos deves querer aí. Sempre foste capaz de te sustentar sozinha, Grace, e isso deixa-nos orgulhosos. Amamos-te. Quando tiveres dinheiro, vem fazer-nos uma visita, há uma cama para ti no sofá da avó.

Devo dizer-te que tivemos de vender o piano e algumas coisas tuas (as quais também já não devias querer), para ajudar a pagar o dente da tua irmã. Amamos-te. Porta-te bem, como sempre.

Com amor, Mãe

Dizer que fiquei de rastros seria um eufemismo. Não conseguia parar de chorar. *Como foram capazes?*, pensava. Como foram capazes de me abandonar por causa dos seus próprios erros? Eu nem sequer tinha um carro ou dinheiro para me sustentar, e a minha mãe usava, de novo, o dente da minha irmã como desculpa, quando eu lhe entregara metade do meu empréstimo estudantil para ajudar na despesa. Para onde tinha ido o dinheiro? Pensar naquilo deprimia-me sobremaneira.

O segundo envelope era um aviso dos Serviços Financeiros para Estudantes a informar-me que a minha dívida de oitocentos dólares do alojamento ainda não tinha sido saldada. Sentada a um canto no meu quarto, lavada em lágrimas, passei em revista todas as minhas opções. Podia dar uns concertos, mas não renderia grande coisa.

Com a cabeça enfiada nos joelhos dobrados, soluçava. Podia vender o violoncelo. Podia voltar para casa, dormir no sofá da minha avó e arranjar um emprego numa cadeia de comida rápida. Podia desistir.

Naquele momento, ouvi o Matt murmurar, «Fofinha?», ao mesmo tempo que entreabria a porta. Não ouvia a voz dele havia três semanas.

— Não é nada, Matt.

Senti-o aproximar-se.

— O que aconteceu?

Sem olhar para cima, estendi as duas cartas encharcadas em lágrimas na sua direção. Ele leu-as em silêncio e sentou-se ao meu lado.

— Posso ajudar-te.

— Não.

Ele afagou-me a face com o polegar, limpando-me as lágrimas.

— Tenho dinheiro para pagar esta dívida.

— Não, Matt. Vais pedir ao teu pai e não quero que ele tenha de me desenrascar outra vez.

— O dinheiro não é do meu pai. Vendi uma fotografia. Ia contar-te, se falasses comigo.

— Achava que tínhamos acabado. — Levantei-me, caminhei até à secretária e peguei no documento que recebera a confirmar a anulação do casamento. Atirei-o na sua direção. — Além disso, divorciaste-te de mim.

O Matt pegou na folha e transformou-a num avião de papel que lançou pela janela aberta.

— Declaro-te minha ex-mulher. E então? Não interessa, não significa nada.

Fiquei espedada a olhar para ele.

— Não vai ser assim tão fácil, pois não? — perguntou ele.

— Preciso de tempo.

— Não temos muito.

Sentei-me no peitoril, a olhar para a árvore solitária no pátio, cujos ramos oscilavam de um lado para o outro.

— O meu problema é esse. Tempo. — Virando-me para ele, perguntei: — Que fotografia vendeste?

— Aquela de ti, no primeiro dia que nos conhecemos, em que estás a apanhar o botão do chão. O professor Nelson escolheu-a para a exposição na galeria da universidade e foi vendida logo no primeiro dia. Escrevi mil dólares na etiqueta

do preço, por brincadeira, pensando que ninguém a compraria. O dinheiro é tão teu como meu. Quero que fique para ti.

A expressão no seu olhar era de sinceridade e ternura. Estávamos a conversar, o que era bom sinal.

— Não é meu.

— Bem, na qualidade de minha ex-mulher... — Ele começou a rir. — Quem sabe não estávamos casados na altura em que a foto foi vendida?

Não consegui resistir a rir-me também.

— Estivemos casados uns dois ou três dias. De qualquer forma, seria metade para cada um.

— Que seja. Fico com os outros quinhentos e dou-tos por todos os trabalhos que tens feito para mim como modelo.

— Adorava poder rir-me disto, mas estou furiosa com os meus pais. É inacreditável que se comportem como se eu é que não os quisesse aqui para a entrega de diplomas.

— É a forma que arranjam de se sentirem menos culpados.

— Vão acabar por me lixar a cabeça com a pressão que fazem.

— Não. — A sua expressão ficou de repente séria. — Não vão nada. Assim que parares de pensar dessa forma e vires como és fantástica, todo o rancor que sentes vai transformar-se em gratidão. Vais pensar algo como, «Ainda bem que os meus pais se estiveram nas tintas para mim, porque isso me tornou uma pessoa fantástica».

Fiquei a digerir as suas palavras, sentada em silêncio durante largos instantes. Percebia o seu ponto.

— Pois, acho que sim. Um dia, hei de dizer-lhes, «Obrigada, mãe e pai. Seus sacanas».

— Exatamente! — disse o Matt, triunfante.

— Obrigada, Matt.

— Sempre às ordens — disse ele, levantando-se e dirigindo-se para a porta. — Vais ficar por aqui? Preciso de ir buscar uma coisa, não me demoro.

— Está bem.

Pouco depois, regressou com bolinhos, sumo de laranja, um amplificador minúsculo e uma guitarra elétrica que reconheci como sendo do Brandon. Como estava deitada na cama, virei-me de lado, apoiei a mão na cabeça, e observei o Matt a andar de um lado para o outro no quarto. Num prato, dispôs três bolinhos salpicados com granulado às cores, e entregou-mo, juntamente com um frasquinho de sumo de laranja. Não disse uma palavra, apenas me ofereceu um leve sorriso. Ainda era cedo, mas o quarto já estava quente e abafado. Descalçou-se, atirando os sapatos ao ar, e despiu a *T-shirt* dos The Smiths que depois lançou na minha direção.

— Podes usá-la, se quiseres.

— Matt...

— O que foi? Tu adoras vestir as minhas *T-shirts*.

Era verdade. Despi-me, ficando só em roupa interior, e vesti a *T-shirt* do Matt. O cheiro dele provocou em mim uma vaga de calor e formigueiro.

— Vês? Estás melhor assim — disse ele, ao que eu assenti.

Ele ficou só com as calças de ganga pretas e o cinto que lhe tinha feito, com a corrente da carteira a balançar de um lado para o outro ao sabor das suas perambulações pelo quarto.

Agachou-se perto do amplificador, ligou-o à tomada de parede e olhou para mim. Os meus olhos enchiam-se novamente de lágrimas.

— Estás bem?

Acenei com a cabeça. Não chorava por causa da carta ou do dinheiro ou da fotografia; chorava porque a ideia de o Matt se ir embora, nem que fosse por poucos meses, me consumia por dentro. A partida estava prevista para daí a uma semana. Iria para o outro lado do mundo, e eu ficaria sozinha, lamentando-me por ser demasiado nova para abdicar de tudo ou pedir-lhe que abdicasse de tudo. Lamentando-me por não o ter conhecido mais tarde, numa altura da vida em que casar seria um passo lógico e nada assustador.

Sentia a cabeça latejar, o rosto inchado de tanto choro, enquanto ele se sentava num banco de madeira e posicionava a *Fender Telecaster* verde e branca em cima da coxa. Dedilhou as cordas uma vez e olhou para mim em busca de aprovação. O som não lhe saiu arranhado; foi perfeito e límpido. Nunca o tinha visto tocar um instrumento ou sequer prestar-se a isso, mas, naquele momento, fez-se luz: o Matt tinha andado a ensaiar... para mim.

— Antes de começar, quero que saibas que peço desculpa.

— Eu também peço desculpa — disse eu, de forma instantânea.

— Podemos voltar atrás?

— Mas e...

— Grace, podemos, por favor, desfrutar do tempo que nos resta juntos?

— Sim. — Irrompi em lágrimas.

Bastou ouvir a primeira nota para saber que ia tocar *Hallelujah*. O meu choro intensificou-se.

Ele cantou com ternura e sem se enganar. Observei-o maravilhada, tão jovem e belo, ali sentado descalço e em tronco nu, sem deixar que nada o desconcentrasse. Quando terminou, passou os dedos pelas cordas em jeito de remate e olhou para mim. Nessa altura, já eu me tinha convertido numa Maria Madalena ranhosa. Ele ofereceu-me um sorriso compadecido e triste, o sorriso que se reserva para aqueles momentos em que sabemos que não há nada que possamos dizer para melhorar a situação. Ele estava de partida. E eu não tinha como o impedir.

Com a voz trémula, disse-lhe que tocara lindamente e perguntei-lhe como tinha aprendido a música. Contou-me que o Brandon passava de vez em quando pela PhotoHut, pelo que lhe pedira se o podia ensinar. Andava a ensaiar com afinco desde o concerto do Jeff Buckley, para que eu pudesse finalmente ouvir esta música tocada ao vivo.

18. Estávamos apaixonados

GRACE

As últimas semanas do semestre passaram a voar e, com elas, veio mais pressão da Tati e do Dan para me juntar à orquestra, contudo, mantive-me inabalável.

Tinham marcado a partida para França, onde fariam a primeira paragem, para o início de agosto, o que, pelo menos, me garantia a companhia da Tati durante uma parte do verão. O Matt partiria no início de junho, logo a seguir à entrega de diplomas.

Certo dia, enquanto comíamos sanduíches perto da fonte no Washington Square Park, a Tati disse-me:

— Se a estada do Matt na América do Sul se prolongar para lá do verão, devias juntar-te à digressão.

— Primeiro, ele não vai ficar lá mais do que três meses. Segundo, eu vou tirar a pós-graduação e *essa é* a razão por que não me junto à digressão, como tu bem sabes.

— Como vais pagar a pós-graduação?

— Vou ficar na residência durante o verão para poupar dinheiro e arranjar uns concertos pagos.

— O Dan disse que nos vão pagar bem. Podias poupar e tirar a pós-graduação mais tarde.

— Não dá. Não posso simplesmente partir e andar a passear convosco pela Europa durante ano e meio. Porque é que insistes?

— Acalma-te, Grace. Caramba, ficas sempre irritada quando se fala no assunto. Pela minha parte, estraga a tua vida à vontade por causa de um gajo — resmungou.

Foi a gota de água. Pus-me de pé e fui-me embora, mas ela veio a correr atrás de mim, portanto, resolvi dizer-lhe o que pensava.

— Achas que ando irritada? Só porque não quero fugir e juntar-me ao circo do Dan? Preciso de te recordar que eras tu quem não o suportava? E que desde então até já o tratas pelo nome próprio?

— Lamento que o Matt se vá embora e te deixe na fossa.

— A questão não é essa.

Embora fosse precisamente essa a questão.

— O Dan preocupa-se mesmo muito contigo. Com todos nós. Ele até comprou aquela fotografia que o Matt tirou, porque sabia que o dinheiro vos fazia falta.

— O quê? — Olhei para ela em choque, num turbilhão de emoções. — Porque insistes em magoar-me, quando sabes que já estou a sofrer tanto?

— Não é nada disso. Só quero o melhor para ti, independentemente do Matt. Parece que ele está a fazer o que é melhor para ele.

Estávamos paradas à porta do metro.

— Tenho de ir, Tati. — Corri escadas abaixo e apanhei o primeiro metro que apareceu, viajando durante horas, sem rumo certo, para arrumar as ideias.

Ao final do dia, estava sentada diante da loja fechada do Orvin, desejava falar com ele, mas acabei por encontrar o Dan.

— Grace, o Orvin fecha aos domingos — disse ele.

— Pois, já percebi.

Olhou para mim com o seu sorriso gentil.

— Posso sentar-me ao teu lado?

— Claro.

— Queres conversar?

— Não.

— Tens ensaiado?

— Tenho. — A última coisa de que precisava era de um Dan armado em professor. Virei-me e olhei-o nos olhos. — Porque comprou aquela foto?

Ele nem pestanejou.

— Porque me agradou.

— Deve ter sido o preço mais alto alguma vez pago pelo trabalho artístico de um estudante. De sempre. Da história das Belas-Artes.

— Vou ser honesto, Grace, sabes que não sou de rodeios. É uma bela fotografia e sou da opinião de que, um dia destes, o trabalho de Matt acabará por valer muito.

— Não o comprou por saber que precisávamos de dinheiro?

— Nada disso. — *Ah, as mentirinhas inocentes.* — Vais dizer-me o que te incomoda realmente?

Abanei a cabeça e vi que segurava numas folhas dobradas no colo.

— São pautas novas?

— Não, é um requerimento para alteração do meu apelido. Acredites ou não, sempre consegui gerir as piadas em torno do meu nome enquanto professor, mas preciso de me reinventar se quero ser respeitado como compositor e maestro.

— Então, vai mudar de nome? Sem mais nem menos?

— Vou, pedi inclusivamente autorização ao meu pai. Pensei que se sentiria ofendido, mas confessou-se aliviado por saber que o nome acabaria com ele. Vou fazer um pequeno ajuste, de Pornsake para Porter.

— Daniel Porter. Até soa bem.

— Ena, obrigada, Graceland.

Ao passar um autocarro na estrada, uma rajada de vento quente fustigou-me o rosto. Senti um leve enjoo e fechei os olhos.

— Estás bem, Grace?

— Apetece-me vomitar.

E então, sem mais nem menos, estava a despejar, no balde do lixo mais próximo, a sanduiche de *pastrami* em pão de centeio que comera no parque com a Tati.

O Dan esfregava-me as costas, tranquilizando-me.

— Deita tudo cá para fora... é isso mesmo.

Endireitei-me.

— Credo, que nojo. — Limpei a boca. — É melhor ir para casa, sinto-me péssima.

— Vai passar, Grace. Seja qual for o problema, vais dar a volta — disse ele, enquanto eu já me encaminhava para a residência.

— Obrigada, professor. — Acenei enquanto me afastava.

— Trata-me por Dan!

À MEDIDA QUE OS DIAS passavam por mim colados uns aos outros, fiz uma tentativa de gravar na memória cada momento passado com o Matt e, quando não estávamos juntos, não pensava noutra coisa. Certo dia, ele apresentou-se no meu quarto munido de um peixe *betta*.

— Comprei-o para te fazer companhia durante a minha ausência. Batizei-o de *Jeff Buckley*.

Dei uma gargalhada e beijei-o.

— Obrigada, és um amor. — Porém, o que eu na verdade queria era que fosse o próprio Matt a fazer-me companhia.

Passei o dia da entrega de diplomas com ele, o pai e a madrastra. A seguir à cerimónia, fomos jantar e regressámos ao quarto do Matt, de onde não saímos durante vários dias. Ele não me queria perder de vista.

No dia quatro de junho, a véspera da partida, aproveitei uma ida do Matt ao médico, por causa das vacinas exigidas para a viagem, para beber café na minha cafeteria preferida em East Village. Encontrava-me sentada ao balcão, a olhar pela janela da frente, quando ouvi a filha do dono, que trabalhava lá como empregada de mesa, balbuciar algo sobre uma «enorme tragédia». Chorava abraçada ao pai. Uma mulher mais velha, com ar de *hippie*, aproximou-se de mim para limpar o balcão de madeira.

— Já sabes? — Abanei a cabeça. — Encontraram o corpo.

Não percebi a que se referia. Ela soltou um forte suspiro.

— Pobre homem, costumava vir cá muitas vezes.

— Quem?

— O Buckley.

Levei a mão à zona do coração.

— O Jeff Buckley?

— O próprio. Era bonito, o rapaz, muito talentoso. Partiu demasiado cedo.

Os olhos da mulher demonstravam tristeza, enquanto abanava a cabeça com pesar.

— O que aconteceu? — Eu mal conseguia falar.

Ela parou de limpar o balcão e olhou pela janela, fitando o vazio. Falou baixo e notei-lhe um tremor na voz, como se estivesse à beira das lágrimas.

— Afogou-se no Mississípi, calçado e tudo. Já o tinham dado como desaparecido, e agora encontraram o corpo na margem do rio. Quantas vezes não o vi entrar aqui...

Desatei num pranto, sentia uma tristeza tremenda por alguém que nem sequer conhecia, mas por quem nutri uma profunda ligação durante muito tempo. Pela primeira vez, pensei em como tudo é tão passageiro. *Será isto a vida?*, questioneime. Podemos passar horas a fio empenhados numa porcaria qualquer aleatória e sem sentido e, um dia, vamos dar um mergulho no rio e acabamos a dar à costa com o corpo inchado como se fôssemos lixo que alguém deitou fora, para depois sermos enterrados e esquecidos?

A primeira vez em que alguém jovem e cheio de vida morre — alguém que admiramos, com quem nos identificamos — é um golpe forte, que nos tira o tapete de baixo dos pés. *Oh, merda*, pensamos, *vamos todos morrer, ninguém sabe quando, ninguém sabe como*. E nesse momento apercebemo-nos do pouco controlo que temos sobre o nosso destino. Não temos controlo desde o momento em que nascemos; não podemos escolher os nossos pais e, a menos que tenhamos tendências suicidas, tão-pouco podemos escolher a nossa morte. A única coisa que podemos fazer é escolher a pessoa que amamos, tratar os outros com bondade e tornar a nossa brutalmente curta passagem pela Terra o mais agradável possível.

Fiquei lavada em lágrimas e demasiado enjoada para beber o resto do café. A

empregada não me deixou pagar, provavelmente por não estar à espera do impacto que a notícia teve em mim.

— É por conta da casa, querida.

Assenti, agradecida, e percorri o caminho de regresso à residência a correr. Quando vi o Matt à porta do edifício, atirei-me para os seus braços, desfeita em lágrimas.

— Grace, que se passa?

Limpei as lágrimas e o ranho à sua camisola e dei-lhe a notícia entre soluços.

— O Jeff... Buckley está... morto.

— Oh, amor, está tudo bem. — Ele esfregou-me as costas e embalou-me. — *Shh*, não te preocupes, arranjam-te outro peixe.

Afastei-me e olhei para ele.

— Não. O verdadeiro Jeff Buckley.

Ele ficou lívido.

— Oh, bolas. Como aconteceu?

— Afogou-se há uns dias. O corpo foi encontrado hoje.

— Que notícia horrível. — Apertou-me contra o peito de tal forma que podia ouvir os batimentos do seu coração.

— Sim, não dá para acreditar — concordei, entre lágrimas.

Mas a verdade é que não estava tão triste pelo Jeff Buckley como estava pelo Matt e por mim. Por nós. Pelo pouco tempo que ainda nos restava juntos.

Se te pedisse que ficasses, ficarias?

Não sei como, mas ele leu-me os pensamentos. Inclinou-se e deu-me um beijo em cada face, depois outro na testa, no queixo e, por fim, nos lábios.

— Vou sentir a tua falta.

— Eu também vou sentir a tua falta — disse, sem parar de chorar.

— Grace, fazes uma coisa comigo?

— Qualquer coisa. — *Pede-me que vá contigo. Diz-me que ficas. Diz-me que te casas comigo. Que casamos a sério, desta vez.*

— Vamos fazer tatuagens agora mesmo.

— Está bem — disse eu, ligeiramente surpreendida. Não era exatamente o que estava à espera, mas, naquele momento, faria qualquer coisa que me pedisse.

Ambos tatuámos algumas palavras desenhadas com traços finos. As minhas ficaram gravadas na nuca e as do Matt, no peito, acima do coração. Cada um escolheu as palavras do outro, que escreveu num pedaço de papel e entregou aos tatuadores. Nenhum dos dois sabia que palavras o outro tinha escolhido até a tinta começar a marcar a pele. Era a nossa versão de um juramento de sangue.

Enquanto nos tatuavam, íamos trocando olhares e sorrindo. Imaginava o que ele estaria a pensar. Todas as vezes que me dissera que gostava de mim ainda não eram suficientes. Nunca seriam suficientes quando sabia que ele se ia embora no

dia seguinte.

A minha tatuagem foi a primeira a ficar pronta, e usei um espelho para ler as palavras que o Matt tinha escolhido para mim. As letras eram pequenas, bonitas e femininas, e já as adorava ainda antes de as ler. Aproximei o espelho e li: *Meu amor de olhos verdes*.

— É perfeita! — gritei. O Matt observava-me, com um sorriso de felicidade, evitando olhar para a sua tatuagem.

Quando ficou pronta, analisou-a, curioso, num espelho de mão.

— *Just the ash*. É do Leonard Cohen?

— Sim, conheces?

— Como é o resto da citação?

Engoli em seco e tentei não chorar, mas o meu corpo traía-me. Os tatuadores afastaram-se para nos dar alguma privacidade. O Matt levantou-se da cadeira e envolveu-me delicadamente nos seus braços, aconchegando-me no lado do peito que não fora tatuado.

— «*Poetry is just the evidence of life. If your life is burning well, poetry is just the ash*.»⁴

Ele enterrou o rosto no meu cabelo e disse:

— A minha vida está a queimar bem.

Sim, mas por quanto tempo?

Apesar de ainda precisarem de cicatrizar, naquela noite devo ter-lhe beijado aquelas palavras gravadas no peito uma centena de vezes. Ele beijava-me a nuca e dizia-me como ia sentir saudades do seu amor de olhos verdes, e eu acusava-o de ser um lamechas, ríamo-nos e eu acabava a chorar.

Na manhã seguinte, a Tati foi buscar o *Chrysler* que pedira emprestado ao pai para levarmos o Matt ao aeroporto. Enquanto isso, o Matt corria de um lado para o outro a empacotar tudo o que não iria levar com ele, para enviar para Los Angeles.

— Porque é que estás a enviar as tuas coisas de volta? Podem ficar no meu quarto.

Eu estava deitada na sua cama, de barriga para baixo, observando-o naquela agitação frenética.

— Não te quero dar trabalho com as minhas coisas.

— Eu quero ter trabalho com as tuas coisas.

Ele parou e olhou para mim.

— É melhor assim.

— Mas vais voltar, não vais?

— Sim, mas nessa altura espero já ter um emprego e dinheiro para pagar um apartamento a sério. Não quero voltar a Nova Iorque para viver na residência.

— Esta residência é para finalistas. Quando regressares, eu própria estarei

noutra residência — murmurei, com a boca na almofada.

— Mais uma razão. Não quero que tenhas de andar com as minhas coisas atrás, quando posso perfeitamente enviá-las para Los Angeles e ir lá depois buscá-las. — O seu tom denotava alguma frustração.

— Só vais estar fora alguns meses, Matt. Não dá assim tanto trabalho.

— Pois, mas nunca se sabe.

Não era o momento certo para frases como «nunca se sabe».

— Anda cá — disse eu. Virei-me de costas e estendi os braços na sua direção. Tinha posto o seu vestido preferido. Ele olhou por trás do ombro e a expressão no seu olhar suavizou-se. Caminhando na minha direção, sorriu com aquele seu jeito meigo e *sexy*. Ao inclinar-se para me beijar, detive-me antes que os nossos lábios se tocassem e murmurei:

— Ficarias se to pedisse?

Ele recuou, cruzou os braços e inclinou a cabeça para o lado.

— Pedir-mo-ias? — A frustração era-lhe notória em todas as linhas do rosto.

Ali deitada, por baixo dele, senti-me mais vulnerável do que nunca. A minha vontade era pedir-lhe que ficasse, mas como poderia ser egoísta? Se lho pedisse, amar-me-ia menos? Amar-me-ia de todo? Não podia roubar-lhe o sonho só para ter direito ao meu. Não faria isso. Não destruiria o que tínhamos criado.

— Responde-me. Serias capaz de me pedir que recusasse esta oportunidade?

Não queria que o fizesse, mas precisava de saber se o faria.

— Ficarias se to pedisse?

Ele cerrou os maxilares. A respiração era audível. Entre dentes, disse, com raiva contida:

— Sim, mas ganhar-te-ia raiva. Por isso, força. Pede lá.

Parecia que me estava a desafiar. Comecei a chorar.

— Caramba, pede-me lá para ficar e continuar a trabalhar na PhotoHut enquanto tiras a pós-graduação. Vá, pede.

Abanei a cabeça, sem conseguir formar as palavras.

Ele inclinou-se e agarrou-me na cara com força, olhando-me bem nos olhos.

— Por amor de Deus, Grace, isto não é uma despedida. É um «até logo». Diz-me, por favor, que és capaz de lidar com isso. Diz-me que és capaz.

Por esta altura, eu já hiperventilava. Ele estava zangado, mas a sua expressão revelava amor por detrás da ferocidade.

— Não fizemos promessas nenhuma — sussurrei. — Desculpa ter falado nisto. Vamos ver como as coisas evoluem, isto é apenas um «até logo».

— É isso mesmo — assentiu ele.

Tu disseste-me que eu era tua e que tu eras meu.

— Fazes amor comigo? — disse eu, fungando.

E ele fez, com ternura e delicadeza e com tanta emoção que chorei quando,

depois, me abraçou demoradamente, embora não tanto quanto gostaria.

Horas depois, fomos para o aeroporto JFK. A Tati ficou no carro enquanto acompanhei o Matt à porta de embarque.

— Ligo-te assim que conseguir.

— Está bem. Por onde vais andar?

— Primeiro, no norte da Bolívia. — Ele tinha uma mochila de lona a tiracolo, mas pousou-a no chão e fixou a biqueira dos sapatos. — Grace, não sei até que ponto vou estar contactável por lá. Poderás não ter notícias minhas durante algum tempo, mas hei de escrever-te e havemos de arranjar forma de falarmos ao telefone. — Olhou-me nos olhos, enquanto gravávamos na memória o rosto um do outro. — Grace, foi o Pornsake que comprou a foto.

Eu pestanejei.

— Eu sei. Porque esperaste até agora para mo dizeres?

— Achei que devias saber, só isso. Ele é boa pessoa.

— Que simpático da tua parte. E que simpático da parte dele — disse eu, com sarcasmo.

— Não quis que descobrisses que eu sabia e não te tinha dito.

— Certo. — Compreendi que o Matt não queria deixar pontas soltas.

Ao altifalante, uma funcionária da companhia aérea anunciou a última chamada para o embarque.

— Está na hora. — Ele abriu os braços e eu lancei-me a ele com uma força tremenda, como se tentasse entrar dentro dele, para que me levasse consigo, qual passageira clandestina abrigada no seu coração. Ele abraçou-me com força durante muito tempo.

— Até logo, Grace.

Desfizemos o abraço e demos um passo atrás.

— Até logo, Matt.

Ele sorriu e afastou-se. Imediatamente antes de transpor a porta de embarque, virou-se para trás, tirou uma coisa do bolso que ergueu no ar.

— Roubei-te isto, só para que saibas!

Era uma cassete de um ensaio, uma gravação minha a tocar violoncelo. Ele riu-se, e depois perdi-o de vista.

O amor da minha vida tinha-se ido embora.

⁴ Em tradução livre: «A poesia é apenas a prova da vida. Se a tua vida estiver a queimar bem, a poesia é apenas a cinza.» (NT)

19. O que nos aconteceu?

GRACE

No dia a seguir à partida do Matt, fiz uma audição para uma banda *grunge* como violoncelista, num pequeno estabelecimento perto de Allen Street, em East Village. Tinham uma sonoridade que fazia lembrar Nirvana, com sequências arrepiantes e refrões estridentes e barulhentos. Imaginei que iríamos tocar no programa *Unplugged* do canal VH1 e que eu teria uma carreira magnífica como violoncelista de *rock*, convidada para tocar com as bandas que estão na berra em Nova Iorque. Senti que estava, por fim, a seguir os meus sonhos.

Fiquei na minha, toquei bem, ensaiei bastante e, no final da semana, recebi o pagamento. Durante três noites, fiz cento e vinte dólares. As coisas estavam auspiciosas, e não via a hora de contar ao Matt.

Telefonou pela primeira vez uma semana e meia depois de partir. Eu estava no quarto, a ensaiar, quando a Daria bateu à porta e gritou:

— Grace! Vai ao telefone da sala de convívio. É o Matt para ti!

Corri escadas abaixo, vestida apenas com uma das suas *T-shirt* e umas cuecas velhas e esfarrapadas. Estava-me nas tintas, deixei que a excitação levasse a melhor.

— Estou! — disse, sem fôlego.

— Porra, este telefonema vai custar-me na boa uns setenta paus.

Ao ouvir aquela saudação, senti a excitação esmorecer um pouco.

— Oh, desculpa.

— Deixa estar. Oh, meu Deus, tenho tanta coisa para te contar.

— Quero saber tudo.

— A *National Geographic* vai lançar um canal de televisão em setembro. Vão

contratar montes de gente e já causei uma boa impressão junto da Elizabeth.

— Quem é a Elizabeth?

— É a fotografia principal do projeto. Ela é muito fixe e foi quem, depois de ver o meu portefólio, puxou os cordelinhos para que fosse escolhido para o estágio. Não fazia ideia.

Quis perguntar-lhe que idade tinha essa tal Elizabeth e se era bonita.

— Estou tão feliz por ti, Matt.

— Vou já! — gritou ele para alguém do outro lado da linha. — Olha, Gracie, tive de fazer uma viagem de autocarro de três horas para te poder telefonar. Isto é um deserto, portanto, não sei quando vou poder voltar a ligar-te.

— Tudo bem, não te preocupes.

— Tenho de ir. O próximo autocarro vai partir não tarda, eles só estão à minha espera. Olha, tenho saudades tuas.

Perante aquela última parte que soou como uma reflexão adicionada à pressa, senti uma pontada na barriga.

— Também tenho saudades tuas. Até logo.

— Adeus. — E desligou.

Não é adeus. Não é adeus. Nunca digas adeus. Olhando para os pés descalços, pensei que nem sequer me perguntara como é que eu estava. Nem sequer tive tempo para lhe contar dos concertos com a banda.

A Tati estava ali, encostada à ombreira da porta da frente, de braços cruzados.

— Onde deixaste as calças?

— Era o Matt.

— Calculei. Pensas em vestir-te hoje? Vim buscar-te para almoçar. Contas-me tudo durante o almoço.

— Está bem.

— Adiante. — Fez um gesto com a cabeça na direção da porta.

— Está bem — disse eu. — Sanduíches?

— Qualquer coisa é melhor do que *ramen*.

No mês que se seguiu, a Tati e eu almoçámos juntas todas as quartas-feiras. Certo dia, no início de julho, perguntou-me se falara com o Matt, ao que respondi que não.

— Porque é que ele não telefonou?

— Se calhar, não me apanhou, não sei. Ele está no meio de nenhures, é difícil conciliar estas coisas. Tenho a certeza de que está bem.

Nesse dia, quando cheguei a casa, uma das monitoras de verão da residência, que estudava Fotografia na Tisch, tinha colado um envelope na minha porta com uma nota que dizia, «Bom trabalho, Matt!». Eu contara-lhe sobre o estágio do Matt e, além disso, sempre que a via, perguntava-lhe se ele tinha ligado.

Abri o envelope e encontrei um artigo retirado de uma revista de fotografia.

Na capa, constava uma imagem do Matt a fotografar uma mulher que, por sua vez, se fotografava a ela própria ao espelho. O título rezava: «A Beleza atrás da Câmara.»

Engoli em seco, esforçando-me por combater as náuseas que senti ao ler sobre a jovem e bela Elizabeth Hunt, que construía uma sólida carreira na *National Geographic*. E depois, mesmo no fim, li três frases que mudariam o rumo da minha vida para sempre.

«Hunt assinala que a sua parceria com Matthias Shore, um jovem talentoso e promissor, acabado de se licenciar na Tisch, a Escola de Belas-Artes da Universidade de Nova Iorque, tem demonstrado ser bastante frutífera. A sua próxima missão inclui uma expedição com seis meses de duração ao longo da costa australiana, explorando a Grande Barreira de Coral e o comportamento agressivo de caça do grande tubarão-branco.

“O Matt e eu estamos ansiosos por esta oportunidade e empolgados com a possibilidade de levarmos a nossa parceria ao próximo nível”, declarou Hunt.»

Éramos tão jovens, e a vida já nos apresentava tantas reviravoltas. Mas deveria eu aceitar o que acabara de ler sem ripostar?

Nem pensar.

Em estado de choque, telefonei de imediato à Aletha.

— Olá, Aletha, é a Grace.

— Que bom ouvir-te, minha querida. Como vai isso? Está tudo bem?

— Tudo — disse eu, pouco efusiva. — Queria saber se tem tido notícias do Matt.

— Ah, sim, falei com ele ainda ontem.

Aquilo deu cabo de mim. Porque é que não me telefonara? Eu praticamente assentara arraiais ao lado do telefone.

— Ai, sim? E o que disse ele?

— Oh, deixa-nos tão orgulhosos. Está a conseguir fazer nome em tão pouco tempo.

— Sim, já soube — respondi, com alguma frieza.

— Não há nada que o detenha agora, e o pai dele está muito orgulhoso. Sabes o que isso significa para o Matt.

— Oh, que maravilha. — A minha voz enfraquecia a cada segundo. — Ele, por acaso, falou de mim?

— Mandou dizer que está bem, no caso de alguém perguntar.

Alguém?

— Bem... Se falar com ele nos próximos dias, pode pedir-lhe que me telefone?

— Sim, claro, Grace. Ele telefona uma vez por semana, por isso fica descansada.

Com que então, telefona uma vez por semana?

Despedi-me da Aletha e voltei a correr para o meu quarto, sem conseguir digerir tudo o que acabara de ouvir. Elizabeth Hunt... seis meses na Austrália... telefonemas semanais com a mãe...

Três dias depois, continuava sem saber nada do Matt. Forcei-me a sair da cama, demasiado cansada para chorar e demasiado triste para comer. Fui até à sala de convívio e telefonei à Tati.

— Estou?

— É a Grace.

— Olá, como estás?

— Podes vir cá?

— Ponho-me aí num instante. — Ela conseguia ouvir o sofrimento na minha voz.

Quinze minutos depois, entrou no meu quarto como um furacão. Dei-lhe o artigo sobre o Matt e a Elizabeth. Ela leu-o em silêncio. Tudo o que fez foi abanar a cabeça e oferecer-me um cigarro.

— Estou bem, Tati.

— Não dramatizes, Grace — disse ela.

— Não estou a dramatizar. — Já tinha parado de chorar. — Diz só ao Dan para contar comigo. Vou convosco na digressão.

A Tati sorriu.

— Que bom. Não vais arrepender-te.

TERCEIRO MOVIMENTO:
AGORA, QUINZE ANOS DEPOIS

20. Lembraste-te

GRACE

O presente pertence-nos. Este preciso segundo, o aqui e agora, este momento que antecede o seguinte, é nosso. Essa é a única dádiva que o Universo tem para oferecer sem pedir nada em troca. O passado já não nos pertence, e o futuro não passa de uma fantasia, sem garantias. Mas somos donos do presente. A única forma de perceber essa fantasia é abraçando o agora.

Fechei-me na minha concha durante muito tempo e não me permiti imaginar o futuro, porque continuava presa ao passado. Embora fosse impossível, tentei recriar aquilo que o Matt e eu tivéramos. Não havia mais nada que eu quisesse; ele era tudo o que a minha imaginação alcançava.

Mas o Orvin disse-me, certa vez, que o tempo é a moeda da vida. E eu já tinha perdido muito tempo. Foi a ideia do tempo perdido que me fez, por fim, perceber que precisava de seguir em frente e que jamais voltaria a ter o que tivera com o Matt. Tinha de fazer o luto da nossa relação e seguir em frente.

Pelo menos, era o que dizia a mim mesma.

Dois meses antes, encontrava-me envolta numa bruma cerrada de arrependimento. A vida desenrolava-se à minha volta, mas eu sentia-me vazia. Costumava olhar-me ao espelho, para as minhas rugas, e indagar como teriam aparecido. Desperdiçava tempo, repetindo as mesmas sequências dia após dia, praticamente ausente da minha própria vida. Nem sequer procurava quebrar o círculo vicioso à procura de propósito.

Até ter visto o Matt na estação de metro.

Tudo mudou. Voltei a ver a vida às cores, em imagem vívidas e cristalinas.

Ao longo dos últimos quinze anos, a mágoa pelo que nos acontecera ia e vinha,

como a maré. Tentei muitas vezes obrigar-me a esquecê-lo, mas eram demasiadas as coisas que me lembravam dele. Pensei que, se alguma vez o voltasse a ver, ele veria através de mim, como um fantasma do passado. Foi exatamente assim que me senti depois daquele verão, a seguir à universidade: como alguém que deixara de existir.

Mas quando o vi na estação, os seus olhos ficaram cravados nos meus. Reconheceu-me de imediato, e a única coisa que transparecia era deslumbramento puro. Era como se estivesse a assistir pela primeira vez ao pôr do sol no oceano. À medida que a minha carruagem era engolida pelo túnel, a sua expressão transformou-se em desespero, e foi então que soube que havia uma peça que faltava no *puzzle* da nossa história. O que havia por detrás daquele desespero? Que eventos dos últimos quinze anos o levaram a correr plataforma fora, de mão esticada para mim, com saudade espelhada no olhar?

Era urgente ter a resposta a estas perguntas. Sabia onde o poderia encontrar, mas estava demasiado assustada para ir à procura.

— Professora Porter?

— Sim, Eli? — Olhei para os grandes olhos azuis de um dos meus trombonistas sénior, enquanto recolhia as partituras da mesa. Estávamos na sala da banda do liceu onde dava aulas.

— Já ouviu falar da *Craigslist*?

Sorri.

— Obviamente. Não sou assim tão velha, Eli.

Ele corou.

— Sei que não é. — Parecia nervoso. — É que, no outro dia, vi a sua tatuagem, quando apanhou o cabelo. — Engoliu em seco.

— Continua — instei, cheia de curiosidade.

— «Meu amor de olhos verdes». É o que diz, não é?

Fiz que sim com a cabeça.

— Havia alguém que lhe costumava chamar isso?

— Sim, uma pessoa que conheci.

A minha pulsação acelerou só de pensar nisso. Qual seria o propósito desta conversa?

Ele tirou uma folha de papel dobrada do bolso.

— Lembra-se de quando participámos naquele concurso com a banda, com uma rapariga da Southwest High que tocava tuba?

— Sim. — Não fazia ideia do que ele estava a falar.

— Bem, eu senti uma química entre nós, mas nenhum dos dois tomou a iniciativa. Seja como for, andava à procura de uma mensagem dela, na eventualidade de o ter feito na secção das Ligações Perdidas, na *Craigslist*, quando vi isto.

Desdobrou a folha e entregou-ma.

Para o meu amor de olhos verdes:

Conhecemo-nos há quinze anos quando me mudei para a residência dos finalistas da NYU e ocupei o quarto ao lado do teu..

Disseste-me que foi amizade à primeira vista. Gosto de pensar que foi mais do que isso.

Dependíamos da excitação de nos conhecermos através da música (andavas obcecada com o Jeff Buckley), da fotografia (não me cansava de te tirar fotos), de passear no Washington Square Park e de todas as coisas insólitas que fizemos para ganhar dinheiro. Nunca aprendi tanto sobre mim mesmo como nesse ano.

No entanto, tudo se desmoronou, não sei bem como. Perdemos o contacto no verão depois da entrega de diplomas da licenciatura, quando fui à América do Sul trabalhar para a National Geographic. Quando regressei, já cá não estavas. Uma parte de mim ainda se pergunta se te terei pressionado demasiado depois do casamento...

Só te voltei a ver o mês passado. Foi numa quarta-feira. Apoiada nos calcanhares, balançavas em cima daquela grossa faixa amarela que percorre a plataforma da estação, à espera do metro da linha F. Só percebi que eras tu quando já era tarde de mais, quando já tinhas desaparecido. De novo. Disseste o meu nome; li-o nos teus lábios. Ainda tentei que o metro parasse, só para te dizer olá.

Rever-te trouxe de volta todas as memórias e sensações dos tempos de juventude e, agora, há quase um mês que não paro de imaginar como será a tua vida. Talvez tenha perdido o juízo, mas gostarias de ir beber um copo comigo e pôr em dia a última década e meia?

M

(212)-555-3004

Fiquei boquiaberta com o choque e precisei de ler e reler a mensagem três vezes.

— Professora Porter, essa carta é para si? Conhece esse tal de M?

— Sim — disse eu, com a voz trémula. Os meus olhos encheram-se de

lágrimas. Estendi os braços e abracei-o. — Obrigada.

— Que máximo. Nunca achei que aquelas mensagens resultassem. Ainda bem que tem essa tatuagem. Vai telefonar-lhe?

— Acho que sim. Ouve, Eli, agradeço muito o teu gesto, mas agora tenho de me despachar. Posso levar isto? — perguntei, erguendo o papel.

— Claro que sim, é seu.

Entre lágrimas, devolvi-lhe um sorriso agradecido, agarrei nas minhas coisas e corri escadas abaixo para ligar à Tati.

Ela atendeu ao primeiro toque.

— Estou?

— Estás ocupada?

— Estou no cabeleireiro — respondeu.

Logo depois da entrega de diplomas da licenciatura, o Brandon terminara o relacionamento com a Tati. Como reação imediata, ela cortou o cabelo muito curto e pintou-o de preto. Havia quinze anos que o usava assim, creio que funcionava como uma espécie de lembrete. Não voltara a ter um relacionamento sério desde o Brandon, salvo o que mantinha com a cabeleireira.

— Posso ir ter contigo?

— Claro. O que se passa? Soas-me esquisita.

— É impressão tua. — Eu estava com dificuldade em respirar.

— Está bem, podes vir.

Lembram-se da marcha atlética? Foi um desporto da moda nos anos oitenta que não durou muito. É uma forma um pouco pateta de andar muito depressa, bamboleando as ancas de um lado para o outro. Contudo, hoje em dia, continua a ser uma modalidade olímpica.

Foi a caminhar assim, em passo de marcha, que percorri os seis quarteirões até ao cabeleireiro, a uma velocidade digna da medalha de ouro.

Irrompi pela porta e vi a Tati sentada na primeira cadeira, vestida com uma daquelas capas negras de cabeleireiro. O cabelo estava impregnado de uma tinta preta arroxeadas e coberto por uma capa de celofane, enquanto a cabeleireira lhe massajava os ombros.

— Estou no meio do processo — disse a Tati, apontando para a cabeça.

— Olá — saudei a cabeleireira —, eu rezezo-a.

A rapariga sorriu e afastou-se. Pus-me atrás da Tati e comecei a esfregar-lhe os ombros.

— Alto lá, as tuas mãos de violoncelista são muito brutas — queixou-se.

— Deixa-te de coisas. Tenho de falar contigo.

— Então, fala.

— Ele quer encontrar-se comigo.

— De quem é que estás a falar? — Eu contara-lhe, há dois meses, que tinha

visto o Matt no metro.

— Lê isto. — Entreguei-lhe a folha de papel.

Momentos depois, ouvi-a fungar.

— Estás a chorar? — Perguntei-lhe, ainda atrás dela.

— Deve ser das hormonas. É que é tão triste... Porque é que esta mensagem está escrita como se tivesse perdido a memória?

— Não sei.

— Tens de lhe ligar. Grace. Vai para casa agora mesmo e liga-lhe.

— E o que digo?

— Sonda-o para perceberes qual é a dele. Parece o antigo Matt, ponderado e profundo.

— Parece, não é?

Ela saltou da cadeira, olhou para mim e apontou para a porta.

— Vai, agora.

21. Procurei por ti em todas as pessoas

MATT

Era terça-feira, algumas semanas depois de ter publicado a carta para a Grace na *Craigslist*, e estava a caminho do trabalho quando recebi uma chamada do meu sobrinho de oito anos, a perguntar-me se eu aceitaria patrociná-lo numa corrida de beneficência. Adorava aquele miúdo e aceitei sem pestanejar, porém, antes de desligar, ouvi a mãe dele do outro lado da linha.

— Matthias, fala a Monica.

— Olá. Como está o Alexander?

— Ótimo, esfalfa-se a trabalhar e põe os outros sócios a um canto, como de costume. Sabes como é o teu irmão.

— Se sei — disse, com um ligeiro travo amargo. — E tu? Como vai a vida em Beverly Hills?

— Deixa-te de conversa fiada, Matthias.

— Aonde queres chegar, Monica?

— Recebi um telefonema da Elizabeth a anunciar que ela e o Brad vão ter um bebé. — Se houvesse um prémio de falta de tato, a minha cunhada seria a grande vencedora.

— Sim, já sei. Tenho o privilégio de trabalhar diariamente com esses dois paspalhos.

— Ela foi minha irmã durante oito anos, Matthias. Não achas que tenho o direito de saber?

Ri-me.

— Vocês não eram propriamente amigas do coração, é ridículo que lhe chames «irmã». E foi ela que me *deixou*, lembras-te?

— És um idiota. Ela não te teria deixado se não continuasses obcecado com a Grace.

— A Grace não é tida nem achada no meu casamento ou divórcio.

— Pois sim. A Elizabeth disse que nunca te desfizeste das fotos dela.

— Nunca me desfaço das fotos que tiro. Porque o faria? Sou fotógrafo. A Grace posou para a maioria dos meus primeiros trabalhos, facto que a Elizabeth conhece melhor do que ninguém. Além disso, porque é que estamos a ter esta conversa?

— Quero assegurar-me de que ela recebe um presente da nossa parte.

— Os correios podem ajudar-te nessa questão. Ela ainda vive no nosso antigo apartamento. Sabes aquele de que abdiquei para que ela pudesse brincar às casinhas com o namorado.

— Marido — corrigiu ela.

— Adeus, Monica. Dá cumprimentos meus ao Alexander.

Desliguei, respirei fundo e voltei a perguntar a mim mesmo, pela décima vez naquela semana, o que raio tinha acontecido à minha vida.

Ao chegar ao escritório, encontrei o Scott a tirar um café na copa.

— Já te responderam ao anúncio? — perguntou ele.

— Népia, só tive resposta de umas senhoras muito simpáticas que se ofereceram para ser o meu amor de olhos verdes.

— E qual é o problema? Aproveita! Mesmo que ela não veja o anúncio, não é a única giraça de olhos verdes no mundo. — Ele piscou-me o olho.

— Ora, o busílis está aí. Vinha a pensar na minha vida, no caminho para o trabalho.

— Ui.

— Repara, com a minha primeira namorada, a Monica, tive uma relação estúpida e falsa, em que o que contava era impressionar tudo e todos.

— Eras jovem, e depois?

— Aconteceu o mesmo com a Elizabeth, pelo menos, no início. A minha relação com a Monica definiu o precedente para o meu casamento com a Elizabeth. Quando as coisas ficaram sérias, nenhum dos dois esteve à altura. Com a Grace, não foi assim, em momento algum. Foi sempre autêntico.

— Há outras Graces por aí.

— Aí é que te enganas. Juro-te. Conheci-a no momento errado, foi só isso. Passaram-se quinze anos e ainda penso nela. Estive casado com outra mulher, bonita e inteligente, mas de vez em quando pensava na Grace e imaginava como seria se tivéssemos ficado juntos. Dava por mim a fazer amor com a minha mulher e a pensar na Grace. Não é tramado?

— «Fazer amor»? És tão querido, Matt. — Ele sorriu, tentando conter uma gargalhada.

— Não sejas condescendente.

— Só te estou a dizer que estás na hora de começares a faturar. Fazer amor é coisa de outras núpcias. Ordens médicas. — Ele deu-me uma palmada no ombro e virou costas.

Mais tarde, nessa semana, a Elizabeth passou pelo meu cubículo. Eu estava reclinado na cadeira, a jogar *Angry Birds*.

— Matt?

Olhei para cima e vi-a com um esvoaçante vestido de grávida, a encarnação da Mãe Terra, a fazer festinhas na barriga protuberante. A Elizabeth era uma mulher naturalmente bonita, a dar para o *hippie*. Tinha feições harmoniosas, cabelo liso castanho, boa pele e uma tez bronzeada que se mantinha o ano todo. A sua fealdade era consequência da sua personalidade e da leviandade com que me traía.

— O que foi?

— Não tens milhares de fotos para editar?

Voltei a direcionar a atenção para os pássaros histéricos.

— Feito. Já as submeti.

Pelo canto do olho, reparei que levou a mão à anca qual mãe austera. A sua paciência começava a esgotar-se, mas era para o lado em que eu dormia melhor.

— Podias ter-mas mostrado antes de as submeteres.

Lancei-lhe um olhar rápido, antes de voltar a baixar os olhos para o telefone.

— Bem, estás toda cheia de ti, Lizzy. — Nunca a tratara assim. — Agora és minha chefe?

— Matt, não suporto esta quezília entre nós.

— «Quezília?!» — Ri-me, recostando-me na cadeira. Na minha mão, o telemóvel vibrou. Era uma chamada de um número local de Manhattan que não reconheci. Pus um dedo no ar, ordenando à Elizabeth que se calasse antes de atender.

— Estou?

— Matt?

Oh, meu Deus.

A voz dela, a voz dela, a voz dela, a voz dela.

A Elizabeth, que continuava especada a olhar para mim, levantou as mãos e disse:

— Podes ligar de volta? Estou a tentar falar contigo.

— Espera um momento, Grace — disse eu.

— Grace? — A Elizabeth ficou de queixo caído.

Tapei o bocal com a mão.

— Pira-te já!

Ela pôs a outra mão na anca.

— Ora essa.

Destapei o bocal.

— Grace? — Céus, só me apetecia chorar.

— Sim, estou aqui.

— Dás-me dois minutos? Prometo que te telefono já a seguir. — Achei que ia vomitar.

— Se for má altura...

— Não, não é. Já te ligo.

— Está bem — disse ela, insegura.

Desligámos.

— Com que então, andas a sair com a Grace? — Denotei um laivo de satisfação no seu tom de voz e no olhar, a acusação, *Pois claro que andas*.

Inspirei fundo pelo nariz.

— Não, não ando a sair com ela. Esta foi a primeira vez que falámos desde há quinze anos e tu acabaste de arruinar o momento.

— Para falar de trabalho, Matt. Estás no teu local de trabalho.

— Foi isso que disseste ao Brad quando fizeram sexo na sala da fotocopiadora? — Ripostei, de modo categórico. Era como se me tivessem apunhalado no peito e me estivesse a esvair em sangue. Sentia-me a enfraquecer quanto mais tempo passava. — Não me sinto bem. Podes deixar-me sozinho, por favor? — Os meus olhos ficaram marejados.

Ela corou.

— Eu... Matt...

— Seja o que for que vás dizer, não me interessa, Elizabeth. Nada de nada. Nem um niquinho. — Encolhi os ombros.

Ela deu meia-volta e foi-se embora.

Acedi ao histórico de chamadas e carreguei no número da Grace.

— Estou?

— Desculpa aquilo há pouco.

— Não faz mal.

Respirei fundo.

— Céus, que bom é ouvir a tua voz, Grace.

— É?

— Como tens estado?

— Bem. Faz... muito tempo, Matt.

— É verdade. Mesmo muito tempo. — Ela parecia um pouco apreensiva, e eu também estava. — Então, que tens feito? Onde vives? És casada?

— Não sou casada. — Senti um alívio no estômago. *Ainda bem*. — Vivo em West Broadway, no Soho, num daqueles prédios típicos com fachada de tijoleira.

— Estás a gozar. Eu vivo em Wooster.

— Uau. Estamos pertinho. Ainda trabalhas para a revista?

Ela sabia que eu trabalhava para a revista?

— Sim, mas agora estou no canal televisivo, já não viajo tanto. E tu? Ainda tocas violoncelo?

Vislumbrei uma imagem da Grace a tocar violoncelo no nosso quarto, na residência de estudantes, vestida apenas com aquelas suas cuecas às flores. A luz que entrava pela janela recortava-lhe a silhueta de tal forma que senti o impulso de premir o obturador e lhe ir tirando fotos enquanto tocava. Ainda tinha essas fotos algures. Lembro-me de que pousei a câmara, fui ter com ela e contornei com o dedo o seu rabo apetitoso. Ela enganou-se na música e começou aos risinhos. Questionei-me se alguma vez a voltaria a ouvir rir assim.

— Hum, hum. Mas não de modo profissional, dou aulas de música num liceu.

— Parece ótimo. — Pigarreei, incomodado. Queria dizer-lhe que estava com uma voz diferente, tristonha, tão distante da Grace que eu conheci, mas guardei estes pensamentos para mim.

Depois de um silêncio longo e desconfortável, eu disse:

— Assumo que tenhas lido a mensagem.

— Sim, foi um gesto amoroso... — Ela hesitou e inspirou fundo. — Quando te vi, não soube o que pensar.

— Sim, hum... foi um tiro no escuro, aquela mensagem.

— Fizeste uma carreira impressionante. Segui-te durante algum tempo.

— Ah, foi? — Doía-me a garganta, a cabeça latejava e fiquei de repente muito nervoso. *Porque tinha ela seguido a minha carreira?*

— A Elizabeth está...

— Grávida? — Saiu-me. *Porque tinha dito aquilo? E como é que ela sequer sabe da Elizabeth?* Queria contar-lhe tudo, mas da minha boca só saía uma enxurrada de palavras erradas.

— Matt. — Outra pausa longa e desconfortável. — Sinto-me mesmo confusa por te ter visto e com a tua mensagem e...

— A Elizabeth não é... — comecei, mas ela interrompeu-me.

— Foi bom falar contigo. É melhor desligar.

— Café? Queres ir tomar café um dia destes?

— Hum, não sei bem.

— Está bem. — Outro silêncio constrangedor. — Ligas-me se mudares de ideias?

— Claro.

— Grace, tu estás bem, não estás? Quero dizer, está tudo bem contigo? Preciso de saber.

— Estou bem — murmurou, antes de desligar.

Merda!

A Elizabeth escolheu aquele momento para voltar com uma pilha de fotos.

Tinha um péssimo sentido de oportunidade.

— Podes dar uma vista de olhos e deixá-las na minha secretária amanhã de manhã?

— Sim, claro, deixa-as aí. — Nem olhei para cima. Sentia o coração a martelar-me no peito e estava prestes a irromper em lágrimas. A Elizabeth pousou-me uma mão no ombro, apertando-o com a mesma delicadeza de um treinador de futebol.

— Estás bem?

— Sim.

— Não deve ser fácil para ti ver-me assim, pois não?

O quê? A surpresa foi tanta que quase me desmanchei a rir. A Elizabeth arranjava sempre forma de transformar tudo sobre ela.

— Achas que me é difícil ver-te grávida? Nada disso, estou feliz por ti.

— Parece-me lógico, visto que nunca quiseste ter filhos. — O seu tom de voz era insondável.

Eu sempre quis ter filhos, só não os quis ter contigo.

Segurei-lhe na mão e fiz o que a situação exigia.

— Elizabeth, lamento não ter sido um melhor marido para ti. Estou feliz por ti e pelo Brad. Faço votos de muitos anos de felicidade conjugal e familiar. Mas por tudo o que é mais sagrado, incluindo a sanidade no nosso local de trabalho, podemos nunca mais, jamais, voltar a falar sobre o nosso casamento falhado, por favor? — Havia súplica no meu olhar.

Ela assentiu em concordância.

— Eu também lamento, Matt. A minha forma de lidar com as coisas foi sempre a pior possível.

Soltei-lhe a mão. Ela sorriu de forma afetuosa, empática, quase compadecida. Era preferível deixá-la pensar que eu me sentia sozinho e cheio de saudades dela do que alimentar o seu ressentimento inflamado por eu nunca ter esquecido a Grace. As suas suspeitas estavam certas, mas eu jamais lho admitiria.

O Brad fora meu amigo quando comecei a estagiar na *National Geographic*. Conheci-o por volta da mesma altura em que conheci a Elizabeth. Ele sempre teve um fraquinho por ela e ela, por sua vez, sempre se sentiu atraída por mim. Quase me senti um sacana quando nos casámos, por isso, quando ela me traiu com ele, não foi nenhuma surpresa. Na verdade, senti uma estranha necessidade de lhe dar mais cinco. Não é horrível da minha parte?

A Elizabeth regressou ao seu gabinete e eu fui ter com o Brad. Estava na altura de ser o mais crescido dos dois ou, pelo menos, igualmente humano e imperfeito. O telefonema com a Grace tinha sido um fiasco, mas sacudiu-me do meu torpor; não queria permanecer atolado em ódio e autocomiseração para sempre.

Parado diante da porta do gabinete do Brad, pigarreiei.

Ele olhou para mim, do outro lado da secretária.

— Oláááá! — Ele arrastava sempre aquela sílaba, como se estivesse pedrado.

— Brad, passei só para te dar os parabéns pela gravidez. Que boa pontaria, todos sabemos que eu não teria feito melhor.

— Matt... — Ele tentou deter-me.

— Era a brincar, Brad. Estou feliz por vocês, juro.

— A sério? — Arqueou uma sobrancelha.

— Sim. — Acenei com a cabeça.

— E se fôssemos beber um copo depois do trabalho, só os dois?

Bem, estou convencido de que pinaste com a minha mulher em todas as superfícies possíveis do apartamento que costumava ser meu, e agora ela vai ter um filho teu, de modo que...

Bati com as mãos uma na outra.

— Que se lixe, porque não?

Fomos até um pretensioso bar de coquetéis na Upper West Side, perto do meu antigo apartamento, que agora ele partilhava com a Elizabeth. Detestava aquele bar, mas era território familiar para ambos.

Serviram-me o uísque numa taça de martíni com um cubo de gelo. Apesar de tudo o que havia de errado naquela bebida, emborquei-a de um trago.

— Já podes fumar uns charutos?

— Não, só quando o bebé nascer. Tu não gostas lá muito de crianças, pois não?

— Não, odeio-as. Estava apenas à procura de uma desculpa para fumar um bom charuto cubano — menti, por puro prazer. O que se leva da vida sem ser isto?

— Bem, hás de ter a tua oportunidade. Já agora, a tua cunhada telefonou. Vai enviar-nos a alcofa antiga.

— O quê?

— Sim, achou que devia dar-nos a alcofa. A Elizabeth é como uma irmã para ela.

A alcofa era uma relíquia de família; devia ficar na posse da família.

— A Monica não é o raio da guardiã da alcofa.

Ao detetar o meu tom hostil, o Brad tentou mudar de assunto.

— Andas a sair com alguém?

— Não, só quero sexo — menti novamente, por diversão. — Livrei-me finalmente das velhas algemas, sabes? — Estava a ser-me difícil ser fiel ao meu objetivo de me comportar como um homem crescido.

— Ainda bem para ti — disse o Brad, desconfortável.

— Outro uísque, por favor! — pedi.

— Sabes, por vezes, a Lizzy chateia-se com as coisas mais insignificantes.

Como o tampo da sanita; zanga-se se o deixo levantado, zanga-se se o baixo... — Olhou para mim e abanou a cabeça. — Acusa-me de falhar o alvo.

Senti pena dele.

— Ouve, vais ter de aprender a mijar sentado. Faz parte de ser casado. Na verdade, até é meio relaxante, como uma pequena pausa.

— A sério?

— É verdade.

Recebi o segundo uísque, que despachei ainda mais depressa do que o primeiro.

— Sabes, esqueci-me de te dizer que a Lizzy encontrou outra caixa de fotos tuas e alguns rolos por revelar. Ela disse que queria que fosses buscá-los já que estamos... tu sabes... a preparar o quarto de hóspedes.

Céus.

— Está bem.

Ele olhou para o telefone.

— Raios, temos uma aula de preparação para o parto daqui a pouco. Tenho de ir. Queres vir buscar a tal caixa ao apartamento?

— Claro, vamos lá.

Caminhámos os poucos quarteirões até ao apartamento praticamente em silêncio. Ao chegarmos ao edifício, entrei no átrio atrás dele. De repente, os dois uísques, combinados com a sensação de estranheza de estar no prédio onde costumava viver, subiram-me à cabeça.

— Sabes que mais, Brad? Prefiro ficar aqui em baixo à espera e tu trazes-me a caixa.

— Tens a certeza?

— Sim, eu espero. — Ensaiei um sorriso e sentei-me ao pé do elevador. Minutos depois, ele regressou com um saco de plástico cinzento-escuro.

— Não tinhas dito que era uma caixa?

— E era, mas a Lizzy guardou tudo aqui para economizar espaço.

— Para economizar espaço?

Ele nem conseguia estabelecer contacto visual comigo.

— Sim.

Tinha a certeza de que a Elizabeth havia vasculhado a caixa inteira e atirado fora metade do conteúdo, pelo que não me surpreendeu.

— Obrigado, Brad.

— Até breve, companheiro. — Deu-me uma palmada nas costas quando me virei para ir embora.

Chegado às minhas águas-furtadas, sentei-me no meu velho sofá de pele, pus a tocar *With or Without You* dos U2, apoiei os pés no saco de plástico e fechei os olhos. Fantasiei que tinha construído uma vida, não apenas uma carreira; que as

paredes da minha casa estavam decoradas com fotografias de família, não de animais do raio do Serengeti. Inspirei fundo, inclinei-me para a frente e abri o saco.

Eram recordações daquela época, conservadas em fotografias a preto-e-branco: a Grace e eu no Washington Square Park; na Tisch; nos nossos quartos da residência; na sala de convívio; a Grace a tocar violoncelo; a Grace nua na minha cama, a tirar-me uma foto, a câmara a tapar-lhe a cara. Passei o dedo pelo papel. *Deixa-me ver o teu rosto*, lembro-me de dizer. A Grace e eu em Los Angeles, a jogar *Scrabble* em casa da minha mãe. A minha mãe a ensinar olaria à Grace no Louvre. A Grace a dormir deitada no meu peito e eu a olhar para a câmara.

Uma a uma, retirei todas as fotos do saco. A última tinha sido tirada no dia da partida para a América do Sul. Era aquilo a que hoje se chama uma *selfie*: a Grace e eu deitados na cama, a olhar para a lente enquanto eu segurava a câmara por cima de nós antes de clicar no obturador.

Tínhamos um ar tão feliz, tão satisfeito, tão apaixonado.

O que nos aconteceu?

No fundo do saco, encontrei uma cassete e um rolo de filme por revelar. Retirei-o da lata e segurei-o contra a luz. Era a cores, algo que, na altura, raramente usava; só comecei a usar cor com regularidade na *National Geographic*.

Levantei-me, pousei o rolo em cima da bancada, pus a cassete a tocar num leitor antigo e bebi até apagar, enquanto ouvia a Grace e a amiga, a Tatiana, a tocar *Eleanor Rigby*, numa versão em dueto de violino e violoncelo. Tocaram várias vezes e, no fim de cada uma, ouvia-se sempre a Grace a rir e a Tatiana a mandá-la calar.

Adormeci com um sorriso na cara, embora me sentisse como uma das pessoas solitárias de que fala a canção.

AINDA EXISTIAM algumas lojas na Baixa que revelavam rolos analógicos. A PhotoHut fechara muito tempo antes, mas na manhã seguinte, quando me deslocava para o trabalho, encontrei uma loja de máquinas fotográficas onde deixei o misterioso rolo a revelar.

Ao chegar ao escritório, vi a Elizabeth na copa, perto da máquina de café.

— Pensava que as grávidas não deviam beber café — disse eu.

— Estou autorizada a beber um por dia — ripostou ela.

Sorri e encaminhei-me para o meu cubículo. Senti os seus passos atrás de mim, as suas sabrinhas roçando na alcatifa e gerando correntes elétricas — ela tinha o hábito de arrastar os pés.

Depois de ligar o computador, virei-me e dei com ela atrás de mim, à espera de que me apercebesse da sua presença. O cabelo estava espetado, levantado acima

dos ombros devido à eletricidade estática. Não contive o riso.

— O que foi?

— O teu cabelo — disse, com o dedo em riste, como faria uma criança de cinco anos.

Ela fuzilou-me com o olhar e apanhou o cabelo, tirando-me um lápis da secretária para o prender.

— Queria agradecer-te por teres ido tomar um copo com o Brad e buscar o saco, ontem à noite.

— E eu agradeço-te por me organizares a tralha pessoal. Deitaste fora alguma coisa da caixa original?

— Não, até me custou olhar lá para dentro. Parecia um altar da Grace.

— Então, porque é que cismaste em devolver-me as coisas?

Ela encolheu os ombros.

— Sei lá. Por me sentir mal, acho eu.

— Sentes-te mal com o quê exatamente? — Reclinei-me na cadeira.

— É que... tu sabes. Como... ai, não sei.

— Diz lá — insisti, com um sorriso presunçoso. Era impossível não desfrutar da sua atrapalhação com as palavras. Era óbvio que continuava invejosa da Grace.

— Foi só a forma como sempre a puseste num pedestal e como falavas dela, como se ela é que te tivesse abandonado.

Inclinei o corpo para frente.

— Não estás a dizer-me tudo... estás a fazer aquele trejeito esquisito com a sobrancelha que fazes quando mentes.

— Que trejeito esquisito com a sobrancelha?

— Mexes só uma sobrancelha, assim uma cena meio marada. Não sei como o fazes. É um tique sinistro.

Consciente de si mesma, levou uma mão à sobrancelha.

— Não é nada que não saibas. Quero dizer, andávamos tão atarefados na altura.

— Do que é que estás a falar?

A Elizabeth perscrutou a divisão com o olhar, como se estivesse a planear uma estratégia de fuga. Depois, olhou para baixo, para os sapatos excessivamente caros.

— A Grace telefonou-me uma vez e deixou-te um recado e... eu...

Pus-me de pé.

— O que estás a dizer, Elizabeth? — Só me apercebi de que estava a gritar porque os ruídos à nossa volta cessaram totalmente. Sentia que os colegas nos espreitavam atrás das divisórias dos respetivos cubículos.

— Chiu, Matt! — Ela aproximou-se. — Deixa-me explicar. Foi quando estávamos na África do Sul. — Ela cruzou os braços e baixou o tom de voz. — Já andávamos a dormir juntos e eu não sabia porque é que ela estava a ligar.

Fiz rapidamente uns cálculos mentais para estabelecer a cronologia. Devia ter sido uns dois anos depois da última vez que eu e a Grace nos víamos. Depois de ela ter desaparecido.

— O que é que ela disse? — perguntei, calmamente.

— Não me lembro. Já foi há tanto tempo. Ela estava na Europa ou assim. Queria falar contigo e saber como estavas. Deixou uma morada.

Eu sentia o corpo tenso, em alerta máximo.

— O que é que fizeste, Elizabeth?

— Nada.

O seu comportamento era estranho. Matreiro. Como se não pretendesse contar-me toda a verdade.

— Diz-me só o que fizeste.

Ela estremeceu.

— Escrevi-lhe uma carta.

— Tu não...

— Estava apaixonada por ti, Matt. Escrevi-lhe, mas com bons modos. Disse-lhe que tinhas seguido em frente e que ela passara à história, mas desejei-lhe o melhor.

Os meus olhos chispavam de raiva.

— E que mais fizeste? Por amor de Deus, Elizabeth, estou prestes a fazer um escândalo e sabes que não sou violento. Tu bem sabes.

Ela começou a chorar.

— Estava apaixonada por ti — repetiu.

Eu estava perplexo. Pensei, este tempo todo, que a Grace tinha desaparecido, que nem sequer se dignara a deixar-me um bilhete, um endereço, um número de telefone, nada. Ficara devastado, convicto de que ela é que me tinha deixado.

— Se estavas apaixonada por mim, por que razão não me deste oportunidade de escolha?

O Brad apareceu atrás dela e envolveu-a nos braços.

— O que se passa? O que lhe estás para aí a dizer? Ela está grávida, meu. Qual é o teu problema?

O meu peito palpitava.

— Saíam daqui. Os dois.

A Elizabeth lançou-se aos braços do Brad e começou a chorar com o rosto enterrado no seu peito. Fulminando-me com o olhar, o Brad levou-a dali, abanando a cabeça como se eu é que tivesse tido um comportamento deplorável.

Desde que vira a Grace no metro, não parara de rever mentalmente tudo o que nos acontecera quinze anos antes, como a última conversa que tivemos me parecera tão banal, apenas seis semanas antes da data marcada para o meu regresso a casa, de volta aos seus braços, de volta à rotina a dois que tínhamos estabelecido

durante aquele ano maravilhoso juntos.

Quando saí do trabalho, fui buscar o rolo que tinha deixado a revelar. Era sexta-feira, e não tinha nada melhor para fazer do que ir para o meu apartamento sem praticamente mobília nenhuma e digerir as notícias de que, muitos anos antes, a Grace tentara entrar em contacto comigo. Sentei-me no sofá ao pé das grandes janelas que iam do chão ao teto e davam para a rua principal.

Ao meu lado, na mesa de apoio, estava um pequeno candeeiro; no meu colo, as fotos reveladas. As três primeiras estavam desfocadas, mas a quarta apanhou-me de surpresa. Era uma foto minha e da Grace em pijama, diante das luzes desfocadas do trânsito. Os nossos rostos estavam ligeiramente desfocados, mas percebia-se que olhávamos um para o outro. *Foi na noite em que fomos jantar àquela sítio em Brooklyn.*

As fotos restantes eram da Grace: na sala de convívio, no parque, a dormir na minha cama, a dançar no meu quarto. Todas dela, tiradas a cores.

Dispus cada uma na mesa de centro e fiquei a olhar para elas, enquanto pensava no passado, revivendo todas as memórias que tinha com ela. *Ter-lhe-ei dito que a amava? Estaria ela ciente de que a amava? O que aconteceu?*

Eram oito e meia da noite e ainda não tinha comido nada. Sentia o estômago embrulhado, revoltado com os atos da Elizabeth. Agora, tudo começava a fazer sentido: o comportamento da Grace, tão prudente ao telefone. Ela tinha tentado entrar em contacto comigo.

Passei para o computador e fiz uma pesquisa a partir do seu número de telefone. Encontrei o nome G. Porter, residente em West Broadway. *Seria nome de casada?* Embora eu próprio também tivesse sido casado, aquela tomada de consciência foi como uma ferroada. Escrevi no Google «Grace Porter Música N.I.» e fui dar a um *link* que remetia para o liceu onde dava aulas de música. Depois de clicar em vários outros *links*, descobri que o departamento onde trabalhava ia apresentar uma atuação especial nessa mesma noite, no ginásio do liceu, mas tinha começado uma hora antes.

Irrompi porta fora sem sequer me olhar ao espelho. Não podia deixar que a nossa conversa ficasse por um telefonema constrangedor.

Mal cheguei ao liceu, desci os degraus dois a dois até ao ginásio. Ouvi o som de aplausos e torci para não ter chegado tarde de mais. Como não havia ninguém a guardar as portas duplas, esgueirei-me para o interior e deixei-me estar ao fundo, varri o espaço com o olhar à procura da Grace, mas vi apenas quatro cadeiras dispostas na extremidade oposta do ginásio — das quais, três estavam ocupadas e uma, vazia. A plateia serenou quando um homem se aproximou de um púlpito montado ao lado do quarteto incompleto.

— A professora Porter gostaria de partilhar convosco algo muito especial. — Não tivesse eu chegado quinze minutos atrasado, o meu *timing* teria sido perfeito.

— Na verdade, é um brinde, e uma *performance* raríssima, pelo que peço a vossa máxima atenção para o seu talentoso quarteto.

A Grace aproximou-se do púlpito, deixando-me sem fôlego. Tudo o que eu adorara nela no passado ainda ali estava: os seus maneirismos singulares; a forma como parecia ignorar a sua beleza; o cabelo, que ainda usava comprido e louro, caído sobre um dos ombros; os lábios carnudos, de um rosa natural. Mesmo a esta distância, conseguia ver os seus fabulosos olhos verdes. Estava vestida de preto da cabeça aos pés: calças e uma camisola de gola alta, contrastando com a pele e os cabelos claros.

Deu um toque no microfone e sorriu quando o som da pancada ecoou pela sala.

— Desculpem lá isto. — E depois deu um risinho abafado. *Céus, as saudades que eu tinha deste som.* — Obrigada por virem esta noite. Não costumo tocar com os alunos, mas temos uma novidade muito especial para vos dar. As nossas primeira e segunda violinistas, a Lydia e a Cara, e a nossa primeira violista, a Kelsey, irão tocar com a Filarmónica de Nova Iorque, no próximo fim de semana.

A plateia irrompeu em aplausos e assobios. A Grace olhou para as três raparigas lá atrás, que lhe sorriram, com os instrumentos a postos.

— É uma ocasião que me deixa muito orgulhosa, por isso, esta noite, gostaria de me juntar a elas para vos apresentarmos uma versão de *Viva La Vida*, dos Coldplay. Espero que gostem.

Continua uma miúda muito à frente.

A Grace dirigiu-se à cadeira mais à direita e acomodou o violoncelo entre as pernas. Com a cabeça baixa, começou a contagem. Ela costumava tocar para si mesma e, pelo que via agora, não tinha perdido o hábito. Não precisei de lhe ver os olhos para saber que estavam fechados, como fazia quando tocava à janela na nossa velha residência.

Observei, extasiado, sem nunca tirar os olhos da Grace, como a música foi preenchendo o ginásio. No final, mesmo antes do último movimento do arco, olhou para o teto e sorriu. A plateia delirou, as paredes vibraram com a ovação retumbante.

Assisti às restantes atuações, faminto e cansado, incerto sobre se teria vindo em vão. Os espectadores começaram a sair já passava das dez e meia, mas eu continuei à espera, com os olhos ainda treinados para a detetar. Por fim, vi-a dirigir-se à porta, onde eu ainda me encontrava. Quando os nossos olhares se cruzaram, percebi que ela sempre soubera que eu ali estava. Caminhou na minha direção com determinação.

— Olá. — O seu tom de voz era leve e cordial, o que me deixou aliviado.

— Olá. Que espetáculo incrível.

— Sim, estas miúdas... são muito talentosas.

— Refiro-me a ti, és tão... tocas tão... — engoli em seco — ...

maravilhosamente. — Parecia um palerma a falar.

Ela sorriu, embora me avaliasse com o olhar.

— Obrigada.

— Sei que é tarde, mas... gostarias de ir tomar um copo?

Ela ia responder, mas interrompi-a.

— Aquele telefonema foi embaraçoso, eu sei. Só queria falar contigo cara a cara. Para... — dei uma volta com a mão no ar — ... esclarecer as coisas.

— Esclarecer as coisas? — Ela apalpava terreno.

— Bem, para pôr a conversa em dia. E, sim, esclarecer as coisas, em certa medida.

— Passaram-se quinze anos, Matt. — Ela riu. — Não sei se ainda é possível esclarecer as coisas.

— Grace, ouve, estou ciente de que podem ter acontecido coisas que, na altura, eu não entendi bem e...

— Há um barzinho aqui perto. Mas não posso ficar até muito tarde, tenho de me levantar cedo amanhã.

Olhei para ela com gratidão.

— Não faz mal. Um copo, nada mais.

Céus, eu estava desesperado.

— Vamos lá, então. Por aqui.

Descemos a rua, caminhando lado a lado.

— Estás com um ar fantástico, Grace. Foi o que pensei mal te vi no outro dia, no metro.

— Não foi estranho? Foi como se o Universo estivesse a brincar connosco; vimo-nos um segundo demasiado tarde.

Não tinha visto as coisas por aquele prisma. Adorava a forma como a cabeça dela funcionava.

— Quero dizer, ao que parece, vivemos a poucos quarteirões um do outro, mas nunca nos encontrámos na rua. É um pouco estranho.

— Na verdade, mudei-me para o apartamento atual quando regresssei a Nova Iorque no ano passado.

— Onde estiveste antes disso?

— Mudei-me para o Upper West Side há cinco anos, mas depois vivi em Los Angeles durante uns tempos. Regressei a Nova Iorque depois de o divórcio com a Elizabeth estar finalizado. Isso foi mais ou menos há um ano. Agora, estou a arrendar umas águas-furtadas na Wooster.

Observei cautelosamente a reação da Grace, mas ela limitou-se a dizer: «Estou a ver.»

No interior do bar mal iluminado, a Grace escolheu uma mesa pequena, pendurou a bolsa nas costas da cadeira e apontou para a *jukebox* ao canto.

— Vou escolher uma música. Isto nem parece um bar, é demasiado silencioso.

Parecia estar mais animada. Lembrei-me da sua incapacidade de estar dentro de um sítio onde não se ouvisse música. No exterior, com os sons da natureza, não havia problema, mas dentro de portas, tinha de haver sempre música.

— O que queres beber?

— Um copo de vinho tinto seria ótimo.

Tive de me lembrar constantemente que não me devia entregar a reminiscências, mas sim desfrutar do momento presente. Afinal de contas, tínhamos muito que conversar. Quando regresssei com as bebidas, encontrei-a sentada, com os cotovelos apoiados na mesa, descansando o queixo nas costas das mãos entrelaçadas.

— Também estás com ótimo ar, Matt. Já to queria ter dito. O tempo não passou por ti.

— Obrigado.

— Gosto do cabelo comprido e disto... — Ela passou-me os dedos pela barba. Fechei os olhos mais tempo do que devia. — Com que então, estiveste em Los Angeles?

Tentei controlar a respiração, para não me deixar ir abaixo e desatar num pranto. Sentia-me totalmente assoberbado na sua presença.

Ouviu-se uma música triste interpretada por uma voz masculina arrastada.

— Quem é este? — perguntei, bebendo um gole da cerveja.

— São os The National. Mas, Matt, disseste que querias falar, então vamos falar. Foste para Los Angeles depois do divórcio: ficaste a viver com a tua mãe? Como está ela? De vez em quando, lembro-me da Aletha.

— Fui para lá antes de me divorciar, na verdade. Para cuidar da minha mãe. Ela faleceu enquanto eu lá estava.

Os olhos da Grace encheram-se de lágrimas.

— Oh, Matt. Lamento tanto. Ela era uma mulher maravilhosa.

Senti um aperto na garganta.

— Foi cancro dos ovários. A Elizabeth achava que o Alexander devia chegar-se à frente, mas ele andava demasiado ocupado a tentar subir na firma. A minha mãe estava a morrer e os filhos discutiam sobre quem devia cuidar dela. Que estupidez. — Desviei o olhar. — O meu casamento já andava pelas ruas da amargura. A Elizabeth queria engravidar a todo o custo, mas eu estava do outro lado do país. Acho que, de certo modo, ela sentiu que eu estava a evitá-la. Quanto a mim, acho que ela foi egoísta. Estávamos ambos zangados e magoados.

Ela assentiu.

— O que aconteceu depois disso?

— Enquanto estava em Los Angeles, a assistir ao definhamento da minha mãe, a Elizabeth começou a ter um caso com o meu amigo e colega Brad, um produtor

da *National Geographic*. Oito anos de casamento foram ao ar assim... puf. — Fiz um gesto com as mãos a imitar uma explosão.

— Oito anos? Pensava que... — Ela hesitou.

— O quê?

— Esquece. Lamento muito, Matt. Não sei o que dizer.

— Podes dizer-me porque é que te foste embora.

— Embora quando?

— Porque é que não deixaste um bilhete ou uma mensagem quando partiste para a Europa? Foste simplesmente embora.

Ela pareceu confusa.

— O que queres dizer? Eu fiquei à tua espera. Tu é que nunca ligaste.

— Não, não podia. Não me deixavam fazer mais telefonemas. A única pessoa com quem falava era a minha mãe, porque era a pagar no destinatário. Estava completamente nas lonas. Ficámos presos num vilarejo com um carro avariado e rodeados por centenas de quilómetros de floresta tropical. Achei que irias entender a situação.

Aquilo pareceu destroçá-la.

— E aquele artigo numa revista sobre fotografia? Basicamente, dizia que trabalhavas para a *National Geographic* e que irias para a Austrália a seguir.

— Em 1997?

— Sim. — Ela bebeu o vinho de um trago. — Havia uma foto de ti a fotografá-la e dizia que ias para a Austrália com ela durante seis meses.

— Como nunca li esse artigo, não sei a que te referes. A Elizabeth convidou-me para ir para a Austrália, mas eu recusei. Quando o estágio acabou, voltei para cá para estar contigo, mas já te tinhas ido embora.

— Não. — Ela abanou a cabeça. — Eu pensava que ias para a Austrália. Foi por isso que acabei por me juntar à orquestra do Dan.

Agora, era eu quem também abanava a cabeça.

— Não fui para a Austrália. Voltei no final de agosto. Tentei ligar-te antes de vir, mas a ligação estava sempre a cair. Fui direto à residência dos finalistas, julgando que ainda estarias por lá. Quando não te encontrei, pensei que talvez te tivesses mudado para a residência dos pós-licenciados, portanto, fui confirmar na secretaria. Lá, disseram-me que tinhas adiado o início da pós-graduação. No caminho de regresso à residência, encontrei a Daria e foi ela que me disse que te tinhas juntado à orquestra do Pornsake.

A Grace começou a chorar, soluçando em silêncio com as mãos no rosto.

— Grace, lamento muito. — Tirei uns guardanapos do doseador em cima da mesa e passei-lhos. — Pensava que tu é que me tinhas deixado. Não sabia como entrar em contacto contigo. Só aceitei o trabalho na *National Geographic* depois de saber que te tinhas ido embora.

Ela soltou uma gargalhada por entre as lágrimas.

— Caramba, todo este tempo...

— Eu sei. Procurei-te algumas vezes, mas nunca te encontrei *online*. Só hoje soube que o teu apelido era Porter.

Agora, a Grace entrara numa autêntica crise de choro.

— Casei-me com o Pornsake, Matt. Ele mudou o apelido para Porter.

Senti que me apunhalavam o coração.

— Ah.

— Não foi logo. Esperei quase cinco anos. Ele morreu. Sabes disso, certo?

— Não, como querias que soubesse?

— Porque te escrevi uma carta.

— Escreveste? — *A Elizabeth*. Efetivamente, não me tinha contado toda a verdade. Era como se tivesse ido parar a um universo alternativo, em que a Grace me amava e eu é que saía de cena. Andara deprimido todos estes anos, desgostoso por a ter perdido e, afinal, ela andara sempre à minha procura.

Estendi as mãos e ela deixou que eu segurasse as dela.

— Lamento muito pelo Dan. Ele era boa pessoa. Como morreu?

— Coração dilatado. Morreu com um sorriso no rosto — disse ela, com orgulho.

— Amava-lo? — Sabia que não tinha o direito de saber, mas estava mortinho.

— Ele foi bom para mim. — Ela olhou para o teto. — Amei-o à minha maneira.

— Ai, sim? — Eu voltara a engasgar-me.

O seu olhar encontrou o meu.

— Sim. Mas não da maneira como te amei a ti.

— Grace...

— Que porra é que nos aconteceu, Matt?

— Já não sei. Pensava que sabia. A Elizabeth disse-me apenas que te escreveu uma carta?

— Recebi uma carta tua, aí por volta de 1999 ou 2000. Nunca obtive resposta aos telefonemas e às outras cartas que te enviei.

— Foi a Elizabeth quem escreveu essa carta, não eu. Juro por Deus, Grace, eu jamais teria ignorado os teus telefonemas.

— Bem. — A sua voz ficou muito calma, como que encolhida. — Agora é demasiado tarde, não achas?

— Porquê? Porque é que tem de ser demasiado tarde?

— Diria que quinze anos é bastante tempo. Aconteceu-nos tanta coisa entretanto e...

Apertei-lhe as mãos.

— Anda comer uma fatia de tarte ou panquecas ou algo do género, como

costumávamos fazer.

— Estás doido?

— Estou — disse, fingindo-me sério. — Temos de sair daqui.

— Não sei... — Ela retirou as mãos.

Olhei para o meu relógio.

— Pequeno-almoço ao jantar?

Ela passou uma mão pelo rosto e endireitou-se na cadeira, criando alguma distância entre nós. Não percebi se estava a contemplar a ideia ou a pensar numa forma simpática de se esquivar. Procurei-lhe o olhar e ela sorriu.

— Está bem. Vou contigo, mas com uma condição.

— Qual é, Gracie?

Ela riu-se ao ouvir o diminutivo e depois os olhos humedeceram-se-lhe novamente.

— Não chores, por favor — pedi.

— Temos de esquecer, durante algum tempo, quem somos um para o outro. Não há conversas sobre o passado. É a minha condição.

— Combinado.

Deixei uma mão-cheia de notas em cima da mesa, peguei-lhe na mão e puxei-a em direção à porta. Mas antes de sairmos, virei-me para ela.

— Espera. Temos de começar com um *shot*. Somos novos, a cidade pertence-nos, amanhã não tens de acordar cedo para dar aulas e eu não me casei com uma imbecil.

— Claro, porque não? — As suas faces ficaram rosadas. De repente, parecia mais feliz, mais jovem. E apesar de lhe ter prometido que não falaríamos sobre o passado, não consegui evitar sentir que tínhamos feito uma viagem no tempo, para a melhor época das nossas vidas.

Bebemos um *shot* de tequila cada um, saímos do bar e encontrámos um *diner* pequeno, que estava aberto vinte e quatro horas por dia.

— Acho que vou pedir uma tarte — disse eu, enquanto analisávamos o conteúdo de um expositor frigorífico.

— Eu também. Partilhamos uma fatia?

— Vamos partilhar duas fatias — disse eu, em jeito de desafio.

— Isso é que é falar. Gosto. Vamos pedir uma fatia de tarte de chocolate cremoso e...

— Outra de manteiga de amendoim?

— Perfeito. Vou comê-la toda.

Céus, adorava esta mulher.

— Somos dois — disse eu.

Pedimos e depois instalámo-nos numa cabina com bancos estofados de vinil. Ela passou um dedo pelo tampo reluzente da mesa *retro*.

— Então, como estão o Alexander, o teu pai e a Regina?

— Bem. O meu pai nunca se há de reformar. Ele e o meu irmão são sócios na mesma firma. O Alexander e a Monica têm dois filhos e um casarão em Beverly Hills. A Regina está na mesma, tirando o rosto, que está mais esticado.

A Grace riu-se, mas depois ficou séria.

— Estou muito triste com as notícias da tua mãe. Gostava mesmo dela. Sentia que éramos almas gémeas.

Recordei os dias antes de perder a minha mãe. Ela perguntou-me o que tinha acontecido com a Grace, e limitei-me a dizer-lhe que não tinha dado certo. Não entendia por que razão a minha mãe puxava o assunto da Grace tantos anos depois. Ela não estava a par dos problemas conjugais entre mim e a Elizabeth, mas era como se me quisesse dizer que ainda pensava na Grace. Julgo que também ela se deve ter sentido alma gémea da Grace. A Elizabeth nunca foi muito chegada à minha mãe, mesmo quando conviveram durante uma década. Já com a Grace, bastou uma visita para ganhar lugar vitalício no coração da minha mãe.

— Ela morreu em paz. O meu pai até veio vê-la antes de ela morrer. Foi de partir o coração, porque, apesar do historial dos dois, ela ainda o amava. Foi por isso que nunca voltou a casar. Acho que, desavenças à parte e vendo-a tão perto do fim da vida, ele também a amou. Pelo menos, foi o que ele lhe disse. Se não o sentiu, ao menos a minha mãe morreu a acreditar nisso. Passei a respeitá-lo mais depois desse episódio.

— Compreendo — disse ela, como se falasse por experiência própria.

Inspirei fundo.

— Falemos sobre algo mais feliz.

— Acompanhei a tua carreira durante algum tempo e vi que ganhaste o Pulitzer. Que feito incrível, Matt. Parabéns.

— Obrigado. Foi inesperado e difícil de valorizar, porque, na altura, andava bastante deprimido.

— Isso foi antes de a tua mãe adoecer, certo?

— Foi. Ela ainda assistiu à cerimónia de entrega. Ela e o meu pai ficaram muito orgulhosos.

A Grace demonstrava tamanho interesse e compaixão. Pensei em todas as ideias sobre ela que criara na minha cabeça. Em como o seu nome condizia com a sua personalidade. No quão verdadeira, bela e genuína era em carne e osso. Todas as vezes que me detinha a contemplar-lhe o rosto nas fotografias, desejando poder pegar nela, tocar-lhe ou apenas vê-la ao vivo e a cores, e ei-la agora, tal qual me lembrava.

As fatias de tarte repousavam intocadas entre nós. Espetei o garfo num bocado e levei-o aos lábios da Grace.

— Tudo fica melhor com um pouco de tarte.

Ela comeu, e eu não consegui despegar os olhos da sua boca. Passei a língua pelos meus lábios, imaginando ao que ela saberia — a que sabiam os seus beijos.

— É tão boa...

— Sei que não devíamos falar sobre o passado, mas estou mortinho por saber o que fizeste depois do curso. Como foi a orquestra?

— Foi uma maravilha, na verdade. Andámos uns anos em viagem. A Tatiana também. Quando voltámos para Nova Iorque, o Dan recuperou o mesmo emprego na NYU e eu tirei o mestrado em Teoria da Música num programa *online*. Dei aulas na faculdade durante alguns anos e agora estou a dirigir a orquestra e a banda no liceu.

— Isso é fantástico, Grace. Como está a Tatiana?

— Está bem. Continua solteira e refilona. Toca na Filarmónica de Nova Iorque, o que faz com que viaje muito. É uma música muito dedicada.

— O que foi feito do Brandon?

Ela riu-se.

— Foi só um entre muitos para a Tati.

— Devia ter adivinhado. Então e tu nunca quiseste seguir os mesmos passos dela? Posso estar a ser tendencioso, mas sempre pensei que tocavas melhor do que ela.

— E tocava, mas... — Ela começou a mexericar com as mãos. — Eu... bem, faltava-me a disciplina. Ela sempre foi melhor nisso.

— Não concordo nada.

— Para ouvidos treinados, a Tatiana tem mais talento. — Ela sorriu e conduziu o garfo com um grande pedaço de tarte de amendoim até à minha boca.

— Um último bocado?

Agarrei-lhe no pulso, inclinei-me para a frente e comi o bocado. A intimidade instantânea que se criara entre nós era mais do que familiar.

— Desculpa, mas tenho de ir. Gostei muito. Foi bom rever-te e saber que a vida te corre bem e com saúde — disse ela.

— Eu acompanho-te a casa.

— Não é preciso. — Ela deslizou até à borda do banco.

— É tarde e sentir-me-ia melhor se me deixasses levar-te.

Ela hesitou.

— Está bem. Podes caminhar comigo até à minha rua.

Pelo caminho, ela enrolou o cabelo, deixando a tatuagem à mostra. *Meu amor de olhos verdes*. Não consegui resistir ao impulso de estender o braço e passar os dedos pela sua nuca. *Afinal, isto aconteceu mesmo*. Ela retraiu-se.

— O que estás a fazer?

— Só queria tocar, para ver se ainda aí estava.

Ela riu-se.

— As tatuagens não desaparecem assim.

— Podias tê-la mandado remover a laser, num acesso de raiva.

— Senti mais tristeza do que raiva.

Essa doeu.

Peguei-lhe nas mãos.

— Lamento. Não imaginas como lamento.

— Eu sei. Eu também lamento. Presumo que ainda tenhas a tua?

Puxei a gola da minha *T-shirt* preta para baixo até revelar a tatuagem acima do coração.

— Sim, ainda cá está.

Ela acariciou aquele bocado de pele e sussurrou: «*just the ash.*» Depois baixou a cabeça. Levantei-lhe o queixo e vi que tinha os olhos marejados.

— Fomos vítimas de um desencontro. Mas aqui estamos de novo.

Ela ensaiou um sorriso tímido.

— Tenho de ir.

Antes que tivesse tempo de a deter, já ela dera meia-volta e começara a descer a rua, apressada. Esperei até que subisse os degraus de um prédio com fachada de tijoleira e depois segui para casa, zangado com o mundo, com ganas de matar a Elizabeth por me ter arruinado a vida de tantas maneiras.

Assim que cheguei a casa, telefonei ao meu irmão. Na Costa Ocidental, ainda eram nove da noite. Atendeu a Monica.

— Estou?

— O Alexander está?

— Olá para ti também, Matthias. O Alexander não está. Ainda está no escritório a preparar uma proposta importantíssima que tem de apresentar amanhã.

— Monica, disseste que tu e a Elizabeth eram como irmãs, não foi?

— Bem, fomos da mesma família durante oito anos.

— Pois claro. Sabias que a Grace tentou entrar em contacto comigo e que, em cada tentativa sua, a Elizabeth arranjou forma de me ocultar esta informação? — As palavras saíram num tom duro e acusador. — Haverá a possibilidade de a teres auxiliado nestas manobras de diversão?

— Para com isso.

— Era o que faltava. Deste-lhe a porra da alfofa de família. Têm mantido o contacto. Tu própria me contaste que ela desabafou contigo o facto de eu não ter esquecido a Grace. Não foste à bola com a Grace desde o início, e eu sempre soube disso. Vocês as duas morriam de ciúmes dela.

— Vou desligar não tarda se não parares com isso.

Eu estava ofegante, com a pulsação acelerada. Dentro de mim, não restava nada mais para além de pura raiva e adrenalina.

— Não sei do que estás a falar. Eu nunca tive ciúmes da Grace. Ela fez parte da tua vida durante cinco minutos, e agora acusas-me disto? A Elizabeth nunca me disse nada a não ser que tinhas carradas de fotos da Grace de que não te querias desfazer.

— Foi principalmente por causa da Elizabeth que estive quinze anos sem falar com a Grace. Provavelmente, é por causa da Elizabeth que eu não estou casado com a Grace neste preciso momento.

Ela suspirou ruidosamente.

— Matt, estás a ser melodramático.

— Nem sei porque te estou a dizer estas coisas.

Ela calou-se durante uns instantes.

— Acho que me estás a dizer isso porque somos família. — Estas palavras surpreenderam-me. — Devas ir dormir, Matt. Pareces-me transtornado. Lamento se aquilo que acabaste de me dizer for verdade. Nunca imaginei que a Elizabeth fosse do tipo conspirador.

— Nem eu, mas a verdade é que o fez.

— Eu transmito o recado ao Alexander e digo-lhe que te telefone, está bem?

— Está bem. Obrigado, Monica. Boa noite.

Às duas da manhã, continuava acordado a olhar pela janela. Decidi ir dar uma volta para dissipar o nevoeiro que ia na minha cabeça. Quando dei por mim, estava a dirigir-me à rua da Grace. Fiquei a olhar, envolvido num silêncio sepulcral, para uma fileira de quatro edifícios com fachada de tijoleira. Não sabia em qual deles morava — eram completamente idênticos.

— Grace! — gritei. Podia ter-lhe telefonado e dito, «Gracie! Grace, por favor, preciso de falar contigo!», mas se é para insistir em falar com alguém às duas da manhã, é melhor fazer-lhe uma visita. — Grace, por favor!

Num prédio do outro lado da rua, um homem abriu uma janela e gritou:

— Vai-te embora ou chamo a polícia!

— Chame à vontade! — gritei de volta.

— Charlie, eu conheço-o! — Era a voz da Grace. Virei-me e vi-a de pé, à porta de um dos prédios. Subi os degraus a correr, o coração a querer saltar-me do peito. Ela olhou para mim, com o rosto muito perto do meu. Usava um pijama de flanela cor-de-rosa com um padrão de árvores de Natal, apesar de estarmos em maio, o que me fez sorrir.

— Que fazes aqui? — perguntou.

Peguei-lhe nas mãos e olhei para elas, no espaço entre nós.

— Quis beijar-te mais cedo, mas faltou-me a coragem. — Inclinei-me e beijei-a devagar, com ternura. Os lábios macios contrastavam com os movimentos sôfregos. Beijou-me como sempre me beijou, com paixão. Pôs os braços à volta do meu pescoço, pressionando o seu corpo contra o meu à medida que o beijo se

intensificava. Deslizou as mãos para o lado, depois para a cintura e enfiou-mas debaixo da *T-shirt*. Os dedos tatearam os desenhos no meu cinto.

Ela afastou-se e murmurou-me ao ouvido.

— Ainda o usas?

— Estiveste sempre comigo, Grace. Nunca consegui deixar-te ir.

Ela apoiou a cabeça no meu ombro.

— O que vamos fazer?

— Namorar?

Ela riu-se.

— Queres namorar comigo?

Casar-me-ia contigo, se quisesses.

— Sim, quero namorar contigo. És a minha ex favorita. — Ela levantou a cabeça e procurei-lhe o olhar, notando, com alívio, uma expressão de divertimento.

— Estou livre na terça depois das aulas.

— Que tal marcarmos em frente à nossa antiga residência, por volta das três?

Ela riu-se de novo, porém, as lágrimas brilhavam ao luar.

A Grace já tinha chorado demasiado esta noite por minha causa.

— Sim. Vemo-nos às três.

Inclinei-me e beijei-a na face.

— Desculpa ter-te acordado. Volta para a cama, minha querida.

Dei-lhe um beijo no nariz, rodei nos calcanhares e saltitei escadas abaixo.

— Na terça às três — repeti. — Até breve!

— Falem baixo! — gritou o Charlie da janela.

— Vai dormir, Charlie! — gritou a Grace.

22. Porque não agora?

MATT

Dediquei o fim de semana a comprar coisas para o meu apartamento e a transformá-lo numa casa habitada, só para o caso de a Grace cá vir.

Quando acordei na segunda-feira de manhã, já sentia a raiva a ferver em antecipação do encontro com a Elizabeth no trabalho. Fui dar uma corrida para descomprimir, tomei duche e fui para o escritório. A caminho do meu cubículo, vi o Scott no corredor.

— Posso falar contigo? — perguntei.

— O que se passa?

— Podemos ir para o teu escritório?

— Claro.

Sentámo-nos à sua secretária, um em frente ao outro.

— Já não aguento estar neste escritório. Posso trabalhar a partir de casa?

O Scott recostou-se na cadeira.

— Mano, tens-me feito pedidos atrás de pedidos nos últimos dois anos.

— Eu sei e peço desculpa, mas não aguento este clima de escritório.

— Tu e a Elizabeth tomaram a decisão de deixar o trabalho de campo e estabelecerem-se aqui. — Ele arqueou as sobrancelhas como quem diz, «Lembraste?».

— Scott, vou ser franco contigo. O problema não é trabalhar num escritório. Penso que seria melhor para todos se eu não trabalhasse no mesmo edifício que ela.

— A sério? E eu pensava que tinhas lidado com o divórcio surpreendentemente bem. E já faz mais de um ano. Ainda lhes estás assim tão

apegado?

— Surgiram novas informações. Já não consigo trabalhar com aquela psicopata. — Sorri, o que deve ter dado a impressão de que eu é que era o psicopata.

— Então, Matt, sejamos razoáveis.

— Posso trabalhar como *freelancer*, Scott. Já o fiz antes e ganhei o raio de um Pulitzer.

O Scott semicerrou os olhos.

— Não me ameaces, Matt.

— Não te estou a ameaçar, e não vou entrar em detalhes sobre o que ela fez. Basta dizer que deu cabo da minha vida e não posso continuar a trabalhar com ela, está bem? E não acho que seja irrazoável da minha parte não querer trabalhar com a minha ex-mulher grávida e o seu novo marido. Fiz um pedido neste sentido há meses e ainda aqui estou. É ela ou eu.

Ele soltou um longo suspiro.

— Queremos-te na nossa equipa, mas sabes que a Elizabeth não vai a lado nenhum. Ela está grávida; processar-nos-ia se nos tentássemos livrar dela.

Atirei as mãos ao alto.

— Quero lá saber, meu. Vou-me eu embora.

O Scott rodopiou na sua cadeira enquanto eu olhava para ele. Passou as mãos pela careca lustrosa e depois cruzou os braços sobre o peito e encostou-se.

— Está bem, podes trabalhar a partir de casa. Já agora, não é prática comum da empresa; estás a receber tratamento especial. Mas é só até encontrarmos outra solução para ti. Vais precisar de uma assistente para te representar nas reuniões com a produção, se te for realmente impossível arrastar o traseiro até aqui. Que dizes da Kitty? — Sorriu.

Levantei-me e bati com as mãos uma na outra.

— Parece-me um plano fantástico, Scott. Adoro-te. — Aproximei-me, agarrei-lhe no rosto e dei-lhe um beijo na bochecha. — Vou pisgar-me. Ah, e deixa a assistente por minha conta — acrescentei, ao sair do gabinete.

Instantes depois, pavoneava-me alegremente pelo corredor com os meus pertences dentro de uma caixa de cartão, quando dei de caras com a Elizabeth. *Lembra-te, Matt: se a matares, vais para a prisão.*

— O que fazes aí com as tuas coisas? — Bloqueou-me o caminho, de mão na anca.

— Sai da frente.

— Para que é essa agressividade toda? Estou grávida, imbecil.

— Eu sei, assim como qualquer pessoa sem problemas de visão. E o que faço não é da tua conta. Desampara-me a loja.

— Despediram-te?

Por mais que me esforçasse para não discutir com ela, não me consegui controlar.

— Sei tudo sobre os telefonemas e as cartas da Grace e como os ocultaste de mim. Obrigado por isso.

Ela revirou os olhos e olhou para o teto.

— Oh, por amor de Deus, eu sabia que isto ainda viria à baila. Olha, quando regressaste a Nova Iorque em 1997 e ela já cá não estava, ficaste um farrapo, Matt. Tive de pegar no teu rabo deprimido e carregar-te ao colo durante anos. Pensas que terias este emprego se não fosse eu? Estavas à beira do alcoolismo, andavas aos caídos, feito falhado. Salvei-te da autodestruição. E ela nem sequer cá estava para ti.

Dei uma gargalhada.

— À beira do alcoolismo? É essa a história que contas a ti mesma para justificares as tuas mentiras? Não passam de balelas. Tu e eu nunca nos teríamos casado se soubesse que ela tentara entrar em contacto comigo.

— Tens ideia do quão patético soas?

— Arranjas sempre forma de conseguires o que queres, custe o que custar. Querias-me, por isso fizeste o que foi preciso para me teres. »Querias um bebé e eu não estava presente para to dar, então foste à procura e agarraste no primeiro voluntário disposto a dar-to, mesmo que isso nos custasse o casamento. A patética aqui és tu, Elizabeth. Não eu.

Ela ficou muda.

— Eu pensava... achava que me amavas. — Era uma estratégia de confronto típica da Elizabeth. Num segundo, mudava o tom zangado e acusador para a autocomiseração, numa volta de cento e oitenta graus.

— Amei a pessoa que pensava que eras, mas agora percebo que essa pessoa nunca existiu. Tenho de ir. — Tentei passar, mas ela voltou a bloquear-me o caminho.

— Espera, Matt.

— Por favor, deixa-me passar.

— Porque é que ela continuou a perseguir-te mesmo depois de saber que éramos casados? Quero dizer, era do conhecimento público. Não te parece que há algo de errado nessa atitude?

— Podes censurá-la por querer um desfecho? Por querer saber o que aconteceu entre nós? Ela estava devastada, Elizabeth. Tal como eu. — Fiz uma pausa, olhando-lhe para a barriga redonda. — Por amor ao pequeno ser humano que cresce dentro de ti, espero que aprendas algo com isto. Apesar de todos os teus esforços, as coisas não resultaram entre nós. Não estamos juntos. Foi tudo em vão. — Ela começou a chorar, mas manteve-me imperturbável. — Por favor, Elizabeth, sai-me do caminho.

Tinha chegado ao auge da minha raiva, e agora tudo me parecia completamente ridículo. Já tinha passado a fase de gritar e espernear; não passava de uma piada de mau gosto, e o alvo da piada era eu. Podia aceitá-lo e seguir em frente, ou podia conceder a esta sanguessuga humana outro segundo de atenção que ela não merecia.

Passei por ela à força.

— Até nunca mais.

Era primavera em Nova Iorque, e eu estava livre para ir atrás do que queria.

O sol brilhava entre os arranha-céus enquanto seguia para o metro, carregando uma caixa de tamanho médio cheia de lembranças da minha carreira. Na carruagem, sorri ao tentar recordar cada detalhe do beijo que dera à Grace na sexta-feira anterior. A suavidade do seu cabelo nos meus dedos, como ela, quinze anos depois, ainda mantinha os olhos fechados depois de o beijo acabar, como se estivesse a saboreá-lo.

Já não deixaria nada nem ninguém atravessar-se no nosso caminho.

NA TERÇA-FEIRA de manhã, fui dar uma corrida, em contagem decrescente dos minutos que faltavam para as três da tarde, a hora combinada para me encontrar com a Grace. Como cheguei demasiado cedo, sentei-me nos degraus da residência até ela aparecer com pontualidade britânica. Parecia revitalizada desde a última vez que a vira, e o seu modo de andar fazia-me lembrar a Grace antiga. Usava uma saia florida com *collants* e uma blusa. Era uma versão ligeiramente mais adulta do seu estilo colegial. Olhando para a forma como me vestira, percebi que o meu estilo também não havia mudado muito desde essa altura: calça de ganga, *T-shirt* e sapatilhas. Teria passado assim tanto tempo? Se tinha, havia poucas provas físicas disso, tirando umas quantas rugas faciais.

Levantei-me e enfiei as mãos nos bolsos.

— Já almoçaste? — perguntou ela.

— Estou enganado — menti. Faria o que ela quisesse. — O que te apetece comer?

— Que tal um cachorro-quente e um passeio no parque?

Sorri. Parecia-me a melhor sugestão do mundo. Por certo, ela podia ter dito, «Que tal um passeio de gôndola nos canais de Veneza?» ou «Que tal darmos um passeio no deserto sem um pingo de água?» e ter-me-ia soado igualmente apetecível, desde que fosse com ela.

— Parece-me bem.

Caminhámos lado a lado, fazendo conversa fiada. Contei-lhe do meu emprego, mencionando ao de leve o confronto com a Elizabeth.

— Como estão os teus pais? — perguntei-lhe.

— Na mesma, só que agora o meu pai está sóbrio e a minha mãe voltou a casar. Os meus irmãos já estão crescidos e saíram de casa. »Dou-me melhor com a minha irmã mais nova. Ela vive em Filadélfia e costumo ir visitá-la. Depois da morte do Dan, ainda pensei voltar para o Arizona, mas gosto tanto de Nova Iorque... Tenho amigos aqui e seria incapaz de vender a minha casa.

Senti uma dor no peito. Desejava ter sido eu a comprar-lhe a casa naquele prédio de fachada de tijoleira.

Comemos os nossos cachorros-quentes sentados nos degraus da fonte no Washington Square Park a observar duas crianças que chapinhavam na água. Uma menina loura muito pequena, com uns três anos, ria que nem uma perdida. Isto é, esteve a rir às gargalhadas durante uns cinco minutos sem parar enquanto o seu irmãozinho lhe atirava água.

— Aquela miúda é adorável.

— Pois é. Tens erva? — perguntou ela, num tom casual.

— Mudaste de assunto bem depressa, não achas? — Semicerrei os olhos durante uns instantes. — Espera aí, estás a falar a sério?

— Porque não? — Com o indicador, limpou-me um pouco de mostarda que tinha no lábio e depois levou-o à boca.

Esta mulher mata-me.

— Vou arranjar-nos um pouco de erva — disse, hipnotizado.

— Fica para a próxima — disse, encolhendo os ombros num gesto meio apalermado, um vislumbre da Grace do antigamente.

— Não tens medo de que um dos teus alunos te veja?

— Estava a pensar que podíamos ir para a tua casa.

— Ah, podemos pois — assenti vigorosamente, como um puto ansioso. — Sim, sem problema.

— Olha ali! — Ela apontou para um rapaz que transportava a namorada às cavalitas, correndo em círculos enquanto ela dava gritinhos de alegria.

A Grace sorriu-me e os seus olhos encheram-se de lágrimas. *Merda, não chores, Grace. Por favor. Dás cabo de mim.*

— Ainda estou capaz de te levar às cavalitas. Não estou assim tão velho — disse-lhe.

Ela começou a rir às gargalhadas, enquanto as lágrimas lhe rolavam pela cara.

— Bem, velhinho Shore, até deixaria que tentasses, mas estou de saia.

— Dizias algo sobre irmos para a minha casa? — Tentei fazer um ar inocente.

— Sim, se quiseses. Gostava de conhecer a tua casa.

— Gostavas?

— Claro. Quero ver onde moras; não me estou a oferecer para dormir contigo.

— Pfff. Isso sei eu... Nem me passou pela cabeça. — Era, obviamente, mentira.

Era hora de ponta e o metro estava apinhado. A Grace ficou em pé, de costas para mim, e encostou-se a mim. Imaginei-a de olhos fechados. Inclinei-me e sussurrei-lhe junto à orelha:

— Podíamos ter apanhado um táxi ou ido a pé. Esqueço-me de que já somos adultos.

— Gosto de apanhar o metro contigo.

Puxe-a mais para mim. Tive a sensação de que todos os anos perdidos, sem ela, nunca haviam existido.

Quando chegámos ao meu prédio, a porta do elevador abriu-se dando acesso direto ao meu apartamento no quarto andar. A Grace entrou à minha frente, atraída de imediato para as traves no teto. Acendi as luzes.

— Que lindo, Matt.

— Também gosto.

Ainda havia uma réstia de luz no céu, que incidia no apartamento, banhando-o numa aura brilhante. A Grace foi até às janelas.

— Deves conseguir ver o telhado da minha casa daqui.

— Não consigo. — Ela virou-se e sorriu. — Posso oferecer-te um copo de vinho?

— Seria ótimo.

Ela deu uma volta pelo espaço parcamente mobilado, enquanto eu fui à cozinha. O quarto, a cozinha e a sala fundiam-se entre si numa grande área aberta de pé alto, com apenas algumas traves a separá-los. Enquanto servia o vinho, vi-a passar a mão pelo edredão branco.

— A tua casa é muito gira. Gosto do toque rústico. Geralmente, num espaço como este, as pessoas optam por uma decoração moderna.

— Chama-me antiquado.

— Não acho que sejas antiquado. — Ela estava de pé, junto à parede, a olhar para a fotografia que me havia granjeado tantos prémios.

— Fora de moda? — alvitrei, entregando-lhe o copo.

— Intemporal — respondeu, com um sorriso.

Desejei imediatamente que se estivesse a referir a nós. Afinal de contas, não o éramos? Intemporais? Nada podia mudar o que houvera entre nós tantos anos antes, mesmo que a ideia de o que poderíamos ter sido ainda pairasse sobre nós.

— Oh, obrigado. É uma boa forma de ver as coisas.

Ela apontou para a fotografia.

— Já aquilo... é poderoso. Crianças e armas... — Abanou a cabeça. — Que tragédia. Tiveste medo quando a tiraste?

— Não, medo não. Às vezes, a câmara funciona de escudo. No início, quando estava num sítio como aquele, arriscava bastante.

— Achas que vais ganhar outro Pulitzer?

— É um acontecimento único na vida, mas quero voltar para o terreno.
— Aposto que algumas das melhores fotos resultam de acidentes felizes.
— Tal como na vida. — Avancei na sua direção e pus-lhe o cabelo atrás da orelha. — Quero beijar-te.

Ela deu um gole rápido no vinho.

— Hum... Costumas ir a concertos por aqui?

Ri-me.

— És muito boa a mudar de assunto.

— Não me parece que consiga fazer-me de difícil durante muito mais tempo e eu queria mesmo... — Ela engoliu em seco e olhou em redor.

— O quê, Grace?

— Queria mesmo começar do zero.

A conversa estava a deixar-me nervoso; o seu peito subia e descia com a respiração.

— O que queres dizer?

— Eras o meu melhor amigo. — Ela reprimiu as lágrimas e desviou o olhar.

— Não chores, por favor.

Quando os seus olhos voltaram a encontrar os meus, brilhavam.

— Estou a tentar dizer-te uma coisa, Matt.

Envolvei-a nos braços e apertei-a contra o peito. Ela queria levar as coisas com calma, tal como tínhamos feito antes — todos os momentos incríveis que passámos nos nossos quartos apenas a desfrutar da presença um do outro, a dançar, a cantar, a ouvir música, a tirar fotos. É o problema com os adultos. Temos pressa em fazer as coisas, porque julgamos ter os dias contados, mesmo quando ainda se é relativamente jovem aos trinta e seis anos. Acharmos que dois dedos de conversa bastam para conhecermos as pessoas por dentro e por fora, de alma e coração.

Agarrando-lhe nos ombros, procurei-lhe o rosto.

— Tenho uma ideia. Fica aqui, põe-te à vontade e descalça-te. — Apontei para as prateleiras cheias de vinhos. — Escolhe um disco. Já volto.

Saí do apartamento, entrei no elevador, corri até ao outro lado da rua e subi três lanços de escadas num minuto. O Rick Smith era o único consumidor de erva que conhecia num raio de oito quilómetros. Bati-lhe à porta com força.

Ele veio abrir de calças de fato de treino, tronco nu e uma tira elástica na cabeça com as cores do arco-íris. Para um escritor quarentão que só saía do apartamento para passear o gato, *Jackie Chan*, tinha um corpo bem tonificado.

— Matt, amigalhaço, como vai isso? — Ele estava sem fôlego.

— Desculpa lá, Rick, vim em má altura?

— Nada disso, estava só a fazer Tae Bo.

— Ah, Tae Bo. Isso ainda existe?

— Bem, não é como se pudesse desaparecer; é exercício físico, pá. Entra.

Ele escancarou a porta. Nunca tinha estado dentro do seu apartamento, não passara da porta quando viera devolver-lhe o fugitivo *Jackie Chan*.

Entrar no apartamento foi como uma agradável viagem no tempo. Toda a decoração era antiga, e em perfeitas condições. O televisor *Toshiba* ao canto exibia uma imagem parada de Billy Blanks. O Rick estava a fazer exercícios com um vídeo antiquíssimo de Tae Bo.

— Aquilo é VHS?

— Ah, pois, o meu leitor VCR funciona que é uma maravilha. Para quê deitá-lo fora, sabes?

— Pois. — Estava à espera de que o apartamento do Rick se assemelhasse ao de um acumulador, mas era totalmente o oposto.

Ele foi até à cozinha e tirou uma garrafa de água do frigorífico.

— Bem-vindo ao meu humilde lar. Posso oferecer-te água ou talvez um *shot* de erva de trigo? Também tenho uma máquina de sumos, se te apetecer um sumo refrescante e saboroso.

— Oh, obrigado, Rick. És muito amável.

Ele era adepto de um estilo de vida saudável. Passou-me pela cabeça que talvez devesse ter lido um dos seus livros antes de lhe vir pedir erva.

— A que devo esta visita?

— Pois, é que... não sei exatamente como dizer, mas... tenho visitas e nós...

— Precisam de uma broca?

— Sim! — Aponte para ele como se tivesse acabado de ganhar *O Preço Certo*. Já ninguém usava o termo *broca*, mas o que importava isso.

— Porque achas que teria? Achas que sou algum ganzado? Algum traficante?

— A expressão no seu rosto era insondável.

— Oh, bolas. — Seria capaz de jurar sobre a Bíblia que, sempre que o via, tinha os olhos vermelhos e esbugalhados e tresandava a erva.

— Ah! Ah! Ah! Estou a brincar, meu. Enganei-te bem. — Ele riu-se, dando-me uma palmada no ombro ao passar por mim. — Espera um momento.

Regressou com um frasco da farmácia sem rótulo. Dava para ver a erva lá dentro. Erguendo-o ao nível do meu rosto, disse:

— Escuta com atenção. Isto é *King Kush*. É marijuana medicinal. Comprei-a na primeira loja de marijuana medicinal que abriu na Costa Leste. Aluguei um carro e fui até ao raio do Maine comprar esta porcaria. Isto que está aqui é para ser levado a sério, entendes? — Os seus olhos redondos eram como dois feixes *laser* apontados na minha direção.

— Não sei, Rick, estás a assustar-me.

— É potente. Vais adorar e agradecer-me. — De uma gaveta, retirou uma embalagem de mortalhas. — Precisas disto?

— Ah, sim. — Peguei nas mortalhas e na erva e guardei-as no bolso.

— Enrola uma fininha, meu, e começa por fumar metade com o teu amigo antes de despachares logo tudo.

— E se o meu amigo for uma mulher magrinha de um metro e sessenta?

— Não há crise. As mulheres adoram esta erva.

Já de saída, virei-me.

— Rick, não sei como te agradecer.

— Ah, deixa lá isso. Considera como retribuição por me teres trazido o *Jackie Chan* no outro dia.

De volta ao apartamento, a Grace estava sentada no sofá, com os pés descalços em cima da mesa de centro. Pusera um disco de Coltrane no gira-discos e tinha os olhos fechados, com a cabeça apoiada nas costas do sofá, como se estivesse na sua casa. *Céus, adorava-a.*

— Adivinha? — Acenei com a erva.

Ela olhou na minha direção.

— Vamos apanhar uma moca e dançar?

— Nus, de preferência.

— Não abuses da sorte.

Ajoelhei-me junto à mesa e enrolei uma ganza muito mal-amanhada. A Grace passou o tempo a rir.

— Não te rias de mim.

— Deixa isso comigo.

Ela pegou numa mortalha nova e enrolou uma bem apertadinha, fininha e impecável.

— Gracie, como é que és tão boa nisto?

— A Tati e eu fumamos uma de vez em quando. Para ser precisa, no primeiro domingo de cada mês.

— Estás a gozar? Só mesmo a Tatiana para estipular um dia específico para fumar erva.

— Sim, certas coisas nunca mudam. — Ela acendeu e deu uma passa. Sem expelir o fumo, acrescentou, com a voz sumida — Nem nós queremos que mudem.

Fumámos até começarmos a ficar um pouco tontos. Quando pus *Superstition*, do Stevie Wonder, a Grace levantou-se e começou a dançar pela sala. Sacudia o cabelo e eu contemplava-a deslumbrado, acenando com a cabeça, incrédulo comigo mesmo por tê-la deixado escapar.

— Dança comigo, Matt.

Levantei-me e dançámos juntos até a música acabar, seguindo-se depois *You Are the Sunshine of My Life*. Parámos, de olhos fixos um no outro, até que a Grace desatou às gargalhadas.

— Esta canção é tão pirosa.

— Graceland Marie Starr, é uma ótima canção. É um clássico.

Agarrei-a, fi-la rodopiar e depois puxei-a para mim e ensaiei uns quantos passos de dança exagerados.

— Agora chamo-me Porter.

— Hã? — Fingi que não a tinha ouvido. — A música deve estar muito alta, o que é que disseste?

Ela abanou a cabeça e deixou-me conduzi-la até ficarmos exaustos e com a cabeça a andar à roda.

Acabámos sentados no chão da cozinha, uma hora depois, a petiscar uvas e queijo. Estávamos ambos sentados no chão, com as pernas estendidas, ela encostada à porta do frigorífico e eu, aos armários no lado oposto.

Ela atirou uma uva ao ar que eu apanhei com a boca.

— Tenho uma ideia — disse ela.

— Diz-me.

— Vamos fazer um jogo. Tens uma venda?

Arqueei as sobranceiras.

— Não é o que estás a pensar.

Tirei um pano da louça vermelho da gaveta e atirei-lho. Ela pôs-se de joelhos e começou a atá-lo à volta da minha cabeça.

— Estás a assustar-me, Grace.

— Vamos jogar ao «Adivinha o que te pus na boca».

— Oh lá, acho que vou gostar do jogo.

— Não te entusiasmes muito.

Tarde de mais.

Ouvi-a remexer na cozinha e, minutos depois, retomou o seu lugar ao meu lado.

— Abre a boca.

Senti o toque de uma colher fria na língua. Alguma coisa deslizou da colher para o fundo da garganta. Era confuso e desagradável, e a textura causou-me arrepios.

— Que nojo, o que é isto?

— Tens de adivinhar; é o objetivo do jogo.

— Compota de uva e molho de soja?

Ela subiu a venda e olhou-me extasiada.

— Está certo! Achei que nunca irias adivinhar.

Abanei a cabeça.

— Isto não é tão divertido como pensava.

— Espera, tenho mais.

— Não.

— Só mais um? — choramingou.

— Pronto, está bem. — Voltei a baixar a venda.

Ela afastou-se novamente, para regressar pouco depois.

— Abre a boca, Matty.

Senti o seu dedo na minha boca e, não sendo já doce o suficiente, estava coberto de *Nutella*.

— *Nutella a la Grace?*

Ela desatou a venda, com uma expressão radiante no rosto.

— É a minha vez — disse eu.

Vendei-lhe os olhos com o pano, levantei-me e fingi que recolhia coisas de várias gavetas. Depois, sentei-me ao seu lado.

— Pronta?

— Sim! — Ela abriu a boca e eu beijei-a, começando pelo lábio inferior e passando para a nuca, antes de regressar à sua boca, até as nossas línguas se entrelaçarem e as mãos se perderem no cabelo um do outro.

Estávamos aos beijos no chão da cozinha quando, de repente, a Grace pôs fim à noite.

— Levas-me a casa?

Afastei-me, perscrutando-lhe o rosto.

— Claro. Sabes que podes ficar a dormir cá se te apetecer. Prometo que não tento nada.

— Tenho de ir para casa.

— Tudo bem.

Estendi-lhe a mão para a ajudar a levantar-se. Ela foi buscar a bolsa, consultou o telemóvel e depois meteu um rebuçado de menta à boca.

— Andas a sair com alguém?

— Pensava que namorava contigo — disse ela.

— Certo. Começámos a namorar. Muito devagar.

— Estás a pressionar-me, Matthias? Eras mais paciente aos vinte e um. Que te aconteceu? — O seu tom era divertido.

Eu ri-me.

— Bem, naquela época, eu não sabia o que andava a perder. Agora, já sei.

Saímos do apartamento e caminhámos até à sua casa. Ao chegarmos ao alpendre do prédio, virei-me para ela.

— Jantamos na sexta?

— Adoraria. — Ela inclinou-se e deu-me um beijo demorado. — Diverti-me, esta noite.

— Eu também. Foi a melhor experiência para adultos que tive desde há muito tempo.

— A linguagem explícita, a dança provocante, lamber dedos e consumo de estupefacientes merecem, sem dúvida, uma classificação para maiores de treze —

disse ela, antes de se esticar e me dar um último beijo na face.

— Boa noite, Gracie.

— Boa noite, Matty.

Voltei a pé para casa, enfiei-me na cama e adormeci com um sorriso no rosto.

NA SEXTA-FEIRA, fiz uma reserva num pequeno restaurante japonês que ficava a meio caminho para ambos. Quando cheguei ao seu prédio para a apanhar, ela já estava à minha espera no alpendre, com um casaco de cabedal e um vestido que me fazia lembrar aquele que costumava usar na faculdade e me deixava louco.

— Estás muito bonita.

— Tu também.

Deu-me o braço durante a caminhada e conversámos sobre a nossa semana. Comemos *sushi*, bebemos muito *sake* e deixei que comesse do meu prato. Depois do jantar, fomos para um bar onde ouvimos uma banda a tocar *gospel* e *blues*. Houve momentos nessa noite em que não dissemos nada um ao outro e apenas dançámos ao ritmo da música e outros em que rimos que nem uns perdidos e tínhamos de gritar para nos fazermos ouvir por cima da música.

Por volta das onze da noite, já estávamos bastante tocados. Quando a beijei, já fora do bar, ela foi a primeira a soltar-se do beijo, arrastando-me rua abaixo.

— Agora, aonde é que vamos?

Ela voltou-se, agarrou-me na cara e beijou-me de novo.

— Para a minha cama, Matt. É para onde vamos.

O meu coração disparou descontrolado só de pensar nisso.

— Boa ideia.

Subi os degraus do prédio atrás dela, esforçando-me a todo o custo por manter a calma e não parecer demasiado ansioso. Quando entrámos no apartamento, os meus olhos precisaram de se habituar à penumbra. Virei-me e observei a sua silhueta, iluminada apenas pela luz da rua que entrava pela janela junto à da porta de entrada. Ela atirou as chaves para cima da mesinha da entrada, fez o mesmo ao casaco. Descalçou-se, despiu os *collants* e tirou o vestido pela cabeça, lançando-o igualmente para o lado.

Eu estava de queixo caído.

Apanhei-a quando me saltou para os braços e me prendeu com as pernas, as mãos embrenhadas no meu cabelo, os seus doces lábios na minha boca. Fui recuando pelo corredor escuro até chegar a um lanço de escadas e olhar para cima.

— Não, o meu quarto é aqui. No fim do corredor, à esquerda.

Pressionando-a contra a parede, beijei-a na boca, depois no pescoço, junto à orelha e novamente no ombro, onde tentei recuperar o fôlego. Quando a pousei no chão, ela despiu-me a *T-shirt*, pegou-me na mão e conduziu-me ao seu quarto.

De pé junto à cama, puxou-me pelo cinto, mas atrapalhou-se com a fivela.

— Vai com calma, Grace.

— Foram palavras que nunca ninguém me disse.

Lá me despertou o cinto e puxou-me as calças e os *boxers* para baixo, enquanto eu me desembaraçava dos sapatos. Tomava agora consciência de que esta Grace — mais confiante e mais segura de si mesma — era diferente da dos tempos de faculdade.

Segurei-lhe o rosto entre as mãos. Mesmo às escuras, apenas com a luz ténue dos postes de iluminação da rua que entrava pela janela, dava para ver que os seus olhos estavam luminosos, brilhantes e cheios de admiração.

— Quero ir com calma, senão não desfrutas — disse eu.

Ela assentiu e beijámo-nos de novo, desta vez com mais doçura e menos sofreguidão. Deslizei a mão pelo seu pescoço e, com as pontas dos dedos, desci para a parte superior do peito, contornando a linha do sutiã. Beije-lhe o pescoço enquanto lhe despertava o sutiã, deixando-o cair ao chão. Ela estava, de alguma forma, ainda mais bonita agora, embora aos meus olhos isso fosse impossível. O corpo continuava tão suave e macio como dantes, embora agora apresentasse formas de mulher, forte e elegante, o corpo mais belo que eu já vira. Senti o impulso de procurar uma câmara, mas fui vencido pela ânsia de lhe tocar. «Meu Deus», foi tudo o que consegui dizer quando ela se inclinou, encontrando de novo a minha boca.

Recuei um passo.

— Deixa-me olhar para ti.

Ajoelhei-me, baixei-lhe as cuecas e beije-lhe o ventre, as coxas, o espaço entre as pernas. Não se ouvia som algum, à exceção dos meus lábios no seu corpo e da sua respiração suave, cada vez mais acelerada, mais urgente, até deixar escapar um gemido do peito.

— Quero-te, Matt. — A voz saiu-lhe a custo.

Por esta altura, as minhas mãos tinham vontade própria. Sentei-me na borda da cama e ela subiu para o meu colo, envolvendo-me a cintura com as pernas. Começou a roçar-se em mim e pensei que ia perder a cabeça.

— Grace?

— Chiu, Matt. — Ela acariciou-me a linha do maxilar. — Gosto disto. É *sexy*. Estás mais *sexy* agora, mais definido... maior. — Soltou um risinho.

Estava desejoso de entrar nela.

— Preciso de te dizer uma coisa — disse eu.

— Está bem. — Ela beijou-me o pescoço mais devagar, mas prosseguiu com os movimentos subteis do corpo.

— Nos últimos quinze anos, imaginei várias vezes que fazia isto contigo. Achas estranho?

Ela inclinou-se para trás e sorriu.

— Se tu és estranho, então eu também sou.

— Sim... mas gosto que sejas estranha. — Sorri.

Ela empurrou as ancas contra mim e fez-me gemer.

— Faz amor comigo — disse ela.

Enterrei o rosto no seu pescoço, beijando-a fervorosamente, enquanto me erguia, com as suas pernas ainda à minha volta. Deitei-a na cama e recuei para a observar. Ela sentou-se e puxou-me para si, com as pernas abertas e o seu corpo quente pronto a receber-me. Guiou-me para dentro dela, e eu, como qualquer homem na minha situação, senti que todos os pensamentos me abandonavam.

— És linda — murmurei, abrandando os movimentos, na tentativa de prevenir qualquer embaraço precoce. Bastaram-me dois impulsos cautelosos para recuperar o controlo, ao passo que a Grace se rendia totalmente.

— Não pares, Matt.

— Sabes tão bem — disse-lhe, num sussurro junto ao ouvido. Os meus lábios roçaram-lhe o pescoço ao mesmo tempo que ela arqueou as costas e pressionou a cabeça com força contra a cama. Senti-a a pulsar à minha volta, e sem conseguir conter-me mais, entreguei-me ao desfalecimento temporário.

Desmoronei em cima dela, ofegante. Ela pegou-me na mão e levou-a para o espaço entre nós como se precisasse de algo a que se agarrar. Rolei para o lado.

— Não vou a lado nenhum, Gracie.

— Prometes?

— Prometo.

— Aconteça o que acontecer?

Puxei-a para mim e abracei-a.

— O que se passa contigo?

Ela enterrou o rosto no meu peito.

— Nunca me convenci de que tivesses conseguido seguir em frente tão facilmente. Fui obrigada a aceitá-lo, mas tu não o podias confirmar. A carta, escrita com tamanha indiferença, não fazia nada o teu género. Não conseguia acreditar que tivesses dito aquelas coisas e, durante muito tempo, tive as minhas dúvidas. Mas então cheguei a um ponto em que tomei consciência de que estava morta para a vida. Tive de abrir mão da possibilidade de ficarmos juntos se queria amar o Dan como ele merecia. No entanto, nunca deixei de pensar em ti.

— Eu sei, Grace. Eu também não. Lamento tanto. A Elizabeth deu-me cabo da vida. Só queria ter descoberto mais cedo.

— Não foi só a tua vida que ela arruinou.

— Eu sei, e odeio-a por isso.

— Isso tem um efeito dominó, Matt.

— Sei disso e tenho pena. — Dei-lhe um beijo silencioso na testa. — Mas já

não quero remoer o passado. Agora estamos aqui, juntos. Só quero dormir contigo nos meus braços, pode ser?

Ela aninhou-se ainda mais a mim.

— Pode.

A sua respiração amainou e o corpo relaxou. É a última coisa de que me lembro antes de ter acordado na sua cama, sozinho.

23. Quem pensavas que eu era?

MATT

A luz da manhã iluminava o quarto da Grace, e pude observar pela primeira vez o sítio em que me encontrava. Havia uma cómoda antiga, uma colcha às flores e quadros impressionistas de paisagens campestres francesas pendurados na parede — uma decoração surpreendentemente genérica para alguém como a Grace.

Quando ouvi barulhos vindos da cozinha, deslizei para fora da cama, sentindo-me revigorado. Vesti as calças de ganga, calcei-me e procurei a minha *T-shirt*, mas não a encontrei. Espreitando pela porta entreaberta, avistei um longo corredor. No extremo oposto do corredor, ficava a cozinha. A Grace encontrava-se sentada a uma mesa pequena e redonda, a bebericar café, vestida de robe e pantufas cor-de-rosa, com o cabelo preso no topo da cabeça. Ao ouvir a porta ranger, virou a cara na minha direção. Senti-me atraído pelo cheiro do café, mas assim que entrei no corredor houve outra coisa que me prendeu a atenção.

As paredes estavam cobertas de fotografias. Do lado direito, havia uma foto a preto-e-branco da Grace e da Tatiana numa varanda em Paris, com a torre Eiffel ao fundo. Era o rosto que eu conhecera, pleno de juventude. Sorri e olhei para a Grace do outro lado do corredor, que me observava com uma expressão neutra.

Vi outra foto do Dan a dirigir uma orquestra, da qual a Grace fazia parte, com o arco pousado sobre o violoncelo.

Depois vi uma foto do Dan e da Grace sentados num parque, com um bebé ao colo. Aproximei-me e parei, com os pensamentos num turbilhão. Eles tinham tido um filho? Ter-lhe-ia eu perguntado sequer se tinham tido filhos?

Ao lado dessa foto de família, havia outra dos três, mas aqui a menina era mais velha, talvez com cinco anos, sentada aos ombros do Dan no Washington Square

Park. E depois outra da menina, já mais velha, aí com uns oito. Olhei para a Grace, e o seu olhar pareceu-me mais cansado do que nunca.

À medida que avançava em direção à cozinha, a menina evoluía em termos de idade, e detive-me no fim do corredor a olhar para uma foto tirada na escola, de uma adolescente que rondaria os quinze anos, com cabelo louro e longo como a Grace, lábios como a Grace, pele clara como a Grace. Porém, foram os seus olhos que me puseram a cabeça a andar à roda.

Não exibiam o verde espetacular da Grace nem o azul baço do Dan.

Eram de um azul intenso, tão escuro que parecia preto...

Eram *os meus olhos*.

Tapei a boca para abafar um gemido vindo do peito. Ouvi fungar e, ao virar-me para a Grace, vi-lhe o rosto cheio de lágrimas. Mantinha, contudo, a mesma expressão, como se tivesse aprendido a controlá-la, mesmo quando chorava.

Pestanejei enquanto as lágrimas caíam dos meus olhos.

— Como se chama?

— Ash — respondeu a Grace, num murmúrio. Cobriu o rosto com as mãos e começou a soluçar.

Oh, meu Deus.

Levei a mão ao peito. *A prova de uma vida que queima bem.*

— Passou-me tudo ao lado, Gracie — disse eu, ainda em choque. — Passou-me ao lado.

Ela olhou para cima.

— Lamento imenso. Tentei dizer-te.

Fiquei a olhar para ela durante o que me pareceu uma eternidade.

— Não te esforçaste o suficiente.

Ela soluçou ruidosamente.

— Matt, por favor!

— Não... não pode ser. Mas que porra? O que é que se passa aqui?

— Tencionava dizer-te.

— Estarei a ficar louco ou quê?

— Não, escuta — implorou ela.

Eu já não olhava para ela. Já não conseguia olhar para ela.

— Chega de conversa. Oh, céus, o que se passa aqui?

Eu tinha uma filha cuja infância me fora tirada.

Dirigi-me para a saída e fui a pé para casa, em tronco nu e com a cabeça à roda. Não parava de repetir mentalmente, *Eu tenho uma filha, eu tenho uma filha, eu tenho uma filha.*

Passei as seis horas seguintes em casa, a beber vodka diretamente da garrafa. Fiquei a contemplar a rua, as pessoas que a atravessavam, pais de mãos dadas com os filhos, casais de namorados. A raiva que sentia pela Grace e pela Elizabeth

fervilhava dentro de mim. Senti-me impotente, como se estas duas mulheres tivessem decidido a minha vida adulta por mim.

Telefonei ao meu irmão, mas fui parar às mensagens.

— És tio — disse, seco. — A Grace teve um bebé há quinze anos e é possível que a Elizabeth me tenha ocultado esta informação. Agora, tenho uma filha adolescente que não conheço DE TODO. É o fim da picada. Falamos depois.

Ele não me devolveu a chamada.

Passei o resto do fim de semana refugiado no meu apartamento, ébrio a maior parte do tempo.

Na segunda de manhã, dei uns pontapés numa caixa de piza e um murro na parede, abrindo um buraco. Como me soube bem, decidi repetir a dose, mas a seguir passei várias horas a tapar os buracos. Ainda pensei ligar à Kitty ou a um dos números dos anúncios que apareciam no verso do jornal *Village Voice*, mas, em vez disso, fui à loja de bebidas e comprei um maço de tabaco. Não fumava havia mais de uma década, mas era como andar de bicicleta. Impossível esquecer como se fazia.

Fumei um cigarro atrás do outro sentado num banco do lado de fora do meu prédio até receber uma chamada do Scott.

— Estou?

— Vais querer beijar-me de novo.

— Duvido.

— Estás triste? Com saudades aqui do teu amigo? — Ele simulou uma voz infantil.

— Não. O que é que queres?

— Trago boas notícias.

— Desembucha.

— Arranjei-te trabalho em Singapura.

Não hesitei um segundo.

— Aceito. Durante quanto tempo?

— Uau, estás mesmo ansioso por sair de Nova Iorque, não estás? Seja como for, não é uma questão de «quanto tempo», pois é um posto permanente. Vais trabalhar com a produção nas emissões em direto a partir de Singapura, mas também podes ter de filmar ao fim de semana. É uma ótima localização.

— Perfeito. Quando?

Nunca me considereei do género de pessoa que foge das coisas, mas invadia-me um profundo sentimento de impotência e desespero. Sentia-me como um animal enjaulado.

— No outono.

— Não pode ser antes?

— Os pedinchões não têm muita escolha.

— Tudo bem, aceito. — E desliguei.

A Grace tentou telefonar-me várias vezes, mas nem eu atendi nem ela deixou mensagem. Por fim, às dez horas dessa mesma noite, enviou-me uma mensagem de texto.

GRACE: A Ash é muito determinada.

EU: Certo.

GRACE: Desculpa dar-te a notícia assim de chofre. Ela pediu-me para te dizer que, se não a queres conhecer, terás de lho dizer na cara.

EU: Grace, porque não aproveitas o embalo e vens cá cortar-me os tomates ou roubar-me um rim?

GRACE: Estou a sofrer muito com isto, mas a Ash não merece mais desgostos. Ela é sangue do teu sangue.

De repente, mesmo sem conhecer a Ash, a ideia de lhe causar sofrimento fez-me sofrer a mim também. Tomei consciência, naquele preciso instante, de que tinha de a conhecer.

EU: Está bem, eu falo com ela. A que horas chega a casa amanhã?

GRACE: Às quinze e trinta.

EU: Não te quero ver.

GRACE: Tudo bem.

Quando, no dia seguinte, cheguei a casa da Grace, um táxi encostou e vi uma adolescente pela janela. A Ash. Desejei ter cinco minutos extra para preparar o que dizer, para perceber como dizer a esta miúda que a vida é uma porcaria e que é demasiado tarde para voltar atrás e consertar as coisas, pelo que mais valia esquecer-me.

Ela saiu do táxi e veio direita a mim.

— Olá — cumprimentou, estendendo a mão. — Sou a Ash.

Era corajosa e confiante. Não muito diferente da mãe.

— Olá... Ash. — Ainda não me tinha acostumado a pronunciar aquele nome. Senti o rosto paralisado num misto de curiosidade e pavor.

Ela não sorria, mas tão-pouco parecia zangada. Tinha uma expressão tranquila.

— Só para que saibas, a minha mãe contou-me tudo e já tinha visto fotos tuas.

— Ainda bem.

— Queres ir beber um café ou assim? — Ela arqueou as sobrancelhas finas. A sua amabilidade deixou-me atónito. — Sentes-te bem? — perguntou.

Não deveria ser eu a perguntar-lhe isso? Contara ter de ser eu a conduzir a conversa.

A Ash era mais alta do que a Grace e vestia uma *T-shirt* cortada nos dois lados,

deixando o sutiã à mostra. Passou-me pela cabeça que ela podia não ser minha filha, mas de alguma forma sabia que era. Como era possível que tivesse uma filha da sua idade? Senti-me imediatamente velho. Esta rapariga era a prova viva de todo o tempo que eu e a Grace tínhamos perdido.

— Que idade tens? — perguntei, embora já soubesse a resposta.

— Quinze.

— E como aparentas ter vinte e cinco?

— Circunstâncias da vida — ripostou. — Vais começar já a fazer a cena de pai? Nada contra, mas gostava de beber café primeiro.

— Tens autorização para beber café?

Ela riu-se. Pareceu-me ficar agradada com a minha preocupação.

— Sim, desde os dez anos.

Um homem passou por nós e lançou-me um olhar estranho.

— Não há nada para ver, Charlie — disse-lhe a Ash. E depois inclinou-se na minha direção — Não te preocupes, ele não tem mais nada que fazer.

Assenti. *Era minha filha, pois. Esta é a minha filha.* Estiquei o indicador e toquei-lhe no ombro.

— Sou de carne e osso — disse ela, sorrindo. — Tens uma filha.

— Mas já não és bem uma criança, pois não?

— Finalmente, o merecido respeito!

Ri-me, nervoso. Era incrível como já gostava dela ainda mal a conhecia. Era gira e divertida, e muito parecida à Grace quando era nova. Ao fim de uns momentos constrangedores, ela começou a subir os degraus do prédio.

— Ash, tenho muito para assimilar.

— Não vou ficar na fossa se decidires não fazer parte da minha vida.

Agarrei-lhe no braço e virei-a para mim. Acabara de perceber que, sim, queria fazer parte da sua vida, só não sabia como dizer-lho.

— Olha, ainda nem uma semana passou desde que soube da tua existência.

Ela olhou para baixo, para a minha mão que lhe agarrava o braço, e depois olhou de novo para mim e semicerrou os olhos, como se procurasse alguma coisa. Reconheci-me de imediato na sua expressão.

— Desculpa — pedi, olhando para a minha mão, como se não detivesse qualquer controlo sobre ela. — Anda lá beber o tal café.

Ela bufou.

— Certo, certo. Vou só deixar a mochila em casa e dizer à mãe.

— Tudo bem. — Anui, só depois me apercebendo de que ela dissera «à mãe» em vez de «à minha mãe», tal como qualquer filho faz quando fala de um dos pais ao outro.

Nem sequer tentei retirar algum sentido da forma como isso me fez sentir. Fiquei a vigiar a porta até à Ash sair. Tinha prendido o cabelo num toque

desengonçado, tal como a mãe costumava fazer. Contraíu o rosto e franziu a testa quando me devolveu a minha *T-shirt*.

— Caramba, deixaste-a num estado deplorável. Bom trabalho.

— A tua mãe e eu temos assuntos por resolver...

— Os adultos complicam as coisas — disse ela, voltando as costas e começando a descer a rua. — Anda.

De *T-shirt* na mão, segui-a como se fosse o seu cão de estimação. Ela caminhava com confiança, sem olhar para trás, comigo no seu encalço.

— Anda lá, faltam dois quarteirões. Vais andar atrás de mim até lá chegarmos?

Acelerei o passo para caminharmos lado a lado.

— Então, conta-me mais sobre ti. És música, como a tua mãe?

— Também toco piano, mas não. Prefiro os meios visuais; devo sair a ti.

— Ai é? — Na minha voz, era perceptível um tom de orgulho e esperança.

— É. Espero que isso seja bom. — Não tinha a certeza do que queria dizer com aquilo. Ela continuou a caminhar. — Acho que quero ser *designer* gráfica.

— Isso é ótimo. Tens boas notas?

— A escola é canja. Na verdade, até me aborrece, mas faço o que me compete.

Não tenho propriamente escolha.

Quem é esta pessoa?

Ela fez sinal para um café de bairro e entrámos. A Ash pediu um *latte* e um *scone*, e eu pedi café preto, como sempre. Atrás do balcão, trabalhava um rapaz bem-parecido, e apanhei a Ash a fazer-lhe olhinhos à descarada.

Olhei para ela em choque. As adolescentes eram uma espécie totalmente desconhecida para mim.

— O que foi? — perguntou.

— Hã... nada.

Sentámo-nos a uma mesinha redonda perto da janela e olhámos lá para fora.

— Está um bonito dia. Adoro a primavera.

— Vamos falar sobre o tempo? — perguntou ela de chofre, mas sem perder a compostura. A sua presença de espírito ainda me desconcertava.

— Não há um manual de instruções para isto, Ash.

— Eu sei e estou a tentar ser empática, mas és um homem adulto...

Ri-me.

— Tens razão.

— Olha, estou a par da história. A mãe foi sempre honesta comigo ao longo dos anos e agora sabemos que estiveste completamente às escuras em relação a mim.

Senti alívio. Ela tinha jeito a fazer-me sentir à vontade.

— Estive, é verdade.

— Ninguém te culpa.

— Não me afligia que alguém me culpasse. Mas já que falas nisso, que opinião tinhas sobre mim anteriormente, quando pensavas que eu te ignorava?

— Bem, a minha mãe manteve uma espécie de registo sobre ti. Tudo começou com uma série de fotografias, notas e coisas tuas dos vossos tempos de faculdade. Além disso, ela ganhou o hábito de recortar artigos sobre ti e o teu trabalho, os quais foi juntando ao material que já tinha. — Senti-me sufocar ao imaginar a Grace a fazê-lo. — E levou-me a ver algumas fotos tuas numa exposição na Baixa, mas nunca se alargou muito sobre a tua vida.

— Certo, mas o que pensavas tu?

— Para ser sincera, a minha mãe falava sempre muito bem de ti, mas a história da vossa relação era contada como uma espécie de aviso. Uma lição que me devia ensinar alguma coisa. Ela nunca te culpou, mesmo antes de a verdade ter vindo ao de cima, por isso eu não tinha grande opinião... apenas que tinhas uma carreira fantástica e que não pensavas ter filhos.

Olhei pela janela.

— Eu queria ter filhos...

— A minha mãe não sabia, por isso não a culpes. Ela disse-me sempre que quis muito ter-me. Contou-me que quando duas pessoas se juntam e... tu sabes... fazem aquilo — disse, corando —, devem estar de acordo em relação a ter filhos e ao futuro e isso tudo. Julgo que ela pensava que tu sabias, pelas cartas, e simplesmente não querias ser pai.

— Não foi nada disso.

— Quando disse que ela nunca te criticou, estava a falar a sério. Sou suficientemente esperta para saber que isso se deve ao facto de uma parte de mim ser feita de ti; se ela te criticasse, estaria também a criticar-me.

Fui acometido por todos os sentimentos que é possível sentir em simultâneo, incluindo amor. Sentia amor pela criança doce sentada à minha frente, que me defendia a mim e à mãe, em igual medida, com tamanha lealdade e discernimento.

— És muito inteligente. — Senti um aperto na garganta. — Nesse aspeto, és como a tua mãe. Muito perspicaz e astuta. — Recompus-me. — E a tua infância... como foi?

— Bastante boa. Quero dizer, o meu pai adorava-me e a minha mãe fez sempre o melhor que pôde. Nunca me faltou nada.

Ela deu um trago no café.

— Qual é o teu último nome?

— Porter.

Senti um nó na garganta.

— É claro.

— Foi mais fácil assim. Mas o teu nome consta na minha certidão de nascimento.

— Consta?

— Sim. O meu pai tentou adotar-me, umas cinco vezes. Foi por isso que, perto da sua morte, a mãe tentou tudo para te encontrar; era preciso que tu abdicasses dos teus direitos parentais para que ele pudesse adotar-me oficialmente. Não que importasse muito, uma vez que ele foi sempre o meu pai. O papel seria mais importante para ele do que para mim.

— Lamento muito, Ash. Não sabia de nada. Não há palavras que expressem a tristeza que sinto com tudo isto.

Os seus olhos começaram a ficar húmidos, mas refreou-se. Eu próprio me sentia na iminência de desmoronar e tinha sentimentos contraditórios sobre tudo, incluindo o Dan. Ele já estava morto, pelo que não o podia matar, mas algures no meio do choque, constatei que lhe devia estar grato. Afinal de contas, ele tinha criado a minha filha, fazendo dela uma pessoa que conquistou a minha admiração imediata.

A Ash mordiscou o *scone*, sorriu e olhou pela janela enquanto mastigava. Era como olhar para a Grace do passado, mas com os olhos da cor dos meus e a mesma covinha no queixo, embora praticamente impercetível.

— Também tens os dedos dos pés tortos?

— Por acaso, tenho. O segundo dedo está todo retorcido. Obrigada por isso, já agora.

Ambos rimos, mas depois caímos novamente no silêncio.

— Como é que ele era?

— Quem?

— O teu pai.

Ela olhou-me bem nos olhos, exibindo a mesma coragem da mãe.

— Agora, és tu o meu pai... se quiseres.

Foi a gota de água: comecei a chorar. Não soluzei, mas as lágrimas rolavam-me pela face, e sentia a garganta tão apertada que pensei que me faltaria o ar. Estendi as mãos por cima da mesa, peguei nas suas e fechei os olhos. Constatei que queria a Ash na minha vida. A mágoa por não ter feito parte da sua infância dava cabo de mim.

— Sim, quero — murmurei.

Ela começou também a chorar. Chorámos juntos, rendidos à realidade que éramos obrigados a aceitar. Ninguém podia mudar o passado ou devolver-nos o tempo perdido, e não havia palavras capazes de melhorar a situação. Tínhamos apenas de aceitar o presente tal como era.

Levantámo-nos e demos um abraço demorado, surpreendendo-me a familiaridade que senti — não a considerava uma estranha.

Fomos alvos de alguns olhares por parte dos clientes regulares, mas as pessoas acabaram por perder o interesse e prosseguir com as suas conversas, enquanto eu abraçava a minha filha emocionada. Há que adorar esta capacidade dos novaiorquinos.

Sentia-me mal pelas circunstâncias da infância da Ash, mas continuava furioso com a Grace e a Elizabeth.

No caminho de regresso a casa, a Ash perguntou-me:

— O que vai acontecer contigo e a mãe?

— É uma história complicada, Ash. Não sei o que vai acontecer.

— Ela ama-te.

— Eu sei.

Assim que chegámos, ela tirou o telefone do bolso.

— Dás-me o teu número? Mando-te uma mensagem e assim ficas com o meu.

Podes ligar-me sempre que te apetecer fazer qualquer coisa.

Dei-lhe o meu número.

— Sabes, não quero apenas «fazer qualquer coisa». Quero fazer parte da tua vida. Será estranho de início, mas gostaria muito... se tu também quiseses.

Ela sorriu e deu-me um murro no braço.

— Bestial, nesse caso, até breve... hum... como te devo chamar?

— Como quiseses.

Ela riu-se.

— Está bem. Até breve, George.

Abanei a cabeça.

— Sua tonta.

Afaguei-lhe a cabeça e reparei, então, que a Grace nos observava da janela. Estava com péssimo aspeto e notava-se que ainda não tinha parado de chorar. Ofereceu-me um sorriso tímido e triste, mas eu desviei o olhar.

— E que tal se, por enquanto, te chamar pai... afinal de contas, és meu pai.

— Por mim, pode ser. Queres ir tomar o pequeno-almoço amanhã? — Nunca mais queria ficar longe dela.

— Não posso, combinei ir às compras com uma amiga.

— Tudo bem, e no dia a seguir?

— Tenho escola e, depois, clube de xadrez.

— Clube de xadrez? — Arqueei as sobrancelhas.

— Sim, tenho um objetivo na vida que é ganhar à mãe. Ela é uma craque.

— Estou a ver. — Comecei a ter dúvidas sobre se haveria realmente espaço para mim na sua vida.

— E jantar na terça? — propôs ela.

— Perfeito. Vai de pijama. Conheço um sítio ótimo.

— És estranho.

— Olha quem fala.

— Fixe.

Fui a pé para casa, esperando, com mágoa, que a Grace conseguisse parar de chorar.

Não sabia, francamente, o que ia fazer, exceto tentar conhecer a Ash enquanto estivesse por Nova Iorque, e ser pai, embora desconhecesse por completo o que esse papel envolvia.

Na segunda-feira, passei pela biblioteca e li todos os livros sobre parentalidade que encontrei.

Nessa mesma noite, enviei uma mensagem à Grace.

EU: Ainda estou a dar sentido a tudo o que aconteceu.

GRACE: Compreendo.

EU: Vou jantar com a Ash na terça.

GRACE: Está bem.

EU: Quero vê-la com regularidade.

GRACE: Claro.

EU: Ela tem uma conta poupança para pagar a universidade?

GRACE: Tem.

EU: Posso dar-te dinheiro?

GRACE: Não é preciso.

EU: Mas eu quero.

GRACE: OK, podes depositar na sua conta poupança. Dou-te os dados mais tarde.

Uma parte de mim queria acrescentar algo mais, mas ainda não era capaz de discorrer com ela sobre outros assuntos que não envolvessem a logística da parentalidade partilhada.

No dia seguinte, apesar de estar atolado em trabalho, lá arranjei forma de ir almoçar com o Scott. Quando ele começou a falar sobre Singapura, contei-lhe sobre a Ash. Ele não se pronunciou, tal foi o choque. Ordenou-me que tirasse o resto da semana de folga. Só nesse momento me apercebi do quanto precisava disso.

Ao regressar ao meu prédio, encontrei a Monica sentada num banco ao pé do elevador, com a alfofa da família a balançar ao colo.

Apesar da compaixão no olhar, tinha as narinas dilatadas e os dentes cerrados.

— Monica, não preciso de ouvir.

— Estava capaz de lhe furar um olho com o tacão dos meus sapatos.

Olhei para o seu salto-agulha. *Sim, aquilo seria bem capaz de deixar massa.*

— Lamento muito, Matt. O Alexander está em Tóquio, caso contrário, teria vindo. Vim em sua representação.

— Obrigado, Monica. Vejo que fizeste uma visitinha à Elizabeth. Espero que não a tenhas ferido...

— Claro que não, mas disse-lhe das boas. Não podia deixar que se safasse com tanta facilidade. — Ela apontou o seu longo indicador na minha direção. — Aquela mulher conspurcou a alma da nossa família.

— Eu sei. — Já me havia resignado à realidade, mas dava para ver que a Monica ainda se debatia com isso ou, pelo menos, procurava uma forma de consertar as coisas. — É o que é. Agora, resta-me fazer a minha parte para estar presente na vida da minha filha daqui em diante. — Fiz sinal com a cabeça na direção da porta. — Queres vir dar uma volta?

Ela pôs a grande mala *Gucci* ao ombro e pegou na alcofa.

— Podemos passar pela casa da Grace?

— Queres dar a alcofa à Grace?

— Pois quero. Como pedido de desculpas em nome da malvada Elizabeth.

— Não sei se está em casa, mas podemos passar por lá. Dá-ma cá, eu levo-a.

Tirei-lhe a alcofa das mãos e olhei para as pernas de madeira com enfeites e o verniz gasto, e imaginei a bebé Ash deitada no seu interior, a dormir pacificamente.

O som dos saltos da Monica a matraquear a calçada, ao meu lado, fez-me rir ao visualizar que se descalçava e atirava os sapatos à Elizabeth.

— O que lhe disseste?

— Oh, só que era uma ladra e uma mentirosa. Aquilo que ela te roubou tem um valor que lhe é inimaginável. É claro que ela negou tudo e agiu como se não soubesse de nada. Disse-lhe que não acreditava numa única palavra que proferisse. É uma pessoa desprezível, Matt. Uma cabra egocêntrica que se acha superior aos outros.

— Crês na possibilidade de ela não conhecer todos os factos?

Parámos na esquina, à espera que os semáforos abrissem. A Monica suspirou e sacou um envelope da mala.

— Alguma coisa ela sabia, embora nunca tenha aberto as cartas da Grace. Deitou-as todas fora, à exceção desta. — Entregou-me um envelope selado. — Se todos os anos recebia uma carta e se dava a tanto trabalho para to ocultar, deve ter sabido que a Grace tentava dizer-te algo. Não sei até que ponto te teria escondido um segredo destes se soubesse o que era, mas não pode alegar que nada sabia.

Pousei a alcofa no chão, dobrei o envelope e enfiei-o no bolso.

— Talvez tenhas razão.

— Não vais lê-la?

Aproximávamo-nos do prédio da Grace.

— Vou, mas não agora. Já chegámos.

Olhei para a porta de entrada do prédio e deposei-lhe a alcofa nas mãos.

— Não vens comigo?

— Não, a Ash ainda não chegou da escola.

— Não queres ver a Grace?

— Não consigo, Monica. Vai tu, eu espero aqui.

Virei-me e fiquei a olhar para uma mulher idosa que passeava o cão, mas não consegui evitar ouvir quando a Grace veio atender.

— Monica?

— Olá, Grace. Que bom ver-te. Já faz muito tempo.

— Sim, faz. Estás com ótimo aspeto. A vida tem-te tratado bem?

Mesmo nas piores circunstâncias, a Grace mantinha a sua doçura.

— Tem, sim, mas ficou ainda melhor quando soube que era tia.

A voz da Monica manteve-se imperturbável. Estava determinada a manter-se firme.

— É por isso que estou aqui, para te entregar isto. Sei que a Ash já está crescida, mas faço questão que a alcofa fique contigo até nascer o próximo bebé na família, seja lá isso quando for.

— Obrigada. — A Grace soava emocionada, mas nem isso fez com que me virasse.

Houve alguns momentos de silêncio e depois a Monica disse:

— Este é o meu número. Vai dando notícias, por favor. Sei que tentaste e lamento muito por ti, pelo Matt e por esta grande trapalhada.

— Eu também.

— Agora, és família, Grace. Não te esqueças disso.

— Certo.

Uns segundos depois, a Monica estava ao meu lado.

— Vamos?

— Sim.

— Matt, porque é que estás zangado com ela?

— Perdi a infância toda da minha filha, Monica.

— Mas a culpa não foi da Grace.

— Não sei. É confuso e agora não consigo pensar nisso.

A verdade era que não conseguia encará-la, sabendo que passara os últimos quinze anos a criar a nossa filha, a maior parte do tempo sozinha. E que, durante todos esses anos, deve ter julgado que eu não passava de um imbecil egoísta que ignorava as suas cartas e telefonemas. *Ela tinha perdido a fé em mim.*

— Tenho de descansar. Os meus pés estão a dar cabo de mim.

— Pudera, com esses sapatos. São contranatura.

Ela tirou os sapatos e enfiou-os dentro da mala.

— Eu sei, que estupidez. As coisas que as mulheres fazem em nome da alta-costura.

Pus-lhe o braço à volta dos ombros.

— És boa pessoa, sabias? Estou feliz por teres casado com o meu irmão. Obrigada por teres vindo.

Ela deu-me um beijo na face.

— Adoro-te. Agora, vê se me desencantas um táxi, sim? Tenho umas comprinhas para fazer.

Acenei a um táxi e abri-lhe a porta. Ela baixou a cabeça e entrou.

— Estou no Waldorf Astoria, se precisares de alguma coisa.

De volta ao meu apartamento, abri o envelope.

Querido Matt,

Hoje, a nossa filha faz dez anos. Na carta anterior, disse que não te iria importunar mais, mas desta vez tenho uma razão importante. É com muita tristeza que te conto que o Dan está doente. Tem tido graves problemas cardíacos no último ano, e o seu estado de saúde é capaz de ser terminal. Ele quer muito adotar a Ash, e escrevo-te para te pedir que, por favor, reconsideres ceder-lhe os teus direitos parentais, uma vez que o teu nome consta na certidão de nascimento. A Ash é uma criança maravilhosa, perspicaz e bonita, com um enorme sentido de humor.

É a minha alegria de viver. Nunca te culpei pelas escolhas que fiz há dez anos, mas agora tenho a oportunidade de mudar a situação entre ela e o Dan, oficializando a adoção.

Sei que tens uma vida muito ocupada, mas podias, por favor, entrar em contacto connosco?

Cumprimentos,

Grace Porter

212-555-1156

A vida que levou, a tragédia, o desespero e a rejeição, tudo por minha causa. Podia ter culpado a Elizabeth, mas, no final de contas, não era isso que importava, porque a Elizabeth não significava nada para a Grace. Eu sabia que, se o seguíssemos, o rasto do sofrimento conduziria até mim, pelo menos, na cabeça da Grace, da mesma forma que o rasto do meu sofrimento conduziria até ela.

De olhos fixos no telefone, surgiu-me uma pergunta. Sem hesitar, escrevi-lhe uma mensagem.

EU: Porque andavas à procura na secção das Ligações Perdidas?

GRACE: Não andava.

EU: Como encontrei a mensagem?

GRACE: Foi um aluno que estava à procura da sua própria ligação perdida. Reconheceu o título «Meu amor de olhos verdes» e mostrou-mo.

EU: Então, na verdade, não me querias encontrar? Foi só pela Ash?

Não obtive resposta.

Duas horas depois, vestido com calças de pijama axadrezadas, pantufas e casaco, bati-lhe à porta. Eram seis da tarde e o sol começava a pôr-se. A Ash veio atender com um pijama branco de flanela com desenhos de pequenas tartarugas. Escancarou a porta e cumprimentou:

— Olá, pai!

— Olá, filha.

Apontou com o polegar para trás e perguntou, em voz baixa.

— Devo perguntar-lhe se quer vir connosco?

Abanei a cabeça. A Ash olhou para baixo por uns instantes, como se pensasse no que fazer, e depois gritou:

— Adeus, mãe! Adoro-te, até logo.

— Adoro-te. Tem cuidado! — gritou a Grace da outra sala.

— Vamos?

— Sim. — E ela saiu aos saltinhos.

— Vamos a um restaurante que serve o pequeno-almoço a qualquer hora do dia — disse-lhe.

— Que fixe. Vou pedir panquecas de mirtilo ao estilo renascentista — disse com ar sério.

Fitei-a durante uns instantes até que ela se desmanchou a rir.

— Fiquei assustado. Fizeste-me questionar o teu quociente de inteligência.

— Ouvi esta piada num programa de televisão.

Eu ri-me.

— Agora, sim, estou preocupado com o teu quociente de inteligência.

O restaurante onde eu e a Grace costumávamos ir já fechara havia muito tempo, pelo que levei a Ash a um *diner* no nosso bairro.

— A mãe contou-me que vocês, quando andavam na faculdade, faziam com frequência estes pequenos-almoços ao jantar.

— É verdade. — A recordação fez-me sorrir, mas não me queria entregar a reminiscências do passado. — Como correu a escola?

— Bem. Uma seca, tirando a aula de cerâmica.

— Gostas de olaria?

— Adoro.

— A minha mãe, tua avó, adorava. Ela tinha um pequeno *atelier* nas traseiras da sua casa na Califórnia. Chamava-lhe o Louvre. — Ri-me com a lembrança.

— Eu sei.

— A tua mãe não deixou informação nenhuma de fora, pois não?

— Porque é que não deixaste que ela se juntasse a nós, hoje?

Esta minha filha não tinha papas na língua.

— Como disse antes, as coisas são complicadas.

— Se vocês se amam, por que raio é que não ficam juntos?

— Não é assim tão simples, Ash. Preciso de tempo.

— Bem, acho que o estás a desperdiçar.

Porque é que a criança de quinze anos era a pessoa mais inteligente dos dois?

Porque não tem décadas de mentiras a turvarem-lhe a capacidade de julgamento.

Pedimos panquecas e batidos, e a Ash falou-me da escola e do rapaz de quem gostava.

— Os rapazes são uns sacanas. Sabes isso, certo? Afasta-te deles.

Ela bebeu o batido, pensativa.

— Não precisas de fazer isso. A sério.

— Preciso, sim. Quero conhecer os teus amigos e ir aos eventos da tua escola.

E isto não é um pedido.

— Eu sei.

Depois de nos termos empanturrado de panquecas, paguei e saímos. A caminho da porta, a Ash parou diante da montra frigorífica.

— Queres uma fatia de tarte? — perguntei.

Ela enfiou a mão na bolsinha que levava pendurada a tiracolo.

— Não, vou levar à mãe.

— Eu pago. Do que é que ela gosta?

Ela arqueou uma sobrancelha.

— Tu sabes do que ela gosta.

— Uma fatia de tarte de chocolate cremoso e uma de manteiga de amendoim para levar — disse eu à mulher atrás do balcão. Ela embalou-as e entregou-mas, e encaminhei a Ash para a rua.

Fomos o caminho todo a conversar sobre música. Não me surpreendeu que a Ash tivesse um ótimo gosto musical e um vasto conhecimento de vários géneros. Concordámos que tínhamos de ir ver os Radiohead, juntos, da próxima vez que tocassem em Nova Iorque.

Questionei-me quantas vezes a Grace lhe haveria mostrado Radiohead ou Jeff Buckley ao longo dos anos. Quanto a mim, não fora capaz de voltar a ouvi-los desde a faculdade.

Subi as escadas do patamar atrás da Ash. Ela abriu a porta, virou-se e deu-me um beijo na face.

— Obrigada pelo jantar, pai. — Deixando-me à entrada, com a porta aberta, de tarte na mão, precipitou-se escadas acima, chamando: — Mãe, está um senhor à porta com tarte!

Engoli em seco, paralisado.

Miúda traiçoeira.

24. A certa altura, fomos amantes

GRACE

Sempre que via o Matt, era imediatamente dominada por dois sentimentos contraditórios: choque devido à sua beleza — magro, forte, definido e, de certa forma, mais *sexy* com a idade — e descrença total de que se encontrava realmente à minha frente. Convenci-me de que, um dia, iria acordar e as coisas voltariam a ser como antes.

Mas queria ser forte na sua presença. Chorara uma semana a fio por causa da sua reação à notícia. Sofri o suficiente por todos nós. Mas, sinceramente, já começava a ficar farta de remoer tanto nesta treta toda; andava nisto havia uma década e meia. Se ele me queria culpar pelo que a sua ex-mulher psicótica tinha feito, paciência. Não ia continuar a chorar e a pedir desculpa.

Empertigada na sua direção, reparei como me inspecionou de alto a baixo. Eu usava uma camisa de dormir de seda, curta, e ensaiei um olhar displicente. Tirei-lhe o saco das mãos.

— Chocolate e manteiga de amendoim? — perguntei, friamente. Ele assentiu.
— Obrigada.

— De nada.

— Bem, já é tarde.

Ele limitou-se a pestanejar e olhou para os pés.

— Hum... é isso, vou andando.

— Com certeza.

Ele dirigiu-se à porta e fui atrás dele para a fechar. Porém, mesmo antes de sair, virou-se, pôs-me as mãos nos quadris envoltos pela camisa sedosa e beijou-me mesmo por baixo da orelha.

Soltei um leve gemido.

— Boa noite, Gracie — sussurrou e depois foi-se embora.

Fiquei parada no patamar durante algum tempo, tentando recuperar o fôlego. Precisamente quando começava a juntar os cacos...

DEPOIS DAS AULAS, no dia seguinte, fui até Green Acres, que nem de longe fazia jus aos campos verdejantes que o nome evocava. Tratava-se de um lar de repouso de segunda categoria no Bronx, onde a filha do Orvin o acomodara anos antes, depois da morte da mulher. O sítio carecia urgentemente de obras. As paredes estavam pintadas num tom horrendo de verde vômito que fazia lembrar *O Exorcista*, e o lugar fedia a fermento pútrido que emanava da fábrica de pão na porta ao lado. Green Acres era um sítio horrível. Havia um pequeno pátio nas traseiras, onde os residentes se podiam exercitar, mas onde não crescia uma única folha de relva. Eu tirava o Orvin dali, pelo menos, uma vez por semana. Íamos a um parque ali perto e jogávamos xadrez, e mesmo que ele já não se conseguisse lembrar do meu nome, tinha a certeza de que sabia quem eu era.

Sentados no parque, ficámos a ouvir o vento soprar por entre as árvores.

— Ainda se põe à escuta? — perguntei.

— Do quê, boneca?

— Da música.

— Sim, ouço-a sempre.

— E se eu já não a ouvir, o que acha que significa?

Ele ficou com o meu segundo cavalo.

— Xequé. Não sei o que significa. Talvez queira dizer que não te esforças o suficiente.

Como é que ele faz para me vencer sempre? Movi o rei.

— Esforço, sim.

— Não, estás demasiado ocupada na autocomiseração.

— Eu nunca senti pena de mim.

— Talvez não sentisses antes, mas agora sentes. Xequé-mate.

Reorganizei o tabuleiro para uma nova partida. Jogávamos com um conjunto de xadrez com peças de plástico e um tabuleiro de cartão que se dobrava ao meio e cabia na minha bolsa.

— Não ando com pena de mim mesma. Estou apenas cansada e um pouco triste.

— Triste, porquê?

Perscrutei o rosto do Orvin. Era difícil não sentir que o Orvin, tão despachado e alerta, não pertencia a Green Acres. Contudo, era frequente esquecer-se das coisas e perguntar-me a que horas tinha de estar na loja, a qual infelizmente

fechava havia mais de dez anos. Hoje estava num dos seus dias bons, embora pudesse ter outro lapso de memória num piscar de olhos.

— Alguma vez deseja não estar confinado a Green Acres?

— Minha querida Grace, vou partilhar um provérbio contigo.

Fiquei pasmada. Ele não me tratava pelo nome desde... nem sabia desde quando.

— Está bem.

— «Eu costumava pensar que era pobre, porque não tinha sapatos, e foi então que conheci um homem que não tinha pés.»

Sorri, acanhada.

— Ando a sentir pena de mim mesma, não ando?

— É mais do que isso. Tens sido ingrata. Tens novamente na tua vida o homem que sempre quiseste, uma filha linda e um ótimo emprego.

— Sim, mas esse homem não me quer.

— Há de querer. Só tens de ser tu mesma. Ouve a música.

NESSA NOITE, levei a Ash a jantar a casa da Tati, que nos queria galardoar com os seus dotes domésticos — um esforço hercúleo da sua parte para impressionar um homem em quem estava interessada. Não era a primeira vez que a Ash e eu éramos as cobaias, e não se podia dizer que nos agradasse. A Tati era uma péssima cozinheira. Ponto final.

A nossa anfitriã trouxe para a mesa uma grande travessa.

— Tagine de borrego com cuscuz marroquino!

— Oh, Tati, odeio borrego.

Aquilo pareceu ofendê-la.

— Porquê?

— São uns animaizinhos demasiado fofinhos para serem comidos.

— Bem, este aqui deixou de o ser.

Abanei a cabeça e servi-me de uma dose pequena. A Ash enrugou o nariz e serviu-se de uma dose ainda mais pequena, enquanto a Tati corria de um lado para o outro à procura de um saca-rolhas.

— Posso beber vinho? — perguntou a Ash.

— Não. — A Tati e eu respondemos em uníssono.

— Só um gole? O pai disse-me que me deixava beber vinho na casa dele quando lá fosse jantar.

— Agora, chamas-lhe pai? — perguntou a Tati.

— Bem, à frente dele, não, mas o que devo chamar-lhe? Matt? Não tem culpa de não ter podido ser meu pai mais cedo.

— E ele concorda que o chames pai? — perguntei, com cautela.

— Não me parece que se importe. Ele quer assistir aos eventos da escola e conhecer os meus amigos.

— Penso que ele gostaria de ouvir-te dizê-lo. O pobre homem foi privado da tua infância — comentou a Tati.

Empertiguei-me e ripostei:

— O que é feito da Tati que odeia homens?

— É tempo de virar uma nova página. Devias fazer o mesmo.

— Chama-lhe pai, se ele quiser — disse para a Ash e passei-lhe o meu copo de vinho. — Só um gole.

Ela sorveu um gole minúsculo e franziu o nariz.

— Blhac!

A Tati olhou melancolicamente para o teto.

— Adorava como ele se vestia.

Revirei os olhos.

— Vocês davam-se bem quando andavam na faculdade? — perguntou a Ash à Tati.

— Claro que sim. A tua mãe e o teu pai eram inseparáveis. Se eu quisesse ver a Grace fora das aulas, tinha de ver o teu pai também. Mas dávamo-nos bem, divertíamos-nos à brava na altura. — A Tati virou-se para mim. — Por falar nos bons velhos tempos, devias vir ensaiar connosco um dia destes a seguir às aulas.

— E qual o motivo da proposta? — perguntei, com a boca cheia de cuscuz.

— Estamos à procura de um violoncelista.

— Devias ir, mãe. Posso ir ter com o pai depois da escola. Ele agora trabalha a partir de casa e disse-me que o posso visitar sempre que queira.

— Não sei, Tati. Eu já não toco tão bem como dantes. — Além disso, preocupava-me também que a Ash estivesse demasiado ansiosa por incluir o Matt na sua vida. Apercebi-me do quanto sentia a falta do Dan. — E tu, Ash, como é que te sentes assim tão à-vontade com o teu pai, se ainda mal o conheces?

— Não sei — respondeu.

— Receio que seja uma forma de compensares o luto.

— Acho que estás a analisar demasiado a situação, mãe. Olho para ele e revejo-me. Sinto-me bastante confortável na sua companhia, só isso. Além do mais, ele é muito simpático e quer fazer parte da minha vida. Não me estragues a cena só porque a tua relação com ele foi pelo cano.

— Vou ignorar a tua impertinência. — Embora, provavelmente, ela tivesse razão.

Continuámos a empurrar o borrego e o cuscuz para as bordas do prato. Sabia tão mal como parecia. Por fim, a Tati pousou o garfo.

— Bem, querem ir comer um hambúrguer ou assim?

A Ash e eu assentimos vigorosamente.

— Devias ficar pelo esparguete — disse a Ash. — És boa nisso.

— Essa refeição foi comprada num restaurante, Ash — disse eu, enquanto a Tati rebentava de riso.

— Ah — guinchou, corando.

— Venham lá — disse a Tati. — Hambúrgueres, aqui vamos nós.

DURANTE O RESTO DESSA SEMANA, depois das aulas, fui ensaiar com a Tati e a Filarmónica de Nova Iorque. A Ash foi todos os dias para casa do Matt, e à noite, antes de ir dormir, recapitulava-me detalhadamente o que tinham feito. Ela estava a apaixonar-se por ele, da forma como as filhas se enamoram com os pais. Poderia dar-se o contrário? Isso deixava-me feliz, mas não conseguia evitar sentir-me triste com a relação que eu própria mantinha com o Matt.

No sábado, a Tati ofereceu-se para levar a Ash ao cinema, e eu fui jantar sozinha a um pequeno restaurante italiano, onde deixei que o empregado me convencesse a pedir uma garrafa de vinho só para mim.

— Pode beber um copo e levar o resto para casa. Nós acondicionamo-lo devidamente — disse ele.

Concordei, mas acabei por prolongar a refeição ao largo de duas horas e beber, pelo menos, três quartos da garrafa. Por baixo das luzinhas que piscavam no toldo, observei as pessoas que passavam na rua, de mãos dadas, aos beijos na esquina. A música ao estilo de *O Padrinho* e o calor que emanava do aquecedor de exterior embalavam-me numa doce sonolência.

— Minha senhora? — perguntou o empregado, estendendo a mão para a garrafa. — Vai levar o resto do vinho?

Deve ser a deixa para me ir embora. Está na hora de a senhora que bebeu mais do que a conta se pôr a andar.

— Sim, por favor. — Não sobrara mais do que o equivalente a um copo de vinho, mas levei-o mesmo assim.

Depois de pagar, percorri a pé os quatro quarteirões até casa e, ao passar pela rua do Matt, decidi fazer um desvio.

Do outro lado da estrada, dava para ver o interior das suas águas-furtadas. Lá estava ele, sentado no sofá, a olhar em frente. Fiquei cá em baixo, na penumbra, a observá-lo, pensando como era estranho que nenhum de nós, eu, ele ou a Ash, estivéssemos juntos naquela noite. Ele bebericava vinho e olhava com ar pensador para alguma coisa, ou talvez não olhasse para nada. Pensei no tipo de música que estaria a ouvir. Nisto, levantou-se e chegou-se à janela, o que me fez retroceder, abrigando-me numa sombra onde não me conseguisse ver. Ele manteve-se completamente imóvel, a ver os poucos carros que passavam.

Em que estaria a pensar?

Por fim, disse a mim mesma, *Que se lixe*. Atravessei a rua a passos largos e toquei à campainha do meu apartamento.

Ele atendeu prontamente.

— Quem é?

— É a Grace. — Os nervos puseram-me o estômago às voltas.

— Sobe.

Quando as portas do elevador se abriram, lá estava ele, à espera. Olhei para os seus pés descalços e as calças de ganga pretas, para o cinto e a *T-shirt* branca, depois um pouco mais acima para a boca, o pescoço, e o cabelo, longo e delicioso, apanhado atrás. Estremeci.

— Olá. — Estendi-lhe o saco de papel com o vinho, que ele segurou.

Tirou a garrafa do saco, riu-se e depois olhou para mim com um sorriso irónico, dizendo:

— Obrigado, Grace. Nunca me tinham dado uma garrafa de vinho praticamente vazia.

A minha expressão manteve-se neutra.

— É bem bom. Guardei-te um copo.

Ele olhou para mim com cautela, provavelmente a tentar avaliar o meu nível de embriaguez.

— Onde está a Ash esta noite?

— Com a Tati. Ah, bolas, tenho de lhes perguntar a que horas chegam a casa.

Ele tirou o telemóvel do bolso de trás e estendeu-mo. Marquei o número da Tati. O filme já devia ter acabado e não queria que a Ash chegasse a casa sem ninguém.

— Estou? — A voz soava estranha, e só depois percebi que ela não reconheceria o número.

— Tati, sou eu. Onde estão?

— Vamos comer um gelado. Está tudo bem? Que número é este?

— É do Matt.

Sem responder, ouvi a Tati afastar o telefone da orelha e dizer à Ash:

— Olha, o que achas de alugarmos um filme, atafulharmo-nos de comida de plástico e irmos para a minha casa? A tua mãe diz que não há problema.

— Está bem — ouvi a Ash dizer.

A Tati regressou ao telefone e sussurrou:

— Tens a costa livre. Falamos amanhã de manhã.

Desliguei o telefone e devolvi-o ao Matt.

— O que é que ela disse?

— Estão ótimas. A Ash vai ficar a dormir em casa da Tati.

— A Tati é uma boa influência? — perguntou ele, olhando-me de soslaio.

— Já não temos vinte anos, Matt, ela já não passa o dia a fumar erva. É uma

música de calibre mundial e uma mulher culta e independente, o que é que julgas?

— Sim, tens razão — admitiu de imediato. Senti-me culpada por uns instantes, percebendo que ele só tentava fazer o que considerava ser próprio de um pai. — Então, e a que devo esta visita?

As coisas não estavam a correr como planeado.

— Não sei... Preciso de...

— Do quê? — Ele pousou a garrafa e avançou na minha direção. — Do que é que precisas? — Não conseguia dizer se estava a tentar seduzir-me, se estava zangado, ou ambos.

Quando se aproximou, senti-lhe o calor do corpo e o aroma a cardamomo e sândalo do gel de duche.

— Estiveste a tomar banho?

Ele pestanejou.

— Porquê? — Dado que não se mexia, não consegui intuir, pela sua linguagem corporal, como se sentia em relação a mim, mas pareceu-me detetar uma ligeira raiva silenciosa ou rancor sob a superfície.

E eu estava suficientemente bêbada para pôr tudo em pratos limpos.

— Com quem estás zangado, Matt?

Ele não hesitou.

— Contigo. Com a Elizabeth. Com o Dan... Comigo mesmo.

— Por que raio estás zangado com o Dan?

— Tenho ciúmes dele — disse, restando o tom de voz e depois olhando-me nos olhos — Ele ficou com tudo o que eu queria. Ficou com o que era meu.

— Mas a culpa não foi dele. Eu aceitei isso, tu devias fazer o mesmo.

Ele aproximou-se um centímetro mais de mim e olhou-me bem no fundo dos olhos.

— Talvez. Quanto é que bebeste?

— Sinto-me sóbria.

— Queres que te leve a casa?

— Não foi por isso que cá vim.

— Do que é que precisas, Grace?

Estiquei-me nos dedos dos pés e beijei-o. O beijo foi delicado ao início, como se se nos pudéssemos desfazer em milhões de pedaços se fosse demasiado rápido, demasiado intenso. Mas poucos segundos depois, já nos estávamos a despir, afundando as mãos nos cabelos um do outro.

Atirámo-nos para a cama nus, beijando-nos e amassando-nos com força. Quando ele se levantou, trepei-lhe para o colo e guiei-o para dentro de mim. Ele soltou um gemido gutural e agarrou-me na cintura, as minhas costas arquearam-se involuntariamente, os meus seios elevaram-se encontrando-lhe a boca.

— És tão linda — murmurou entre beijos, enquanto me chupava e lambia o mamilo. Ele movimentava-se com paciência, mas urgência, e sabia, de alguma forma, onde pôr as mãos, onde eu precisava que pressionasse, que me beijasse.

Depois dele, todas as minhas experiências com outros homens estavam votadas ao fracasso. Estava imprópria para consumo com outros homens.

Virou-me, posicionando-me de costas, puxando-me os quadris contra o seu corpo e penetrando-me com força. Senti como se estivesse a descarregar a sua fúria comigo, mas de alguma forma eu queria que o fizesse.

— Estou a magoar-te?

— Não. Não pares.

Queria senti-lo. Queria sentir como se libertava de todas as coisas más.

Quando nos viemos, ele envolveu-me com os braços e senti-lhe o coração a pulsar nas minhas costas. Sem proferir uma palavra, ficou a abraçar-me até os batimentos de um e de outro abrandarem. Quando me soltou, senti-me subitamente autoconsciente e apressei-me a reunir as roupas.

— Espera, anda cá — disse ele, sentando-se à beira da cama. — Quero olhar para ti.

Puxou-me para si. Sentia-me nervosa, mesmo na penumbra do quarto. Com o indicador, desenhava círculos na pele macia da minha barriga. Inclinou-se para beijar algumas marcas suaves de estrias que as minhas ancas exibiam.

— Como foi?

— O quê?

— Quando a Ash nasceu?

Ri-me.

— Queres mesmo falar sobre o parto agora?

— Quero saber se as duas estavam saudáveis. — Ele subiu a mão pelo interior da minha coxa e olhou para mim. Eu assenti com a cabeça.

— És uma boa mãe, Grace.

— Obrigada. — Não é isso o que todos precisamos de ouvir de vez em quando, que somos boas mães, boas amigas, boas filhas ou boas esposas?

— Estavas feliz? — A voz tremia-lhe. — No dia em que tiveste a Ash, estavas feliz?

— Foi o dia mais feliz da minha vida — respondi, com a voz estrangulada.

Ele começou a chorar em silêncio.

— Desejava ter lá estado — disse ele, e depois o seu corpo foi sacudido por violentos soluços, enquanto enterrava o rosto na minha barriga.

Abracei-o, deslizando as mãos pelos ombros, pelo cabelo.

— Eu sei, está tudo bem — disse uma e outra vez, mas temi que não houvesse cura para as nossas feridas. As cicatrizes eram demasiado profundas.

— Sinto como se estivesse a viver um pesadelo, como se tivesse acabado de

despertar de um coma e descoberto que tinha perdido quinze anos da minha vida. Tudo aconteceu sem mim. Passei ao lado de tudo.

Continuei a abraçá-lo noite fora, relatando-lhe como fora o dia em que a Ash nasceu.

— Estávamos em Veneza quando me rebentaram as águas. Levaram-me de barco para o hospital. Lembro-me de estar a olhar para os canais e pensar em ti, torcendo para que estivesse em segurança. Estava invulgarmente quente para a época, tão quente que dava para sentir o calor a irradiar da superfície da água. Quando penso nesse dia, imagino o sol a beijar a Terra, como se Deus quisesse que os humanos sentissem a sua presença. Tive sorte. Todos me disseram que tive um parto fácil. Ao início, só conseguia olhar incrédula para aquele corpo pequenino e trémulo, coberto de sangue e coisas brancas, agitando-se sobre o meu peito. Não conseguia acreditar que tu e eu a fizéramos. Quando se acalmou, pegou no peito. O Dan disse que era muito bonita, que ela e eu estávamos lindas.

— Tenho a certeza que sim — disse o Matt e depois suspirou, olhando pela janela. Talvez estivesse a imaginar a cena e a sentir-se finalmente parte dela.

— Não sabíamos que nome dar-lhe quando chegámos ao hospital. Naquela altura, o Dan era apenas um amigo, por isso as decisões cabiam-me a mim, mesmo que não soubesse o que estava a fazer. Mas de alguma forma, no hospital, soube o que fazer. Quando a vi, só conseguia pensar em nós, tu e eu, e em como ela era a prova viva da nossa união. Desse dia em diante, nunca mais recordei os nossos tempos na faculdade com tristeza, porque agora tinha a Ash, que representava tudo isso para mim e era perfeita... poesia em movimento, a prova de uma vida a queimar bem. Toda a gente ficou a saber porque é que lhe dei o nome de Ash. A Tati andou furiosa comigo durante algum tempo, pois ela odiava-te por não teres voltado para mim, mas passou-lhe. Já o Dan, compreendeu. Nos primeiros meses de vida, a Ash foi uma bebé irrequieta e, além disso, nós viajávamos bastante. Não foi fácil. Eu era uma mãe jovem, de primeira viagem, a tentar perceber como cuidar de uma bebé. Por fim, regressámos a Nova Iorque. O Dan insistiu que fôssemos viver com ele, e eu aceitei. Foi providencial, pois proporcionou alguma consistência e estrutura à Ash, que passou a ter dois adultos para cuidar dela.

O Matt soltou um som gutural, como se aquela última frase o tivesse magoado, mas eu prossegui.

— A Ash teve sempre uma personalidade forte. Em pequena, era uma menina indisciplinada com cabelo louro desgrenhado e olhos castanhos doces e acolhedores, como os teus. Foi precoce a falar, a andar e a comer sozinha.

— Nem esperava outra coisa.

Ri-me.

— Sim, sai a ti, aprende depressa. Mas assim que começou a mostrar a sua personalidade, eu pensava cada vez menos no que o seu nome significava e mais na

sua individualidade. Ela tem uma alma linda, diferente de ti e de mim.

— Eu sei isso. Soube assim que a conheci — murmurou. — A morte do Dan foi muito dura para ela?

— Ela foi forte, mas sei que sofreu. Ele foi um pai bondoso e paciente, e adorava-a mais do que tudo. Foi bom termos tido algum tempo para nos prepararmos. Fizemos uma viagem e ficámos um mês alojados numa casa de praia em Cape Cod. Foi aí que ele morreu, a ouvir o oceano, comigo e com a Ash ao seu lado. Passou os últimos dias sentado numa cadeira, a ver-nos brincar na praia. À noite, acendíamos uma fogueira e a Ash lia-nos histórias à luz do fogo. O Dan parecia feliz, embora soubesse que não tinha muito tempo de vida. — Comecei a chorar.

O Matt ajeitou-se na cama e tomou-me nos braços.

— Continua.

— Ele morreu numa terça-feira, uma terça igual a tantas outras. Estava lúcido nessa manhã. Tínhamos deslocado a sua cama de hospital para o pátio das traseiras, para que pudesse ter vista para o mar. Estava lá uma enfermeira também. Embrulhámo-nos em cobertores e ficámos a ver as ondas a bater na areia, enquanto o Dan dava os últimos suspiros. A Ash chorou durante uns minutos e foi tudo. Tinha terminado. Nunca mais a vi chorar por causa disso.

— E tu?

— Bem, já me conheces. Sempre fui uma chorona.

— Não eras.

— Pois — disse eu, em voz baixa.

O Matt afastou-me o cabelo do rosto e limpou-me as lágrimas.

— Porque é que não tiveste mais filhos?

— Pensámos nisso, mas depois o Dan ficou doente e deixou de fazer sentido. A Ash teria sido uma ótima irmã mais velha.

— Não tenho dúvidas — disse ele, ensonado.

Adormecemos ao raiar do dia. Por volta das onze da manhã, recebi uma mensagem de texto da Tati a dizer-me que ela e a Ash iam almoçar e depois a levaria a casa. Fui-me embora sorrateiramente da casa do Matt, certificando-me de chegar a casa antes da Ash.

Passaram-se vários dias sem que nenhum dos dois tenha enviado mensagem ou telefonado ao outro.

25. Volta para mim

GRACE

Ao longo da semana seguinte, a Ash adquiriu o hábito de fazer planos com o pai sem me pôr à corrente. Se a repreendia, ela respondia, «Espera-se que os pais comuniquem entre si, incluindo os que não são casados».

A Ash era assim, sempre a adulta do grupo.

Eu sabia que o Matt e eu não podíamos continuar assim, em conflito e de costas voltadas. Merecíamos mais um do outro, mas eu não sabia até que ponto qualquer um de nós estava pronto para tal.

Por fim, certa tarde, o Matt veio buscar a Ash a casa. Fui atender e convidei-o a entrar. Ele ficou parado à porta da cozinha, a ver-me secar a louça.

— Como estás? — perguntou ele, num tom ligeiramente formal, mas não constrangedor.

— Bem. Tenho andado a ensaiar com a Filarmónica depois das aulas. Na verdade, há a possibilidade de ocupar o lugar de violoncelista, mas teria de me ausentar duas semanas no verão, e não sei se quero separar-me da Ash durante tanto tempo.

— Isso é fantástico, Grace. Eu posso ficar com a Ash; talvez possamos encaixar uma viagem à Califórnia nessa altura.

Do piso superior, a Ash chamou:

— Dá-me cinco minutos, pai!

— Tudo bem — respondeu ele.

— Aonde vão? — perguntei, sem olhar para ele.

— Vamos ao Met e, depois, jantar.

Olhei para o relógio de relance; eram cinco e um quarto.

— Não vão chegar a tempo antes do fecho.

— Às sextas, estão abertos até às nove.

— Ah, é verdade. — Dei-me conta, de repente, de que esta era a conversa mais normal que já tínhamos tido: duas pessoas a discutir os pormenores do dia a dia.

A Ash entrou na cozinha vestida com um *top* que deixava a barriga à mostra, e os meus olhos quase me saltaram das órbitas.

— Desculpa lá, levas uma camisola para tapar isso?

A Ash revirou os olhos.

— E essa mania de revirares os olhos tem de acabar. A tua mãe só te fez uma pergunta — disse o Matt, bruscamente.

Ena. Havia muito tempo que não tinha este tipo de apoio.

— Eu sei, pai, eu só...

— Não quero ouvir. Vai lá acima buscar uma camisola.

A Ash bufou e deu meia-volta. O Matt e eu ficámos a olhar um para o outro durante uns segundos, até que ele deu uns passos na minha direção.

— Pareces diferente. Mais feliz.

Não me tinha apercebido disso, mas ele tinha razão.

— Sim, talvez.

— Podes vir connosco, se quiseres.

— Não é preciso. Tenho testes para corrigir.

Ele olhou fixamente para mim durante uns instantes e depois encolheu os ombros.

— Tudo bem, até logo. — Inclinou-se e deu-me um beijo na face, como se fosse um gesto corriqueiro.

Quando a Ash desceu as escadas, acompanhei-os à porta e fiquei a vê-los afastar-se em direção ao metro. Riam-se... e no seu riso ouvi música. Uma parte de mim queria juntar-se a eles, mas outra dizia-me para ficar. Por mais que adorasse ver o Matt, e por mais que tivesse gostado daquela noite no seu apartamento, as rejeições incontáveis que sofrera ao longo dos anos — e a sua reação à notícia sobre a Ash — tinham deixado marcas tão profundas que me era difícil acreditar que ele estava aqui connosco, como eu sempre desejara.

Nunca duvidei do seu amor por mim, mas assustava-me que insistisse em manter a distância. Precisava de me proteger.

COMEÇÁMOS A REPARTIR os fins de semana. A Ash ia para casa do Matt às sextas ou sábados, semana sim semana não, e alternávamos aos domingos.

A Filarmónica de Nova Iorque oficializou o convite para ser violoncelista durante duas semanas, pelo que passava o tempo que não estava com a Ash a ensaiar e a preparar-me para a minha viagem de duas semanas ao estrangeiro.

A Ash acabou o décimo ano com notas fenomenais e recebeu um prémio de excelência global. O Matt e eu assistimos à cerimónia, durante a qual ele esteve sempre radiante, qual pai orgulhoso. Quando, nesse dia, saímos do auditório, abraçou-me durante muito tempo e sussurrou:

— Fizeste um excelente trabalho com ela. Obrigado. Estou tremendamente orgulhoso das minhas miúdas.

Senti uma dor no coração ao ouvir aquelas palavras. Não tinha a certeza se alguma vez alguém teria manifestado orgulho em mim, e não havia mais ninguém no mundo, além dele, de quem eu quisesse ouvir aquelas palavras.

O verão começou e, antevendo que a Ash se iria entediar, inscrevi-a num curso de fotografia durante o verão. Mal soube, o Matt inscreveu-se também. Eu sabia que ele podia tê-la ensinado, mas ele só queria passar tempo com a filha. A Ash contou-me que, assim que os outros colegas ficaram a saber quem era, o pai converteu-se na estrela de *rock* da turma, incluindo do professor. A Ash disse-me que o pai se estava a dedicar a fotos mais artísticas, afastando-se do estilo documental que o tinha tornado famoso.

Era estranho como eu e o Matt nos estávamos a reencontrar; era como se estivéssemos a recomençar onde tínhamos parado, ambos explorávamos as nossas paixões com energia renovada. Uma parte de mim sentia como se estivesse a viver a vida que me estava designada. O único problema era que o Matt e eu não o fazíamos juntos. Trilhávamos caminhos paralelos.

Certa noite, a Ash pareceu-me tristonha.

— Que se passa, querida? — perguntei.

— Nada — disse ela, secamente.

— Fala comigo. — Sentei-me na cama, ao seu lado.

— O pai disse-me que lhe ofereceram um emprego na *National Geographic*, em Singapura. Vai ser transferido no outono.

Os meus olhos arregalaram-se com o choque.

— O quê? Quando é que ele te disse isso?

Era impensável que o Matt se fosse embora, agora que ele e a Ash tinham ficado tão chegados e as feridas começavam finalmente a sarar.

Ela começou a chorar.

— Há algum tempo. Logo que nos conhecemos, na verdade, mas agora fico triste quando me lembro.

— O quê? Não posso... Quando é que... — Eu nem sabia o que dizer. — Eu falo com ele.

Ela limpou as lágrimas e pôs-se de pé.

— Estou farta dessa vossa dança silenciosa à volta um do outro, como miúdos da escola. Tenho amigos com relações mais maduras do que a vossa.

— Já chega — disse eu, com brusquidão.

Ela bateu com o pé.

— Não, estou farta disto. Vocês precisam de um empurrãozinho.

— Ash, não te cabe a ti decidir.

— Bem, se não te achasses tanto, talvez o pai não se fosse embora.

Saiu a correr do quarto, enfiou-se na casa de banho e fechou a porta com estrépito.

— Ash, volta aqui!

Fui até à casa de banho e bati à porta, mas ela recusou-se a abrir. Passados uns minutos, desisti e fui para o meu quarto. Estava zangada. Irritada. Confusa. Ele ia-se mesmo embora? *Como podia fazer-nos isto? A nós? A mim?*

Por fim, lá ouvi a Ash sair da casa de banho e entrar no seu quarto. Quando, uma hora depois, fui ver como estava, encontrei-a a dormir.

Telefonei à Tati e pedi-lhe para dar cá um salto.

— São dez da noite — disse ela, sem rodeios.

— Preciso de ir a casa do Matt e não sei quanto tempo vou demorar.

— Não podes simplesmente telefonar-lhe?

— Não, porque preciso de lhe dar um murro naquela cara.

— Credo, o que aconteceu agora?

— A Ash disse-me que ele pondera ir trabalhar para Singapura. Discutimos mesmo agora por causa disso e não sei o que hei de fazer. Por favor, vem cá.

— É para já. Ponho-me aí em vinte minutos.

Assim que a Tati chegou, percorri os vários quarteirões até à casa do Matt num acesso de raiva e toquei ininterruptamente na campainha.

— Sim? — disse o Matt pelo intercomunicador.

— É a mãe da tua filha. Deixa-me entrar.

Ouvi-o rir.

— Sobe.

Quando cheguei lá acima, ele abriu-me a porta a sorrir.

— Gracie.

— Não me venhas com falinhas mansas, seu sacana. — Empurrei-o para me deixar passar, atirei a bolsa para o chão e cruzei os braços. Ele estava com um ar assustado. — Mas que merda, Matt? Qual é o teu problema?

Ele encostou-se à parede, talvez para se afastar o mais possível de mim.

— Do que é que estás a falar?

— A coitada da nossa filha desatou num pranto esta noite, porque tu lhe disseste que ias viver para Singapura. É verdade? Porque, se for...

— Grace, para. Ouve-me. — Parecia que estava a escolher as palavras. — Comentei com ela que tinha recebido uma proposta de emprego há muito tempo, quando ainda mal nos conhecíamos.

— E?

— Disse ao meu chefe que não podia aceitar.

— Quando? — perguntei, semicerrando os olhos.

— A seguir àquela noite em que apareceste cá em casa. De qualquer forma, eu nunca me iria embora; andava confuso, só isso. Tinha pedido para me voltarem a pôr no terreno antes de te ter reencontrado e conhecido a Ash. — O seu tom era sincero, quase de súplica. — Sinto-me mal que ela tenha ficado a remoer nisso.

— Pois, as crianças são assim.

Ele caminhou na minha direção e pegou-me nas mãos.

— Ainda estou a aprender, Grace.

Olhei para baixo e abanei a cabeça.

— Eu sei, desculpa. Exagerei. Mas ela estava a sofrer tanto. Não podia simplesmente ficar a vê-la passar pelo mesmo que eu...

O seu olhar agitou-se.

— Nunca mais vos vou deixar. Tens de acreditar em mim, Gracie. Tens mesmo.

Olhei para ele com um ar desafiador.

— Prova-mo.

Ele deslizou um dedo pelos meus lábios.

— Hei de provar-to, nem que me leve a vida inteira.

E, depois, os seus lábios encontraram os meus e entregámo-nos ao momento, de costas voltadas para o passado e braços estendidos para o futuro.

26. O nosso tempo

GRACE

O Matt, a Ash e eu jantámos juntos todas as noites que se seguiram. As coisas estavam finalmente a entrar nos eixos.

Na sexta-feira dessa semana, encontrei o Matt à minha espera no portão da escola. Nessa manhã, a Ash dissera-me para vestir uma roupa elegante, e era evidente que dera as mesmas instruções ao Matt. Embora desconhecesse o que aprontava, decidi entrar no jogo.

— O que fazes aqui?

Ele sorriu e depois inclinou-se, beijando-me na cara.

— Que bom ver-te, Gracie. Acho que a nossa filha planeou alguma coisa para nós.

— Está-se mesmo a ver que sim.

Ele vestia calças vincadas e uma camisa. Olhei para os seus *Converse* pretos reluzentes. Nunca vira o Matt tão bem vestido.

— Estás muito elegante — disse-lhe.

Ele analisou o meu vestido florido e as sandálias.

— Tu também. Estás linda.

Sorri.

— A teu ver, o que significa tudo isto?

— Não faço ideia. — Ele estendeu o braço na minha direção. — Vamos?

— Como sabes aonde vamos? — perguntei.

— A Ash disse-me para te vir buscar ao portão e te levar ao auditório.

— Então, vamos lá — assenti.

No auditório, aguardavam-nos a Ash, a Tati e os meus alunos da orquestra,

juntamente com alguns rostos familiares da Filarmónica. À exceção da Ash, estavam todos sentados em cadeiras munidos dos seus instrumentos, como se estivessem prestes a dar um concerto.

A Ash veio ter connosco aos saltinhos.

— Pensei que hoje podíamos fazer algo divertido. Todos nós.

Acenei aos presentes.

— Organizaste tudo isto sozinha?

— Tive ajuda.

A Tati veio ter connosco e senti a garganta contrair-se de emoção.

— Estão preparados para isto? A vossa filha trabalhou muito para vos planejar algo especial hoje. Sentem-se.

Sentámo-nos nas duas cadeiras para convidados que haviam sido dispostas diante da nossa orquestra privada. A Tati fez de maestro, o que achei especialmente divertido. Assim que a música começou, o Matt agarrou-me na mão. Reconheci-a logo ao primeiro acorde: *Hallelujah*. Ele apertou-me a mão e não a largou durante toda a música.

No final, levantei-me entusiasmada e bati palmas efusivamente, gritando: «Bravo!» O Matt assobiou e aplaudiu enquanto a Ash se precipitava novamente na nossa direção.

— Não foi o máximo? — perguntou ela.

— Oh, Ash, obrigada, querida. Foi muito amável da tua parte.

— Espera, ainda não acabou; isto é apenas o princípio. — Ela entregou-nos uma pasta de arquivo. Abri-a e tirei uma foto de vinte por vinte e cinco centímetros, a preto-e-branco, de mim e do Matt na faculdade. Estávamos na sala de convívio da residência. A foto tinha sido tirada pela Tati, e lembro-me como se fosse hoje.

— Lê no verso — ordenou a Ash.

O Matt pôs-se atrás de mim enquanto eu virava a foto. Ambos lemos em voz alta:

«Aleluia, encontraram-se aqui... / Agora, vão
ao primeiro sítio em que se conheceram, antes daquele último ano.»

A Tati surgiu atrás da Ash.

— Deem-nos dez minutos de avanço — pediu.

O Matt riu-se.

— Muito bem, encontramo-nos lá.

Despedimo-nos dos músicos e agradecemos-lhes pela bonita atuação. Depois da Ash e da Tati terem arrancado num táxi, o Matt segurou-me a mão.

— Queres ir a pé?

— Sim.

O dia estava quente e soalheiro, e o bairro pareceu-me mais tranquilo do que habitualmente. Descemos a rua de mãos dadas, balouçando-as para trás e para a frente.

Quando chegámos à residência, foi um momento surreal e maravilhosamente nostálgico. Apesar das ligeiras diferenças no exterior, o edifício transmitia a mesma sensação. A Tati e a Ash estavam de pé nas escadas.

— Subam! — gritou a Tati.

Parámos no terceiro andar para espreitar o meu antigo quarto. Estava vazio, à exceção do meu violoncelo, que estava encostado a uma cadeira à janela. Olhei para a Ash, que sorriu.

— Mãe, toca para o pai. — Dito isto, entregou ao Matt uma velha câmara que reconheci dos tempos de faculdade. — Está carregada e pronta a disparar.

— Obrigado, Ash — disse ele, sorrindo.

— Muito bem, há um envelope no parapeito para vocês — disse a Tati.

— Como conseguiram entrar neste quarto? — perguntei.

— Contámos a vossa história ao monitor da residência e ele deu-nos a chave. É verão e, de qualquer forma, não estava cá ninguém — explicou a Ash, rindo.

— Quanto tempo temos? — perguntou o Matt.

— Estejam no sítio seguinte daqui a uma hora. — Pondo-se em bicos de pés, deu um beijo ao pai e depois virou-se para mim. — Divirtam-se.

Depois de saírem, o Matt fechou a porta. Quase de imediato, sem me ter virado, ouvi-o disparar o obturador da câmara e fotografar-me. Dirigi-me ao violoncelo e sentei-me.

— Algum pedido especial?

Ele afastou a câmara da frente do rosto.

— *Fake Plastic Trees*?

— Lembras-te?

— Como poderia esquecer? — O seu olhar era intenso. Denotei calor e desejo nos seus olhos, mas também pequenos indícios de arrependimento que, bem sabia, jamais desapareceriam. Também eu sentia o mesmo, sobretudo ali, naquele quarto.

Toquei aquela música, que era relativamente difícil, alternando entre o *vibrato* e o arco. O Matt parou de fotografar e ficou a assistir deslumbrado. Quando a música acabou, vi que sorria.

— Paraste de tirar fotos?

— Há certas coisas que mais vale guardar aqui — disse, apontando para a cabeça.

— Concordo — murmurei.

Ele avançou para mim em duas passadas. Ao levantar-me, agarrou-me no rosto

e beijou-me avidamente. Interrompemos o beijo por instantes, só para que o Matt pousasse a câmara no parapeito e regulasse o temporizador. Virando-se de novo para mim, beijou-me ao mesmo tempo que o obturador disparava, captando o momento.

Deslizou as mãos para de baixo do meu vestido e, quando me dei conta, estava a baixar-me as cuecas.

— Tira-as — disse, ofegante.

— Não há cama.

— Isso nunca foi problema.

Tirei as cuecas e lancei-as para longe. Quando olhei para cima, já o Matt tinha desapertado o cinto. Levantou-me, de modo que o montasse, e ajeitou-me na cadeira. Não tardou até me penetrar sem sequer desfazer o beijo.

— Amo-te, Gracie. — A sua voz junto à minha orelha era tão doce que, nos primeiros instantes, senti-me derreter. Disse que me amava, embora eu já o soubesse. Movemo-nos devagar e com delicadeza, e foi quanto bastou. Os nossos gemidos eram silenciosos e tranquilizadores, e desejei que aquele momento nunca acabasse. No fim, ficámos abraçados durante muito tempo.

Dentro do envelope no parapeito, havia uma fotografia. Era uma das antigas, a cores, de mim e do Matt de pijama, com as luzes do trânsito desfocadas atrás de nós.

— Que gira. Nunca a tinha visto.

— Mandeí revelá-la quando retomámos o contacto. Vira-a, para vermos a pista.

«Sigam para leste, um quarteirão até à Sétima Avenida

Depois mais três, rumo a sul

Para uma fatia do paraíso na Terra»

Saímos da residência com grandes sorrisos estampados no rosto.

— Oh, meu Deus, espero que a Ash não pense que nós... — comecei por dizer.

— Sinceramente, Grace, foi ela que planeou isto.

— Não para que fizéssemos *aquilo*.

— Bem, não temos de lhe contar os pormenores.

Já tínhamos percorrido mais ou menos metade do quarteirão, quando eu parei.

— Posso contar-te tudo?

— Sempre.

Baixei o olhar.

— Estive quase para fazer um aborto.

Ele olhou-me fixamente.

— O que te impediu?

— Não fui capaz. — Os meus olhos encheram-se de lágrimas.
— Não chores. Está a ser um dia tão feliz, o mais feliz desde há muito tempo.
— Beijou-me.
— Eu sei. Estou muito grata por ter tomado a decisão certa.
— Eu também — disse ele, calmamente, conduzindo-me pela rua.
Encontrámos a Ash e a Tati do lado de fora de um edifício.
— Venham ver, está o máximo — gritou a Ash.

Assim que entrámos, percebemos que era uma galeria, onde havia um homem de fato. A Tati apresentou-o com sendo o dono da galeria.

— Ele autorizou a Ash a pendurar estas fotos e gostou tanto delas que quer expô-las durante os próximos dois meses.

Olhei à volta, perplexa. Eram ampliações de fotografias minhas tiradas pelo Matt, ali instaladas de forma profissional. A primeira era um retrato meu a cores, a tocar violoncelo no meu antigo quarto — uma imagem que nunca vira. A etiqueta ao lado dizia: «Grace a cores.» Começaram a escorrer-me gordas lágrimas de felicidade.

— São lindas. Meu Deus, Ash... — O Matt também estava emocionado; mal conseguia falar. Abraçámo-la entre nós, enquanto caminhávamos pela galeria, contemplando todas aquelas memórias, admirando o talento do Matt e vendo a sua reação às fotos, cada qual tão valiosa para ele. Pouco tempo depois, já todos chorávamos, incluindo a Tati.

Acotovelando-nos junto à porta, a Ash disse:

— Só falta um sítio. Tenho de ir à frente, portanto, deem-me alguns minutos.

— Não há pistas?

— Não, este é mesmo uma surpresa — disse a Ash.

Demos um abraço coletivo e, em seguida, a Tati meteu a Ash num táxi. Mesmo antes de partir, gritou-nos:

— Já chega de choradeira, malta!

— Com certeza, miúda! — respondeu o Matt.

Quando a Ash se foi embora, a Tati veio ter connosco de mão na anca.

— Oçam bem. Aquela rapariga tem andado a planear isto há muito tempo. Eu tentei dizer-lhe que não era boa ideia, mas ela jurou a pés juntos que, caso as coisas não lhe corram de feição, não ficará aborrecida.

— O que é, Tati? — perguntei.

— Prometi-lhe que não dizia. — Virou a atenção para o Matt. — Agora, não sei o que vai acontecer à vossa pequena e estranha família, mas tenho um recado para te dar. Viste como me ajeito bem com um arco na mão, não viste? — Ele fez que sim com a cabeça, exibindo um sorriso divertido. — Pois bem, caro amigo, se magoares qualquer uma das minhas miúdas, enfio-te aquela coisa bem fundo num sítio que tu bem sabes.

Ele estendeu os braços e puxou-a num abraço.

— Jamais as magoaria. Também são as minhas miúdas — disse ele, calmamente.

Desfizeram o abraço e a Tati apontou para o táxi atrás de si.

— O motorista sabe aonde vos levar. Vão lá ter com a vossa filha.

Sentados no banco de trás, o Matt e eu demos as mãos. Para surpresa total, o táxi parou em frente à Câmara Municipal.

— Como é que ela sabia? — perguntou o Matt.

— A Tati deve ter-lhe contado a história. Olha, ali está ela.

A Ash estava sentada nos degraus, à nossa espera.

— Menina esperta — disse o Matt.

— É a nossa menina esperta.

— Bem, Gracie, estás numa de cometer uma loucura?

— Estou sempre pronta para loucuras. Mas, antes disso, preciso de saber se vamos fazer isto por ela ou por nós. Fá-lo-ei de qualquer forma, mas tenho de saber.

Ele apertou-me a mão na sua.

— Graceland Marie Starr-Shore-Porter, seja qual for o teu nome, a minha vida não foi nada sem ti. Não passou de uma sucessão de dias encadeados por uma série de arrependimentos. Mas depois ganhei-te de volta. Agora, é o momento certo, prometo; é o nosso momento. És o amor da minha vida. Caramba, amo-te, Grace. Sempre te amei. Amei-te quando não estava contigo, amei-te antes disso, amo-te neste preciso momento. Casas comigo?

— Podes crer que caso — murmurei. Segurei-lhe no rosto entre as mãos e beijei-o. — Vamos lá mostrar-lhe como se faz.

Ele puxou-me para fora do táxi e ficámos de pé, de mãos dadas, a olhar para a Ash.

— Então, o que vem a ser isto, miúda? — perguntou o Matt.

Ela levantou-se e abriu os braços.

— Venham lá. Sabem bem que sou uma testemunha melhor do que o Gary Busey.

O Matt olhou para mim arqueando as sobrancelhas.

— Ela não cheira a salsichão. — E encolheu os ombros.

— «Ela não cheira a salsichão» vai ficar para a história como o pedido de casamento mais estranho de sempre — graciejei.

— Graceland, estás a dizer que sou estranho?

— Sim, é isso que gosto em ti.

A Ash tinha descido as escadas e aproximou-se. Estava radiante.

— Há que fazer as coisas como deve ser — disse o Matt, ajoelhando-se e pegando-me na mão. — Grace, eu amo-te e tu amas-me. Casas comigo, desta vez

para sempre?

— Sim, caso. Para sempre.

QUARTO MOVIMENTO:
A PROVA DE UMA VIDA A QUEIMAR BEM

ASH

Os meus pais casaram-se no julgado de paz, tendo-me como testemunha. Em quinze anos de vida, nunca vi a minha mãe tão cheia de vida, amor e felicidade como naquele dia. Nem consigo imaginar o que teria acontecido se nunca se tivessem visto no metro. Teriam prosseguido com as suas vidas solitárias, como duas metades de um coração, separadas uma da outra? Quem sabe? Eu cá só sei que estou muito feliz por se terem reencontrado.

Nesse verão, acabámos por ir para a Europa com a Filarmónica de Nova Iorque e depois seguimos para a Califórnia. Foi como uma longa lua de mel combinada com férias em família. Após o regresso, o pai veio viver connosco. Os meus pais pareciam adolescentes apaixonados, sempre colados um ao outro. Se lhes revirava os olhos, o meu pai ria-se e a minha mãe queixava-se de que mereciam, de que estavam apenas a compensar o tempo perdido. Eu gostava de me meter com eles. Na verdade, achava o máximo que os meus pais gostassem assim tanto um do outro.

O meu pai manteve as suas águas-furtadas a alguns quarteirões dali e transformou-as num *atelier* e escritório. Chamámos-lhe o Louvre. A minha mãe adorava ver-nos a trabalhar no *atelier* e, sempre que não estava a dar aulas, ia lá tocar para nós ou levar-nos comida.

Um ano depois de se casarem, tornei-me irmã mais velha. Finalmente, alguém com quem partilhar o fardo. Confesso que adoro o meu irmãozinho. Leo. Ainda é um bebé, mas não pode ser assim muito mau, pois não?

Sei que os meus pais cometeram erros e que houve ligações que se perderam, mas, de alguma forma, sinto-me afortunada por isso mesmo. Quem sabe como seria a nossa vida se as coisas lhes tivessem corrido sempre bem? Sei que tive dois pais incríveis que me amaram mais do que tudo, e tive a oportunidade de ver a mãe e o pai apaixonarem-se um pelo outro. Quantas pessoas podem dizer o mesmo?

Agradecimentos

Aos leitores: obrigada por acreditarem nesta magia e por permitirem que o Matt e a Grace entrem nos vossos corações.

À minha família e amigos que me apoiam, encorajam e me fazem sentir que o meu trabalho é importante, por pouco que seja: obrigada.

Ei, Ya Ya's! Obrigada por serem amigas fiéis e orgulhosas.

Guardo um lugar enorme no coração para alguns professores especiais que me inspiraram ao longo da vida. Para escrever este livro, evoquei as muitas horas passadas num quarto escuro no liceu e na faculdade e lembrei-me como era difícil contar uma história tendo por base uma única imagem. Agora, posso usar milhares de palavras para o fazer. Ainda não sei qual das formas é mais fácil; adoro ambas e estou grata a todos os que me abriram os olhos para estas formas de arte.

Às minhas colegas de quarto, que esperaram com tanta paciência: foi o vosso entusiasmo que me ajudou a seguir em frente durante todos aqueles meses.

Melissa, obrigada pela ajuda em Nova Iorque e pelos excelentes discos de vinil.

Obrigada, Angie, pelo apoio e entusiasmo sem fim.

Heather, tu bem sabes o teu papel em tudo isto e como tem sido importante. Tens verdadeiramente um dom.

Aos amigos escritores que continuam a ser incríveis caixas de ressonância e sistemas de apoio, trago-vos no coração.

À Christina, a minha agente, agradeço por me trazeres sempre de volta ao trabalho e à escrita. Ajudas-me a ter inspiração sempre que me distraio com os outros aspetos do processo.

Jhanteigh, sinto que este é o nosso bebé. Contribuíste tanto para a viagem do Matt e da Grace. Obrigada, do fundo do coração, por acreditares nesta história e me deixares contá-la.

Anthony, olha só para todas as nossas provas. É uma tremenda sorte, uma

bênção ter-te na minha vida.

E, por fim, ao Sam e ao Tony: vocês são a minha poesia. Mal posso esperar para vos ver crescer. Mal posso esperar para vos conhecer melhor.